



DE PASCHOAL AO PASCHOALINO



FETAERJ 40 anos DE PASCHOAL AO PASCHOALINO

*a história da Federação de Teatro
Associativo do Estado do Rio de Janeiro*

Morgana Pessôa



cartolina
editora



FETAERJ 40 Anos



DE PASCHOAL AO PASCHOALINO

*a história da Federação de Teatro
Associativo do Estado do Rio de Janeiro*



2018

cartolina

editora

De Paschoal ao Paschoalino,
a história da Federação de
Teatro Associativo do Estado
do Rio de Janeiro
© 2015 dos autores
1ª Edição

Impresso no Brasil
Printed in Brasil

Projeto Gráfico
Editora Cartolina Ltda

Pesquisa e redação:
Morgana Maria Pessôa Soares

Assistência Editorial
Angelah Dantas

Produção
Antonio Indin
Jéssica Pereira
Duda de Marco

Revisão
Renato Neves

Coordenação Editorial
Morgana Maria Pessôa Soares

Conselho Editorial:

MORGANA MARIA PESSÔA SOARES,
PRESIDENTE – UERJ-RJ

Candida Soares, UFMT-MT

Heitor Coelho, Uerj-RJ

Luiz Fernandes de Oliveira, UFRRJ-RJ

Paulino Cardoso, UDESC-SC

Renilda Barreto, CEFET-RJ

Renilson Ribeiro, UFMT-MT

Rita Isadora Pessôa Soares, Uff-RJ

Tania Mara Pedroso Müller, UFF-RJ

Wilma de Nazaré Baia Coelho, UFPA-PA

Editora Cartolina
Rua Moreira Sodré, 55
Boa Perna - Araruama - RJ
Cep: 28970-000
editoracartolina@gmail.com

adquira este livro também pela internet
www.editoracartolina.wordpress.com

| | |
|---|-----|
| APRESENTAÇÃO | 7 |
| PRESIDENTE EM CENA | 11 |
| DEZ ANOS QUE MUDARAM EM CENA | 15 |
| CENAS DO RIO: MOSTRAS, FESTIVAIS E OUTROS CARNAVAIS | 55 |
| EM CENA: A FETAERJ HOJE; GESTÃO PABLO RODRIGUES | 91 |
| MARCAS DESTA NOSSA HISTÓRIA (ICONOGRAFIA) | 115 |
| DISSE ME DISSE: A HISTÓRIA CONTADA POR QUEM VIVEU | 147 |
| CENA CROMOLÓGICA: A HISTÓRIA CONTADA ATA A ATA | 181 |
| PERSONAGENS DESTA NOSSA HISTÓRIA | 199 |



Apresentação



Já contei muitas histórias, algumas de verdade; outras que inventei, mas nenhuma que envolvesse tantas pessoas, tantas lutas e que se misturasse tanto com a história de uma época, de um país. A história destes quarenta anos da Fetaerj não está totalmente contada aqui nestas páginas que seguem, nem poderia. Por quê? Imagine uma novela ficcional e aqueles vários núcleos, cada personagem tem potencial de trazer para a trama um novo núcleo. Se você é o criador daqueles personagens, então pode limitar os núcleos porque você é o “dono do mundo” e da história, mas se a história não lhe pertence, não há como controlar nem limitar o surgimento de núcleos e mais núcleos. E vejam os amigos leitores que estou falando de uma “mínima” parte da história do teatro brasileiro: a história dos amadores pós-ditadura militar, que não eram amadores e buscavam uma identidade artística e social numa sociedade perdida entre censura, calabouços, dores e artes.

Teria sido necessário uma aventura bem maior do que esta que temos vivido há um ano, em que fomos um pouco detetives e um pouco atores em cena, afinal, também nós, envolvidos nesta pesquisa, tivemos nossos núcleos nesta “novela”. Mas deixe-me voltar alguns anos atrás, quando conheci o Pablo Rodrigues. Quem? Ele era um menino. Depois virou um rapazinho bonitinho envolvido com um “grupinho” de teatro, o mesmo que minha filha participava: o Gene Insanno, de Araruama. Ninguém pensava muito em “teatro para sempre”, mas alguns acabaram abraçando a arte e o movimento. Era uma vitória conseguir participar dos festivais da Fetaerj. Pablo virou iluminador, trabalhamos juntos em duas produções de minha autoria: “Velhos como o Outono” e “Celas”. Eu arengava muito com ele, achava que ele era mais “escurecedor” de cenas do que “iluminador”, mas nunca o perdi de vista e, para mim, ele ainda seria um grande iluminador, como é. O que eu não tinha em mente era a capacidade daquele rapazinho bonitinho de enfrentar e transpor tantas barreiras, mas ele o fez. Envolveu-se com o Movimento, com a Federação, aperfeiçoou sua técnica, desenvolveu uma incrível capacidade de produção e hoje é o presidente da Fetaerj, preocupado não só com os rumos futuros do movimento, mas em resgatar sua memória e registrá-la, como fazemos agora.

O livro está dividido em oito partes. A primeira, “Dez anos que mudaram em cena”, narra desde momentos anteriores à fundação da federação de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro, Feterj, e seus primeiros dez anos. Comentamos aí todo o esforço empreendido por Paschoal Carlos Magno em levar adiante seu projeto para as artes, a partir da Aldeia de Arcozelo. Aliás, vamos buscar a história do “Anjo dos Endoidados” desde antes de suas caravanas pelo país. A Confederação de Teatro Amador (Confenata) e nossa dependência do extinto SNT e as dificuldades das primeiras gestões da Fetaerj em consolidar a Federação no estado, enfim, tá tudo ali.

Na segunda parte estão todos os festivais, enumerados e descritos, com seus participantes, vencedores e principais características. Os outros eventos realizados ou apoiados pela Federação também são mencionados. Optamos em fazer um marco e abrir uma terceira parte onde publicamos os festivais realizados durante a gestão de Pablo Rodrigues, que



acaba de renovar seu mandato por mais três anos. Rodrigues é um incansável em suas realizações, um iluminador de novos caminhos. Seguindo as duas partes de realizações artísticas está o capítulo “Marcas desta nossa história”, em que fazemos uma mostra iconográfica, com os cartazes, programas, informativos e outros materiais gráficos distribuídos ao longo dos festivais.

Os depoimentos de alguns personagens desta história compõem a deliciosa sexta parte: Disse me disse, a história contada por quem viveu. Além de ajudarem no registro histórico deste trabalho, os depoimentos trazem casos divertidos que aconteceram durante os festivais. Ora, ora, imaginem o que acontece quando quase uma centena de pessoas de teatro (os endoidados, segundo Paschoal) se reúne durante dez dias para “comer, rezar e amar” o teatro. São oficinas, apresentações de espetáculos, papos cabeça, papo bobagem e papo sério, gargalhadas, amores que vão e vêm, crianças que nasceram ali, outras que chegaram e se criaram, enfim: um clube, uma família, uma rede, sei lá o quê. Dá pra imaginar o que sai dali. E tem o AGA, sobre o qual ninguém fala, mas que como perceberão, é um marco na vida de cada um que passou pelo “ritual”.

A sétima parte foi talvez a mais complicada de ser realizada. É onde fazemos uma cronologia e contamos a história baseada nas atas e estatutos encontrados. Não encontramos todos os documentos, por isso, alguma coisa podemos ter deixado passar ou talvez tenhamos incorrido em algum erro. Mas, como já disse, essa história não acabou e assim como se corrige um texto, corrige-se uma história. Muita coisa que encontramos, entretanto, pode esclarecer alguns momentos mais dramáticos, como o ano de 2005, único em que não houve festival (teve outros eventos), ou o ba-fa-fa das punições em 1993: “ano do Jones” (veja a história do Jones no depoimento do Pablito Torres); ou a confusa história das prestações de contas no início do novo milênio. Tentamos arduamente nesta parte entender (e acertar) a numeração dos Congressos, que se perdeu em algum destes quarenta anos.

Por fim, para os que são jovens demais para conhecer alguns nomes que mencionamos, abrimos a oitava parte para dizer quem é quem. São alguns personagens citados durante o livro, além dos presidentes da Federação.

Para esta pesquisa, recolhemos e reunimos aqui na sede da Editora Cartolina quase todo o material que estava espalhado pelas casas de alguns membros. Ainda deve ter alguma coisa perdida por aí, certamente, tanto assim que há anos em que não conseguimos comprovar que tenha havido alguma atividade, em outros anos deduzimos a partir de fotos e depoimentos. Este trabalho, esperamos, vai facilitar a compreensão do Movimento de Teatro Associativo, e conduzir o futuro a partir do conhecimento de seu passado.

Boa Leitura!

Morgana Maria Pessoa Soares



Presidente em Cena



Assumi a presidência da FETAERJ em 2008, de uma forma inusitada, tipo assim: - Quem quer ser presidente dá um passo à frente. Ficou todo mundo quieto um instante e deu um passo atrás, deixando-me a batata quente. Brincadeira, mas foi quase isso. A verdade é que eram tempos difíceis e todos - pelo menos os que tinham bagagem para assumir a presidência - estavam ocupados com essa ou aquela atividade de suas próprias vidas. A FETAERJ precisava que alguém assumisse e esse alguém fui eu.

Mas eu não estava pronto para assumir, fui aprendendo aos trancos e barrancos. Estou presidente há 10 anos, em meu terceiro mandato. O primeiro foi só para regularizar a FETAERJ e pagar suas contas, ou seja, transformar a federação em uma instituição governável. A partir de 2010 é que efetivamente começamos a dar governo àquele barco desgovernado.

Uma das coisas que senti mais falta durante o primeiro período, e mesmo agora, foi de saber a origem da federação, os porquês de sua existência, sua importância etc. Explico: em muitos eventos que eu ia, já como presidente, representando a FETAERJ, as pessoas muitas vezes se referiam a ela como um marco no movimento do teatro, seja ele alternativo, associativo, amador etc. Muitos mencionavam fatos que eu simplesmente desconhecia, e isso me incomodava, afinal, eu estava – e estou – presidente, mas conhecia pouco a instituição que eu presidia.

Foi a partir daí que fiquei pensando em realizar esta pesquisa que deu origem a este livro e também ao filme (AGA) que fizemos sobre a Federação. Mergulhamos no imensurável universo dos documentos fetarjinos perdidos e/ou espalhados por todo o Estado do Rio de Janeiro, desde a Guanabara. Afinal de contas, são 40 anos de história a ser contada.

Pablo Rodrigues Presidente

Dez anos que
mudaram em cena





Lenta Gradual Segura

Assim era a proposta de abertura política do general ERNESTO GEISEL, que havia assumido a presidência da República em 1974. Uma abertura que não salvou da morte o jornalista WLADMIR HERZOG, em 75, nem o operário MANUEL FIEL FILHO, em 76. Aliás, 1976 também liquidou com as esperanças de ZUZU ANGEL de encontrar seu filho desaparecido nos subterrâneos do DOI-Codi – ou nas profundezas do mar sem fim. A estilista foi alvo de um atentado covarde na saída do túnel que hoje leva seu nome, na cidade do Rio de Janeiro.

Por outro lado, o governo de Ernesto Geisel abre espaço para a oposição que, amontoadá no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), ganha cadeiras tanto no Senado, quanto na Câmara dos Deputados e a prefeitura da maioria das grandes cidades.

Aqui na terra, os artistas ensaiam sair do estado de letargia e medo e começam a articular movimentos em prol da liberdade, contra a censura, e a favor da Anistia, que traria de volta não só as lideranças políticas exiladas, mas também artistas refugiados. AUGUSTO BOAL era um deles. O teatro brasileiro, numa visão simplista, estava dividido entre os chamados empresariais e não-empresariais, ambos sofrendo com a censura e a falta de público e de recursos. O fim do “Milagre Brasileiro”¹ acelerou a inflação, a dívida externa e, conseqüentemente, a carestia, o desemprego e a pobreza.

Aproveitando-se deste cenário, e visando regular as agremiações e os movimentos organizados que começavam a reaparecer com a abertura proposta pelo general Geisel, o Estado investe em seus aparelhos ideológicos. No campo das artes, através do Ministério de Educação e Cultura (MEC), são criadas a TV Educativa e a Fundação Nacional das Artes (Funarte), que centraliza quatro órgãos anteriormente independentes, entre eles o Sistema Nacional de Teatro (SNT), que andava apagadinho deste do golpe de 64. Assume o SNT, ORLANDO MIRANDA, homem de teatro, dono do Teatro Princesa Isabel, no Rio, com muitas ideias e a incrível capacidade de unir dois mundos distintos e divergentes: o Estado e o Teatro. Miranda andou lá e cá, pisando em ovos – quebrando alguns – durante todo o período em que esteve à frente do órgão. Estava assessorado por dois importantes guardiões: MARIA HELENA KÜHNER e CARLOS MIRANDA, além de outros como Almério Belém, que compunham o quadro funcional do SNT.

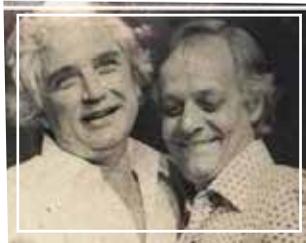
Maria Helena ficou responsável pelo teatro não-empresarial, que englobava o universitário e o amador, e nestes, o que se podia chamar de experimental e o infantil, ou seja, os que eram alcunhados “teatro marginal”. Se o objetivo do Estado era o controle, o das pessoas envolvidas era a força pela união. Aproveitando a abertura política e os novos investimentos através do SNT, objetivou-se a formação de uma entidade que unisse os grupos não-empresariais numa só categoria: os amadores, e a nível nacional. Com esta meta, foi realizada, em

setembro de 1974, em Petrópolis, região serrana do Rio, uma reunião para a criação da Federação Nacional de Teatro Amador, a Fenata. A este encontro estiveram presentes representantes de grupos de praticamente todo o Brasil. Do Rio de Janeiro, ADEMAR NUNES, Maurício Silva, Júlio Cesar Cavalcanti, Artur Guedes e Sohail Saud (da Fundação Cultural do Rio) estiveram presentes. A criação da Fenata, que se oficializou em 3 de novembro de 1975, dividiu o movimento de teatro amador no Brasil em sete regionais. A quarta regional abrangia Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e o Estado da Guanabara, que deixaria de existir no ano seguinte. São Paulo, que já apresentava uma confederação de teatro amador englobando diversas federações e associações no interior, ficou com a quinta regional. A diretoria executiva fundadora ficou assim: presidente, J. DANGELO (MG); vice-presidente, Ademar Nunes (RJ); primeiro secretário, Athanazildo Corrêa Neto (SP); segundo secretário, Francisco Expedito Solon Lopes (DF); primeiro tesoureiro, João Antônio Lima Esteves (DF); e segundo tesoureiro, Augusto José Alencar Gamboa (PA).

A Fenata tinha como meta nos dois primeiros anos de existência (74, extra-oficial e 75 já oficializada), entre outras, o levantamento dos grupos existentes em todo o país, bem como a orientação para o registro jurídico dos grupos. Para isso, foram realizados 22 encontros estaduais. O processo, entretanto, encontrou muitas dificuldades, como bem expõe Claudio



Barradas, representante do Pará, numa correspondência à direção nacional, comentando a primeira fase do trabalho de localização e registro dos grupos de sua regional:



Carlos Miranda e Orlando Miranda

Foi a fase do Calvário: que, sem exagero, dia após dia, exigiu do pobre deste coordenador uma paciência de Jó, astúcias de Ulisses, artes de Mandrake, proezas de Hércules e, se me permite a grossura, saco de Papai Noel. Pois tanto em nível estadual, quanto em regional não havia jeito de a coisa engrenar, o mais completo emperramento, e a sina da coordenação de grupos, aí, malhar em ferro frio, chover no molhado, semear na pedra, gritar no deserto, tatear no escuro, numa palavra: fracasso.²

Não só por isso, mas por muito mais, os primeiros anos da Fenata foram marcados pela necessidade de estabilização da entidade e, principalmente de busca pela representatividade. A demora de mais de um ano nos registros definitivos da federação, a falta de credenciamento e de recursos financeiros, fizeram com que o órgão viesse a buscar recursos estruturais no SNT, o que gerou descontentamento e desconfianças quanto à autonomia da federação. Havia quem confundia, por exemplo, a Fenata e o SNT. Houve dificuldade de outras ordens também, por exemplo, com São Paulo que, devido à forte estrutura que por lá já se apresentava, tinha dificuldade em acatar as resoluções da Fenata em detrimento de seus modelos já instituídos. Outro grande problema da entidade e que perdurou durante toda a primeira década, foi a indefinição do sentido da palavra “amador”.

Ao comemorar um ano de fundação, no entanto, a Fenata, contando já com cerca de 800 grupos cadastrados em todo o país, produziu o **Primeiro Festival Brasileiro de Teatro Amador, em Fortaleza**. A seleção era feita primeiramente nos estados e depois nas sete regionais. Os selecionados (um de cada regional) receberam do MEC uma quantia



“PELOS CAMINHOS DE MINAS GERAIS” DE JONAS BLOCH E JOTA DANGELO (PRESIDENTE DA FENATA), DURANTE APRESENTAÇÃO NO I FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO AMADOR, EM FORTALEZA, CE - 1975.

EM CENA HÉLVECIO FERREIRA.

em dinheiro que permitiu 20 apresentações em suas regiões de origem.

O Festival conseguiu atingir o objetivo de contatar os grupos, formalizar encontros de diretores e angariar representatividade para a Fenata. Porém, nem tudo foram flores. A

nível estadual e regional, os festivais de seleção causaram diversos transtornos, conflitos e mal-estares, o que fez com que a Fenata acatasse como resolução um documento apresentado pela quarta regional, e ratificado por J. Dangelo.

Este documento dizia que os festivais competitivos estavam em desacordo com a atividade amadora e contrariavam a natureza criativa do processo teatral que por si mesma é uma atividade coletiva e um trabalho de equipe. Dizia também que:

*(...) a competição cria atritos indesejáveis entre os grupos, bloqueia a troca de ideias, impede o diálogo franco e aberto, castra o intercâmbio de experiências e cerceia o debate crítico sobre os trabalhos realizados; (...) a premiação, de qualquer natureza está intimamente relacionada ao processo competitivo (...); recursos financeiros do Poder Público empregados na realização de festivais podem ser melhor aproveitados no investimento de infraestrutura de um Teatro Amador carente, sofrido, pressionado e desprotegido (...)*³

Com base neste documento, a Fenata desaconselhou e mesmo exigiu que não fossem realizados mostras nem festivais competitivos, uma decisão que não foi contestada por nenhuma regional, mas...

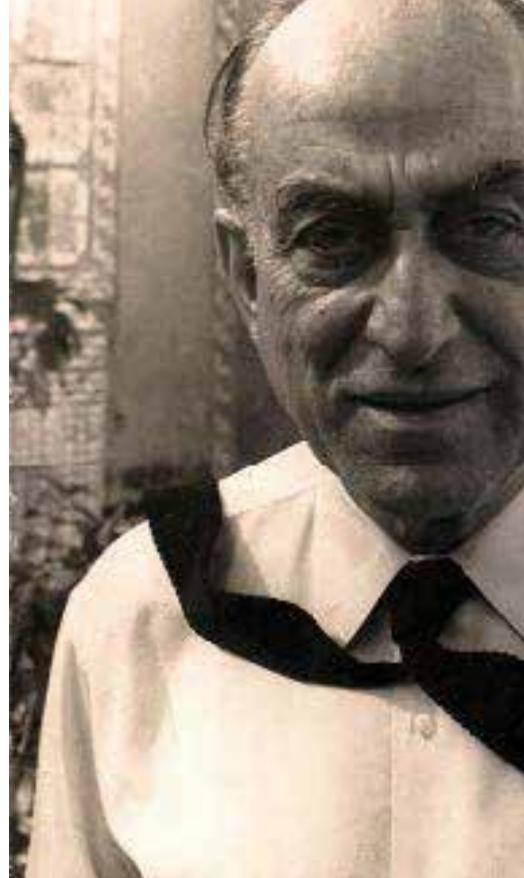
Para alguns, o mais grave problema com a federação era o fato dela ter nascido não das bases, mas de cima para baixo. Não foram grupos amadores que se reuniram e formaram suas associações e estas associações regionais ou estaduais criaram uma federação. Não foi assim que aconteceu. A Fenata surgiu da vontade de alguns e da necessidade do Estado de promover um agenciamento coletivo das artes em geral, e no nosso caso, do teatro amador. Uma vez criada, a Fenata é que saiu em busca de seus agenciados. Essa sempre foi a maior crítica e a causa das desconfianças de que fosse a Fenata, assim como o SNT, um órgão a serviço do poder instituído. Era acusada

até mesmo de ser uma entidade que visava na verdade o fortalecimento não do teatro amador, mas do empresarial através da transformação do movimento amadorístico em mero formador de plateias. É claro que nem todos pensavam desta forma e viam na federação um meio de fortalecer sim o teatro amador, o que acabou acontecendo, apesar das críticas. Neste mesmo festival, em Fortaleza, talvez por conta das críticas de ser uma entidade criada de cima para baixo, dentre as metas que foram definidas para o ano de 1976, a principal delas foi a criação das federações estaduais e a transformação da Fenata em Confenata – Confederação Nacional de Teatro Amador. Foi então que começou a corrida para transformar associações em federações. Das sete regionais, saíram inicialmente 12 federações, uma delas a Federação de Teatro Independente do Rio de Janeiro, Fetierj.

Os Independentes

Como falei antes, uma das grandes discussões da época – e que se estendeu até a década seguinte – foi a definição do nome “amador”. Havia já, e muito bem estabelecido, o movimento conhecido como Teatro do Estudante do Brasil, barca de **Paschoal Carlos Magno**, desde os anos 30. Paschoal acreditava que nenhum movimento revolucionário teria sucesso sem a presença

dos estudantes, e lembrava sempre a presença destes na instauração da República e na Libertação dos Escravos. Para ele, estudante era todo aquele que se dedicava ao teatro para aprender, uma vez que não havia escolas de arte dramática no país. Do movimento de teatro estudantil saíram muitos artistas e, mais que isso, uma nova forma de fazer teatro, como ele mesmo narra neste trecho:



Com o tempo verificamos que o Brasil inteiro copiava os processos do Teatro do Estudante. Eram grupos de amadores, operários, funcionários públicos, uma multiplicação de pequenos teatros pelo Brasil afora, seguindo o meu modelo. Em todos os estados do país. Mas, por outro lado, eu acho que a coisa mais importante do Teatro do Estudante, nessa época, foi impor a língua “brasileira” no nosso palco. Naquele tempo, o ator nacional falava português com um terrível sotaque lusitano (...).⁴

Os aspectos cenográficos e de iluminação também estavam presentes no teatro de Paschoal, mesmo antes da apresentação de *Os Comediantes*, do grande ZIEMBINSKI - iluminador acima de tudo - que recebeu o título de precursor do teatro moderno. Antes, dava-se mais importância ao ator e à sua forma de interpretação e menos aos outros elementos que compõem um espetáculo teatral. Foi também o Teatro do Estudante do Brasil que levantou a questão da

dramaturgia brasileira, buscando levar aos palcos textos até então inéditos. Para isso, os sete festivais promovidos por PASCHOAL CARLOS MAGNO foram fundamentais para levantar novos talentos. O festival de Pernambuco, em 1958, por exemplo, lançou nomes como o poeta João Cabral de Melo Neto, cujo texto *Morte e Vida Severina* (foto) foi representada pelo Grupo da Universidade do Pará. Carlos



Miranda era o ator principal (primeiro à esquerda, na foto acima). As categorias premiadas já mostravam a preocupação com os elementos cênicos. Além de autor, diretor, ator e atriz, também foram premiados os melhores cenógrafo e

figurinista.

O segundo festival, que aconteceu em Santos, litoral de São Paulo, em 1959, revelou, entre outros, PLÍNIO MARCOS e premiou AMIR HADAD como diretor. Dois anos depois, em 1961, Paschoal promove o terceiro festival, desta vez em Brasília, com o patrocínio da Presidência da República. Como diplomata, Paschoal Carlos Magno tinha boa entrada nos gabinetes dos poderosos, em especial no de JUSCELINO KUBITSCHEK, que inaugurou pessoalmente o festival. Este festival foi incrível, principalmente por ter formado, ao final da programação, quatro “caravanas” de atores que percorreram de sete a dez cidades cada, parando 24 horas em cada cidade e apresentando gratuitamente para crianças e adultos. Ao final, todas as caravanas encontraram-se na Aldeia de Arcozelo, recentemente doada a Paschoal para a criação de um novo centro de arte e cultura. Mas teve

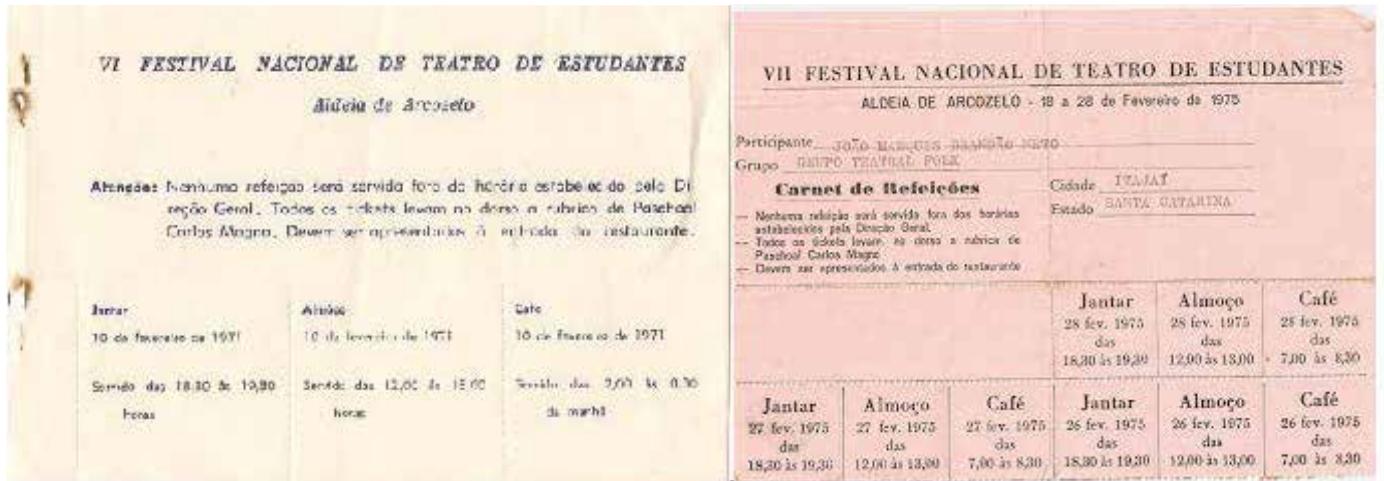


mais:

Na chegada ao Rio, os participantes do III Festival foram recepcionados, após um cortejo que atravessou a Avenida Rio Branco, precedido pelos Dragões da Independência, pelo Governador Sette Câmara e Assembleia Legislativa da Guanabara. Era a glorificação da cultura, aplaudida por milhares de pessoas e documentada por todos os veículos de divulgação do país, pois pela primeira vez, os aplaudidos, em lugar de atletas, eram artistas, jovens estudantes.⁵

Em Porto Alegre, 1962, foi realizado o IV Festival Nacional dos Estudantes do Brasil, com a participação de 450 estudantes de todo o Brasil, número que mais que dobrou no festival seguinte, que aconteceu no Estado da Guanabara, alguns anos depois, em 1968, já sob o olhar da ditadura militar. Paschoal realizou apenas dois festivais na Aldeia de Arcozelo. Em 1971, o sexto festival promovido pelo **Anjo dos Endoidados**, que não pôde abrir as

portas ao público local, por ordem da ditadura. Seu prestígio junto aos poderes instituídos era minado cada vez mais pelos aparelhos de repressão. Foi um festival fechado, que contou com a participação de artistas novos e renomados e intelectuais de todo o Brasil, mas não de Paty do Alferes. O sétimo e último também aconteceu na Aldeia, patrocinado pelo SNT, de Orlando Miranda, e também fechado ao público. O festival foi dedicado ao teatro escolar, e os espetáculos infantis foram apresentados apenas para freiras e crianças do Asilo de Arcozelo. Durante este festival aconteceu o Seminário Brasileiro de Arte e Educação.



Os festivais de Paschoal já tinham a preocupação crítica dos espetáculos, visando sempre a melhoria da qualidade das apresentações com a permanente formação dos estudantes. Para isso, sempre após as apresentações havia debate público e depois um debate particular entre os participantes e os membros do júri. Este hábito acabou sendo absorvido por várias companhias independentes que promoviam debates com o público logo após o espetáculo. Ainda hoje, acontece com alguns: “após o espetáculo haverá debate com o público”.

Mas, na década de 70, o teatro amador abrangia muito mais do que os estudantes secundaristas e universitários, havia uma gama enorme de grupos formados em instituições sociais e religiosas, no interior e nas capitais, muitos dos quais produziam o chamado teatro de resistência, às vezes camuflados nas universidades, fábricas, etc. Estes buscavam independência dos

organismos e verbas públicos e autonomia de ações. Naturalmente, eram os mais visados pelos mecanismos de repressão. No Rio de Janeiro, desde a década anterior, amparados na União Nacional dos Estudantes, havia os CPCs (Centro Populares de Cultura), palco de muitas discussões e ações de resistência à ditadura, que, se inicialmente fora criado no Rio de Janeiro, pelas mãos de Oduvaldo Viana Filho, o VIANINHA, Carlos Estevam Martins e Leon Hirszman, em seguida foram pipocando centros em vários estados brasileiros. Estes centros de cultura tinham como objetivo a conscientização do proletariado da sua condição de exploração. Para isso, usariam a arte e a cultura.

A partir de 1974, com a “lenta” promovida pelo general, os grupos voltaram a se organizar. O marco desta nova era pode ter sido o I Seminário de Teatro Popular, que reuniu em São Paulo dezenas de grupos locais, além de outros do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. Ali ficava claro a tendência

em se dividir os grupos não-empresariais em dois segmentos: o primeiro, ligado aos movimentos de resistência, assume um perfil militante, engajado nas lutas contra a ditadura e pela liberdade, sediando sua atuação nas periferias; o segundo, mais preocupado com as linguagens, a estética, e atuando abertamente. Neste encontro surge a necessidade de o Rio de Janeiro/Guanabara, a exemplo de São Paulo, de Pernambuco e da Bahia, criar uma associação de amadores. Essa semente plantada vai dar frutos alguns poucos anos mais tarde, com a criação da Federação de Teatro Independente do Rio de Janeiro, Fetierj.

Federação

Neste cenário de promessas de retomada da efervescência cultural apagada após o golpe de 64, um grupo de artistas de teatro do Rio começa a se reunir com vistas à criação de um órgão de representatividade da classe teatral não empresarial. O impasse com o nome “amador” prosseguia, uma vez que a alteridade com o nome “profissional” tornava a classe teatral sem contrato, a não profissional: o que não é profissional é amador, e o profissional é aquele que tem contrato com uma empresa. Uma besteira que teimava (e teima até hoje) em adjetivar o substantivo “amador”: profissional = bom, comprometido com a qualidade, superior; amador = razoável, descomprometido com a qualidade, inferior. Por outro lado, aqueles artistas/grupos que trabalhavam de forma alternativa, tais como em cooperativas ou

associados de outra maneira, viam na alcunha “amador” uma ofensa, já que seu trabalho não era inferior ou menos “profissional” do que o dos que tinham contratos empresariais. Para os não empresariais, a classe amadora seria aquela que não recebe por seus trabalhos com o teatro, como o teatro das escolas, das igrejas etc., ou que não têm no teatro sua principal fonte de renda, mas não necessariamente inferior em qualidade. Enfim, esse conflito entre o substantivo e o adjetivo continuou durante muitos anos.

Talvez por essa razão e pelo objetivo de abarcar o maior número possível de grupos de teatro, optou-se pelo nome “independente” na federação. Devemos lembrar que a federação do Rio de Janeiro foi fundada sob as asas da então Fenata, cujo objetivo era catalogar e contatar senão todos, pelo menos quase todos

os grupo existentes, e, no Rio de Janeiro, a exemplo dos grande centros - e ao contrário dos estados do Nordeste, por exemplo, onde o movimento amador era bastante fortalecido -, o movimento teatral não abrangia apenas os amadores, mas uma vasta gama de alternativos.

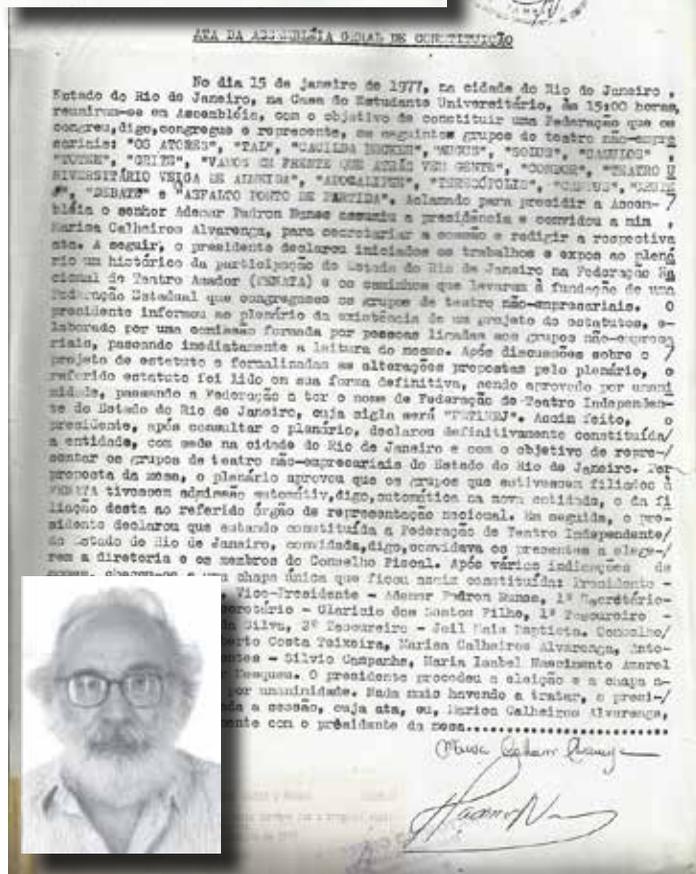
Após muitos encontros durante o ano de 1976 e discussões prévias, principalmente em torno da autonomia da entidade e de seu caráter representativo, em 15 de janeiro de 1977, dezessete grupos se reuniram em assembleia, liderados por Almério Belém e Ademar Nunes, ambos representantes da quarta regional da Fenata, e constituíram a Federação de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro, a Fetierj. Ademar Nunes presidiu a Assembleia e Mariza Calheiros Alvarenga secretariou. Os grupos fundadores são os seguintes:

Os atores; TAL; Cacilda Becker; Augus; Solus; Casulos; Totem; Grite; Vamos em frente que atrás vem gente; Condor; Teatro universitário Veiga de Almeida; Apocalipse; Teresópolis; Camus; Gruterj; Debate; e Asfalto ponto de partida. Um projeto de estatuto foi apresentado e aprovado, assim como a indicação para que todos os grupos do Estado do Rio de Janeiro, já filiados à Fenata estivessem automaticamente filiados à Fetierj. O objetivo principal da nova federação era a representação de grupos não-empresariais e a diretoria ficou composta da seguinte maneira: **presidente, Almério Ribeiro Belém**; vice-presidente: Ademar Padron Nunes, que na ocasião também era vice-presidente da Fenata; 1ª secretário, Mário Gonçalves; 2º secretário, Clarício dos Santos Filho; 1º tesoureiro, Rubens José Carneiro da Silva; 2º tesoureiro, Joil Maia Baptista. Conselho Fiscal Efetivos: Roberto Costa Teixeira, Marisa Calheiros Alvarenga, Antônia Jane Thomé; Conselho Fiscal Suplentes: Silvio Campanha, Maria Isabel Nascimento Amaral e Marcondes Manchester Mesqueu.

Neste primeiro ano, a Fetierj promoveu seu primeiro festival, na verdade uma mostra não-competitiva no Sesc de São João de Meriti, que reuniu 24 grupos sob a avaliação de LUIZ MENDONÇA, Maria Helena Küner, Licínio Neto, José Luís Liggiero e Rubens

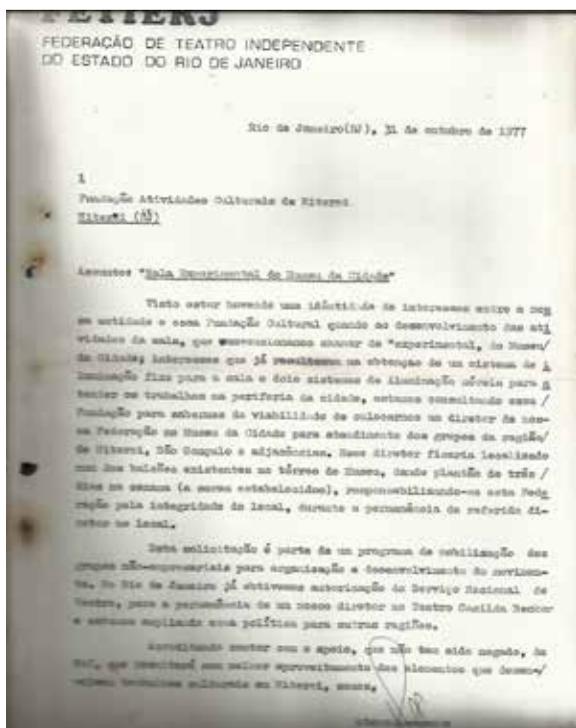
FETIERJ

FEDERAÇÃO DE TEATRO INDEPENDENTE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



Elenco da peça "Maria e seus cinco filhos", de João Siqueira, participante da primeira mostra de teatro.

José Carneiro da Silva. Os diretores ADERBAL JR e Amir Haddad, fundador do Teatro Oficina, ambos com um excelente trabalho com o teatro de rua, fizeram palestras para os participantes. Os dois também ministraram, respectivamente, os cursos: Linguagem Teatral, em Niterói, e Teatro Prático, em Nova Friburgo e Volta Redonda. Preocupada com a formação dos grupos, a Fetierj ainda promoveu outros cursos tais como: Iluminação, com Michel Bongiovanni, na capital e em São João de Meriti; e Teatro Brasileiro, com o professor e jornalista José Arrabal, em Niterói.



Contudo, o evento mais importante daquele ano de fundação foi, sem dúvidas, o **Encontro Estadual de Teatro Não-Empresarial do Rio de Janeiro**, em novembro, e que teve como sede o Espaço Sala Experimental, do Museu da Cidade, em Niterói. As discussões, entretanto, foram descentralizadas e aconteceram também nas cidades de Barra Mansa, Campos, Itaperuna, Nova Friburgo e Volta Redonda. Coordenado por Ademar Nunes (vice-presidente da Fetierj e da Fenata), que abriu o encontro com as seguintes palavras:

A importância deste Encontro está no seu caráter essencialmente democrático de estabelecimento de normas e diretrizes, a partir das bases e nunca pela imposição ou apresentação de fórmulas prontas pela direção da Fetierj.

Percebe-se pela abertura, a intenção de dar ao evento um caráter democrático, numa tentativa de responder às críticas que já se formavam em relação à criação da federação e sua associação com o SNT. Os 44 grupos presentes - quase duzentas pessoas - participaram das 54 horas de debates sobre diversos temas, entre os quais, a identidade filosófica da entidade e as relações políticas com os órgãos federais. Apesar da apresentação de Ademar Nunes, ficou claro desde o início que o Encontro não teria caráter deliberativo nas questões que envolvessem mudança nos Estatutos da Fetierj, o que só poderia ocorrer com a instauração de uma Assembleia Geral Extraordinária, convocada com esta finalidade. Aqueles que esperavam mudanças na estrutura estatutária da entidade ficaram incomodados, mas a criação de um Conselho de Representantes que, apesar do caráter meramente consultivo, aliviou as tensões. Este Conselho seria composto por um representante de cada grupo filiado e se reuniria a cada trimestre, mas ali mesmo foi sugerido a indicação de representantes dos grupos presentes, filiados ou não, que, em Comissão, se reuniriam ainda durante o Encontro e apresentariam as propostas de mudanças estatutárias pelas quais ansiavam alguns descontentes. A Mesa diretora do Encontro sugeriu ainda que, em relação ao caráter consultivo do Conselho, durante a apresentação da proposta de mudança nos Estatutos, fosse requerida também a mudança daquele para deliberativo.

Um dos debates mais produtivos do Encontro girou em torno das categorias de teatro existentes, suas relações de trabalho e organização jurídica; e sobre as categorias passíveis de serem representadas. Como constatado já era de se esperar, foi observado a existência de diversas categorias que poderiam ser enquadradas como não-empresariais, autônomas, dos amparados como por exemplo, grupos vinculados às escolas, às universidades, às igrejas, aos clubes, às entidades de classes, a órgãos públicos, indústrias, além dos grupos autônomos, dos amparados



por órgãos de cultura, os grupos do chamado teatro de resistência, os de caráter cooperativista e as pequenas empresas de teatro, entre outros. Desta discussão saiu a decisão de que a Fetierj representaria todos os grupos que não fossem empresas de teatro, ou seja, que tivessem em seus estatutos – ou quaisquer outros documentos – definições comprobatórias de sua existência regular e que definissem o caráter não-empresarial, não importando o nome que a isso atribuíssem: independentes, amadores, experimentais, marginais, alternativos, estudantis, universitários, de igreja, de clube etc. Esta decisão abria caminho para um trabalho de conscientização que permitisse uma definição ideológica do que seria o teatro não-empresarial.

A interiorização do movimento, a questão

dos direitos autorais e a censura também foram pontos de expressiva discussão. Em relação ao primeiro, a proposta era levantar a realidade teatral de cada região, identificando pessoas e grupos e a realização de

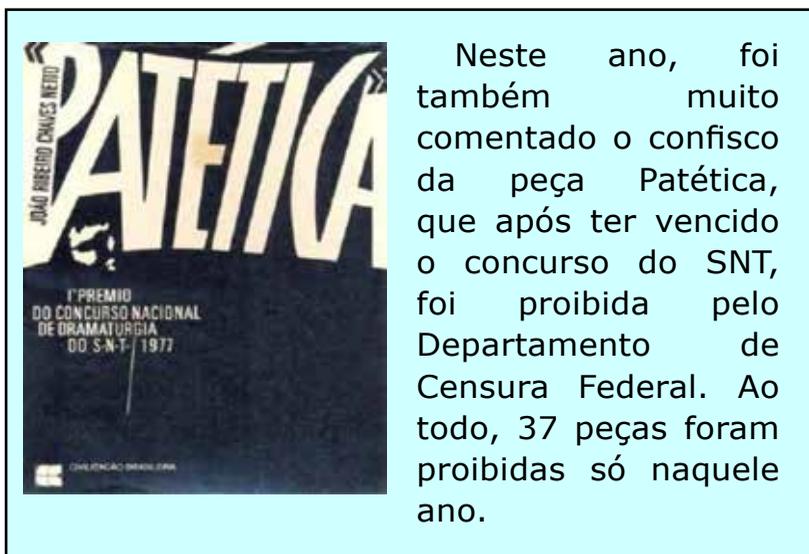
seminários. Quanto aos direitos autorais, a meta era a redução dos valores cobrados pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, a SBAT, para os grupos filiados, levando em conta seu caráter não-empresarial.



A censura era a discussão mais acirrada, uma vez que atingia a todos de diversas formas, incluindo a formação de público, uma vez que havia um medo constante na população de ir ao teatro e ser interpelado pelos aparelhos de repressão no meio do espetáculo, como acontecera em diversas ocasiões. Para a luta contra a censura foram apresentados dois caminhos: um jurídico, impetrando recursos a cada caso;

e o outro por via de manifestações, seminários e qualquer atividade que viesse a contribuir para uma campanha efetiva e intensiva contra a censura. Num ensaio apresentado dois anos depois durante o Seminário Nacional de Dramaturgia, Tânia Pacheco, jornalista e membro da Associação de Críticos de Teatro, expõe com categoria a situação da censura:

Em janeiro de 77, artistas e intelectuais enviaram ao Ministro da Justiça um memorial com 1046 assinaturas, pelo fim da censura. O documento foi encaminhado ao Departamento de Polícia Federal, "para exame"⁶. Em julho, no dia 28, inicia-se em São Paulo, o Ciclo de Leituras de Peças Proibidas, organizado por RUTH ESCOBAR. Na semana seguinte, a atriz tem seu passaporte apreendido no aeroporto, quando procurava embarcar para a Europa em viagem pelo Ministério da Educação, com passagem fornecida pelo Banco do Brasil.



Em tempo

A diretoria fundadora da Fetierj permaneceu integralmente no ano seguinte quando tentou realizar, na segunda quinzena de julho de 1978, a II Mostra de Teatro Independente, em Volta Redonda. Na época havia um jornal que representava a classe trabalhadora, e que apoiava a ainda incipiente formação do Partido dos Trabalhadores. O jornal *Em Tempo* havia sido fundado em janeiro daquele ano, com manchetes tais como: “Brizola não é mais aquele”; “Gramsci na crista da onda”; “Transas de Roberto Carlos”; “Discutindo o eurocomunismo”; e “Mais um operário sofre violência em Minas”. Daí já dá pra ter uma ideia dos conteúdos de cada edição. Era um jornal vendido de mão em mão, abertamente contra a ditadura e seus aparelhos de coerção, que denunciava desaparecimentos, mortes, desmandos, censuras e violências cometidos pelos militares no governo. Muitos artistas de todas as artes estavam envolvidos na distribuição daquele jornal que representava não só a imprensa alternativa, como também era

Wladimir Herzog: O GOVERNO NO BANCO DOS RÉUS. Pág. 11

EM TEMPO: SEMANÁRIO NACIONAL - NÚMERO 17 - C.R. 1628 - R\$ 6,00 - 3711710

PRESOS DENUNCIAM 233 TORTURADORES

O listão completo dos policiais e militares acusados

A denúncia foi feita dois dias antes do episódio em que apareceu morto o jornalista Wladimir Herzog, detido no II Exército, em São Paulo, em outubro de 1975. Entretanto, nenhum jornal do país ousou até hoje publicá-la. 36 presos políticos escreveram um documento minucioso, relataram mais de vinte métodos diferentes de tortura aplicados nesses próprios, e deram nomes aos bois, ao acusar 233 policiais e militares como torturadores. Entre os enumerados no listão, alguns são figuras muito conhecidas: o delegado Sérgio Fleury, o general Antonio Bandeira, os delegados mineiros David Hezán e Tacir Menezes Sín, o deputado federal arenista Ivahy de Freitas Garcia, entre outros. No documento, que tem cerca de 1500 linhas, os presos políticos garantem: "Assumimos conscientemente, com mais esta atitude, nossas responsabilidades frente à situação imperante no Brasil, causa de tanta desgraça e tanto luto para as famílias brasileiras. Estamos dispostos a testemunhar perante qualquer comissão ou tribunal idôneo, tudo quanto relatamos". Nesta edição, EM TEMPO publica pela primeira vez no Brasil o listão dos 233 acusados. (Págs. 6 e 7)

CADERNO 2 □ JORNAL DO BRASIL □ Rio de Janeiro, domingo, 23 de julho de 1978 □ PÁGINA 5

MOSTRA TEATRAL É SUSPensa EM VOLTA REDONDA



Uma situação peculiar — "você está vendendo esse jornal no Temporo" — suscitou a Mostra de Teatro Independente da Volta Redonda, que estava prevista para este domingo (23) em Volta Redonda. A situação ocorreu ao encontro, a Federação de Teatro Independente do Rio de Janeiro, ocasião em que houve por consenso a "atuação reacionária".

Quatro minutos antes da estreia da primeira peça da mostra, *Mares e Ocas* de Olney Farias, o presidente da Federação Independente de Volta Redonda, José de Holanda Correia, chamou os responsáveis para saber por que o jornal do Tempo estava sendo vendido na entrada da feira. O presidente dos espetáculos na cidade, como não foi atendido — não havia como sair para a cidade —, decidiu pedir os responsáveis para sair por eles — o espetáculo foi suspenso.

A Federação, segundo uma declaração dada, Almerio Estrem, propôs-se divulgar o teatro "não empresarial", desistir o primeiro teatro da cidade para o teatro, uma primeira mostra, no Rio de Janeiro, realizado em São João de Jacuiporã.

Uma situação peculiar, porém, ocorreu minutos antes da estreia da primeira peça da mostra, *Mares e Ocas* de Olney Farias, o presidente da Federação Independente de Volta Redonda, José de Holanda Correia, chamou os responsáveis para saber por que o jornal do Tempo estava sendo vendido na entrada da feira. O presidente dos espetáculos na cidade, como não foi atendido — não havia como sair para a cidade —, decidiu pedir os responsáveis para sair por eles — o espetáculo foi suspenso.

A Federação, segundo uma declaração dada, Almerio Estrem, propôs-se divulgar o teatro "não empresarial", desistir o primeiro teatro da cidade para o teatro, uma primeira mostra, no Rio de Janeiro, realizado em São João de Jacuiporã.

um dos principais veículos de resistência. Em Volta Redonda, alguns participantes da II Mostra trataram de vender o jornal que, naquela edição de 2 de julho, publicara uma lista de 233 torturadores dos centros oficiais e clandestinos da ditadura. Naturalmente, a repressão caiu em cima do festival, primeiramente ordenando que a venda fosse proibida e que os exemplares vendidos fossem recolhidos. Diante da recusa do presidente da Fetierj, Almerio Belém, em recolher os exemplares já vendidos, a pressão sobre o festival aumentou. Com receio de que algo grave viesse a acontecer aos participantes, a Federação resolveu cancelar o festival naquela cidade e levá-lo a acontecer, já na semana seguinte, na Escola de Teatro da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (Fefierj), atual Unirio, ali na Praia do Flamengo.

Na abertura do Festival, além do agravo

ao acontecido em Volta Redonda, houve um debate entre Ademar Nunes e Hélio Muniz, este do Grupo Cordão, de São Paulo, sobre os rumos do Teatro Independente. À noite, foram apresentados os espetáculos *Kere e Lorna* (Violência), do Grupo Seta; e *Maria e seus 5 filhos*, do Grupo Dia-a-dia, cuja apresentação em Volta Redonda estava prestes a ocorrer quando houve o cancelamento do festival. O fechamento da Mostra foi realizado com um debate acerca da Liberdade de expressão, com o advogado Eudes Fonseca⁶.

Em outubro, a Fetierj esteve presente apoiando a Mostra de Teatro Independente em Nova Iguaçu, que aconteceu não apenas no Teatro Arcádia, o único na cidade naquela época, mas também em 42 escolas e no patronato do município. O evento era voltado para espetáculos infantis e para adolescentes e aconteceu com vários espetáculos durante o dia.

Mudanças

A diretoria muda no ano seguinte e os novos integrantes querem mudanças. O Grupo Dia-a-dia ganha a presidência, com João Reinaldo de

Siqueira; Carlos Alberto dos Santos, do Grupo Preto no Branco, é o vice. Foram empossados em Assembleia Geral Extraordinária, no dia 27 de janeiro de 1979, e na

mesmo dia, foram votadas e aprovadas algumas mudanças no Estatuto, entre elas a inclusão de dois cargos na diretoria: um diretor de divulgação, que

nacional e internacional; e (5) Política nacional de proteção, apoio e estímulo à atividade cênica brasileira – direitos de participação e decisão das entidades de classes e política da arte cênica.

Cada uma das cinco comissões fez seu relatório com as propostas aprovadas e que seriam posteriormente referendadas por todas as 17 entidades participantes. A Fetierj, já presidida por JOÃO SIQUEIRA, enviou documento ao Comitê Executivo do Seminário, datado de 15 de fevereiro de 1979, referendando as decisões com algumas restrições, entre as quais, a descaracterização das federações estaduais de teatro amador e da Confenata como entidades de classe, contestando este item do relatório da Comissão de Produção (2). A quarta Comissão também recebeu um adendo da Fetierj, que alertou para o enfoque centrado na “questão das defasagens regionais – Rio de Janeiro e São Paulo ditando a cultura – e no imperialismo cultural sufocando uma produção que nasça da nossa realidade – fica camuflada a contradição principal: de classe”⁸.

A Fetierj sugere, a partir disso, o acréscimo de um item de proposta ao relatório daquela comissão: “Lutar pela criação de canais de expressão das necessidades e preocupações populares da televisão brasileira”. A crítica de João Siqueira se estende também aos “considerandos”, que segundo o presidente da Fetierj, tentam, em sua maioria, atender aos interesses patronais. Por fim, reclama do constante uso do termo “classe artística” como “um bloco único e compacto, misturando-se aí empregados e

empregadores”. Pelo teor do documento, menos de um mês depois da posse da segunda diretoria da federação, já ficava claro o tom da nova gestão.

Ao largo das comentadas divergências que aconteceram durante todo o Seminário, dali foram tirados dois relevantes documentos. O primeiro foi um ofício dirigido ao então Ministro da Educação e Cultura, Euro Brandão, que indica a “inadiável” criação da Fundação Nacional de Artes Cênicas, que viria a substituir o Serviço Nacional de Teatro:

“O organismo proposto deverá contar em seus recursos, além das verbas orçamentárias do Tesouro Nacional, com participação percentual dos lucros líquidos das empresas públicas, a exemplo das Fundações de teatro e Museus dos Estados do Rio de Janeiro e a Coordenadoria de Cultura de Minas Gerais, que participam dos resultados financeiros da LOTERJ e da Loteria Estadual de Minas Gerais, respectivamente.

A fim de conjurar o esforço comum, comportamento básico numa saudável relação democrática entre o Estado e a atividade cultural do país, aqui especificada nas artes cênicas, esta Fundação deverá contar entre os seus órgãos diretores com um conselho de planejamento, deliberação e avaliação, de caráter normativo e consultivo, indicado pelas diversas entidades representativas das atividades cênicas, que virá a expressar na política governamental de teatro, circo e dança, os anseios e as necessidades dos artistas e elas relacionados, bem como as carências regionais, visando assim uma norma de conduta integrada entre Estado e povo, de todos os pontos do país.

As classes participantes das Artes Cênicas brasileiras, através de suas entidades representativas, não apenas se colocam à disposição, como desejam e esperam participar da discussão, elaboração e estruturação dessa entidade.”

“CARTA DE ARCOZELO”

É tempo de falar. Em todo o Brasil, entidades representativas e movimentos e os mais diferentes segmentos sociais buscam recuperar direitos mínimos que lhes foram retirados nos últimos anos. Neste contexto, e pressionados por necessidades fundamentais que exigem respostas imediatas, nós, artistas, técnicos, produtores, dramaturgos e críticos em Artes Cênicas não poderíamos deixar de nos manifestar.

Assim, através de nossas entidades de classe da Bahia, Minas Gerais, Rio, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul e São Paulo, iniciamos um processo de discussão que culminou com o 1.º Seminário Nacional de Artes Cênicas, realizado na Aldeia de Arcozele, Rio de Janeiro, entre 18 e 22 de janeiro de 1979.

A partir de subsídios trazidos ao Seminário pelas 17 entidades que aderiram, participaram, um longo e exaustivo processo de debates e decisões permitiu levantar as preocupações e reivindicações fundamentais da classe artística. O conjunto dessas reivindicações compõe um amplo documento encaminhado aos diversos Estados para re-

flexão de todos os profissionais e fará parte de um programa de ação nacional voltado para as Artes Cênicas. Desde já, entretanto, pela sua importância e importância, algumas questões fundamentais devem ser tomadas de conhecimento público:

1. O Brasil vive um de seus períodos mais negros de dominação cultural, onde valores e interesses importados invadem nosso mercado de trabalho e dominam nossa consciência e nossa produção artística. A mesma colonização imposta por este sistema se estende ao nível das relações internas do país, transformando as regiões mais distantes em províncias esquecidas de suas próprias tradições e que se transformam em irmãs pobres das colônias maiores que são o Rio de Janeiro e São Paulo.

2. Este esquema de dominação, entretanto, é amplamente favorecido por um regime que tem em contrária interesses fundamentais da sociedade vista como um todo. O domínio de nossos espaços culturais e a dinamização de nosso mercado de trabalho passam, necessariamente, pela conquista das mais

elementares liberdades democráticas. E tal conquista só será assegurada na medida em que entendermos com clareza os verdadeiros mecanismos que provocam a centralização das riquezas.

O elo desta cadeia começa a ser rompido pela atuação consciente de toda a sociedade na luta pelo fim da censura; pela liberdade de expressão, manifestação e organização; liberdade sindical e direito de greve; anistia ampla, geral e irrestrita, lato é: a libertação de todos os presos políticos; o retorno dos exilados políticos e civis para todos os atingidos pelos atos de exceção; o fim das torturas e das perseguições políticas; a supressão das leis de exceção e o desmantelamento dos aparelhos repressivos; a liberdade partidária; e uma Assembleia Constituinte livre, democrática e soberana que normalize o país.

3. A absorção do Serviço Nacional de Teatro pela Funarte foi temporariamente adiada devido à posição contrária tomada pela classe artística. Nós, participantes deste Seminário, fixamos posição pela criação da Fun-

ção Nacional das Artes Cênicas como órgão substituto para o SNT. Entretanto, o mais importante desta decisão, que entendemos ser a autoridade competente, não é apenas a criação da instituição, mas sim a consciência clara de que esta ou qualquer outra solução só representará uma nova conquista se estiver garantida a nossa representatividade e participação efetivas na condução da nova entidade. E esta participação deve levar em conta, sempre, as características regionais heterogêneas, através da presença de representantes de diversas realidades sociais e culturais no Conselho Normativo e Consultivo de órgão, a ser formado a partir das diferentes entidades de classe.

Este passo, embora pequeno, é uma questão fundamental para nós, artistas, técnicos, produtores, dramaturgos e críticos em Artes Cênicas, pois marca um avanço em direção às decisões que cercam e cercam nosso destino. Unida, a classe artística deixou o imediatismo pre-histórico e se ligou à sociedade brasileira numa visão aprofundada da realidade nacional e na luta por um Brasil mais justo, mais livre, mais democrático”.

Este documento, datado de 22 de janeiro de 1978 e assinado pelas entidades presentes ao encontro, inclusive pela Fetierj, foi o ponta-pé para a criação do posterior Instituto Nacional de Artes Cênicas (Inacen), que veio a substituir o SNT, mas sem grandes alterações para a classe. O outro documento de relevância, tirado durante o Seminário foi a **Carta de Arcozele**, que denunciava a situação do país e os mecanismos de dominação das artes pelos aparelhos coercivos do Estado, além de informar a necessidade da fundação

para substituir o Serviço Nacional de Teatro, que ainda não sido absorvido pela Funarte.

A nova diretoria da Fetierj estava empolgada com a mobilização do movimento e se preparava para realizar o II Encontro de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro. Para isso, formou comissões que se reuniram nos meses seguintes: Comissão de atuação junto aos grupos; de representatividade política; de divulgação; e de Estudos, esta última com vistas a organização do evento, que acabou

não acontecendo, aliás, aconteceu, mas apenas alguns anos mais tarde, sob a coordenação de outro grupo diretor. Para a então diretoria era imprescindível arregimentar, a nível estadual, o movimento, divulgando a Carta de Arcozele e as denúncias ali contidas. Pretendiam libertar a Fetierj de uma contradição que havia nascido com ela. Se por um lado, e federação era um movimento de base, ainda que incipiente, de baixo pra cima, em busca de um teatro independente e de uma linguagem

teatral inovadora, por outro lado representava uma instituição criada de cima para baixo, que, segundo o pensamento da Comissão de Estudos para o II Encontro⁹, “visava atender a necessidade da burocracia cultural do governo de desaguar verbas através do SNT para o chamado 'teatro amador',

num misto de paternalismo com tentativa de cooptação para os estreitos limites do Estado deste movimento que, embora incipiente, encerra consigo o embrião de uma perigosa oposição”. Este pensamento era compartilhado por parte dos grupos do movimento, mas, por outro lado, todos queriam (e precisavam) as

verbas que “desaguavam” via SNT naquele momento. A questão que se formava então era como conciliar ideal e necessidade, liberdade e condescendência, copiando o título da peça de GIANFRANCESCO GUARNIERI, havia naquele momento “um grito parado no ar”, abafado pelo poder do Estado.

O falso brilhante

João Siqueira queria romper com esse conflito que, se por um lado, deu à Fetierj, através da diretoria fundadora, prestígio e respeito junto aos órgãos do governo, por outro, deixou a desejar nas bases do movimento, que sofreu a rejeição dos grupos filiados. Estes viam nas exigências do SNT para liberação de verbas, uma tentativa de cerceamento da liberdade criativa. Em resposta a isso, ainda no I Encontro, a diretoria liderada por Almério Belém tentou esclarecer que tais exigências tinham apenas caráter burocrático, sem qualquer interferência na metodologia de trabalho ou no posicionamento ideológico da entidade. Não se pode negar a importância, naquele momento, de ter prestígio junto aos organismos públicos, para que o movimento pudesse se manter pelo menos na superfície, sem se afogar nos arrochos da censura e da repressão que ainda eram intensas no país. Mas se o primeiro Encontro havia sido importante para apresentar propostas, um segundo consolidaria e, principalmente, esclareceria pontos ainda conflituosos, tais como: qual a prática real que a Fetierj propunha representar? Ou seja, novamente e ainda, a questão girava em torno do termo “amador”: quem era? onde estava? o que fazia? Como representar uma classe que não se define? Nas palavras dos membros da Comissão de Estudos, a Fetierj era naquele momento um falso brilhante em busca de sua real identidade.

A Comissão de Estudos se reuniu durante os meses de fevereiro a maio, praticamente todos os sábados, mas as discussões que deveriam ser centradas na organização do Encontro acabaram se tornando ideológicas demais. Não que isso fosse uma coisa ruim, era o processo, num momento em que o conflito ideológico já estava instalado desde a criação da Fetierj. A Comissão insistia em que a preparação

para o Encontro fosse além da organização estrutural, mas que passasse por uma preparação real, discursiva, crítica e ideológica, para que os resultados fossem reais não apenas fruto da superficialidade. Sob muita pressão dos que queriam ver acontecer logo o II Encontro, a Comissão se defende dizendo que as propostas devem sair das dúvidas que existem e propõe o seguinte:

"assumir de vez essa confusão como dado em nossa trajetória. O II Encontro deve enfrentar sem ansiedade a confusão no momento: quem é a Fetierj? Isso só terá resposta se abirmos um espaço real para apreendermos que práticas são abrigadas dentro da fetierj. E portanto, para nós, o II Encontro tem um único tema: que teatro estamos querendo fazer? (...) É a partir destas colocações que será possível construir um temário não apriorístico e nem de fora pra dentro. Provavelmente serão poucos os resultados, mas pelo menos teremos enxergado um pouco mais."

Muita discussão e pouca prática acabaram por frustrar aqueles que queriam a realização, ainda naquele ano de 1979, do II Encontro de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro.

A virada

Na Confenata, os problemas não eram menores. Uma nova diretoria havia sido eleita em janeiro de 1979, numa reunião de seu conselho diretor, durante o **Congresso Brasileiro**

de Teatro Amador, na cidade de Goiânia, mas, após este evento, seus membros não conseguiam se reunir, principalmente por falta de verbas que, naquele ano, estavam escassas no SNT. Do Congresso

saiu um documento com algumas conclusões, entre as quais, que as federações estaduais buscassem formas próprias de subsistência para conservarem sua independência e liberdade; que atuassem como

"verdadeiras entidades de classe";

que as federações tivessem seus informativos mensais; que tivessem

comissões de estudo; e que fossem em busca dos grupos locais.

Havia, ainda, o item 7, do documento que criou muita polêmica ao indicar

"que as federações estaduais e a Confenata sejam verdadeiras entidades de classe e sirvam de ponto de convergência das linhas ideológicas e planos de trabalho".

As conclusões do Congresso, associadas às diretrizes do Seminário Nacional de Artes Cênicas, de Arcozelo, deram o mote da nova diretoria da Fetierj, que tentou, por exemplo, o seu boletim

mensal, com a publicação de algumas edições do informativo Jogo Rápido, ou a comissão de estudos. Esta, por sua vez mais atuante e duradoura que o boletim, deixou registradas anotações de suas reuniões,

em que se percebe e registra a grande insatisfação com a desmobilização do movimento. No último registro encontrado, escrito a mão, fica clara a intenção de dissociação das atividades da Fetierj às da Confenata:

"1º passo básico -> cortar cordão umbilical com a Confenata e com qualquer obrigação de criar movimento".

Outra questão em pauta nas anotações é o desejo de discutir mais as formas, linguagens, trabalhos etc., do que um suposto movimento, ou da utilização do teatro como "arma". A anistia já estava aprovada, o país sem AI5 desde primeiro de janeiro daquele ano, as pessoas talvez não quisessem mais engajamento político do que o fazer teatro puramente. Em outro trecho deste manuscrito:

"não queremos ser dirigentes sindicais e nem líderes políticos, mas sim discutir e resolver nossos problemas, problemas da nossa prática, aprofundar e desenvolver nossos trabalhos".

Finalizando, o documento, datado de 10 de novembro de 1979, diz que:

"Fetierj hoje não corresponde à prática de Joãozinho, Gilda, Beбето etc¹⁰ (espaço) deixar a carcaça da Fetierj para quem quiser pegar, quem se interessar e quem não se interessar que saia fora e se reúna se quiser e como quiser. O que se quer agora é poder se encontrar e discutir sem pauta, sem compromissos com uma entidade, sem ter que resolver problemas, tirar diretrizes e perspectivas políticas, sem querer resolver uma organização perfeita e ideal".

Pelo tom destas palavras e pela falta de registros tanto a nível de Fetierj como de **Confenata** em relação ao ano seguinte, de 1980, compartilhamos a opinião de Maria Helena Kühner de que houve neste ano, uma estagnação no movimento no macroespaço da Confederação, que refletiu em todas as federações estaduais. Esta estagnação pode ter acontecido, principalmente, por causa das Intensas modificações

realizadas na FUNARTE, no IPHAN e no SNT, convertido, no ano seguinte, em Instituto Nacional Artes Cênicas – INACEN, pela Portaria Ministerial nº. 628, de 25 de novembro de 1981.

Em 1980 não houve a Assembleia Geral Ordinária, que até então, era um dos três Poderes da Federação, seguido do Conselho Fiscal e da Diretoria. A Assembleia Geral Ordinária, a primeira do ano, deveria, entre outras

coisas, aprovar a prestação de contas do ano anterior. Há algumas listas de presença de Extraordinárias, encabeçadas por Roberto Costa e, posteriormente, por Marco Antônio Pinheiro dos Santos. O único registro que há deste ano é a Mostra de Teatro Amador, em agosto, promovida pela Fundação Rio e que, supostamente, teve o apoio da Fetierj.

O movimento de teatro independente/associativo/amador do Rio de Janeiro

entra a década de 80 com este espírito de desapego às instituições e de crescimento artístico, animado com a chegada dos exilados, com a recente anistia e preocupado em driblar a censura, que só teria fim com a Constituição de 1988. A Fetierj, entretanto, e apesar dos percalços, resiste e segue em frente, apoiada pela Confenata e buscando a interiorização do movimento.

O esperado II Encontro de Teatro Não-Empresarial acontece finalmente, em 1981, desta vez na cidade do Rio de Janeiro, já sob a presidência de Marco Antônio Pinheiro dos Santos, do Grupo Pé no chão.

A parceria com a Fundação Rio se estreita mais com a realização da II Mostra de Teatro Amador, desta vez, na cidade do

Rio de Janeiro, nos mesmos moldes que recebera no ano anterior, de YAN MICHALSKI, uma benevolente crítica no Jornal do Brasil. O crítico apoiou a ideia de festivais não competitivos – como queria a Confenata e o SNT – e substituiu a figura do “tradicional júri” por um debatedor, que conduzia as discussões ao final de cada sessão. A descentralização das apresentações também foi um ponto bastante elogiado por Michalski. A mostra aconteceu entre os meses de novembro e dezembro, entre Bonsucesso, Quintino e Centro da Cidade. Neste ano, participaram 22 grupos e os debatedores foram Ademar Nunes, Roberto Costa, Dioni Miranda, Sidney Cruz, Zé Maria e Carlos Paiva.

Novos rumos

Em 1982, com os poderes instituídos pelo estatuto da Federação já modificados para Congresso, Conselho Superior e Diretoria Executiva, acontece o I Congresso Estadual de Teatro Amador, juntamente com o Festival Estadual. Este evento era de grande importância para rearticular o movimento, por isso, os diretores foram pessoalmente em várias cidades convocar os grupos locais para participar, o que, entretanto, não aconteceu: os grupos participantes eram, em sua maioria, da Zona Norte do Rio. Apesar de todo empenho, segundo a Ata, houve esvaziamento nas assembleias durante o evento. Deste I Congresso, participaram os grupos: AUGUS, INTERARTE, SOL NASCENTE, PÉ NO CHÃO, CENA VIVA, ÁGUA NOVA, BALUARTE, COMENDADOR MANOEL SENDAS, CHÃO, RIO e REVELAÇÃO.

Uma das deliberações foi a mudança do

nome para Federação Estadual de Teatro Amador do Rio de Janeiro, FETARJ. Na mesma assembleia, MARCO ANTONIO PINHEIRO DOS SANTOS entrega a presidência para Roberto Costa, que, assumindo ali mesmo durante o evento, continuou o processo de interiorização do movimento.

O Festival de 1982 apresentava uma característica que o distinguia dos demais realizados até então. Mesmo sem premiação e sem corpo de jurados, houve a escolha, realizada pelos próprios grupos, de quatro espetáculos que participariam de apresentações promovidas pela Fetarj, entre as quais estavam previstas algumas em sindicatos, associações de bairro, instituições prisionais e na antiga Fundação Nacional de Bem Estar do Menor, Funabem. Outra característica é que o festival aconteceu todo em um só lugar, no Teatro Arthur Azevedo, no bairro de Campo Grande,

e forneceu alimentação e hospedagem aos grupos. Este festival, cuja realização inclui o Congresso anual da Federação, **pode ser considerado o primeiro**, cujo modelo estrutural é seguido, com algumas adaptações, até os dias de hoje.

ROBERTO COSTA queria também uma reaproximação com os órgãos nacionais instituídos e, para tanto, logo após a realização do Festival e Congresso, enviou um ofício ao INACEN, com relatório das atividades realizadas e projetos idealizados, mencionando um possível apoio financeiro ou estrutural por parte do instituto à

federação carioca.

Neste ano, o estatuto da Federação mudou mais uma vez, sendo instituídas algumas assessorias, que foram ocupadas estrategicamente por membros dos grupos, numa tentativa de criar um comprometimento maior dos integrantes com a Fetarj. Outra ação no mesmo sentido foi a sugestão de que fossem criadas associações regionais no interior e estas seriam filiadas à Fetarj. A estratégia era descentralizar e comprometer para unir e tornar a federação mais representativa. Registros informam as seguintes associações:

ATASF (Associação de Teatro Amador Sul-Fluminense – Barra Mansa/Volta Redonda/Resende e Rio Claro) – delegado Adair José;

ATACAR (Associação de Teatro Amador Carioca) representada por Carlos Henrique Pimentel;

ATASCAM (Associação de Teatro Amador de São João de Meriti/Duque de Caxias e Magé) – representada por Roberto Marques;

ATASPATRI (Associação de Teatro Amador de Sapucaia/Paraíba do Sul e Três Rios) representada por Joel São Tiago;

APTA (Associação Petropolitana) representada Sidney Carneiro;

ARTA: (Associação Regional de Teatro Amador de Campos, São Fidélis, São João da Barra, Cambuci e Italva), representada por Félix da Silva Carneiro.

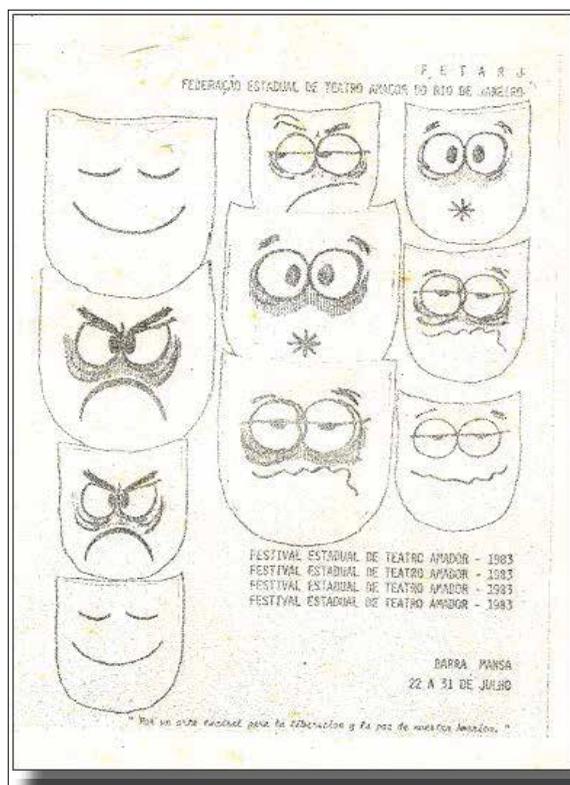
O Brasil fervia pela restauração dos direitos políticos e pelas eleições diretas. Em março de 1983, o deputado Dante do Oliveira enviara ao Congresso uma emenda constitucional visando o estabelecimento de eleições diretas para Presidente da República, e em abril de 84, a cidade do Rio de Janeiro foi cenário da maior manifestação popular da história do país, reunindo mais de um milhão de pessoas no centro da cidade, que percorreu toda a Av. Presidente Vargas e culminou na Igreja da Candelária.



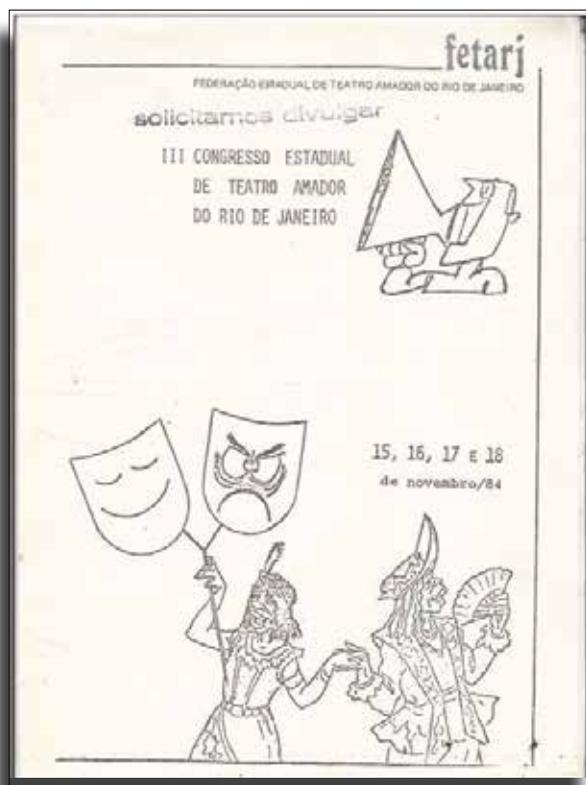
Volta Redonda recebeu o festival em 1983, apesar de ter sido cogitada a realização em Barra Mansa. Foi um desagravo ao ocorrido cinco anos antes, quando o evento foi alvo de uma tentativa de intervenção pelas forças ditatoriais. De 22 a 31 de julho, artistas de vários lugares do Rio de Janeiro cumpriam rotina de oficinas, debates e apresentações de espetáculos. Era a primeira vez que a Fetarj se afastava do eixo metropolitano da capital, rumo ao interior. Os melhores espetáculos escolhidos por um corpo de jurados, formado por um integrante de cada grupo participante foram: “O auto do lavrador na volta do êxodo”, teatro adulto, do Grupo do Sesc de Campos; e “O dia em que o guarda-chuva se apaixonou pela sombrinha”, na categoria infantil, do Grupo Vagamundo. Neste mesmo ano, no mês de outubro, a Fetarj apoia o Festival Scena Serrana, de Petrópolis, promovido pelo Grupo Corpo e, em novembro, realiza o II Congresso, em Campos dos Goytacazes.

A Fetarj estava definitivamente consolidada no Estado, tanto que, neste ano de 1984, o festival aconteceu no município de Três Rios, de 16 a 29 de julho, no Teatro Celso Peçanha. Os melhores espetáculos deste ano foram “Se a Alma não é Pequena”, de um grupo carioca e “Aluga-se para o verão”, do Grupo Ziembinski, de Cabo Frio. A federação apoiou o **II Festival de Teatro Amador Carioca**, promovido pela Associação de Teatro Amador Carioca (ATACAR) e concedeu ao vencedor, o direito de participar como convidado do festival estadual.

Havia um grande evento que era muito esperado por todos: o Festival Brasileiro de Teatro Amador, em Pernambuco, promovido pela federação daquele estado, a Feteape, e pela Confenata. Vinte estados brasileiros



estariam presentes e todos queriam participar. A diretoria da Fetarj, a princípio, deliberou que participaria o melhor espetáculo do festival estadual do ano anterior, mas em seguida, decidiu que todos os grupos e espetáculos do Estado do Rio poderiam se candidatar. Dez grupos enviaram propostas, e o escolhido foi o espetáculo “A Lição”, de Eugene Ionesco, do Grupo Gambiarra. Mas a Fetarj participou ainda com outras duas ações em Pernambuco. A primeira foi uma exposição no Salão Nobre do Teatro Santa Isabel, de dois grandes nomes do teatro pernambucano, o artista plástico e cenógrafo Aloísio Magalhães, e de PERNAMBUCO DE OLIVEIRA, cenógrafo, figurinista, dublê de ator, diretor e grande suporte de base de Paschoal Carlos Magno na realização de espetáculos shakespearianos como Romeu e Julieta e Hamlet, grandes sucessos do Teatro do Estudante. Outra ação importante da Fetarj neste em Pernambuco foi a instalação da Livraria Ver e Ler, no Centro de



Comunicação Social, mantendo à disposição dos participantes, além de dezenas de livros, diversos elementos cênicos tais como: sapatilhas, maquiagem, figurinos etc.

Em novembro, o município de Nova Iguaçu abrigou os participantes do III Congresso Estadual de Teatro Amador, que em suas quatro sessões plenárias, promoveu novas mudanças no estatuto social e elegeu uma diretoria provisória, que atuaria, impreterivelmente, até julho de 85, não havendo possibilidade de reeleição ou prorrogação daquele mandato tampão: Roberto Costa assumira um cargo na Prefeitura do Rio Talvez pelo fato do Congresso estar acontecendo em data e local diferentes do festival, houve um certo esvaziamento nas sessões plenárias, tanto que no primeiro dia, os presentes resolveram não levar a diante as discussões, apesar de haver quorum, por entenderem que o reduzido número de participantes poderia comprometer a qualidade das discussões e

conclusões ali tomadas. Ao final da quarta plenária, ocorrida no dia 18 de novembro, foi decidido que o IV Congresso aconteceria no mês de julho, concomitantemente com a realização do Festival Estadual. A diretoria provisória foi encabeçada por LAILA LANIA que assumiu a presidência ali mesmo no III Congresso, mas o cargo de vice-presidente ficou vago. Abigail Moreira assumiu a Secretaria Geral; Nelson Gomes e Janir Ferreira de Oliveira, a Diretoria de Finanças; José de Ribamar dos Santos foi eleito o diretor cultural; Otair Lopes da Silva, diretor de programação; e Cristina Lucia Silva dos Santos, diretora de divulgação.

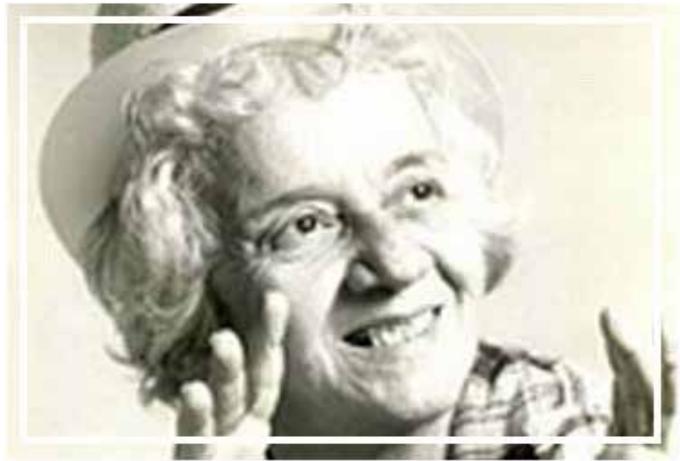
A cidade de Três Rios ficaria marcada para sempre na memória dos fetarjinos por um acontecimento que começou com uma brincadeira entre atores e acabou se transformando num rito místico de iniciação em todos os festivais a partir daí: o AGA. Segundo depoimento de Bernadete Bionde, um grupo de teatro participante daquele festival propôs a brincadeira de “batismo”, onde um ator ficava na porta de um recinto, todo vestido de preto. Os participantes, em fila, se aproximavam desta porta e, ao chegarem lá, eram vendados e introduzidos no recinto. O que se pode dizer é que, ao saírem, os participantes batizados estavam felizes, mas o que ocorria e o que ocorre dentro deste recinto até hoje é um mistério desvendado apenas pelos que têm coragem de romper o medo e adentrar no recinto de “batismo”.

O ano terminou com a eleição de TANCREDO NEVES, ainda que de forma indireta, mas pondo fim à ditadura militar. Tancredo, entretanto, morreu em abril de 1985, sem ter assumido a presidência. Em seu lugar ficou o vice-eleito, JOSÉ SARNEY, e as esperanças do brasileiro de ver emergir

a democracia foi adiada por mais alguns anos.

No Festival da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no bairro Maracanã, no Rio, em 1985, o tal grupo do ano anterior – que ninguém sabe dizer o nome nem de onde era – não foi, mas alguns atores já “batizados” em 84, resolveram repetir o ritual do batismo. Os grupos participantes estavam alojados no Colégio Estadual João Alfredo, no Boulevard 28 de setembro, em Vila Isabel, ao lado do Hospital Antônio Pedro. Como era mês de julho, a escola estava em férias escolares e os atores aproveitaram para realizar o ritual, já com o espírito dionizíaco que impera até hoje.

Este festival ainda foi realizado pela diretoria provisória presidida por Laila Lania, que conseguiu o patrocínio do Banco do Estado do Rio de Janeiro (Banerj) e apoio da Funarj e Inacen, o que garantiu a hospedagem do pessoal e a alimentação, embora tenha sido cobrada uma taxa simbólica de 800 cruzeiros por cada refeição. Estima-se que o custo total do festival



Elbe de Holanda, do GATIG (in memoriam)

tenha ficado em torno de 300 milhões de cruzeiros, dos quais 30 milhões foram oferecidos em patrocínio



Bernadete Biondi

pelo Banerj e o restante angariado em forma de apoio e participações dos grupos filiados. A abertura deste festival aconteceu no chamado Teatro dos Alunos, com apresentação de cenas

dos espetáculos que seriam apresentados nos dias do evento. Durante o festival, foram oferecidos alguns cursos e oficinas para os integrantes dos 15 grupos participantes, vindos de várias cidades do Estado do Rio de Janeiro, entre as quais, Resende, Volta Redonda, Barra Mansa, Três Rios, Campos dos Goytacazes, Cabo Frio e Petrópolis. Aliás, a região de Barra Mansa e a dos Lagos viviam uma efervescência cultural e, estimuladas pela Fetarj, criaram naquele ano suas associações, respectivamente a ABTA e a ATALAGOS. O cenógrafo Martingil, o diretor JOSÉ FACURY e a dramaturga SYLVIA ORTOF ficaram responsáveis pelos cursos oferecidos. Novamente, a comissão



Espectáculo “A noite de tereza Cibalena”, do Grupo Teatro Experimental Petropolitano, participou do Festival Estadual de Teatro Amador da FETARJ, em 1985, na UERJ.

julgadora foi composta por um integrante de cada grupo, que indicaram os quatro melhores espetáculos.

Como estabelecido, o IV Congresso aconteceu durante o Festival na Uerj e, entre as deliberações, foi eleita a nova diretoria, encabeçada pelo presidente Félix da Silva Carneiro que, entretanto, abandonou o cargo alguns meses depois. **ELBE LIMA DE HOLANDA** foi a vice de Carneiro, e Angela Ribas, **BERNADETE BIONDI**, Carlos Henrique Pimentel, Maria Helena Gomes, Antonio de Holanda, Andreia Virgínia, Peter Huffer e Paulo Roberto da Silva completavam o *cast*. O Congresso contou com a presença de autoridades ligadas aos órgãos apoiadores que discutiram juntamente com os delegados das associações regionais, vários temas, entre os quais a “relação do teatro amador com os órgãos de cultura do Estado” e o que se poderia fazer para “melhorar o nível de qualidade técnica, artística e cultural do Teatro Amador”. Sem dúvida os festivais da Fetarj estavam no topo da lista destas ações, uma vez que não só ofereciam uma troca de experiências entre grupos de vários pontos do Estado do Rio de Janeiro, mas também avaliações dos trabalhos realizados e discussões sobre novas técnicas apresentadas, além, é claro, dos cursos e oficinas oferecidos a cada edição.

Não havia dúvidas de que o movimento de teatro amador estava crescendo e se fortalecendo no Rio de Janeiro, mas sempre sob a sombra dos organismos públicos. Uma das causas atribuídas a isso era a volatilidade dos grupos que, em muitos casos, eram criados apenas para uma montagem, participavam de alguns festivais e, em seguida, ao término da jornada daquele espetáculo, o grupo se dispersava. Se o grupo obtivesse sucesso que lhes garantisse novas montagens, era comum que se afastasse do movimento em busca de um mercado mais, digamos, “profissional”. Esta volatilidade criava uma instabilidade no movimento e a permanente necessidade de obter comprometimento por parte dos grupos filiados. As assessorias criadas por Roberto Costa, em 1982, não cumpriram esse papel, como era esperado.

Uma outra mobilização acontecia naquele ano: o IV Encontro da Regional Sudeste, com o objetivo de, além das discussões em torno do andamento do movimento teatral de não-empresariais e de uma programação cultural para o ano seguinte, 1986, escolher representantes das federações estaduais para a regional sudeste junto à Confenata. Os rumos da Fetarj e sua relação com as outras federações também estavam na pauta, bem como a eterna discussão acerca da relação entre amador e profissional.

Campos no comando

Pode-se pensar, ainda hoje, que estar à frente da presidência da Federação fosse uma honra ou uma ascensão social; um marco de liderança ou um apontamento cultural, mas a realidade era (e é?) bem diferente. Numa avaliação primária do que foram os oito primeiros anos da Fetarj, vemos que, afora Almério Belém e Marco Antônio Pinheiro dos Santos, os outros presidentes não concluíram seus mandatos. Citar os motivos de cada um seria simplificar demasiadamente os conflitos pelos quais passava o movimento: amador ou não-empresarial ou independente; verbas públicas x dependência dos aparelhos ideológicos do Estado; e por aí iam as discussões. Os compromissos eram muitos, a responsabilidade do presidente maior ainda e tudo dependia tanto de verbas públicas e de patrocinadores normalmente ligados aos governos quanto da coordenação de dezenas de grupos no interior do Estado, numa época em que a comunicação ainda dependia de ficha telefônica e orelhão. Ou seja, a dedicação da diretoria tinha que ser muitas vezes maior do que as possibilidades tecnológicas e a disponibilidade das pessoas, que, ainda por cima, tinham que viabilizar sua sobrevivência, em muitos casos, também ligada às artes cênicas.

Em dezembro de 1985, os ofícios da Fetarj passaram a ser assinados por Edith Pereira dos Santos, eleita presidente em reunião do Conselho Superior, já que o presidente, FÉLIX CARNEIRO e o secretário geral, José Leon Zylbersztajn foram destituídos de seus cargos por faltarem a duas reuniões seguidas sem notificar. Os conselheiros se

apoiaram no Artigo 21, letra B, do Estatuto da entidade para propor as destituições, que foram aprovadas por unanimidade. Em relação à Confenata havia o impasse da proporcionalidade ser discutido, e alguns membros do Conselho já cogitavam o rompimento com a Confederação por causa disso e de outros impasses que iam se formando a cada reunião.

José Sarney tinha acabado de separar o Ministério da Cultura (MINC) do Ministério da Educação (que, ainda assim, permaneceu usando a sigla MEC) e em 2 de julho de 1986, promulgou a Lei Sarney, que ninguém entendia direito o que era nem como usar, mas que abriu caminho para outras mais elaboradas e mais condizentes com a realidade artística brasileira, como a Lei Rouanet, em 1990. Até aquela data, os incentivos fiscais do país se limitavam ao agronegócio, às indústrias têxteis e a mais algumas poucas outras, entretanto, a Lei Sarney continha brechas que tornavam a figura do produtor imprescindível para concessão de algum benefício. Isso só mudou com a Lei Rouanet, que eliminou a figura do produtor e partiu para a avaliação dos projetos como elemento normativo para a captação de recursos. Para os fetarjinos, ainda unidos sob alcunha de amadores, as leis de incentivo abriam espaço para se pensar em uma nova forma de associação que permitisse alguma remuneração pelo trabalho realizado. Muitos dos grupos filiados às associações e federações amadoras eram, na verdade, grupos associados, cooperativas, independentes ou não-empresarias, que vinham agrupados

nas instituições amadoras como forma alternativa de se manter no mercado. Nesse sentido, e ainda que naquele momento os “amadores” não tivessem percebido, as novidades indicavam mudanças que seriam sentidas nos anos seguintes.

Diante da fragilidade da Federação, a Associação Regional de Teatro Amador (ARTA), de Campos, assumiu a realização do Festival de 1986, bem como do V Congresso, com o apoio das outras associações regionais ligadas à Federação. Com uma estrutura nunca vista em nenhuma outra edição, o evento foi um grande sucesso. A ARTA conseguiu patrocínio de empresários locais, apoio de instituições e envolveu toda a imprensa e público locais. Cada grupo teve à sua disposição quinhentos folhetos específicos de seu espetáculo para distribuir, divulgando seu espetáculo. As apresentações aconteceram no Teatro de Bolso e no Teatro do Sesc, que disponibilizou, ainda, área de lazer aos participantes.

A Prefeitura de Campos, juntamente com a ARTA ofereceram troféus aos melhores em cada categoria. Houve, também, prêmio em dinheiro dado pelo Banerj aos melhores espetáculos, que foram selecionados por um júri composto de integrantes das associações

participantes. Os melhores espetáculos naquele ano foram os seguintes: “Brincando de Romeu e Julieta”, do Grupo Era uma vez - Rio de Janeiro, levou o prêmio de Melhor Ator para Jaime Martinez; “A Via Crucis do corpo”, do Grupo Corpus Mente – Rio de Janeiro, que ganhou também as categorias de Melhor Texto adaptado da obra de Clarice Lispector, Melhor Sonoplastia e Melhor Atriz, para Mônica Passos; “Falhando Sério”, do Grupo Se Colar, Colou – Rio de Janeiro; “Quando as máquinas param”, do Grupo Gatvc – Três Rios, que ganhou ainda a Melhor Cenografia; “Auto do Trabalhador”, do Grupo Ziembinski – Cabo Frio; “Transas, troças, tragédias e trombadas”, do Grupo Experimental Petropolitano – Petrópolis, que recebeu Menção Honrosa pelos 30 anos de trabalho desenvolvidos; “Apareceu a Margarida”, do Grupo Macunaíma – São João da Barra; e “As Incelenças”, do Grupo do Projeto Teatro na Escola – Campos dos Goytacazes, que, através do Grupo de Teatro do SESC, foi o município com maior número de prêmios: a peça “Eggus II” ficou com os prêmios de Melhor Espetáculo, Melhor Iluminação e Melhor Diretor, para Orávio de Campos.



A grandiosa repercussão do evento valeu-lhe telegramas de congratulações e escusas por não poderem estar presentes de ninguém menos que o Presidente da República, José Sarney, do Governador Leonel Brizola, e de diversos deputados e vereadores.

| PMERJ CECOPOM - PCG | | AUTENTICAÇÃO | | |
|------------------------|---|--------------|----|-------|
| PREÂMBULO | COP GAB GOV Nº 2236 | 40 | 24 | 13,00 |
| ENDEREÇO | AO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO REGIONAL DE TEATRO AMADOR AVENIDA 15 DE NOVEMBRO Nº 35 CENTRO CAMPOS-RJ | | | |
| TEXTO | AO AGRADECER O AMAVEL CONVITE PARA A SOLENIDADE DE ABERTURA DO FESTIVAL E 5 CONGRESSO ESTADUAL DE TEATRO AMADOR PEÇO QUE ACERTE E TENHA A GENTILEZA DE TRANSMITIR A TODOS OS ASSOCIADOS MEUS MAIS VIVOS CUMPRIMENTOS COM VOTOS DE PLENO ÊXITO NAS PROGRAMAÇÕES PREVISTAS PT CORD SDS | | | |
| ASSINATURA | LEONEL BRIZOLA GOVERNADOR RJ | | | |
| RECIBO DE | Ul/D6/1330/24/07/86 AM-13 | | | |

| | | |
|-------------------------------|---|---|
| TELEGRAMA CONFIRMAÇÃO A | 21196 Z NTCP | TELEGRAMA FONADO É CÔMODO, TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS. |
| | 21102 D RJRJ | |
| ECT | 2172315 | TELEGRAMA FONADO É CÔMODO, TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS. |
| TELEGRAMA CONFIRMAÇÃO A | INDI 05154 3107 2051 SIT/OP(059) BRASILIA/DF | |
| ECT | TELEGRAMA | TELEGRAMA FONADO É CÔMODO, TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS. |
| TELEGRAMA CONFIRMAÇÃO A | CAMPOS/RJ | |
| ECT | INDSAB BR | TELEGRAMA FONADO É CÔMODO, TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS. |
| TELEGRAMA CONFIRMAÇÃO A | 611451PREFF BR PREB RNF 2780 00 311500P DSI | |
| ECT | ILMA SRA MARIA HELENA GOMES DA SILVA PRESIDENTE DA ASS REGIONAL DE TEATRO AMADOR AV XV DE NOVEMBRO 35 - CENTRO CAMPOS - RJ | TELEGRAMA FONADO É CÔMODO, TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS. |
| TELEGRAMA CONFIRMAÇÃO A | NR 0983 DE 31.07.86 - INCUMBIU-ME O SENHOR PRESIDENTE DA REPUBLICA DE AGRADECER A VOSSA SENHORIA O CONVITE PARA A SOLENIDADE DE ABERTURA DO FESTIVAL E V CONGRESSO ESTADUAL DE TEATRO AMADOR PT LAMEN TANDO NAO TER PODIDO ACERTAR-LC SOLICITEU-ME ENVIAR A VOSSA SENHO RIA MENSAGEM DE CONGRATULACOES ET INCENTIVO PELA REALIZACAC DESSE EVENTO PT ATENCIOSAMENTE VG ENBAIXADOR C. E. DE A. ALVES DE SOU ZA - CH CERIM PE | |
| ECT | MINNE | TELEGRAMA FONADO É CÔMODO, TELEFONE PARA A ECT HOJE E PAGUE DEPOIS. |
| TELEGRAMA CONFIRMAÇÃO A | 60250000 BR 611451PREFF BR | |

Campos conquista a presidência da Fetarj

O novo presidente da FETARJ - Federação de Teatro Amador do Estado do Rio de Janeiro - é José Carlos Passos, eleito durante o V Congresso de Teatro realizado, no Campus do SESC de Jaboatão e 3 de setembro, portanto, nos seus trabalhos e atividades para dentro e fora do grupo regional para "seguir trabalhando" no "mundo do teatro".

Participaram do SESC - 30

TEATRO

Teatro amador: festival começa na noite de hoje

O V Congresso e Festival Regional de Teatro Amador será aberto hoje, às 20 horas, no Palácio da Cultura. A programação é de Fundação Estadual de Teatro Amador, com a realização da Associação Regional de Teatro Amador.

Grupos de vários estados do Estado do Rio de Janeiro estarão participando do evento que irá até o dia 3 de agosto, com espetáculos diários. Pela primeira vez Campos está sediando o Congresso e o Festival de Teatro Amador. De acordo com Maria Helena Gomes, presidenta da ARTA, trata-se de um grupo tão importante que não dá mais importância às suas duas associações: nem as suas reuniões, pois foram feitas de tudo o Estado que poderá constar, que as pessoas que fazem Teatro em Campos, mesmo diante de tantas dificuldades, vivem a coisa a sério.

O vice-presidente da Associação Regional de Teatro, Antônio Ferreira, afirma que muitas dificuldades foram superadas para a realização do Congresso e do Festival, no entanto, após muita luta, a realização foi possível, devido principalmente ao engajamento das pessoas envolvidas. "Consegi-

mos a participação de teatro de teatro, mas o apoio das Secretarias Estaduais de Educação e Cultura e Cultura. Emitemos um ofício à Prefeitura Municipal, mas não tivemos esse objetivo repositivo".

As peças que serão representadas são as seguintes: dia 27 - "Brincando de Romeu e Julieta" - Grupo Varrão Era uma Vez - Rio de Janeiro - 16 horas, no Teatro de Bofo; "Aconteceu num lugar que não existe" - Grupo Adôlcio de Sousa - Volta Redonda - 21 horas, no SESC; Dia 28 "Senhores de Liberdade" grupo Nôis por Exemplo - Nova Iguaçu - 16 horas, Teatro de Bofo; "No país do Pãozinho" - Grupo Tatuagem - Niterói - 21 horas, teatro do SESC; Dia 29 "Falando Sério" - Grupo Se Color Color - Rio de Janeiro - 16 horas, Teatro de Bofo; "As Incógnitas" - Grupo do próprio Teatro na Escola da ARTA/SESC/CREC - Campos - 21 horas, no SESC; Dia 30 "Mãos Moleças" - Grupo Oba Nós Ai - Rio de Janeiro - 16 horas, Teatro de Bofo; "Via Creta do Corpo" - Grupo Capuz Meite - Rio de Janeiro

FESTIVAL DE TEATRO I — O Festival de Teatro Amador realizado durante uma semana em Campos teve um saldo bastante positivo em termos de público. O nível das peças apresentadas, segundo os entendidos, não foi dos melhores, mas, mesmo assim, conseguiu prender a atenção principalmente dos jovens que, tanto no teatro do Sesc, quanto no de Bofo conseguiram lotar as dependências de manhã e à noite.

06/08/86

FESTIVAL DE TEATRO II — A vitória de Eggus II, dirigida por Orávio de Campos, não se constituiu em novidade. Antes mesmo do início do Festival a peça já era apontada como uma das favoritas. Como aconteceu em todas as competições, os descontentamentos não deixaram de acontecer. Muita piuma e disse-me-disse. Que em nada, certamente comprometerá a intenção dos organizadores do evento.

06/08/86

ARTA AVALIA FESTIVAL DE TEATRO

A presidente da Associação Regional de Teatro Amador (ARTA), Maria Helena Gomes, disse ontem que "a nossa reunião amanhã (hoje), tem por objetivo, promover uma avaliação, não só do V Festival e Congresso Estadual de Teatro Amador, que realizamos recentemente, como também, avaliarmos todo o desempenho da ARTA, neste primeiro semestre".

O Festival atingiu seus objetivos, que era o congraçamento e troca de informações entre os artistas amadores do Estado. Foi durante uma semana, um movimento muito bonito que fez com que nossa cidade acordasse e descobrisse que a vida não se restringe apenas da porta de nossa casa até ao nosso trabalho ou escola, etc.

PREMIAÇÕES

A reunião que será realizada hoje, às 19:30 hs., no Teatro de Bofo, contará com a presença dos diretores de grupos filiados a ARTA e os diretores das associações. "Nós queremos nossa reunião apresentar um relatório aos diretores dos grupos, principalmente aos que não participaram do Festival e Congresso do que aconteceu durante o Festival".

Vamos dar ciência aos filiados das peças premiadas, através do júri das associações e que receberam Cz\$ 16.000,00, em prêmios, oferecidos pelo Banerj, além do júri da Secretaria Municipal de Educação, que ofereceu o Troféu José Carlos Barbosa, juntamente com

a Associação, para aqueles que foram considerados os melhores do Festival.

O júri das associações premiou os seguintes espetáculos: "Brincando de Romeu e Julieta"; "A via crucis do corpo"; "Falando Sério" (todos do Rio); "Quando as Máquinas Param" (Três Rios); Auto do Trabalhador (Cabo Frio); "Transas, Troças, Tragédias e Trombadas" (Petrópolis); "Apareceu a Margarida" (São João da Barra); "As Incógnitas" (Campos).

E o júri da Secretaria de Educação do município, conferiu os troféus aos seguintes espetáculos e artistas; "EGGUS II", do Grupo do Sesc, recebeu os troféus de melhor espetáculo, iluminação e diretor — Orávio de Campos — melhor atriz, Mônica Passos — Via Crucis do Corpo — que abocanhou também os troféus de melhor texto e sonoplastia.

Receberam troféus ainda o ator Sílvio Carneiro, da peça Brincando de Romeu e Julieta, o melhor cenário ficou para Quando as máquinas param, de Três Rios; e o grupo TEP, de Petrópolis, recebeu menção honrosa, pela apresentação da peça "Transas, Troças, Tragédias e Trobadas".

Outro ponto abordado por Leninha Gomes, foi a eleição da nova diretoria da Federação Estadual de Teatro Amador (FETARJ), "que conta com a participação de três campistas, o que dará a nós (campistas) uma melhor condição para recebermos dos órgãos públicos, sediados no Rio de Janeiro, uma atenção melhor".

06/07/86

PMC e ARTA oferecem prêmios a vencedores do Festival

Os membros do Conselho de Teatro do Estado do Rio de Janeiro, a Associação Regional de Teatro Amador (ARTA) e a Prefeitura Municipal de Campos, oferecerão prêmios aos vencedores do V Festival e Congresso Estadual de Teatro Amador, realizado no Campus do SESC de Jaboatão e 3 de setembro.

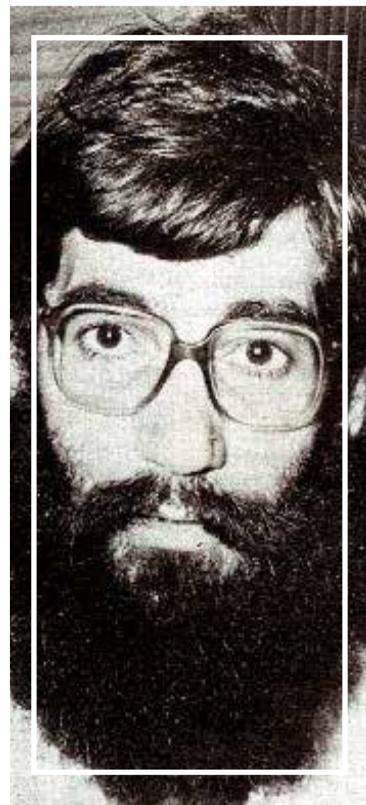
A Prefeitura Municipal de Campos oferecerá o Troféu José Carlos Barbosa, em homenagem ao fundador da Prefeitura Municipal de Campos, José Carlos Barbosa, que morreu em 1931.

A Associação Regional de Teatro Amador (ARTA) oferecerá o Prêmio de Melhor Ator e Melhor Atriz, em homenagem ao ator Sílvio Carneiro e à atriz Mônica Passos, que foram premiados no V Festival e Congresso Estadual de Teatro Amador.

A Prefeitura Municipal de Campos oferecerá o Prêmio de Melhor Espectáculo, em homenagem ao espetáculo "Eggus II", do Grupo do SESC de Jaboatão.

O V Congresso de Teatro Amador do Estado do Rio de Janeiro aconteceu no Palácio da Cultura e, apesar de ter em pauta alguns temas de discussão, apenas elegeu a nova diretoria, cujo presidente era, ninguém menos que AVELINO FERREIRA que, vice-presidente da ARTA Campos, realizara o grandioso Festival de Teatro de 1986, dando à Fetarj um novo impulso. José Facury, de Cabo Frio, também bastante atuante no movimento, foi eleito para o cargo de vice-presidente

e Maria Helena Gomes, do Grupo Cena 7, de Campos, assumiu a Secretaria Geral. Ângela Ribas, Carlos Henrique Pimentel, Bernadete Biondi e Antonio Roberto Cavalcanti ocuparam, respectivamente, as diretorias de finanças, programação, cultura e de divulgação. Destes nomes, o único que não cumpriu a integralidade de seu mandato – então de dois anos – foi o Antonio Roberto Cavalcanti, que precisou ser substituído por Álvaro Ferreira, logo no ano seguinte.



Dez anos

Avelino Ferreira, cujo nome de batismo é Alvanir Ferreira Avelino, tinha um jeito arrojado de dirigir a Federação e, mesmo não tendo agradado todo mundo, levou adiante o movimento enfrentando os percalços, batendo em portas nunca antes abertas e falando o que precisava ser dito. Aliás, este era o espírito de um Brasil que preparava uma nova carta magna: a Constituição de 1988. Em fevereiro de 1987, 559 congressistas tomavam posse para a Assembleia Nacional Constituinte, liderados por ULISSES GUIMARÃES, que levantou em suas mãos a Constituição Cidadã, em 5 de outubro de 1988, no Congresso Nacional.

Muito animado em tocar pra frente o bonde dos amadores, Ferreira preparava mais um grande evento, desta vez também para celebrar os dez anos da federação, e o festival e VI Congresso aconteceram na cidade de Barra Mansa, em julho de 1987, com algumas mudanças importantes. Uma delas foi que a seleção dos espetáculos não mais seria realizada pelas associações e sim por uma comissão da própria federação, outra foi a gratuidade das refeições, que, até então, eram cobradas, apesar de simbolicamente, e cada grupo selecionado recebeu mil cruzeiros de ajuda para transporte. Em contrapartida, a arrecadação com a bilheteria dos espetáculos, que antes era dividida entre a Fetarj e os grupos, seria totalmente revertida para a primeira. O Minc/Inacen, a Fundação Educacional e a Prefeitura de Barra Mansa patrocinaram o evento, já o Governo do Estado do Rio de Janeiro, do governador Moreira Franco, ficou de fora pela primeira vez nos dez anos da Fetarj.

festival estadual de teatro amador



25 de julho
à
02 de agosto/87
SESC - BARRA MANSA

LAY-OUT E ARTE DESSA REVISTA

FOTO GUERREIRO DE PAULA

PROMOÇÃO FETARJ

REALIZAÇÃO FETARJ-SESC-F



APOIO CULTURAL

INACEN-SBT-MINC

PREFEITURA MUNICIPAL DE BARRA MANSA



Oficinas obtêm êxito além do esperado

As oficinas ministradas pelos professores Chico Lima Netto (voz), João Siqueira (texto) e José Facury (direção), e da forma como a Fetarj havia discutido amplamente com os próprios amadores nas reuniões e Conselhos, obtiveram o êxito desejado e reforçaram o projeto ROLA TEATRO, que foi colocado como "uma grande idéia que vai fazer o movimento avançar de verdade". Para as oficinas, houve limitação de pessoas e as mesmas foram realizadas em diversos espaços, sempre com os grupos que se apresentaram no dia anterior como base. Página 7.



Momento de oficinas

A FETARJ comemora dez anos

Os 10 anos da Fetarj foram comemorados neste Festival e Congresso de diversas formas, entre as quais 06 painéis com parcela ponderável de sua história em matérias de jornais, cartazes e fotos, uma palestra dos ex-presidentes (Almirio Belem, João Siqueira e Laila Lânia), do atual presidente, com depoimentos de Maria Helena Khunmer, distribuição de camisas com o logotipo próprio e canetas.

Também, na etapa científica do Congresso, constatou um debate sobre a importância da organização e uma estrutura capaz de suportar pressões, a partir da própria história da Fetarj que foi fundada assim como a Fenata e depois Confenata) num momento muito difícil da vida brasileira, quando a repressão ainda era violenta. E sobreviveu a tudo.

Os 50 anos do Grupo de Amadores Teatrais Viriato Corrêa, de Três Rios, também debatidos no Congresso, também serviram para reforçar a tese de que a organização é fundamental para a sobrevivência de qualquer movimento. E os 10 anos da Fetarj, com muitos altos e baixos, mas vencendo sempre os obstáculos, serviram de exemplo para muitos grupos. Enfim, os 10 anos da Fetarj foram muito bem comemorados, no seu melhor Festival.



Almirio e Avelino

A abertura do evento foi uma emocionante passeata pelo centro de Barra Mansa, que culminou com a apresentação do divertido “*Rebu da Abertura*”, onde a personagem “Fetarjina” contracenava com o apresentador do evento e com o presidente Avelino Ferreira, que apresentava os grupos participantes, entre eles, os três vencedores do Festival: “Danças e sequestros em movimento”, do Grupo Poeta Me Deixa Dormir – Rio de Janeiro; “Sapo vira rei, vira macaco”, do Grupo de Theatro Dona Eugênia – Nova Friburgo; e “O homem elefante”, do Grupo Etapa – Paty do Alferes. Uma curiosidade é que o grupo de Paty do Alferes só foi premiado após a recontagem de votos. Antes havia sido atribuído o prêmio ao Grupo Arte e Ofício, de Valença, que apresentara o espetáculo “Minha terra tem...”, acabando por ficar em quarto lugar.

A comissão julgadora era composta por: João Siqueira – ator e diretor; Marcia Machado – atriz e representante da Associação Livre dos Trabalhadores Autônomos em Arte Cênicas (ALTAAC);

Francisco Lima Netto – professor de voz e cantor; José Facury – ator, diretor; ÁLVARO FERREIRA – ator, diretor; Carlos Alberto da Silva Pimentel – ator, professor e técnico em teatro do SESC Barra Mansa; e João Ewerton, que encaminhou o voto da comissão composta por um membro de cada grupo participante no festival. A redemocratização do país envolvia a todos naquele momento, por isso, além do corpo de jurados da Federação e da comissão dos participantes, havia ainda, o júri da comunidade, formado por: José Joaquim Silva – artista plástico, professor de literatura portuguesa, psicólogo e padre; Maria Alice Leal Alves – comunicóloga, musicista e secretária executiva do Conselho de Cultura de Barra Mansa; e Miguel Ângelo Mello Vieira – psicólogo, diretor do Grupo Estudantil de Amadores em Teatro da Fundação Educacional de Barra Mansa (FEBAM). Este Júri da Comunidade atribuiu troféus em diversas categorias aos melhores do evento, a saber: Marcelo Draia (“O Homem Elefante”, Grupo Etapa, de Paty do Alferes) e Andréia

Virginia Schifflin (“Sem você meu amor...”, Grupo Corpo, de Petrópolis) levaram os troféus de Melhor Ator e Melhor Atriz, respectivamente; O Melhor Texto Amador foi atribuído a João Ewerton, por “Minha terra tem...”; Sidney Carneiro (Grupo Corpo, de Petrópolis) venceu a categoria de Melhor Diretor, com o espetáculo “Sem você meu amor...”, que também ganhou melhor iluminação; O município de Três Rios levou os troféus de Melhor Cenário, para Teca Miranda, e Melhor sonoplastia, para Cristina Carvalho, com o espetáculo “A idade do sonho”, do Grupo Gativic. Além destes, os atores Luciene Martes, de Barra Mansa e Sérgio César, de Valença, conquistaram o Prêmio Revelação dado pelo Júri da Comunidade.

A comunidade amadora ficou bastante ressentida com a falta de apoio do Governo Moreira Franco não só ao evento que marcou os dez anos da Federação, mas à Federação em si, que, tinha recebido do ex-governador Leonel Brizola muito mais respaldo, inclusive disponibilizando uma sede no Teatro Armando

Gonzaga, em Marechal Hermes, onde ficavam guardados os documentos fiscais e históricos da Federação. Destituída de sua sede, estes documentos continuaram ali guardados por mais algum tempo, porém de forma inadequada, amontoados num canto qualquer do teatro, o que prejudicou e prejudica até hoje, o resgate da memória do movimento, já que circulando de um lado para o outro do Estado, muitos documentos se perderam.

Outro ressentimento dos amadores foi a ausência da Confenata no evento, que sequer enviou representante, telegrama ou qualquer outra forma de justificativa. Este fato, associado ao que os integrantes da Fetarj chamaram de tratamento discriminatório com o Rio de Janeiro, rendeu muita discussão e uma proposta de desfiliação da Confederação durante o VI Congresso realizado concomitantemente ao Festival em Barra Mansa. Essa proposta foi retirada pela Mesa Diretora que explicou que não se deveria julgar a entidade por atos de apenas uma diretoria.

O VI Congresso Estadual de Teatro Amador também apresentou inovações em seu formato, tendo sido dividido em duas etapas, uma científica e outra política. Esta discutia basicamente a relação com as instituições públicas, principalmente com o Sbat, Inacen e Censura Federal. Um manual de elaboração de projetos, elaborado por Roberto Costa foi posto em discussão e posteriormente distribuído aos delegados para que repassassem às suas associações e estas aos grupos filiados. Neste Congresso foi aprovado o **Projeto Rola Teatro**, que permanece até hoje, com alguns pequenos ajustes. Na época, os três espetáculos escolhidos numa edição do festival da Fetarj ganhavam o direito de

O Auto do Lavrador



Teatista, o mais antigo ator de Barra

ELENCO

Lavrador..... Cezário Martins
Mato Santa..... Leonice Paraná
D. Clemência..... Ana Bell Braga
Jocelina da Hora

Vaidoso..... Carlos Pereira
Capotez..... Avellino Ferraria
Polizão..... Juarez Nogueira
Zé Pagnolo..... João

Lavradores..... Nazareth da Hora
Júlia Pórcia
Tatiko La Pórcia
Sílvia Andréia Ratzel

Ferreiras..... Jocelina da Hora
Joana do Carmo
Tereza

Velhos..... Luiz Cláudio
Luiz Roberto

Chanças..... Odirio Filho
Nelson da Hora
Luiz Sandro
Mara Thomas Avellino
Rogério

Lavradores..... Ludrinda Medeiros
Werrington Miranda
Carmem Barreto
Luciana da Cruz
Anelise Campos
Jana Ratzel
Renato Gomes
Vera Thomas

Instrumentistas..... Carlos Acerra
(Atribuído)
Margarete Lima
(Violão)

Iluminação..... Adriano Campos
Guarda-roupa..... Pesquisas do Grupo

Músicas..... Vivian Rangel Braga
Conecção..... Anselmo Jordani
Assistente Dir..... Ana Bell Braga
Relações Públicas..... Avellino Ferraria

Auxiliar social..... Isabel Moreira
Coordenação..... Jucelia Ramos
Monteiro

Direção Geral
Odirio de Campos

PRÊMIOS

O Auto do Lavrador na Volta do Estado, da autoria do professor Odirio de Campos, surgiu em 1982 e hoje, cinco anos depois, já conquistou todos os prêmios importantes em termos de teatro amador no Brasil, inclusive batendo o recorde de apresentações, sendo o texto de autor completo mais famoso em toda a história de seu teatro.

Entre outros prêmios, o Auto conquistou o 1º lugar no Festival Estadual de Teatro Amador (1983), em Volta Redonda; Destaque de Teatro de Promoção de Teatro Mundo (1984), Projeto de In-terior: Rio de Janeiro; Finalista no Concurso de Dramatúrgia de Casa de Luz Americas, em Cuba (1985), projeto Anchieta, pelo Centro Cultural Porto de São Matias.

Visto por mais de 100 mil espectadores, o Auto permanece intacto em sua proposta teatral, recebendo agora o apoio do Ministério da Reforma Agrária, Ministério da Cultura e Instituto Nacional de Artes Cênicas no desenvolvimento do Múdião Cultural-87.

circular pelo Estado incluídos no Projeto. A etapa científica discutia o microespaço, ou seja, a evolução do movimento a nível de grupo, tanto na administração dos mesmos quanto ao desenvolvimento técnico das montagens, o que, aliás, era uma preocupação frequente, já que, sem escolas de teatro, nem cursos técnicos no interior do Estado, os grupos careciam de informações que elevasse a qualidade técnica dos espetáculos. Pensando nisso, ainda nas reuniões do Conselho Superior que precederam o Festival e o VI Congresso, foi determinada a volta das oficinas técnicas, que haviam sido suspensas no ano anterior. Entretanto, as oficinas seriam integradas, ou seja, os três oficinairos – professores gabaritados – trabalhariam juntos e a partir das apresentações ocorridas no dia anterior, aproveitando os encontros também para a

avaliação destas apresentações por parte de todos, inclusive e principalmente dos grupos que se apresentaram. Os trêsicineiros em Barra Mansa foram: Chico Lima Netto, João Siqueira e José Facury, que ministraram,

respectivamente, oficinas de voz, texto e direção. Ao final do trabalho e levados pelo sucesso das oficinas e pela necessidade de registro daquela nova experiência, os professores redigiram um relatório, que

transcrevemos abaixo:

Ao sermos convidados pela atual diretoria da Fetarj para realizar em Barra Mansa durante o festival de Teatro Amador do Rio de Janeiro, três oficinas que abrangessem áreas específicas de dramaturgia, direção e voz, optamos, após algumas reuniões, por configurá-las num só contexto já que a melhor prática teatral isenta-se de tais compartimentações.

Como os critérios seletivos dos espetáculos tinham definidos em Conselho, ou seja, das 12 encenações apenas três melhores é que participariam do Evento "Rola Teatro" objetivando intercâmbio cultural entre vários municípios fluminenses e já que esse mesmo Conselho aprovou nossa decisão de que as oficinas se processariam a partir das peças assistidas na véspera - adulto/infantil -, procuramos nos direcionar por essas mesmas coordenadas.

Mesmo subsidiados por algumas clarezas decorrentes das várias reuniões entre nós três, que teve como objetivo delinear a estratégia mais conveniente aos participantes, geradora ideológica da troca, a prática nos obrigou a reverter alguns critérios. Esse processo de reavaliação permanente apenas serviu para enriquecer nossas reflexões.

Tínhamos, a priori, somente a nível de organização burocrática, mapeado horários e seqüências dos espetáculos para não nos perdermos, mas comprovadamente confirmou-se que da anarquia e bagunça, também se processam convivências dialéticas. O improvisado era permanente e não raro mesmo com nossas experiências teatrais de longos anos, embaralhávamo-nos ante as várias perguntas curiosas já que não tínhamos receitas nem conteúdo

ou estéticas.

Às vezes, por também fazermos parte da Comissão Julgadora, nos conflituávamos nessa dualidade, pois cada um dos três tinha seu espaço e hora para analisar cada trabalho sob prismas específicos da direção/texto/voz, mas objetivando concomitantemente a desmistificação do compartimentado.

Por virmos há vários anos refletindo sobre a socialização das idéias e propondo nas oficinas que os espetáculos apresentados na tarde e noite do dia anterior expusessem suas trajetórias e informassem aos outros 20 (vinte) amadores renovados por outros 20 diariamente todo o processo causador do seu trabalho, fomos criando um clima de interação grupal que gradativamente foi assumindo ares de Método Livre.

Quando chegávamos na sala, por volta de 8:30, após o café, José Facury propunha aos dois grupos da véspera e aos outros 20, que diariamente se alternavam, um esquentamento e memorização do gestual de alguns personagens vividos pelos atores presentes. Os outros tentavam reproduzir os mesmos gestuais. Após esses jogos então, é que o grupo se expunha.

Depois da apresentação muito livre e espontânea, já que sentávamos todos em roda, João Siqueira fazia a análise reflexiva sobre os textos infantil/adulto -, sua função histórica, carpintaria dramaturgica e de como ele estava inserido num contexto teatral de nosso estado, com proposta renovadora ou não. Procurando sempre nos guiar pelos princípios democráticos que buscam incentivo às diferenças, saímos desse processo bastante enriquecidos já que nos afastamos conscientemente da Ideologia Modelar. Peças de autores regionais, adaptações de poemas, traduções e originais, esse foi o panorama do Festival dos 10 anos da Fetarj. Algumas bem, poucas mal e outras razoavelmente resolvidas.

Em seguida José Facury discorria sobre a direção dos espetáculos da véspera, cenografia, figurinos

e iluminação. Também sempre procurando não fazer comparações, mas sim aprofundar as opções estéticas de cada diretor e de como se resolveu em sua proposta.

Após José Facury, Francisco Lima Netto analisava a musicalidade em todos os níveis: Canto, projeção, harmonia entre voz e corpo, articulação, relaxamento das cordas vocais, cornetos, etc. Como esse professor trabalha com corpo e voz, já que é foniatra, os participantes tiveram a rara oportunidade de conviver com um profissional dos mais competentes já levados a um festival.

Essa primeira etapa encerrava-se com a apresentação de uma cena por cada um dos dois grupos e em seguida nos separávamos. Francisco na sala com os atores da véspera desenvolvia técnica de corpo/voz e João Siqueira/José Facury desciam para o pátio com duas turmas. Dez cada. Meta: Teatralizar a cena com o objetivo de acrescentar subsídios aos grupos dos espetáculos da véspera. Após esses processos, fazia-se uma avaliação de tudo e o papo então rolava. Isso como já foi falado, proporcionou o companheirismo e nunca, de todos os encontros e festivais já presenciados por nós e também segundo a opinião de vários atores e atrizes, ocorreu tamanha integração e espírito crítico. Algumas pessoas vieram nos falar que tinham aprendido a ouvir críticas e também fazê-las, objetivando seus crescimentos e do próprio Teatro.

Esse trio de oficinairos recebeu convite de um dos diretores do GATIVIC de Três Rios para apresentar um projeto semelhante àquele grupo e que seria desenvolvido ainda esse ano, consequência é lógico, da ótima repercussão do nosso método, que se baseia como já foi dito na socialização das idéias e que proporciona a troca entre educadores e educandos. (Rio de Janeiro, 10 de agosto de 1987. Assinam os três profissionais)

NOTAS:

- 1 Milagre econômico brasileiro é o nome dado a uma época de “excepcional” crescimento econômico, durante o Regime Militar no Brasil, entre 1968 e 1973, também conhecido como “anos de chumbo”. Nesse período do desenvolvimento brasileiro, a taxa de crescimento do PIB saltou de 9,8% a.a. em 1968 para 14% a.a em 1973, e a inflação passou de 19,46% em 1968, para 34,55% em 1974². Entretanto, apesar do “milagre”, houve aumento da concentração de renda e da pobreza, ou seja...
- 2 Kühner, M.H., Teatro Amador, radiografia de uma realidade, Rio de Janeiro, INACEN, 1987.
- 3 Kühner, M.H., Teatro Amador, radiografia de uma realidade, Rio de Janeiro, INACEN, 1987.
- 4 REVISTA DIONYSOS, n 25, SNT/FUNARTE, Ministério da Educação e Cultura, 1985, p.5
- 5 REVISTA DIONYSOS, n 25, SNT/FUNARTE, Ministério da Educação e Cultura, 1985, p.58
- 6 grifo da autora
- 7 Regulamentação das profissões de Artistas e de técnico em Espetáculos de Diversões
- 8 Documento assinado por João Siqueira, destinado à Comissão Executiva do I Seminário, datado de 15 de fevereiro de 1979.
- 9 “Sobre a ordem, a desordem, a confusão e a Feticj no meio disso tudo”, texto de uma circular distribuída pela Comissão de Estudos instituída, junto com outras duas, para a organização do II Encontro, em 1979.
- 10 Joãozinho = João Siqueira; Gilda = Gilda Guilhom; Beбето = Carlos Alberto dos Santos

NOMES EM VERSALETE: veja referências no capítulo “Personagens dessa nossa história”.

Cenas do Rio: mostras, festivais e
outros carnavais



Nestes quarenta anos de Federação, nunca foi possível reunir todos os documentos em um só lugar, como agora fazemos, cientes de que muita coisa ainda está perdida, guardada ou esquecida por aí.

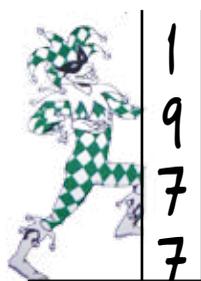
Estes registros que seguem são produto de uma pesquisa que partiu de documentos encontrados e reunidos aqui na sede da Editora Cartolina, em Araruama, onde foram analisados e dispostos em pastas ano a ano, como deve ser. Documentos como atas, regimentos, estatutos etc., nos mantiveram numa verdadeira maratona para decifrar o que valia e o que era apenas cópia, já que apenas alguns estavam com carimbo de registro em cartório.

Com as fotos precisamos montar um quebra-cabeça, pois a maioria não tem referência. Assim, fotos de espetáculos, por exemplo, precisamos comparar com registros nos informativos e jornais da época em que foram tiradas. Sorte a nossa que o site da Biblioteca Nacional mantém atualmente um enorme acervo digital de jornais e revistas, onde pudemos pesquisar e comprovar alguns dados. Entretanto, nem tudo. Alguns fatos, só mesmo nos baseando e confiando na memória dos que viveram esta história.

Em relação aos títulos dos eventos, ocorre que muitas mudanças aconteceram ao longo destes anos. No início eram mostras, depois passaram a ser festivais. Alguns registros constam como independente, outros amadores e outros associativos, ou seja, mudaram várias vezes. Alguns festivais tiveram a alcunha de Multimídias, outros de Linguagens, mas desde 1996, mantém o nome de Prêmio Paschoalino.

Como verão os leitores, faltam informações em alguns anos, e algumas ainda nos geram dúvidas; podemos ter errado em algum momento e nos desculpamos se trocamos algum nome de grupo ou deixamos de registrar algo em algum momento, mas esta história ainda não acabou, portanto, vamos continuar vivendo-a e contando-a. É assim que nossa história segue em frente!





I Mostra de Teatro Amador

Município: São João de Meriti

Local: SESC

Quando: de 19 a 31 de julho de 1977.

Avaliadores: Luiz Mendonça; Maria Helena Kühner; Licínio Neto; José Luís Liggiero;

Rubens José Carneiro da Silva

Algumas características:

Sem caráter competitivo; Participaram 24 grupos;

Grupos Participantes e seus espetáculos:

Infantil:

Grupo Asfalto Ponto de Partida: “Sim, som, sonho”;

Grupo Absurdo: “Descobrimo a Descobrir”;

Grupo Click: “O Encantado mundo vazio”;

Grupo Tolen: “Pedrinho bolinha de sabão”;

Grupo Apocalipse: “A Colher Mágica de Monsieur Lóló”;

Grupo GAS: “O Casaco Encantado”;

Grupo Solus: “O Pequeno Príncipe”.

Adulto:

Grupo Candeia: “Sonata em Dó para 3 Executantes”;

Grupo Grutej: “Transe”;

Grupo Teresópolis: “Angelina Fiorenti”;

Grupo Baal: “Arrabal, Baal, Babilônia.”;

Grupo Quebra Cabeça: “Nós ou sem pé nem cabeça como essa coisa chamada vida”;

Grupo Buraco no Pano: “Vigília”;

Grupo GAMA: “Um Grito parado no Ar”;

Grupo Serrote: “Liberdade? Liberdade?”;

Grupo Dia a Dia: “Maria e seus 5 filhos”;

Grupo Múcio da Paixão: “Avatar”;

Grupo Candelabro: “Rádio em 1 ato”;

Grupo Souza Marques: “Transe”;

Grupo G3: “Via Sacra”;

Grupo Carroça de Téspis: “A verdade”;

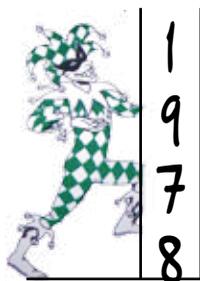
Grupo Augus: “O Apocalipse ou o Capeta de Caruaru”;

Grupo Novo: “A volta do Prometido”;

Grupo Martins Pena: “Ainda me lembro...”.

E mais:

Palestras de Aderbal Jr e de Amir Haddad



II Mostra de Teatro Independente

Município: Volta Redonda

Local: Teatro Municipal

Quando: segunda quinzena de julho

Algumas características:

Cancelada no 1º dia por causa da venda do Jornal Em Tempo (tido como subversivo pelas autoridades), que alguns participantes de grupos vendiam na porta do teatro. As autoridades pediram para que o presidente da FETIERJ impedisse a venda e também recolhesse os exemplares que já haviam sido vendidos. Almério Belém conseguiu que as vendas parassem temporariamente, mas se recusou a recolher os exemplares, pois considerou um cerceamento à liberdade do público. Com isso, o espetáculo “Maria e seus 5 filhos” do Grupo Dia a Dia já contava com 30 minutos de atraso, e as autoridades ainda queriam que a FETIERJ se responsabilizasse por todos os atos não teatrais que ocorressem paralelos ou fora da Mostra. Depois de muitas ponderações a diretoria decidiu cancelar a Mostra em Volta Redonda, que foi realizada, a partir do dia 23 de julho.

Município: Rio de Janeiro

Local: Teatro da Escola de Teatro da Fefierj – na Praia do Flamengo

Algumas características:

- 1) Contou com 19 espetáculos
- 2) Na abertura, às 10 horas, Ademar Padron Nunes, do Grupo Grite de Niterói e Hélio Muniz, do Grupo Cordão, de São Paulo debateram o tema: “Os Rumos do Teatro Independente”.
- 3) À noite, foram apresentados os espetáculos: Kere e Lorna (Violência) Grupo Seta, e Maria e seus 5 filhos, do Grupo Dia a Dia.
- 4) Na segunda feira, 21 horas debate com Eudes Fonseca sobre Liberdade de Expressão.
- 5) Dentre os 19 espetáculos, além dos da abertura, encontramos registro também de:
 - Grupo Pau Brasil com o espetáculo: Do Pau Brasil ao Nescafé
 - Grupo Chegança com: O Sol feriu a terra e a chaga se alastrou
 - Gruposição, de alunos da FACHA (Faculdade Helio Alonso): Incelença.

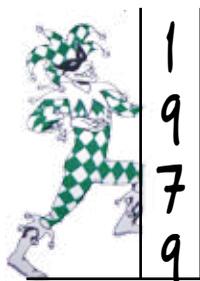
Outra realização:

- 1) **II Mostra de Teatro Independente** (espetáculos para crianças e adolescentes)

Município: Nova Iguaçu

Local: Teatro Arcádia e várias escolas, colégios e no patronato do município

Quando: de 12 a 30 de outubro de 1978



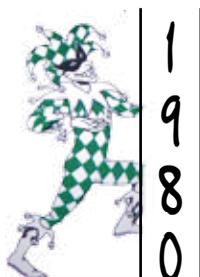
III Mostra de Teatro Independente

Município: Nova Iguaçu*

** Nenhuma outra informação sobre este evento foi encontrada em nossa pesquisa*

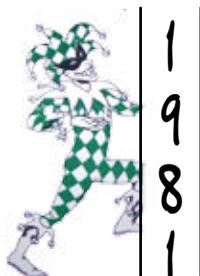
Outras realizações:

1) **Mini Mostra de Teatro Independente em Niterói**, em parceria com a FAC (Fundação de Atividades Culturais de Niterói). Mês de maio de 1979, com a participação de 7 grupos independentes. Todos os finais de semana, 4 espetáculos adultos e 03 infantis, peças populares. Locais: Teatro Leopoldo Fróes (Centro), Sindicato dos Tecelões (Barreto), Sport Club Agra (Engenhoca) e ADAF (Icaraí).



I Mostra de Teatro Independente no Município do Rio de Janeiro*

** Nenhuma outra informação sobre este evento foi encontrada em nossa pesquisa. Pode ser que a I e a II Mostra tenham referência aos meses de novembro e dezembro deste ano, quando foram realizados dois circuitos de teatro independente.*



II Mostra de Teatro Independente no Município do Rio de Janeiro - Realização: Fundação Rio/SNT/ FETIERJ

Município: Rio de Janeiro

Local: E. M. Dilermano Cruz, em Bonsucesso e Funabem, em Quintino

Quando: de 06 a 29/nov

Grupos e espetáculos:

Grupo Estrada-Lhaço: “Colcha de Retalhos”;

Grupo ABC 14: “Duralex, Sedlex, no Cabelo só Gumex”;

Grupo Comendador Manuel Sendas: “Festa”;

Grupo Nazareth: “Hoje tem Chocolate”;

Grupo da ASBAC: “Jogos na Hora da Sesta”;

Grutempo: “Maria dos Milagres”;

Grupo Embrart: “Viagem de Caravela”;

Grupo Senão tiver a gente inventa: “Venha comer mosquitos aqui em casa”;

Grupo Revelação: “A Rua de nossa Gente”;

Grupo Marx-Mallow: “Os Banhos”;

Grupo Maria Clara Machado: “Confusões com São Pedro”;

Grupo Gima (Grupo Interrogação Movimento Artístico): “Código 157: Fome”;

Grupo Atenas: “Casamento na Floresta”;

Grupo Ribalta: “Três Peraltas na Praça”;
Grupo Banduendes: “Espetaclinho”;
Grupo Liberdade: “Falta uma flor em nossas mãos”;
Grupo Andarilhos: “Charmô, o Rei dos Palhaços.”;
Grupo Origami: “A Viagem de um Barquinho”;
GATIG: “Terrível Verdade”;
Guta: “10º dia de férias-”;
Grupo S.O.S. Brasil: “Metamorfose”;
Grupo Todos por Um: “O Jardim”;

Algumas **Características:**

Debate com: Ademar Nunes, Roberto Costa, Dioni Miranda, Sidney Cruz, Zé Maria e Carlos Paiva

Programação paralela:

Local: Teatro do Centro Educacional Calouste Gulbenkian – Centro

Quando: 03 a 20 de dezembro

Características:

1) Nessa fase se apresentaram também os seguintes grupos com seus espetáculos:

Grupo de Deficientes Visuais – Suspiros da Madrugada
C.A. Oduvaldo Viana Filho – Exercício de Música e Ritmo no Teatro
Grupo Pessoal do Território Livre –... Ainda não aconteceu
Grupo H2O – Teia de Aranha
Grupo Transmutação – Vinícios Poeta de Moraes
Grupo Vamos à Luta – Chama o Ladrão

Oficinas:

Corpo, com Elvira Marta; O teatro de Augusto Boal, com Celina Sodré; Curso de Teatro – Maurício Boyance; Teatro não simbólico, pelo grupo do Centro Experimental Cacilda Becker; Luz e som, com o grupo Gola de Ganso; Teatro de Rua, com o Grupo Tá na Rua, de Amir Haddad (Oficina única com a realização de um espetáculo, numa praça de Quintino).

Registros também a apresentação dos seguintes espetáculos:

No Circuito Novembro:

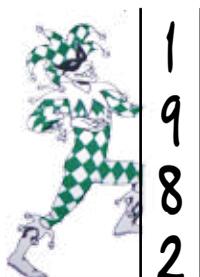
Grupo Salamê Minguê: “Apague a Luz e Faz de Conta que estamos bêbados”;
Grupo Machado Sobrinho: “O Diabo é meu amigo”;
Grupo Movimento Novo do Colégio Maristela: “Chico Kid defende Bangu e Respeitável Público”;

No Circuito Dezembro:

Grupo União Estudantil: “Mané bocó”;
Grupo Metamorfose: “A Onça e o Bode”;
Grupo Cena Viva: “Viagem ao centro de Mim”;
Grupo União e Criatividade: “As Diabruras dos Apaixonados”;
Grupo Se Colar Colou: “Verde que te quero Índio”;

Debate:

Teatro Amador – Perspectiva histórica e panorama atual – com Almério Belém/ Carlos Paiva/Roberto Costa e Marcelo Souza



Festival Estadual de Teatro Amador

Município: Rio de Janeiro

Local: Colégio Maristela e teatro Arthur Azevedo, em Campo Grande

Quando: de 8 a 17 de outubro

Algumas características:

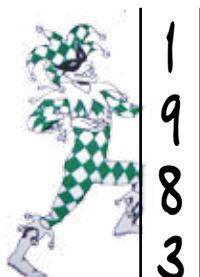
- 1) Segundo o regulamento do festival, um dos objetivos foi permitir que o conjunto dos amadores apontasse os quatro espetáculos que foram indicados a participar dos Circuitos que a FETIERJ promovera junto às Associações de Bairro, Sindicatos, Presídios e Unidades da FEEM e FUNABEM, bem como junto a estabelecimentos de ensino (Projeto FETIERJ/AMES – Associação Metropolitana dos Estudantes Secundários);
- 2) Instalação do **I Congresso Estadual de Teatro Amador do Rio de Janeiro**;
- 3) Houve apresentação de Teatro de Rua e leitura dos textos proibidos pela censura federal.

Alguns grupos participantes:

Grupo do SESC Tijuca; Grupo Omega; Grupo Cena Viva; Grupo AUGUS; GATIG; Grupo Baluarte; e Grupo Vamos à Luta

Outras realizações:

Participação no Festival Brasileiro de Teatro Amador, em São Paulo, no recém conquistado Teatro Sede da CONFENATA, de 03 a 11 de setembro.



Festival Estadual de Teatro Amador

Município: Volta Redonda;

Local: Grêmio Artístico e Cultural Edmundo de Macedo Soares e Silva – GACEMSS;

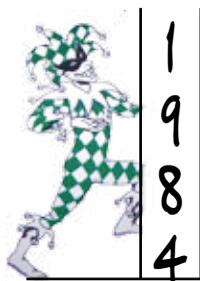
Quando: de 22 a 31 de julho;

Os melhores espetáculos foram:

Teatro Adulto: “O Auto do Lavrador na Volta do Êxodo”, do Grupo do SESC de Campos e
Teatro Infantil: “O Dia em que o Guarda-Chuva se Apaixonou pela Sombrinha”, do Grupo Vagamundo

Outra realização:

Participação como apoiadora do projeto **SCENA SERRANA/83**, no Palácio de Cristal, de 7 a 30/10/83, em Petrópolis. Projeto do Grupo Corpo, de Sidney Carneiro (TARZAN).



Festival Estadual de Teatro Amador

Município: Três Rios

Local: Teatro Celso Peçanha

Quando: de 16 a 29 de julho de 1984

Algumas características:

- 1) Cursos de técnicas teatrais, de 16 a 20/07;
- 2) A comissão julgadora foi formada por um representante de cada grupo e premiou 08 espetáculos;
- 3) O evento teve apoio das seguintes associações regionais:
 - ARTA, de Campos, presidida por Alvanir Ferreira Avelino;
 - ATACAR, do Rio de Janeiro, através do diretor de programação Flávio Garcia;
 - ASTAPATRI, de Três Rios, presidida por Luiz Augusto Dias (Gute).
- 4) Surgimento do AGA.

Outras realizações:

- 1) Participação no **Festival Brasileiro de Teatro Amador**, em Pernambuco

Os Grupos que se inscreveram para o Festival Brasileiro de 84 foram:

Grupo Vagamundo (Rio): “O Mago da Luz” ou “O Dia que o guarda-chuva se apaixonou pela sombrinha”, representado por Carlos Henrique Pimentel;

Grupo Tanacara (Rio): “Na ação direta”, representado por Roberto Queiroz Games;

Grupo Pé no Chão (Rio): “Quem você pensa que é?”, representado por Ângela Ribas;

Grupo 3º Ato (Rio): “Uma dose atrás do saco”, representado por Vané Santana;

Grupo Gambiarra (Petrópolis): “A Cantora Careca” ou “A Lição”, representado por Calau;

Grupo Experimental Petropolitano: “A noite de Teresa Cibalena”, representado por Carlos Roberto de Carvalho;

Grupo Corpo - Teatro Experimental Livre (Petrópolis), com uma coletânea da obra de Nelson Rodrigues, “ainda sem título”, representado por Andréia Virginia da Fonseca Schiffler;

Grupo Cria Sonhos (Niterói): “Jogos na Hora da Sesta”, representado por Alice Carvalho

Grupo Nômades (São João de Meriti): “O Circo”, representado por Wilson A. Esteves dos Santos;

Para o Festival Brasileiro de Teatro Amador/84, em Recife, a FETARJ também participou com duas exposições, montagem da Livraria Ver e Ler, e articulação da presença dos convidados para debates, oficinas, seminários e painéis para esse Festival.

Exposições: “Aloísio Magalhães” e “Pernambuco de Oliveira” no Salão Nobre do Teatro Santa Isabel – Recife, de 02 a 14/7/84;

A Livraria Ver e Ler foi instalada no Centro de Comunicação Social – CECOSNE, durante todo o festival, mantendo à disposição dos participantes: livros, sapatilhas, maquiagem teatral...

Palestras e debates com:

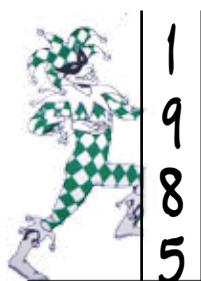
Hélcio Mostaço, escritor e crítico de teatro – tema: Cultura e Crise;

Luiz Maurício Cavalleira, ator e diretor – tema: Teatro de Rua;
Tânia Pacheco, jornalista e crítica de teatro-tema: Teatro e Crítica;
Luiza Barreto Leite, arte educadora e escritora – tema: Teatro na Educação;
Maria Helena Kühner, jornalista e escritora – tema: Teatro e Movimentos Sociais;
Mariângela Alves Lima e Ilka Marinho Zanoto, jornalistas.

2) Participação no **II Festival de Teatro Amador Carioca**, realizado pela ATACAR, com o apoio FETARJ. No Centro de Teatro Amador (Instituto de Educação), durante três finais de semana. Comissão julgadora composta por representantes dos grupos participantes definiu a seguinte colocação:

- 1º lugar: Grupo que Dança Teatro, com “Se a Alma Não é Pequena”;
- 2º lugar: GATIG – Grupo de Teatro Amador da Ilha do Governador, com “O Rei Zangado”;
- 3º lugar: Grupo Facção Estrambótica, com “Acauã”;
- 4º lugar: Grupo Vagamundo, com “O Mago da Luz”.

O 1º colocado ganhou o direito de representar o município do Rio no Festival Estadual de Três Rios.



Festival Estadual de Teatro Amador

Município: Rio de Janeiro

Local: UERJ – Teatro dos Alunos – Maracanã - Rio de Janeiro

Quando: de 13 a 28/07/85

Algumas características:

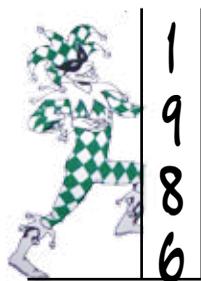
- 1) Contou com o patrocínio do BANERJ e apoio da Funarj, Departamento de Cultura do Estado e INACEN.
- 2) Ministraram cursos: Sylvia Ortoff e José Facury, Martingil, dentre outros.
- 3) A comissão julgadora foi formada por um integrante fixo de cada grupo, que apontaram quatro melhores espetáculos.

Grupos e espetáculos participantes

- GATVC - Grupo de Amadores Teatrais Viriato Corrêa, de Três Rios: “A mão do macaco”;
- GATVC - Grupo de Amadores Teatrais Viriato Corrêa, de Três Rios: “Avatar”;
- Grupo Arquibancada de Teatro, de Campos: “A ponte sobre o pântano”;
- Grupo SESC de Campos, “In-Confidência”;
- Grupo Adolescentes do Sol, de Volta Redonda: “A volta do Camaleão Alface”;
- Grupo Embaixo do Poste, do Rio de Janeiro: “O Rei Deuslum”;
- Grupo Olha Nós Aí!, do Rio de Janeiro: “O fantástico mundo da imaginação”;
- Grupo Experimental de Teatro Amador Paraíso, de Barra Mansa: “A beata Maria do Egito”;
- Grupo Jovem de Teatro Maria, de Resende: “Libertas quae será tamen”;
- GATIG - Grupo de Teatro Amador da Ilha do Governador, do Rio de Janeiro: “Dim-dom”;
- Grupo Fênix de Teatro Amador, de Petrópolis “Kriss Lumiat: O retrato (mal) falado de um povo”;
- Grupo Teatral Ziembinski, de Cabo Frio: “Bailei na curva”;
- Grupo de Amadores, de Barra Mansa: “A procura do fim”;
- Grupo Teatral Aplauso, de Cabo Frio: “Bússula da vida”;

Grupo Boca de Cena, de Resende: “A aurora da minha vida”;

Grupo Teatro Experimental Petropolitano, de Petrópolis: “A noite de Teresa Cibalena”;



V Festival Estadual de Teatro Amador

Município: Campos

Locais: Teatro de Bolso e Teatro do SESC

Quando: de 26/07 a 03/08/86

Algumas características:

- 1) Parceria com a ARTA – Associação Regional de Teatro Amador (Campos)
- 2) Patrocínio: BANERJ/ INACEN
- 3) Apoio: Secretarias de Educação e Ciência e Cultura do Estado e Departamento de Cultura do Município de Campos e das Associações filiadas a FETARJ:
 - ABTA – Associação Barramense de Teatro Amador
 - APTA – Associação Petropolitana de Teatro Amador
 - ATACAR – Associação de Teatro Amador Carioca
 - ATASF – Associação de Teatro Amador Sul-Fluminense
 - ATALAGOS – Associação de Teatro Amador da Região dos Lagos
 - ATASPATRI – Associação de Teatro Amador de Sapucaia, Paraíba do Sul e Três Rios.
- 4) As associações foram responsáveis pela indicação dos grupos e seus espetáculos para a participação no festival, cada uma tinha direito a uma vaga. Os grupos que suas cidades não estavam representadas por nenhuma associação, se inscreviam na sede da FETARJ, e era a diretoria executiva que fazia a escolha de 2 espetáculos para participarem do festival. Havia, ainda, uma vaga para o grupo vencedor de 1985 e uma vaga para a cidade sede do festival. Acatando o princípio da proporcionalidade, determinaram três vagas para a associação com maior número de inscrições.
- 5) Na abertura do Festival, todos os grupos participantes fizeram uma pequena cena, de aproximadamente cinco minutos, dos seus espetáculos.
- 6) Nesse ano não aconteceram as Oficinas

Grupos e espetáculos participantes:

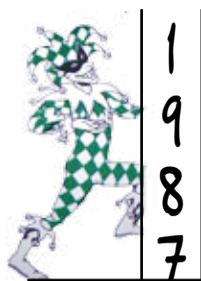
- Grupo Virando Era uma Vez, do Rio de Janeiro: “Brincando de Romeu e Julieta”;
- Grupo Adolescentes do Sol, de Volta Redonda: “Aconteceu num lugar que não existe”;
- Grupo Nós por exemplo, de Nova Iguaçu: “Sonhos de Liberdade”;
- Grupo Tatuagem, de Niterói: “Exercício”;
- Grupo Se colar, colou, de Rio de Janeiro: “Falhando Sério”;
- Grupo do Projeto Teatro na Escola, de Campos: “As Incelenças”;
- Grupo Olha *nóis* aí, de Rio de Janeiro: “Maria Minhoca”;
- Grupo Corpos Mente, de Rio de Janeiro: “A Via Crucis do Corpo”;
- Grupo Macunaíma, de S.J. da Barra: “Apareceu a Margarida”;
- Grupo Experimental do SESC, de Campos: “Eggus II”;
- Grupo DJOTA, de Maricá: “Modificando para permanecer”;
- Grupo Experimental de Teatro Paraíso, de Barra Mansa: “O Cordão Umbilical”;

Grupo Ziembinsk, de Cabo Frio: “O Auto do Trabalhador”;
Grupo Experimental Petropolitano, de Petrópolis: “Transas, troças, tragédias e trombadas”;
Grupo GATVC, de Três Rios: “Quando as máquinas param”.

Premiações:

1) Para os melhores espetáculos foi oferecido prêmios em dinheiro, ofertado pelo BANERJ, totalizando Cz\$ 16.000,00. A escolha dos melhores espetáculos foi feita pela comissão formada pelas Associações. Foram premiados: “Brincando de Romeu e Julieta”; “A Via Crucis do corpo”; “Falhando Sério”; “Quando as máquinas param”; “Auto do Trabalhador”; “Transas,troças,tragédias e trombadas”; ”Apareceu a Margarida”; e “As Incelenças”.

2) O Troféu José Carlos Barbosa (num total de 12), oferecido pela Secretaria Municipal de Educação e a ATAR, foi dado aos artistas das diversas categorias, escolhidos por uma comissão julgadora formada pela Secretaria de Educação, de Cultura e Comunidade.



X Festival Estadual de Teatro Amador*

Município: Barra Mansa;

Local: SESC Barra Mansa;

Quando: de 25/07 a 02/08;

Comissão julgadora: João Siqueira, Márcia Machado, Francisco Lima Netto, José Facury, Álvaro Ferreira, Carlos Alberto Pimentel e João Ewerton.

Algumas características:

- 1) (*) A partir deste ano, a contagem dos festivais sofre uma mudança, passado a integrar a contagem também a primeira mostra em São João de Meriti, em 1977, e seguintes. Assim, o de Barra Mansa passa a ser considerado como o X Festival Estadual de Teatro Amador do Estado do Rio de Janeiro;
- 2) Em comemoração aos 10 anos, esse festival realizou uma amostragem desta trajetória. Os artistas realizaram “O Rebu da Abertura”, uma passeata realizada no sábado, 25, pela manhã, que tomou a principal praça da cidade, emocionando autoridades, artistas e público em geral;
- 3) Para este festival, a FETARJ fez algumas modificações aprovadas pelo Conselho Superior, entre as quais constam:
 - a seleção dos espetáculos pela própria FETARJ (antes era realizada pelas Associações filiadas);
 - a gratuidade nas refeições (antes os participantes pagavam um preço simbólico) e, para isso, a bilheteria foi revertida para a FETARJ minimizar os custos (antes era distribuída proporcionalmente entre os espetáculos e FETARJ.);
 - cada grupo recebeu Cz\$ 1mil de auxílio de transporte (para os Grupos com espetáculo no festival);
- 4) Oficinas oferecidas no Festival: Voz, com Chico Lima Netto; Texto, com João Siqueira; Direção, com José Facury.
- 5) A partir deste Festival, passaram a ser escolhidos os três melhores espetáculos, sem ordem de classificação.

Grupos e espetáculos participantes e premiados:

Grupo Gatig, da Ilha do Governador: “Feijão nosso de cada dia”;

Grupos Rama e mais ninguém, de Nova Iguaçu: “Eu sei que vou te amar”;

Grupo Poeta me deixa dormir, do Rio de Janeiro: “Danças e sequestros em nove movimentos”;

Grupo Adolescente do Sol, de Volta Redonda: “O cimento”;

GATVIC, de Três Rios: “A idade do Sonho”;

Grupo Granada, de Barra Mansa: “Te cuida Romeu que Julieta apareceu”;

Grupo Etapa, de Paty do Alferes - “O Homem Elefante”;

Grupo Arte-Ofício, de Valença: “Minha terra tem...”.

Grupo de Theatro Dona Eugênia, de Nova Friburgo: “Sapo vira rei vira macaco”.

Grupo Corpo Teatro Experimental de Petrópolis: “Sem você meu amor eu não sou ninguém”;

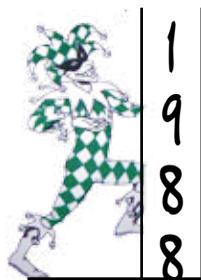
Grupo Ar de Cy, de Rio de Janeiro: “História de dois amores”;

Grupo Experimental de Teatro do SESC de Campos: “A Casa de Bernarda Alba”; Vencedores:

Outras realizações:

1) **MUTIRÃO CULTURAL**: apresentação da peça O auto do lavrador na volta do êxodo, de Orávio Campos, do Grupo do SESC Campos; Poesia no varal, com o Grupo Cana Amarga e o Grupo Canto Coral. Promoção da FETARJ/ SESC Campos / ATAR. O Mutirão já estivera em Miracema, Macaé, Natividade, Porciúncula, São João da Barra, e também previsto para: Barra Mansa Volta Redonda e Três Rios.

2) Projeto **ROLA TEATRO**, em Angra dos Reis, com os grupos: Poeta me Deixa Dormir, do Rio; Corpo, de Petrópolis; Theatro Dona Eugênia, de Nova Friburgo; Arte-Ofício, de Valença; e Etapa, de Paty de Alferes.



XI Festival Estadual de Teatro Amador

Município: São Fidélis;

Local: Auditório do Colégio Estadual de São Fidélis;

Quando: de 23 a 30 de julho;

Algumas características:

1) Apoio: SESC/Campos, Funarj, Instituto de Teatro da Fundacen.

2) Foram realizadas as seguintes oficinas: Iluminação; Escultura em isopor e máscara; Papel machê para teatro e bonecos; e Corpo e Dança.

Os três melhores espetáculos:

“Nanato vai à guerra”, do Grupo DJOTA, de Maricá; que também ganhou os prêmios: melhor ator (Alvaro Ferreira), e melhor diretor (José Carlos de Almeida e Silva);

“As Incelenças”, do Grupo Raiz da liberdade, da Cidade do Deus, no Rio de Janeiro; e

“Devo não Nego”, do Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio.

Outras premiações:

Melhor Figurino: “Navio Negreiro”, do Grupo Arte-Ofício, de Valença. Uma decisão do júri do movimento, esta categoria não tinha, por isso, não houve troféu para esta categoria;

Melhor Sonoplastia: “Também por isso”, da Cia Também Por Isso, de Nova Iguaçu;

Melhor Iluminação: “Navio Negreiro”, do Grupo Arte-Ofício, de Valença;
Melhor Cenografia: “Navio Negreiro”, do Grupo Arte-Ofício, de Valença;
Melhor texto Reflexo Comunitário: “Mangueira é”, do Rio de Janeiro
Melhor atriz: Sidilene Vieira – As Incelenças, do Grupo Raiz da liberdade, da Cidade do Deus, no Rio de Janeiro
Revelação: Deise Lucia – atriz em As Incelenças, do Gr. Raiz da liberdade, da Cidade do Deus, no Rio de Janeiro

Outra realização:

1) Rola Teatro aconteceu nos Municípios de Maricá, em janeiro; Valença, em março; e Miracema, em abril; levando as oficinas de Direção, Dramaturgia, Interpretação e Voz.

Espectáculos no Rola Teatro:

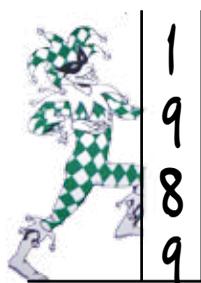
“Nanato vai à Guerra”, do Grupo Djota, de Maricá;
“Sapo vira rei vira macaco”, do Grupo de Artes Teatro Dona Eugênia, de Nova Friburgo;
“Sem você meu amor eu não sou ninguém”, do Grupo Corpo, de Petrópolis;
“O Marajá”, do Grupo Arte-Ofício, de Valença.

E mais:

O espetáculo “Sapo vira rei vira macaco”, do Grupo de Artes Teatro Dona Eugênia, de Nova Friburgo, foi indicado, por unanimidade, para representar o Estado do Rio de Janeiro no Festival Brasileiro da Confenata, em Brasília.

Fetarj apoiou neste ano, ainda, os projetos:

“Teatro Rio Abaixo”, do Grupo Corpo, de Petrópolis, e “Senzala”, do Grupo Experimental de Teatro do SESC de Campos.



XII Festival Estadual de Teatro Amador

Município: Campos;

Locais: Teatro de Bolso, Teatro Múcio da Paixão – SESC e Palácio da Cultura.

Quando: de 22 a 30 de julho;

Espectáculos convidados:

“Te Ato-te a mim”, de João Siqueira, com o Grupo Teatros, do Rio de Janeiro. Espectáculo de rua;
“Morte e Vida Severina”, com o Grupo Com Licença eu vou a Luta, de São Paulo, representante da confederação paulista;
“B. em cadeiras de rodas”, com o Grupo Língua de trapo, Espírito Santo, da confederação Capixaba;
“Jesus Cristo Cortador de Cana”, da UFF-RJ, a partir de pesquisas sobre os cortadores de cana;
“De Cabral a Ribamar”, que veio representando a federação de Minas Gerais (FETEMIG).

Grupos e Espectáculos participantes e premiados:

Grupo Sonho e Cor, de Maricá: “Piu e Ximim”;
Grupo Sorriso Feliz, de Cabo Frio: “Titeritagem”;

Grupo Gente é pra brilhar, de Campos: “A criminosa grotesca, sofrida e sempre gloriosa caminhada de Alqui Cabá La Silva em busca da Grande Luz”;

Grupo DJOTA, de Maricá: “Orquestra de Senhoritas”

Grupo Raiz da Liberdade, de Cidade De Deus, de Rio de Janeiro: “Sindicato dos Mendigos”;

Cia Também por Isso, de Nova Iguaçu: “Barrafunda”

Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “Ópera do Malandro”;

Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “Os Dragões não conhecem o paraíso”

Grupo Granada, de Barra Mansa: “Máquina Humana”;

Grupo Gatvc, de Três Rios: “Toda a Donzela tem um pai que é uma fera”;

Grupo Lantejoulas Embaixo do Poste, de Rio de Janeiro: “Taí o que a gente merecia”.

Premiação em dinheiro (moeda: cruzado novo): 3º lugar NCZ\$ 150,00; 2º lugar NCZ\$ 200,00; e 1º lugar NCZ\$ 300,00.

Foram premiados ainda:

Melhor Iluminação, sonoplastia, direção e ator: “Os Dragões não conhecem o Paraíso”, Grupo NUTESG, de São Gonçalo;

Melhor cenografia: “Alqui cabá La Silva”, Grupo Gente é pra brilhar, de Campos;

Melhor figurino: “Pio Xiim”, Grupo Sonho e Cor, de Maricá;

Melhor texto: “Taí o que a gente merecia”, Grupo Lantejoulas Embaixo do Poste, do Rio de Janeiro;

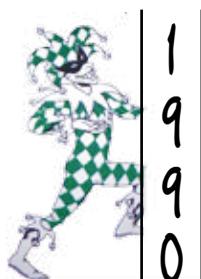
Atriz Revelação: Regina Moraes, “Toda a Donzela...” Grupo Gatvc, de Três Rios;

Melhor Atriz: Carlota Duarte, “Taí o que a gente merecia”, Grupo Lantejoulas Embaixo do Poste, do Rio de Janeiro;

Prêmio especial do júri: Clarêncio Rodrigues, por “Titeritagem”, Grupo Sorriso Feliz, de Cabo Frio.

Oficinas:

Interpretação e Direção; Confeção e manipulação de bonecos; iluminação e dança. Local das oficinas: Ciep da Lapa.



XIII Festival Estadual de Teatro Amador

Festival das Linguagens

Município: Paty do Alferes

Local: Aldeia de Arcozelo – primeiro festival realizado na aldeia de Paschoal Carlos Magno

Quando: de 04 a 12 de agosto

Grupos e Espetáculos participantes e premiados:

Grupo Sonho e Cor, de Maricá: “A galinha cantora II – A Missão”;

Grupo Djota, de Maricá: “Corpo a Corpo”;

Grupo Ocaso, de São João de Meriti: “Boneco de Papel”;

Grupo GATVC, de Três Rios: “Maria e seus Cinco Filhos”;

Grupo Infantocata, de Paty do Alferes: “Calabó y Bambu”;

Cia Também por Isso, de Nova Iguaçu: “The Metamorfose Kafka in Delirio”;

Grupo Gatig, do Rio de Janeiro: “Circo da Vida”;

Grupo Raiz da Liberdade, do Rio de Janeiro: “Maria e seus Cinco Filhos”;
Grupo Gatep, do Rio de Janeiro: “A Onça e o Bode”;
Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “Dragões Deba em O louco Absurdo”;
Grupo Gota D’Água, de Campos: “No país do Dó Ré Mi”;
Grupo do Sesc de Campos: “Favela Ponto 5”;

Mostra Paralela:

Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “Piquenique no Front”;
Grupo Corpo Teatro Experimental, de Petrópolis: “A Dor Inefável”;
Grupo Andanças, de São João de Meriti: “Obeabá do GCS”;
Grupo Gatep, do Rio de Janeiro: “OH”;
Grupo Gente é pra brilhar..., de Campos: “Cenas de Amor”;
Grupo Sorriso Feliz, de Cabo Frio: “Minha Favela Querida”;
Grupo So Arte, de Barra Mansa: “A Dama de Copas e o Rei de Cuba”;
Grupo Canamarga, de Campos: “Primeiro de Abril”;
Grupo dos Quatro, de Maricá: “Palhaços Amestrados”;

Espetáculos Convidados:

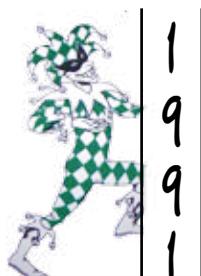
Réquiem – Grupo da Colômbia
Show Musical com Grupo da Colômbia
Dança com a Academia Aquarius

Características:

- 1) (*) Teve o nome de Festival de Linguagens;
- 2) Primeira vez que se divulga o REI AGA na programação;
- 3) Todas as indicações e premiações no Papo Teatral.

Outras realizações:

- 2) Teatro da Quinta, na Quinta da Boa Vista, em janeiro;
- 3) I Mostra de Teatro da Região Sudeste;



1991 XIV Festival Estadual de Teatro Amador

Município: Paty do Alferes;
Local: Aldeia de Arcozelo;
Quando: 02 a 11 de agosto;

Grupos e Espetáculos participantes e premiados:

Grupo Sesc Três Rios: “Ópera do Malandro”;
Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Histórias e Cirandas” (infantil);
Grupo Ocaso, de S.J. de Meriti: “Boneco de Papel” (infantil);
Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis: “Omaná Yva Opá Yva”;
Grupo Gatig, de Rio de Janeiro: “Léo e Déia” (infantil);

Grupo Gatig, do Rio de Janeiro: “Nas Grades”;

Gatep, do Rio de Janeiro: “Treco nos cabos”;

Grupo RAÔ Prod Art., do Rio de Janeiro: “Halloween, o dia das Bruxas”;

Grupo Sorriso Feliz, de Cabo Frio: “Minha Favela Querida”;

Grupo Drape pau, de Nova Friburgo: “Água mole, pedra dura”;

Grupo Cia Gruta da Lua, de São Gonçalo: “Corpo”;

Grupo Corpo Teatro Experimental, de Petrópolis: “Não precisa dizer mais nada”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Baco (O Teatro)”;

Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “O Vôo dos pássaros pintados”;

Grupo Gatep, de Rio de Janeiro: “OH!”

Espectáculos convidados:

“Ponto de tecer poesia”, do Grupo do Livro Aberto, de Petrópolis e “Falamos do Brasil”, de Grupo Silencioso.

E mais:

Seminário de Teatro Infantil nos dias 5, 6 e 8, no festival.

Outras realizações:

1) Projeto Teatro da Quinta: (Administrado pelo CONEM – Conselho Estadual de Entorpecentes

Ocupação do Teatro da Quinta, em São Cristóvão. A Fetaerj ocupava, além do teatro, mais três salas: uma como sede; uma como arquivo; e uma para guardar figurinos e adereços. Houve uma intensa programação deste Projeto: janeiro - Festival de Teatro da Quinta*; março/abril – oficina de interpretação; maio - I Ciclo de Leitura de Autores Amadores e Inauguração da Central de Figurinos; junho – Circuito fechado de apresentações em fase de ensaio ou espetáculo pronto com vistas ao festival da Fetaerj;

2) Início do Rola Teatro, em setembro, no Teatro da Quinta, com os 3 melhores do festival daquele ano e mais 1 da comunidade de São Cristóvão;

3) Projeto Rola teatro no interior do Estado, em o

4) No mês de janeiro, a Fetaerj também realizou o Festival Carioca de Teatro na UniRio.

Grupos e espetáculos que participaram do Festival da Quinta:

Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis: “Acorda Brasil, o pesadelo continua”;

Grupo Djota, de Maricá: “Corpo a Corpo”;

Grupo Djota, de Maricá: “Nanato vai à guerra”;

Grupo Trágicos da Cidade, de Volta Redonda: “Esquetes do Absurdo”;

Grupo Gatig, de Ilha do Governador, do Rio de Janeiro: “A Floresta Misteriosa” (infantil);

Grupo Gatep, do Rio de Janeiro: “OH!”;

Grupo Sorriso Feliz, de Cabo Frio: “Minha Favela Querida”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “O Auto do trabalhador”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Histórias e mais Histórias” (infantil);

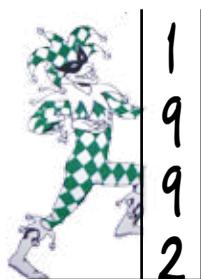
Grupo Cia Também por isso, de Nova Iguaçu: “The Metamorfoses Kafka in Delírio”;

Grupo Corpo Teatro Experimental, de Petrópolis: “Sem você meu amor...”;

Grupo Ta na Rua, do Rio de Janeiro: “Coração Materno”;

Grupo Ocaso, de S.J. de Meriti: “Boneco de Papel” (infantil);

Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “Os Dragões não conhecem o Paraíso”;
Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “Cabaré Valentin”;
Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “Os Dragões Deba e o Louco Absurdo”;
Grupo Gatep, do Rio de Janeiro: “A Onça e o Bode” (infantil);



XV Festival Estadual de Teatro Amador

Município: Cabo Frio

Locais: Teatro Santa Helena e Teatro Edilson Duarte

Quando: de 24 de julho a 02 de agosto

Comissão julgadora: Maria Helena Kropf, prof voz da Uni-Rio; João Siqueira, autor e diretor; José Facury, autor e diretor; Milton Alencar, cineasta; e Vera Lopes, coreógrafa.

Espectáculo convidado:

Descobrimento da América, de Grupo de Artes Cênicas de Cabo Frio.

Grupos e Espectáculos participantes e premiados:

Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis: “Acorda Brasil que a TV está no AR”;

Grupo Teatral Agora ou Nunca, de São Gonçalo: “Os Bruxos... A história Continua”;

Grupo Teatral Sesc, de Três Rios, de (mostra paralela): “Irresistível Aventura”;

Grupo de Amadores Teatrais “Viriato Corrêa” (Gatvc), de Três Rios: “América”;

Grupo Gota D’Água, de Campos: “Martini Seco”;

Grupo Caminhando para Cristo (mostra paralela): “Joãozinho anda pra trás”;

Grupo de Artes e Teatro, da Ilha do Governador (Gatig), de Rio de Janeiro: “Fragmentos da Liberdade”;

Grupo Teatral Agora ou Nunca, de São Gonçalo: “O Semideus nas trilhas do paraíso rebelde”;

Grupo (...), de São Gonçalo: “Anjo Negro”;

Grupo Mambem-Bando, de Cachoeiras de Macacu: “O Papel”;

Grupo Cia Malasartes, de Teresópolis (performance): “Cabaré Poesia”;

Grupo Gatig, do Rio de Janeiro: “Reformatório”;

Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “Borboletas de Sangue”;

Grupo Gatig, do Rio de Janeiro (mostra paralela): “Tchau e a Troca e a Tarefa”;

Grupo DJOTA, de Maricá: “Bodas da Traição”;

Grupo Nova Iguaçu: “Um com Outro Sentindo a Sombra”;

Grupo Creche na Cobia, de Cabo Frio (mostra paralela): “Sem Eira nem Beira”;

Grupo Gente é pra brilhar não é pra morrer de fome, de Campos: “O Mendigo ou o Cachorro Morto”;

Grupo Gatig, do Rio de Janeiro: “Um Amor de Espantalho”;

Grupo Coletivo Pagu, de Volta Redonda (mostra paralela): “Ditos de Marmuração”;

Grupo Ramas, de Nova Iguaçu: “Os Filhos de Clarisse”;

Grupo QOPOLA, do Rio de Janeiro (convidado): “Leonor de Mendonça”;

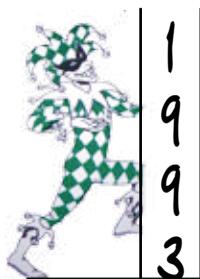
Grupo Dia a Dia, do Rio de Janeiro (convidado): “Viúva Negra, de Vampira da Tijuca”;

Grupo Teatro Amador Emoções, do Rio de Janeiro (mostra paralela): “Palco e Público”;

Grupo Recreando Criando, de Niterói (mostra paralela): “Daniel e os Leões”;

Oficinas:

Corpo, Direção e Voz ; Especial: Oficina de Bonecos com Clarêncio Rodrigues.



XVI Festival Estadual de Teatro

Município: Aldeia de Arcozelo

Local: Paty do Alferes

Quando: de 30 de julho a 8 de agosto

Grupos e Espetáculos participantes e premiados:

Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “É Hoje”;

Grupo RAÔ, do Rio de Janeiro: “Três é demais”;

Grupo Arte Nacional, do Rio de Janeiro: “As Portas”;

Grupo Gatvc, de Três Rios: “A Caravana da Ilusão”;

Grupo Creche na Cobia, de Cabo Frio: “Sem Eira nem Beira”;

Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “As flores foram todas algemadas” *;

Grupo Gatvc, de Três Rios: “Morte” *;

Grupo Gatvc, de Três Rios: “Deus”;

Grupo Gatig, da Ilha do Governador: “Pessoa, pessoas e poesia”;

Grupo T.E.V., de Valença: “Judas, o veredicto final”;

Grupo Gatig, da Ilha do Governador: “O Pintor”;

Grupo Traças e troços, de Itaboraí: “Aurora da Minha Vida”;

Grupo Corpo, de Petrópolis: “Opereta da palavra nua”;

Grupo Infanto-juvenil da A.F.E., de Duque de Caxias: “A menina e o vento”;

* dirigidos por Jorge Vale

Especiais:

Grupo do Corpo de Dança Expressart;

Grupo Teatral Educando, de Angra dos Reis: “Patrão Nosso”, no rebu de abertura na praça.

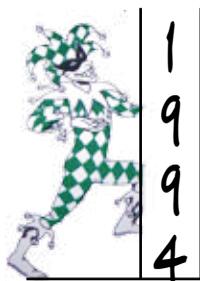
Algumas características:

- 1) Nesse festival aconteceu pela primeira vez a pré-seleção, quando uma equipe ia até o município do grupo assistir a uma prévia do espetáculo antes de aceitar sua participação;
- 2) Oficinas realizadas durante o festival: Voz, Direção, Corpo, História do teatro e História da moda no teatro, com Mario de Oliveira, Denis Gray, Cacá Medina e Fábio Borges.

Outras realizações:

Concurso de textos para teatro não encenados, inscrições abertas em junho;

Participação no I festival de Teatro Amador da Região Sudeste, de 15 a 19 de dezembro.



XVII Festival Estadual de Teatro *Festival Multimídia*

Município: Três Rios

Local: Teatro Celso Peçanha

Quando: de 22 a 31 de julho

Comissão julgadora: Alberto Castilho, artista plástico; Amaury Rodrigues, teatrólogo/sec de turismo de Três Rios; Ivan de Almeida, Ator/diretor; Rosalee Rodrigues, musicista, diretora do SESC Três Rios.

Algumas características:

1) Esse ano o Festival é denominado de **Festival Multimídia da Fetaerj**, com mostra de vídeos, dança, música etc.

Grupos e Espetáculos participantes e premiados:

Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis: “O Moço que casou com a mulher braba”;

Grupo Gente é pra brilhar..., de Campos: “Senhora dos Afogados”;

Grupo Teatral Educando, de Angra dos Reis: “Pagode Banana”;

Grupo D’Jota, de Maricá: “Vi nisso o Sucesso”;

Grupo Taças e troços, de Itaboraí: “O Casamento do pequeno burguês”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Querelas, Liras e Jagunços”;

Grupo Arte Nacional, do Rio de Janeiro: “A Lenda do Mago Arco-Íris”;

Grupo Embaixo do poste, de Rocha Miranda, no Rio de Janeiro: “Planejamento familiar” -

Grupo Arte Nacional, do Rio de Janeiro: “Chapetuba Futebol Clube”;

Grupo Embaixo do poste, do Rio de Janeiro: “O Leão filósofo, Serafim e outros bichos”;

Grupo Gacemss, de Volta Redonda: “Mais uma vez esquecido”.

Mostra Paralela e Convidados:

“O Navio Negroiro”, Grupo Arte e Ofício de Valença;

“Enquanto Lalau não vem”, Grupo de Teatro do Sesi, de Duque de Caxias;

“As malditas”, Grupo NUTESG, de São Gonçalo;

“Aocalipse”, Grupo de dança, de Três Rios;

“Por detrás do silêncio”, show de mímica, com Jiddu Saldanha;

“Um pouco de Elis”, show com Dioni Miranda;

“Recital de canto lírico”, com Ligina de Pinho;

“Mara, no mundo da fantasia”, Grupo Máscaras e Fábulas, de Cabo Frio;

“Banda Sétima Vida”, com Renato Lago;

“Coral”, com o Grupo Arte nacional;

“O Parto da Criação”, Gatvc, de Três Rios.

Outros prêmios:

Melhor ator: Samuel Costa, em “Planejamento...”, do Grupo Gatep;

Melhor atriz: Tânia Arrabal, por “Querelas...”, do Grupo Creche na Coxia;

Melhor direção: José Carlos de Almeida, por “Vi nisso, o sucesso”, do Grupo D’Jota, de Maricá;

Melhor cenário, iluminação, sonoplastia, figurino e texto inédito: “Querelas...”, do Gr Creche na Coxia;

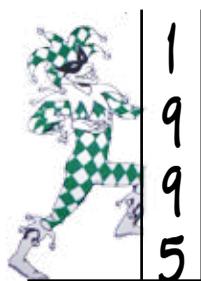
Revelação: Viviane Lima, em “Pagode Banana”, Grupo Teatral Educando, de Angra dos Reis;
Prêmio especial do júri: “Enquanto Lalau não vem”, do Grupo Acesso restrito, de Duque de Caxias (convidado).

Oficinas:

Contadores de História, com Benita Prieto; Expressão Corporal, com José Moura; e Técnica de circo, com Wilson Leite; Ritmoplastia, com Mario de Oliveira; Mímica, com Jiddu Saldanha; Oficina de Teatro Pobre Grotowski, com Rafael Hausman; História da Ópera, *workshop* com Luis O. Cunha e Ligina de Pinho

Vídeos: (Apoio CCBB/IBAC/SESC)

“A Guerra Santa”. encenação Gabriel Vilela, com Beatriz Segal;
“Carmem”, de Francesco Rosi;
“Madame Butterfly”, de Keita Asari;
“Cartas Portuguesas”, Carla Camurati e Luciana Braga;
“Tróia”, espetáculo de Eduardo Wotzik;
“Diretores do Teatro Brasileiro”, com Antonio Abujamra;
“Otello”, Franco Zeffirelli;
“Império das meias verdades”
“Romeu e Julieta”, de Moacyr Góes;
“Encenadores no CCBB”;
“Viagem ao centro da terra”, encenação Bia Lessa;
“Macbeth”, coreografia de Vladimir Vasiliev;
“Circo da solidão”, encenação Márcio Vianna;
“Romeu e Julieta”, do Galpão.



1995 XVIII Festival Estadual de Teatro da Fetaerj

Município: Paty do Alferes

Local: Aldeia de Arcozelo

Quando: de 24 de julho a 2 de agosto

Comissão julgadora: Martingil, Lena Bernardino, Maria Pompeu, Josué Soares e Orávio de Campos.

Algumas características:

1) Programação paralela: Chão e Chona, Rei AGA, Concurso de Poesia com sarau.

Mostra Competitiva participantes e premiados:

Grupo Arte Nacional, do Rio de Janeiro: “A Grande Família”;

Grupo Neurose, do Rio de Janeiro: “Asteróide 525”;

Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “Coisas e Loisas”;

Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “As Malditas”;

Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “O Santo Inquérito”;

Grupo Cena 3, de Rio das Ostras: “Navalha na carne”;

Grupo Os Provisórios, do Rio de Janeiro: “Noviça Rebelde”;

Grupo Cena, de Volta Redonda: “Há Vagas para moças de fino trato”;

Grupo Arte Nacional: “A Mais valia vai acabar, Seu Edgar”;

Grupo DJOTA, de Maricá: “As Criadas”;

Mostra paralela:

Grupo Encena, do Rio de Janeiro: “A Menina que perdeu o gato”;

Grupo Nutesg, de São Gonçalo: “Mais vale um jegue que me carregue do que um Brasil que me derrube abaixo do Equador”;

Grupo Quartzo, de Macaé: “Mumu a Vaca Metafísica”;

Grupo TEV, de Valença: “A magia dos Brinquedos”;

Grupo Seres de Luz, de Cabo Frio: “Espalhando Sonhos”;

Gatvc, de Três Rios: “O Pão da Vida”;

Convidados:

Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Querelas, Liras e Jagunços”;

Grupo Educando, Angra dos Reis: “Pagode Banana”;

Grupo Quorpo Cênico, de Canelas /RS: “Trajetória”;

Grupo MIMOS, do Rio de Janeiro;

Grupo Canto Geral, músicas e poesias.

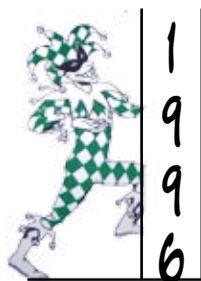
E mais:

Oficinas Integradas; Oficina de Técnicas Circenses; Mesa Redonda sobre: Teatro Infantil, Teatro de Rua e O Teatro de Grupos.

Prêmio especial do júri para “Espalhando Sonhos”, do Grupo Seres de Luz, de Cabo Frio.

Outra realização:

Projeto Rola Teatro, com os três melhores espetáculos deste ano, em outubro, no Teatro Cacilda Becker, no Rio de Janeiro; em novembro, no Teatro SESC, de Barra Mansa, e no Teatro Municipal de Araruama; e em dezembro, na Aldeia de Arcozelo.



XIX Festival Estadual de Teatro Associativo

Prêmio Paschoalino 1996

Município: Paty do Alferes;

Local: Aldeia de Arcozelo;

Quando: de 1 a 10 de agosto;

Comissão Julgadora: Leila Bastos, Djalma Thurler, Sabina Aguiar e Marcio Machado.

Espectáculos convidados:

“Minha Favela Querida”, do Grupo Sorriso Feliz, de Cabo Frio, como convidado;

“Bonecos urbanos”, com Eduardo Alves, de São Paulo;

Grupo e espetáculos participantes e premiados:

Grupo Educando, de Angra dos Reis: “Um lobo, um rei e um brejo encantado”;

Grupo Gatvc, de Três Rios: “Procissão das Almas”;

Grupo Neurose, do Rio de Janeiro: “Flor e ser”;

Grupo Dia a Dia, do Rio de Janeiro: “O totem das três teatralidades”;

Grupo Gatep, do Rio de Janeiro: “Idiotas falam outra língua”;

Grupo Gatvc, de Três Rios: “O destino mora no silêncio”;

Grupo Neurose, do Rio de Janeiro: “Cordélia Brasil”;

Grupo Menospausa, do Rio de Janeiro: “O que Deus uniu, nem o casamento separa”;

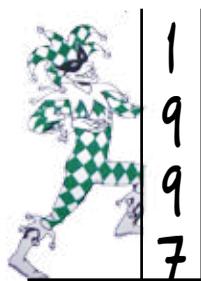
Grupo Educando, de Angra dos Reis: “O Auto do Trabalhador”;

Grupo Gatep, do Rio de Janeiro: “O cosmonauta agrícola”;

Grupo Grite Corpo Vivo, de Niterói: “Dona Rosa e Seu Girassol”.

Oficinas:

De Bonecos, com Clarêncio Rodrigues; História do Teatro, com Cristine Junqueira e Sabina Aguiar; de Direção, com Djalma Turler; de Mímica, com Josué Soares; e de Cenografia e Figurino, com Leila Sette.



XX Festival Estadual de Teatro Associativo *Prêmio Paschoalino 1997*

Município: Cabo Frio;

Local: Teatro Municipal de Cabo Frio, inaugurado no evento;

Quando: de 15 a 24 de agosto.

Algumas características:

- 1) Comemoração dos 20 anos de Fetaerj;

Grupos e Espetáculos participantes e premiados:

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Causos de Um Cabo que já se foi...”;

Grupo Cia Sol Lemberg de Teatro, do Rio de Janeiro: “Quais são seus sonhos”;

Cia de Teatro e Dança Meninos de Vanguarda, de Três Rios: “Corpora, de O Castelo de areia”;

Grupo GATEP/Só Arte, de Volta Redonda/Rio de Janeiro: “Ilha das Cabras”;

Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “A Trilogia do Sexo”;

Grupo Teatral Acto, de Macaé: “Palhaços”;

Grupo (...), do Rio de Janeiro: “Andar...sem parar...de transformar...”;

Grupo (...), do Rio de Janeiro: Contadores de História;

Sociedade Musical e Dramática Riobonitense, de Rio Bonito: “O Consertador de Brinquedos”;

Grupo (...), do Rio de Janeiro: “Traçaças do advogado Pathelin”;

Grupo (...), do Rio de Janeiro: “Solidão: Vamos falar francamente?”;

Grupo Adoart, do Rio de Janeiro: “Joãozinho anda pra trás”;

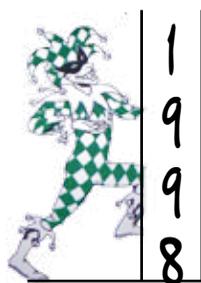
Sociedade Musical e Dramática Riobonitense, de Rio Bonito: “Dois Perdidos numa noite suja”;

Grupo GATVC, de Três Rios: “Entre elas”;

Grupo (...), do Rio de Janeiro: “O Sonho Encantado”;

Grupo se Risco, do Rio de Janeiro: “El Corazon Otros Frutos Amargos”;
Grupo (...), do Rio de Janeiro: “A Utopia de São Conselheiro”;
Grupo Lua Crescente, de Paty do Alferes: “O Inspetor Geral”;
Grupo Ofício e Sina, do Rio de Janeiro: “De Bar”;
Grupo (...), de Cabo Frio: “Quem conta e canta Encanta”;
Grupo Arte, Vida e Cor, de Cachoeira de Macacu: “O Corcunda e o poeta”;
Grupo GATVC, de Três Rios: “Morangos Mofados Moídos e triturados”;
Grupo (...), do Rio de Janeiro: “Divagações Amorosas”;
Grupo Menospausa Cultural, do Rio de Janeiro: “2 atores Hermenêuticos numa peça Propedêutica”;

Especiais : “O Ventre”, e “Cronicamente”, espetáculos de Cabo Frio



XXI Festival Estadual de Teatro Associativo ***Prêmio Paschoalino 1998***

Município: Paty do Alferes

Local: Aldeia do Arcozelo e Teatro Municipal

Quando: de 6 a 15 de agosto

Grupos e Espetáculos participantes e premiados:

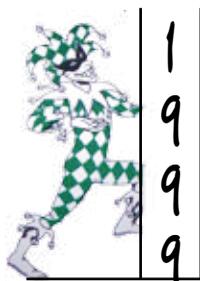
Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “In Par”;
Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Circo Catatempo”;
Grupo Arte em Cena, de Volta Redonda: “O fantástico mundo da feiurinha”;
Grupo Cia Sol Lemberg de Teatro, do Rio de Janeiro: “Antígona”;
Grupo Cia Sol Lemberg de Teatro, do Rio de Janeiro: “O pequeno príncipe”;
Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Jogo dos Assassinos”;
Grupo Cia Teatral Antonin Artaud, de Cabo Frio: “O Momo”;
Grupo Gatvc, de Três Rios: “Electra Blues”;
Grupo Caras e Bocas, de Vassouras: “Mão na luva”;
Grupo Gatvc, de Três Rios: “Anatomia do Desejo”;
Grupo Off-Cena, de Petrópolis: “O mar de Mayã”;
Grupo Cia Teatral Elisamã, do Rio de Janeiro: “O beijo da modernidade”;
Grupo Teatro e Expressão, de Volta Redonda: “B... Em cadeiras de roda”;
Grupo de Risco, do Rio de Janeiro: “O Santo e a Porca”;
Grupo Lua Crescente, de Paty do Alferes: “É hoje”;
Grupo Oficina Simonsen de Teatro, do Rio de Janeiro: “A bruxinha que era boa”;

Espetáculo Convidado:

“A ilha das cabras”, do Grupo Gatep, do Rio de Janeiro

Algumas características:

- 1) Inauguração do Teatro Municipal de Paty do Alferes;
- 2) Palestra sobre como elaborar projetos e captar recursos.



XXII Festival Estadual de Teatro Associativo *Prêmio Paschoalino 1999*

Município: Nova Iguaçu;
Local: Sesc de Nova Iguaçu;
Quando: de 6 a 15 de agosto.

Grupos e Espetáculos participantes e premiados:

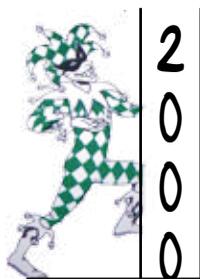
Grupo Só Arte, de Volta Redonda: “A Dama de Copas e o Rei de Cubas”;
Grupo Dia a Dia, do Rio de Janeiro: “Um Amor muito louco”;
Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Super Coffin”;
Os Mimos, do Rio de Janeiro: “Monet”;
Gatvc, de Três Rios: “O Auto da Compadecida e outros causos do nordeste”;
Grupo Lua Crescente, de Paty do Alferes: “Stress com Finess”;
Cia Teatral Antonin Artaud, de Cabo Frio: “Mães de Aluguel”;
Grupo Arte em Cena, de Volta Redonda: “Milkshakespeare”;
Grupo Arte em Cena, de Volta Redonda: “Sinfonia do Delírio”;
Os Mimos, do Rio de Janeiro: “Epopéia da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro”;
Cia Martins Penna de Teatro, do Rio de Janeiro: “História de Amor de Romeu e Julieta”;
Djota, de Maricá: “Dois Perdidos Numa Noite Suja”;
Grupo de Risco, do Rio de Janeiro: “A Carta ou a Incrível história do feijão com arroz”;
Quantum Cia de Teatro, de Três Rios: “A Cartomante”;
Cia Martins Penna de Teatro, do Rio de Janeiro: “Ensaio sobre o Rei”;
Oficina Simonsen de Teatro, do Rio de Janeiro: “O Morto do Encantado morre e pede passagem”;
Creche na Coxia, de Cabo Frio: “O Vôo”.

Espectáculos Convidados:

Grupo de Teatro Andarilhos, de Nova Iguaçu: “A Perseguida”;
Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Circo Catatempo”;
Cia de Palhaços, de Angra dos Reis: “Vamos Rir?”;
Grupo de Risco, do Rio de Janeiro (Prêmio Paschoalino/98): “O Santo e a Porca”;
Grupo Somu D’ Riba, do Rio Bonito: “Valsa nº 6”.

Oficinas:

Expressão corporal, com Carla Martins; História do Teatro Brasileiro, com Mario de Oliveira; Oficina de Cenografia, com José Facury.



XXIII Festival Estadual de Teatro Associativo *Prêmio Paschoalino 2000*

Município: Paty do Alferes;

Local: Aldeia de Arcozelo;

Quando: de 21 a 30 de julho.

Comissão Julgadora: Cadu Fernandes, Mônica Alvarenga e Samuel Abrantes.

Algumas características:

1) Teve como slogan: *O Futuro Em Cena*

Oficinas:

Teatro do Oprimido, com o CTO; O Ator em textos não dramáticos, com Daniel Marques; Sensibilização Corporal, com Mônica Alvarenga; Cenografia, com José Dias; Expressão Corporal, com Mauro Magalhães; e Iniciação Teatral, com Lia Sol Lenberg.

Espectáculos concorrentes participantes e premiados:

Grupo CTO, do Rio de Janeiro: “O Trabalhador”;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “A Vaca”;

Grupo Ofício ou Sina de Teatro, do Rio de Janeiro: “Ri Melhor quem ri barato”;

Grupo Cia Teatral, de Cabo Frio: “Rosa e Beckett”;

Grupo Djota, de Maricá: “A Mãe porra louca”;

Grupo Ovelhas Negras/Párias, do Rio de Janeiro: “Getsêmani”;

Grupo Quantum, de Três Rios: “Como nasce um cabra da peste”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Sua Alteza, A Divinha”;

Cia Quantum, de Três Rios: “Álbum de Família”.

Mostra Paralela:

Grupo Lua Crescente, de Paty do Alferes: “Simbad de Bagda”;

Grupo Uivo Atra- zad, de Niterói: “Cantos e contos, de Papão e outros bichos”;

Grupo Gene Insanno, de Araruama: “Descaminhos Adolescentes”;

Grupo Risco, do Rio de Janeiro: “A Vida é um sonho”;

Grupo Sol Lenberg, do Rio de Janeiro: “Delírio a Dois”;

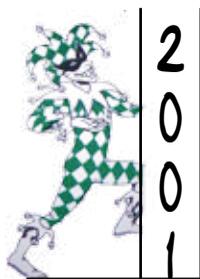
Gatvc, de Três Rios: “República 111”.

Espectáculo Convidado:

“Uma simples realidade”, do Grupo Pernas de Pau, da Univers. Estadual de Londrina-PR

Outras realizações:

FETAERJ recebeu o Prêmio Golfinho de Ouro - Estácio de Sá. concedido pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro.



2001 XXIV Festival Estadual de Teatro Associativo *Prêmio Paschoalino 2001*

Município: Rio das Ostras;

Local: Lona cultural armada para o Festival;

Quando: de 20 a 28 de julho

Comissão Julgadora: Gilson de Barros, Daniel Herz e Rose Abdala

Algumas características:

46 espetáculos inscritos

Oficinas:

Projeto Procena, com Márcia Valéria e Commédia Dell'Arte, com James Silva

Palestrantes:

Ivan Senna, Mario de Oliveira e Ginaldo de Souza

Mostra competitiva participantes e premiados:

Grupo Só Arte, do Rio de Janeiro: “Apareceu a Margarida”;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Consummatum Est”;

Grupo CTO, de Rio de Janeiro: “Qorpo Santo ou o Qoração do Mundo”;

Grupo NEP, do Rio de Janeiro: “Trapa -Rasa”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Último Brincante”;

Grupo Gatvc, de Três Rios: “A Janela”;

Grupo Somos Nós Atados, de Cabo Frio: “O Sermão do Calvário”;

Grupo Quantum, de Três Rios: “Quietude”;

Grupo Nós em meio ao Caos, de Rio das Ostras: “Receita de mulher”;

Mostra Paralela:

Cia Vestidos de Nós, de Saquarema (Menção Honrosa): “Álibi, de Enfim Sós”;

Grupo Cena 3, de Rio das Ostras: “De onde vêm os bebês”;

Grupo CTO, do Rio de Janeiro: “Fruto Proibido”;

Grupo Religare, de Cabo Frio: “Menstréis de Sabat”;

Grupo Cia Ação Contínua, de Rio das Ostras: “Posso dar um palpite?”;

Grupo CTO, do Rio de Janeiro: “Quando o verde dos teus olhos”;

Grupo Gene Insanno, de Araruama: “Vox Populi”;

Mostra Alternativa:

Grupo Somos Nós Atados, de Cabo Frio: “Por Trás de um verde e amarelo”;

Cia Teatral de Pesquisa, de Cabo Frio: “Palimpsesto”;

Grupo Nós em meio ao Caos, de Rio das Ostras: “O Homem da Flor na Boca”;

Grupo Só isso e mais nada, de São Gonçalo: “Canção da Liberdade”;

Grupo Fios da Roca, de Nova Iguaçu: “Sinfonia dos Amantes”;

Outras realizações:

1) Oficinas em Rio das Ostras: mímica, voz, interpretação e maquiagem teatral e maquiagem teatral com guache, com Josué Soares, Márcia Valéria, Rodrigo Portella, Flávia Pepe e André Vital, respectivamente. Estas oficinas foram realizadas antes da Mostra de Teatro de Búzios.

2) 1ª Mostra de Teatro de Búzios -30/11 a 09/12/2001 – (Inauguração da Casa de Cultura de Búzios)
Oficinas Durante a Mostra: Interpretação, com José Facury; Expressão corporal, com Marcelo Tosta; Teatro Infantil, com Carlos Henrique Pimentel; Teatro com origami, com Rogério Brum; Teatro para Educação, com Silvana Lima; Jogos Teatrais, com Renato Neves; e Técnicas do teatro do oprimido: com o CTO/Rio.

Grupos e Espetáculos participantes:

Cia Brasileira de mystérios e novidades, do Rio de Janeiro: “A saga de São Jorge e Pajelança”;

Grupo Mimos Brasil, do Rio de Janeiro: “Os Mimos Teatro de Mímica”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Ultimo Brincante”;

Grupo Sorriso Feliz, de Cabo Frio: “Minha Favela querida”;

Grupo Nós em Meio ao Caos, de Rio das Ostras: “A pérola do Rio das Ostras”;

Grupo Nós em Meio ao Caos, de Rio das Ostras: “Receita de Mulher”;

Grupo Só Arte, de Volta Redonda: “Apareceu a Margarida”;

Grupo Cena 3, de Rio das Ostras: “O Gato Malhado e a andorinha sinhá”;

Grupo Romeluta, de Maricá: “Lá...Tinha”;

Grupo Quantum Cia Teatro, do Rio de Janeiro: “A Fábula das Mulheres sem homens”;

Grupo Cartolina, de Araruama: “Velhos como o outono”;

Grupo Somos nós atados, de Cabo Frio : “Por trás de um verde e amarelo”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Sua Alteza A Divinha”;

Grupo Teatro experimental Viva Búzios: “Um Novo Tempo”;

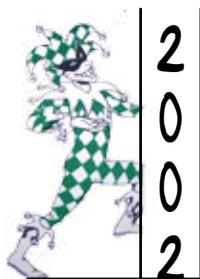
Cia Vestidos de nós, de Saquarema: “Álibi, de Enfim sós”;

Grupo Djota, de Maricá: “Os Palhaços Amestrados”;

Grupo Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Consummatum est”;

Grupo CTO - Rio: “Quando o verde dos teus olhos se espalhar na plantação”;

3) I Festival de Esquetes: Fetaerj em 3 atos, na Lona Cultural Carlos Zéfiro, no Rio de Janeiro, dias 05,12 e 26 de maio.



XXV Festival Estadual de Teatro

Prêmio Paschoalino 2002

Município: Paty do Alferes;

Local: Aldeia de Arcozelo;

Quando: de 19 a 27 de julho;

Comissão julgadora: Aduni Benton e Luiz Washington

Algumas características:

- 1) Comemorando 25 anos da Fetaerj;
- 2) Na abertura houve a leitura premiada no I Concurso de Dramaturgia da Editora Cartolina, em Araruama, “Sua Magestade o Bode”, de Keyvin Cunha;
- 3) No encerramento houve apresentação do esquete premiado no 1º Festival de Esquetes da Fetaerj, “O Cheque sem fundo.. do poço”, do Grupo Os Ciclomáticos.

Mostra Competitiva, participantes e premiados:

Cia S.O.S, do Rio de Janeiro: “As Criadas”;

Grupo Farsacena: “A farsa do mestre Pathelin”;

Grupo Arma-Ação: “Rinoceronte”;

Grupo CEP Teatral: “F.A.R.S.A”;

Grupo Ômega: “Velório à Brasileira”;

Grupo de Risco, do Rio de Janeiro: “Catastrophe”;

Grupo Quantum, do Rio de Janeiro: “A Fábula da casa das mulheres sem homem”;

Grupo Fixus: “Almas Gêmeas”;

Grupo Arte em Cena: “Greve dos Signos”;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “O Retrato”;

Mostra Paralela:

Grupo Ofício ou Sina: “O Álibi ou a Vingança”;

Grupo CTO-Rio: “Vicius”;

Grupo de Risco: “Auto da Camisinha”;

Grupo Romeluta, de Maricá: “Lá...Tinha”;

Convidado: Grupo Vício Averso: “O Homem que perdeu a Alma”;

Oficinas:

Maquiagem, com André Vital; Interpretação e direção, com Rodrigo Portella; Marketing Cultural, com Futeco (com a comunidade); Jogos Dramáticos, com Ro Sant’anna; Teatro do Oprimido, com o Cto/Rio; Corpo, com Rodrigo Faria; Interpretação, com Marco Magalhães; e Origami, com Iara Lins.

Outros realizações:

- 1) Apoio ao II Concurso de Dramaturgia da Editora Cartolina, em Araruama, em junho;
- 2) I Rola Teatro, com os melhores do Prêmio Paschoalino 2001, no Teatro Miguel Falabella, no Rio de Janeiro, de janeiro a maio;
- 3) Oficinas, em Outubro, nos teatros Arthur Azevedo, em Campo Grande, Faria Lima, na Vila Kennedy, e Armando Gonzaga, em Mal Hermes: Direção, com Gilberto Gawbronski; Corpo, com Maria Salomon;

Interpretação, com Flávio São Thiago; e Improvisação, com Jamille Lobosco.

3) Parceria na realização do Festival Valença para Valencianos, no Teatro Municipal Rosinha de Valença;

4) II Festival de Esquetes Fetaerj em Cena Curta, no teatro Miguel Falabella, no Rio de Janeiro. 1º Festival de esquetes: Fetaerj em Cena Curta, no Teatro Miguel Falabella. Jurados: Ilva Niño, Dudu Sandroni e Leila Carvalho (o ganhador desse festival teve seu texto publicado na revista Em Cartaz, da Editora Cartolina);

5) II Mostra Fetaerj de Teatro em Búzios, na Casa de Cultura, em novembro;

6) Apoio ao Festival de Teatro da Faetec, no Rio de Janeiro, em outubro;

7) Parceria na realização do Festival de Teatro Gente é pra Brilhar, no Rio de Janeiro (mostra competitiva) e Mostra, no Teatro João Caetano, de 14 a 17 de novembro; Espetáculos Participantes:

Adulto:

“As Criadas”, com a Cia SOS;

“Ditos de Marmuração”, com o Coletivo Pagu;

“Rinocerontes”, com o Grupo Martins Penna;

“Catastrophe”, com o Grupo de Risco;

“A Farsa do mestre Pathelin”, com o Grupo Farsacena;

“As margens de um rio Perpétuo”, com a Cia Teatral Jovens atores do Brasil;

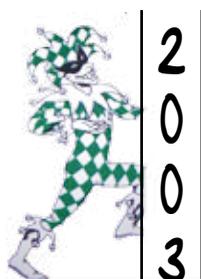
Infantil:

“Patativa do Assaré – Resistência”, com a Cia de Teatro;

“Il Pagliacci”, com a Cia Esquizóides do Delírio;

“Monólogos: Qorpo santo ou...”, com o CTO/Rio;

“Apareceu a Margarida”, com o Grupo Só Arte, de Volta Redonda.



XXVI Festival Estadual de Teatro ***Prêmio Paschoalino 2003***

Município: Nova Iguaçu;

Local: Sesc;

Quando: de 05 a 13 de setembro;

Comissão Julgadora da pré-seleção: Aduni Bento e Martingil.

Grupo e Espetáculos participantes e premiados:

Grupo Farsacena, do Rio de Janeiro: “Médico à força”;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Amargas Almas”;

Grupo Cia de Arte Persona, de Campos: “Decote”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Sapos, galos e outros bichos”;

Grupo Lua Crescente, de Paty do Alferes (Destaque melhor texto oriundo do movimento): “Outono”;

Grupo Arte, Vida e Cor, de Cachoeira de Macacu: “Banana City”;

Grupo Faz de Conta, de Campos: “Faz de conta no folclore”;

Grupo Djota, de Maricá: “Como se tudo fosse agora”;

Grupo Romeluta, de Maricá: “Lá...Tinha”;

Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro: “O Santo Inquerito”;

Grupo Grupo Aguiê, do Rio de Janeiro: “Fefê e Pipoca contra Dom Sujão”;

Grupo Mandala, de Cabo Frio: “O Farol da Madrugada”;
Grupo Somu D’Riba, do Rio de Janeiro Bonito: “Aborrecentes adolescentes”;
Grupo Gene Insanno, de Araruama: “Era uma vez, quem quiser que conte três”;

Espetáculos convidados:

“Por Gentileza” , do Grupo Mimos Brasil, do Rio de Janeiro;
E os premiados Pascoalino 2002: ;
“As Criadas”, do Grupo SOS de Teatro, Duque de Caxias;
“Fábula de casa das mulheres sem homens”, do Grupo Quantum Cia de Teatro, do Rio de Janeiro.

Oficinas:

Interpretação, com Ribamar Ribeiro; Interpretação, Análise Ativa, com Gilson de Barros; Mímica, com Josué Soares; Corpo, com Rodrigo Faria; Voz, com Márcia Valéria; Acrobacia, com Robso Sanchez e Monique;

Oficinas para escolas:

Jogos Teatrais: Verônica Rocha e Ribamar Ribeiro

E mais:

Palestra Políticas Públicas, Mesas:
O Texto: Sbat
O Ator: Charles Friks
Teatro Infantil e Arte/Educação: CBTIJ
Cenografia: José Dias
Direção: Daniel Herz

Outras realizações:

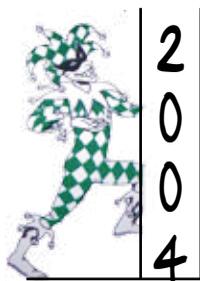
- 1) II Rola Teatro, com os melhores espetáculos do Prêmio Paschoalino 2002, no Teatro Miguel Falabella, no Rio de Janeiro, de fevereiro a abril;
- 2) I festival Estudantil de Búzios, na Casa de Cultura, em agosto;
- 3) 3ª Mostra de Teatro de Búzios, de 4 a 8 de novembro, na Casa de Cultura de Búzios, com os seguintes espetáculos:

“Médico à força”, com o Grupo Farsacena, do Rio de Janeiro (Prêmio Paschoalino/ 2003)
“Amargas Almas”, com o Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro (Prêmio Paschoalino/2003)
“Decote”, com a Cia de Arte Persona, do Rio de Janeiro (Prêmio Paschoalino/2003)
“Sapos, galos e outros bichos”, com o Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio
“Faz de conta no folclore”, com o Grupo Faz de conta, de Campos

E mais dois espetáculos oriundos das oficinas Fetaerj de capacitação de Búzios, sob instrução de Rodrigo Portela: infantil - “Olha lá, mané”; e adulto, “A vida como ela é”.

E os melhores do 1º festival estudantil de Búzios:

“Gente, bicho, planta”, “A Farsa dos bons costumes”, “Tédio, tentativa e tentação”



XXVII Festival Estadual de Teatro ***Prêmio Paschoalino 2004***

Município: Angra dos Reis;

Local: Teatro Municipal;

Quando: de 28 de agosto a 04 de setembro;

Comissão julgadora da pré-seleção: Anja Bittencourt, Mariozinho Telles e André Sanches

Comissão julgadora do festival: Ana Kfoury, Jane Celeste e José Dias

Algumas características:

- 1) Cobrança de ingresso: 1 litro de leite doação para instituições de caridade de Angra dos Reis;
- 2) O Festival Estadual aconteceu durante o Festival Internacional de Teatro de Angra (FITA)

Grupos e Espetáculos participantes e premiados:

Grupo Suassuna Companhia das Artes: “Sangue de bode num dá sustança”;

Grupo Genne Insanno, do Rio de Janeiro: “Homens”;

Grupo Trupe XIS, de Rio Bonito: “Eduardo e Mônica”;

Grupo Farsa Cena, do Rio de Janeiro: “O santo e a porca”;

Grupo Galpão das Artes, do Rio de Janeiro: “É isso aí, Irajá”;

Grupo Troupe do Covil Imaginário, de Petrópolis: “Alice”;

Grupo LÁTEX, de Cachoeiras de Macacu: “Dona Dengosa”;

Grupo Arte em Cena, de Volta Redonda: “Caravana dos Sonhos”;

Grupo NEP, do Rio de Janeiro: “Feliz Aniversário”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Gepeto Conta Pinóquio”;

Grupo Varal, do Rio de Janeiro: “A revolução dos beatos”;

Grupo Cia teatral Jovens Atores do Brasil, do Rio de Janeiro: Carlitos”;

Grupo CTO, do Rio de Janeiro: “Coisas do gênero”

Outras realizações:

- 1) III Mostra Rola Teatro, com os melhores espetáculos do Prêmio Paschoalino 2003, no Teatro Miguel Falabella, em abril, no Rio de Janeiro;
- 2) Projeto Teatro na Praça, de maio a outubro, em Búzios;
- 3) II Festival Estudantil de Búzios, na Casa de Cultura, em setembro;
- 4) IV Mostra de Teatro em Búzios, na Casa de Cultura, em outubro.
- 5) I FITA – Festa Internacional de Teatro de Angra, em Angra dos Reis.
- 6) FETAERJ recebeu o Troféu Mandacaru, concedido pela Prefeitura da cidade de Armação de Búzios pelos 4 anos de desenvolvimento teatral sistemático neste município.
- 7) FETAERJ recebeu o Prêmio Moção de Aplauso (2004), concedida pelo Ateneu Angrense de Letras, pela realização da FITA (Festa Internacional de Teatro de Angra).

**2005 Este ano, pela primeira vez na história da Federação,
não acontece o Festival Estadual.**

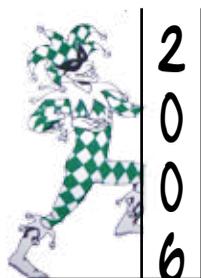
Em relação ao festival, encontramos os seguintes registros:

- Ofício da Prefeitura de Paty do Alferes, que trata da impossibilidade de fazer o 28º Festival (Paschoalino de 2005), nas datas propostas para janeiro de 2006 (ano seguinte), devido a férias dos funcionários, e da possibilidade de se fazer mais pro meio do ano, aproveitando o Centenário de Pascoal;

• Ofício da FUNARTE, datado de 01 de dezembro de 2005, informando a impossibilidade de apoiar o Prêmio Paschoalino/2005, no que se refere ao uso da Aldeia, no período de 9 a 18 de dezembro de 2005 (segundo proposta da FETAERJ, enviada em 07 de novembro), devido ao laudo técnico desfavorável da equipe de engenharia, colocando apenas o Teatro Renato Vianna à disposição na data proposta, sem equipamento nenhum.

Outra realização:

IV Rola Teatro, com os melhores espetáculos do Prêmio paschoalino 2004, no Teatro Miguel Falabella, de maio a julho, no Rio de Janeiro.



XXVIII Festival Estadual de Teatro

Prêmio Paschoalino 2006

Município: Paty do Alferes

Local: Aldeia de Arcozelo

Quando: 14 a 22 de abril.

Comissão Julgadora: João Grilo, Lauro Góes e Suzana Saldanha

Espectáculo de abertura: “É isso aí, traje!” - Galpão das Artes

Grupos e Espectáculos participantes e premiados:

Cia Galpão das Artes, do Rio de Janeiro: “O Auto da Camisinha ;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Tempo de Espera”;

Grupo Faz de Conta - Campos: “INEUAF”;

Grupo Teatro de Frente, do Rio de Janeiro: “Vírgínias”;

Grupo Mimos, do Rio: “Marujada de Perna Bamba”;

Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro: “A mulher sem pecado”;

Grupo Cia do Fusca, do Rio de Janeiro: “Quantos atores Cabem num fusca”;

Grupo Cia Sta Mônica, do Rio de Janeiro: “O Mistério da Feiurinha”;

Grupo Teatro Físico, do Rio de Janeiro: “A Cantora Careca”;

Grupo Interferência, de Rio Bonito: “As pessoas felizes não tem história pra contar”;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “A Corrente de Eléia”;

Grupo Cia Sta Mônica, do Rio de Janeiro: “Aparente Mente”;

Grupo Cia Boto Vermelho, do Rio de Janeiro: “Acrobatas”;

Destaque de Direção:

Ribamar Ribeiro, pela direção diferenciada dos espetáculos “Auto da Camisinha” e “A Corrente de Eléia”;

Destaque de Ator:

Jorge Luis Rodrigues, por “Acrobatas”;

Destaque Ator Coadjuvante:

Alexandre Braga, por “Acrobatas”;

Destaque Atriz:

Ro Santana, por “A Cantora Careca”;

Andrpeà Azevedo, por “Virgínias”

Anneli Lljun, por “Virgínias”

Destaque Atriz Coadjuvante:

Isabella Luz, por “Quantos Atores Cabem num Fusca”;

Iluminação:

Pablo Rodrigues, por “Virginias”;

Sonoplastia:

Anneli Olljun, por “Virgínias”;

Cenografia:

Cachalote Mattos, por “A Corrente de Eléia”;

Figurino:

Anneli Olljun, por “Virgínias”;

Maquiagem:

Flávia Pepe, por “Marujada do Pernabamba”;

Texto Oriundo do Movimento:

Andréa Azevedo, por “Virgínias”;

Música Oriunda do Festival:

Victor Lar e Cláudio Roberto, por “Marujada do Pernabamba”;

Trabalho Corporal:

Andréa Azevedo, por “Virginias”;

Premio Especial do Júri:

“A Cantora Careca”;

Premio Júri do Movimento de Melhor Espetáculo:

“A Corrente de Eléia”;

Premio Especial da Fetaerj:

Abílio Henriques (foto), pelo empenho junto ao movimento.

Mostra especial:

Grupo Aguiê: “Fefê e Pipoca Contra dom Sujão

Grupo Gene Insanno, de Araruama: “Eu digo sim, falo não. Não sei se tenho opinião”;

Grupo Grutta Teatral - Rio: “Os Três Peraltas na Praça”;

Cia Lua Crescente, de Paty do Alferes: “Stress com Finesse”;

Grupo Os Ciclomáticos: “Consumattum Est”;

Algumas características:

1) Contaçon de história – todos os dias de manhã



2) Encontros: 100 anos de Paschoal Carlos Magno, no Teatro Municipal; A Profissão do Ator: SATED e CBTIJ; Arte e Educação: Zé Zuca; Cenografia e Arquitetura: José Dias; Teatro Infantil : CBTIJ; Políticas Culturais: Cristina Pereira;

3) Encenação da Paixão de Cristo;

Oficinas:

Jogos Teatrais, com Renato Neves; Interpretação, com Ribamar Ribeiro; Expressão Corporal, com Josué Soares; Interpretação, com Pablito Torres; Improviso, com Marcia Valéria.

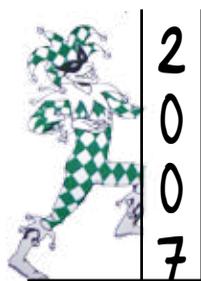
Outras realizações:

1) V Mostra Rola Teatro, no Teatro Glauce Rocha, de 02 a 06 de agosto: “As Virgínicas”, “O Auto da Camisinha” e “A Corrente de Eléia”.

2) Parceria na realização do Laboratório do Ator (oficinas teatrais com Ana Kfoury e Thierry Trèmoroux), em Paty do Alferes, na Aldeia de Arcozelo, em junho;

3) Parceria na realização do Concurso de Monólogos Teatrais da Secretaria Municipal de Cultura de Maricá, em julho;

4) FETAERJ recebeu a Moção De Congratulação, concedida pela Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro pelo “excelente trabalho em prol da cultura brasileira”.



XXIX Festival Estadual de Teatro

Prêmio Paschoalino 2007

Município: Paty do Alferes;

Local: Aldeia de Arcozelo;

Quando: de 20 a 28 de julho;

Comissão Julgadora: Marília Martins, Lauro Góes e Paulo Marcos de Carvalho

Grupos e Espetáculos participantes e premiados:

Grupo Somu D’Riba, de Rio Bonito: “O Gato de Botas”;

Grupo Persona, de Campos: “O Mistério de Feiurinha”;

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio: “Magia das Águas”;

Grupo Faz de Conta, de Campos: “Uma História Só”;

Grupo Lua Crescente, de Paty do Alferes: “Mergulho na Alma de Shakespeare”;

Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro: “O Beijo no Asfalto”;

Grupo DJOTA - Maricá: “Perfidia”;

Grupo NEP –: “Claudinha está lá fora”;

Grupo Interferência, de Rio Bonito: “Esperando”;

Grupo os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Sobre Mentiras e Segredos”;

Grupos Convidados:

Grupo Mimos Brasil, de Rio: “100 Palavras”;

Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis: “O Auto do Trabalhador”;

Grupo Cia Sta Mônica, do Rio de Janeiro: “Aparente Mente”;

Grupo Os Ciclomáticos DNA: “A Gaivota”;

Grupo Mimos Brasil, do Rio de Janeiro: “Por Gentileza”;

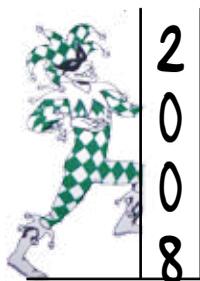
Grupo de Teatro Maldito: “O Maldito”;

Oficina:

Interpretação, com Ribamar Ribeiro

Em Cena: a Fetaerj hoje;
Gestão Pablo Rodrigues





XXX Festival Estadual de Teatro

Prêmio Paschoalino 2008

Município: Paty do Alferes;

Local: Aldeia de Arcozelo;

Quando: de 25 de julho a 2 de agosto

Comissão julgadora: Paulo Marcos de Carvalho, Gílson de Barros e James Silva

Melhor Espetáculo:

Espetáculo “Homem Nenhum”, do Grupo Só Isso e Mais Nada, de São Gonçalo;

Espetáculo “Pequenas Sagas Nordestinas”, do Grupo Círculo Teatral, do Rio de Janeiro;

Espetáculo “Antes Que o Galo Cante”, do Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro;

Espetáculo “O Maldito”, do Grupo Galpão das Artes, do Rio de Janeiro;

Espetáculo “Suaves Pecados”, do Grupo Covil Imaginário, de Petrópolis.

Destaque de Direção:

Josué Soares, por “Homem Nenhum”, do Grupo Só Isso e Mais Nada de São Gonçalo;

Ribamar Ribeiro, por “Pequenas Sagas Nordestinas”, do Grupo Círculo Teatral, do Rio de Janeiro;

Carla Meirelles, por “Antes Que o Galo Cante” do Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro.

Destaque de Ator:

Getúlio Nascimento, por “Antes que o Galo Cante”;

Valério Bandeira, por “Homem Nenhum”.

Destaque de Ator Coadjuvante:

Ivan de Oliveira, por “Homem Nenhum”;

Anderson Diniz, por “Pequenas Sagas Nordestinas”;

Sandro Guimarães, por “O Boca de Ouro”;

Marcus Muller, por “O Maldito”.

Destaque de Atriz:

Simone Leal, por “por Homem Nenhum”;

Cristina Contarini, por “Pequenas Sagas Nordestinas”;

Nívea Nascimento, por “Antes Que o Galo Cante”.

Destaque de Atriz coadjuvante:

Juliana Santos, por “Antes Que o Galo Cante”;

Gisele Flor, por “O Maldito”;

Tatiana Oliveira, por “Homem Nenhum”;

Daniela Nery, por “O Maldito”.

Destaque de iluminação:

Pablo Rodrigues, por “Homem Nenhum”;

Poliana Pinheiro, por “Pizza Família”;

Ricardo Rocha, por “Pequenas Sagas Nordestinas”.

Destaque de Sonoplastia:

Ribamar Ribeiro, por “Pequenas Sagas Nordestinas e O Maldito”;
Fábio Terra Nova, por “Homem Nenhum”.

Destaque de Cenografia:

Cachalote Mattos, por “Antes Que o Galo Cante”;
Milla Petry por Pizza Família”;
Mamo Marques, por “Caravana da Ilusão”.

Destaque de Figurino:

André Vital, por “Antes Que o Galo Cante”;
Flávio Freyal, por “Homem Nenhum”;
Renato Vieira e Bruna Lopes, por “O Maldito”.

Destaque de Maquiagem:

André Vital, por “Antes Que o Galo Cante”;
Renato Vieira, por “o Maldito”;
Cláudio Guimarães, por “Homem Nenhum”.

Destaque de Texto Oriundo do Movimento:

Sidney Carneiro, por “Suaves pecados”
Ivan de Oliveira por “Homem nenhum”;
Fabiola Rodrigues e Ribamar Ribeiro por “Antes que o galo cante”.

Destaque de Musica Oriunda do Movimento:

Caíque Botkay e Ricardo Silva, por “Antes que o galo cante”;
Fábio Terra Nova, por “Homem nenhum”.

Destaque de Trabalho Corpora:

Márcio Vieira por Antes que o galo cante”;
Josué Soares, por “Homem Nenhum”;
Ribamar Ribeiro, por “O Maldito”.

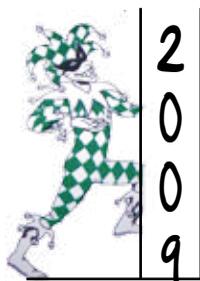
Premio Especial de Júri:

Ivan de Oliveira (foto), do Grupo Só Isso e Mais Nada, de São Gonçalo pela visão cultural e resistência artística na ação associativa.

Outras realizações:

III festival Nacional de Esquetes Fetaerj em Cena Curta, no Teatro Sylvio Monteiro, em Nova Iguaçu.





XXXI Festival Estadual de Teatro *Prêmio Paschoalino*

Município: Paty do Alferes;

Local: Aldeia de Arcozelo;

Quando: de 24 de julho a 02 de agosto

Comissão Julgadora: José Facury Heluy, Ariadne Amâncio e James Silva.

Grupos e Espetáculos concorrentes e convidados:

Grupo Luminous, de São Gonçalo: “Homem Nenhum (convidado)”;

Grupo Língua de Trapo, de Petrópolis: “Esse Mundo é Uma Bola... Ora Bolas”;

Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “Bota o Perú pra Fora... Minha Sogra vem pro Natal”;

Grupo Travessia Teatro, de Rio de Janeiro: “Presente dos Deuses - Uma História da Índia”;

Grupo Faz de Conta, de Campos dos Goytacazes: “Lava no Rio de Histórias (convidado)”;

Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, de Rio de Janeiro: “O Beija-Flor Suspense”;

Grupo Niño de Artes, de Rio de Janeiro: “A Incelença (convidado)”;

Grupo Absurdos, de Rio de Janeiro: “Santo Corpo”;

Grupo Círculo Teatral, de Rio de Janeiro: “A Casa de Bernarda Alba”;

Grupo Arte em Cena, de Volta Redonda: “Quarto 101”;

Grupo DJOTA, de Maricá: “Perfidia (convidado)”;

Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis: “O Piolho, a Caolha, a Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”;

Grupo Teatro da Estrutura, de Rio de Janeiro: “A Mais Forte, Estruturada”;

Grupo Afroreggae (atual Contra Bando de Teatro), de Rio de Janeiro: “Nas Asas da Quimera ou simplesmente sonho”;

Grupo Gene Insanno, de Rio de Janeiro: “Veja o que este blues quer dizer”;

Grupo Os Ciclomáticos, de Rio de Janeiro: “Antes que o Galo Cante (convidado)”;

Grupo Trupe do Covil Imaginário, de Petrópolis: “Eternamente”;

Grupo COMBI, de Rio de Janeiro: “O Fim da Picada”;

Grupo Di-Ferente, de Uberlândia – MG: “Dolores (convidado)”;

Grupo Teatro de Frente, de Rio de Janeiro: “O Que Resta”;

Grupo Grutta Teatral, de Rio de Janeiro: “Apaga a Luz e Faz de Conta que Estamos Bebados”;

Oficinas:

Cenografia, com Martingil Egypto; Voz Cantada e Voz Falada, com Fabricio Ramos e Karina Uchoa;

Curta-Metragem, com Aniliah Francisca, Teatro e Arte Educação, com Ribamar Ribeiro.

Premiação (indicados e premiados):

Melhor Espetáculo

“A Mais Forte, Estruturada”, do Grupo Teatro de Estrutura, do Rio de Janeiro;

“Esse Mundo É Uma Bola... Ora Bolas!”, da Cia Teatral Língua de Trapo, de Petrópolis;

“O Piolho, A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”, do Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis;

“O que Resta”, do Grupo Teatro de Frente, do Rio de Janeiro;

“Presente dos Deuses”, do Grupo Travessia, do Rio de Janeiro;

Melhor Espetáculo Segundo o Júri do Movimento

“O Piolho, A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”, do Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis;

“O Fim da Picada”, do Grupo Combi Teatro, do Rio de Janeiro;

“O Beija-Flor Suspenso”, da Cia de Artes do Galpão, do Rio de Janeiro;

Destaque de Direção

Ribamar Ribeiro, por O Piolho, A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar;

Andréa Azevedo, por O Que Resta;

Leandro Lobo, por Presente dos Deuses.

Destaque de Ator

Leandro Lobo, em Presente dos Deuses;

Paulo Marcos de Carvalho, em Esse Mundo É Uma Bola... Ora Bolas!

Destaque de Ator Coadjuvante

Elenco Masculino – “O Piolho, A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”

Marcus Muller – “O Beija Flor Suspenso”

Rodrigo Gerstner – “O Que Resta”

Destaque de Atriz

Andréa Azevedo, em “O Que Resta”;

Cassiana Rodrigues, em “Presente dos Deuses”;

Iara Rocha, em “Esse Mundo É Uma Bola... Ora Bolas!”

Destaque de Atriz Coadjuvante

Elenco Feminino, em “O Piolho, A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”;

Gaelle Rony, em ‘O Que Resta’;

Luciana Senna, em A Casa de Bernarda Alba.

Destaque de Iluminação

Anderson Rato, por “O Piolho, A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”;

Pablo Rodrigues, por “O Que Resta”;

Pablo Rodrigues, por “Presente dos Deuses”.

Destaque de Sonoplastia

Fabio Campos, por “O Que Resta”;

Ribamar Ribeiro, por “O Beija-Flor Suspenso”;

Ricardo Rocha, por “A Casa de Bernarda Alba”.

Destaque Cenografia

Alexandre Cunha a Ana Sandra, por “O Que Resta”;

Cachalote Matos, por O Piolho, “A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”;

Cia Teatral Língua de Trapo, por “Esse Mundo É Uma Bola... Ora Bolas!”;

Leandro Lobo, por “Um Presente dos Deuses”.

Destaque de Figurino

Alexandre Cunha, Ana Sandra e Valeska Cerqueira, por “O Que Resta”;
Cia Teatral Língua de Trapo, por “Esse Mundo É Uma Bola... Ora Bolas!”;
Cristina Contarine, por “A Casa de Bernarda Alba”.

Destaque de Maquiagem

Marcio Zatta, por “A Mais Forte, Estruturada”;
Paulo Marcos de Carvalho, por “Esse Mundo É Uma Bola... Ora Bolas!”;
Ricardo Rocha, por “A Casa de Bernarda Alba”;
Travessia Teatro, por “Presente dos Deuses”.

Destaque de Texto Oriundo do Movimento

Bruna Lopez, por “Santo Corpo”;
Paulo Marcos de Carvalho, por “Esse Mundo É Uma Bola... Ora Bolas!”;
Ribamar Ribeiro, por “O Piolho, A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”;
Sidney Carneiro, por “Eternamente”.

Destaque de Música Oriunda do Movimento

Fabio Campos, por “O Que Resta”;
Julio Morgado, por “O Piolho, A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”;
Leandro Lobo/Silvia Brasil, por “Um Presente dos Deuses”.

Destaque de Trabalho Corporal

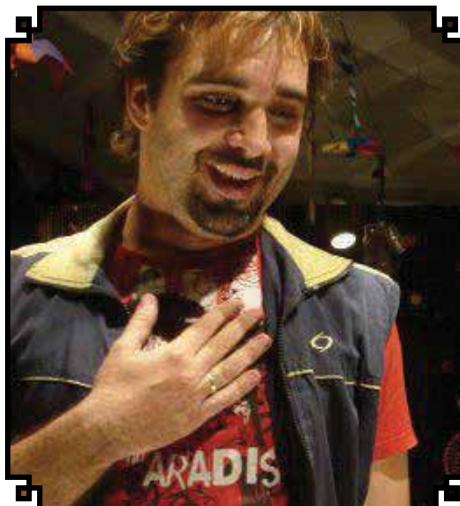
Andréa Azevedo, por “O Que Resta”;
Josué Soares, por “Esse Mundo É Uma Bola... Ora Bolas!”;
Leandro Lobo, por “O Presente dos Deuses”;
Marcio Zatta, por “A Mais Forte, Estruturada”;
Ribamar Ribeiro, por “O Piolho, A Caolha, A Morte e as 4 Irmãs que não Deveriam Falar”.

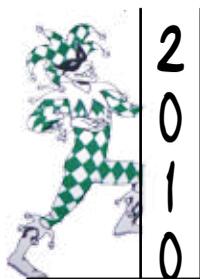
Prêmio Especial da Diretoria

Prefeitura de Paty do Alferes, através da Secretaria de Cultura e Turismo, pela vasta contribuição ao Movimento Associativo do Estado do Rio de Janeiro.

Prêmio Especial do Júri

Ribamar Ribeiro (foto) –
Multiplicador Artístico-Cultural
do Movimento





XXXII Festival Estadual de Teatro Associativo

Prêmio Paschoalino

Município: Paty do Alferes;

Local: Aldeia de Arcozelo;

Quando: de 23 de julho a 1 de agosto.

Comissão Julgadora: Luiz Vaz e Susilene Feole.

Grupos e Espetáculos concorrentes e convidados:

Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis: “O Piolho, a Caolha, a Morte e as 4 Irmãs que não deveriam falar (convidado)”;

Grupo Troupe do Covil Imaginário, de Petrópolis: “Anamnese”;

Grupo Teatro da Estrutura, do Rio de Janeiro: “Babel de Messalinas”;

Grupo Amadores S.A., do Rio de Janeiro: “A arte de adolecer”;

Grupo UFFRJ, de Seropédica: “A Última Flor (esquete) (convidado)”;

Grupo Arte em Cena, de Volta Redonda: “Pecados Pessoais (esquete) (convidado)”;

Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro: “Do Outro Lado (esquete) (convidado)”;

Grupo Amadores S.A., do Rio de Janeiro: “A Megera Domada”;

Grupo Theatrizomenoi (atual 4 elementos): do Rio de Janeiro, de “Santa Fé”;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Genet - Os Anjos Devem Morrer”;

Grupo Cia CSM, do Rio de Janeiro: “O Príncipe que tudo aprendeu nos livros”;

Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “Verão”;

Grupo Gene Insanno, do Rio de Janeiro: “Menino de Moony não chora”;

Grupo Bunda Canastra, de Maceió-AL: “Amarrados (performance) (convidado)”;

Grupo Código, de Japeri: “O Inimigo do Povo”;

Grupo Afroreggae (atual Contra Bando de Teatro), do Rio de Janeiro: “Antígona”;

Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro: “Cegos”;

Grupo 7 Phocus, do Rio de Janeiro: “A História de Prelência”;

Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro: “Bonitinha, mas Ordinária”;

Oficinas:

Editais e Leis de Incentivo, com Márcia Valeria, e O Corpo do Ator, com Robson Sanchez e Monique Carvalho.

Melhor Espetáculo do Júri Oficial (Indicados e premiados):

Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro: “Cegos”;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Genet - Os Anjos Devem Morrer”;

Grupo 7 Phocus, do Rio de Janeiro: “A História de Prelência”;

Grupo Código, de Japeri: “O Inimigo do Povo”;

Grupo Cia CSM, do Rio de Janeiro: “O Príncipe que tudo aprendeu nos livros”;

Melhor Espetáculo do Júri do Movimento (Indicados e premiados):

Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro: “Cegos”;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Genet - Os Anjos Devem Morrer”;

Grupo 7 Phocus, do Rio de Janeiro: “A História de Prelência”;

Destaque de Direção (indicados e premiados):

Bruno W. Medsta e Mywa Yanagizawa, por “Inimigo do Povo”;

Ribamar Ribeiro, por “Cegos”;

Ribamar Ribeiro, por “Genet, Os Anjos devem Morrer”;

Samuel Costa, por “Verão”.

Destaque de Ator (indicados e premiados):

Getúlio Nascimento, em “Genet, Os Anjos devem Morrer”;

Marcos Carvalho, em “Bonitinha, mas Ordinária”;

Sidney Carneiro, em “(Anamnese)”.

Destaque de Atriz (indicados e premiados):

Carla Meirelles, em “Genet, Os Anjos devem Morrer”;

Natália Trotte, em “O Príncipe que tudo Aprendeu nos Livros”;

Sônia Margarita, em “Menino de Moony não Chora”.

Destaque de Ator Coadjuvante (indicados e premiados):

Mauro Carvalho, em “Genet, Os Anjos devem Morrer”;

Rodrigo Gomes, em “A Arte de Adolescer”;

Renato Neves, em “Genet, Os Anjos devem Morrer”.

Destaque de Atriz Coadjuvante (indicados e premiados):

Debora Cruzy, em “Inimigo do Povo”;

Fernanda Sabot, em “Cegos”;

Renata Egger, em “Cegos”;

Verônica de Oliveira, em “Inimigo do Povo”.

Destaque para trabalho Corporal (indicados e premiados):

Genet – Os Anjos Devem Morrer

Inimigo do Povo

Destaque de Música Oriunda do Movimento (indicados e premiados):

A Arte de adolescer

Inimigo do Povo

O Príncipe que Tudo Aprendeu nos Livros

Destaque de Texto Oriundo do Movimento (indicados e premiados):

Anamnese

Cegos

Genet - Os Anjos Devem Morrer

Verão

Destaque de Maquiagem (indicados e premiados):

Cegos

Genet – Os Anjos Devem Morrer

Destaque de Figurino (indicados e premiados):

Cegos

A História de Prelência

O Príncipe que Tudo Aprendeu nos Livros

Destaque de Cenografia (indicados e premiados):

Genet – Os Anjos Devem Morrer

A História de Prelência

O Inimigo do Povo

Destaque de Sonoplastia (indicados e premiados):

Anamnese

Genet – Os Anjos Devem Morrer

Menino de Moony não Chora

Verão

Destaque de Iluminação (indicados e premiados):

A arte de Adolescer

Cegos

Genet – Os Anjos Devem Morrer

Verão

Prêmio Especial do Júri

CTI – Comunidade Teatral de Independente, pela mobilização teatral

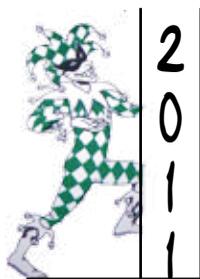
Prêmio Especial da Diretoria da FETAERJ

Dona Nely Vasconcellos (foto), grupo TEV (Valença) pela grande contribuição ao Movimento Associativo



Outra realização:

VI Projeto Rola Teatro, com os melhores espetáculos da Fetaerj, no Teatro Municipal de Araruama; no Teatro da Universidade Rural Fluminense UFFRJ, em Seropédica; e no Teatro Armando Gonzaga, no Rio de Janeiro.



XXXIII Festival Estadual de Teatro da Fetaerj

Prêmio Paschoalino 2011

Município: Paty do Alferes;

Local: Aldeia de Arcozelo;

Quando: de 22 a 31 de julho.

Comissão Julgadora: Marcele Benigno, Paulo Denizot e Susilene Feole.

Grupos e Espetáculos concorrentes e convidados:

- Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Genet - Os Anjos Devem Morrer” (convidado);
- Grupo Si-Fu-Xi-Pá, do Rio de Janeiro: “Renove-se”;
- Grupo CCAG, do Rio de Janeiro: “EnCanta Gonzaguina”;
- Grupo G-Tadra, do Rio de Janeiro: “O Perdão”;
- Grupo Látex, de Cachoeiras de Macacu: “A Casa dos Irmãos Tortos”;
- Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito: “Entre Moinhos e Gigantes... A Vida e a Morte de Don Quixote de La Mancha”;
- Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis: “O Vaqueiro que não sabia mentir”;
- Grupo Absurdos, do Rio de Janeiro: “As Traças”;
- Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “Guerra das Cores”;
- Grupo Cia CSM, do Rio de Janeiro: “O Príncipe que tudo aprendeu nos livros” (convidado);
- Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro: “Abajur Lilás”;
- Grupo SoMu D Riba, de Rio Bonito: “Por um último instante”;
- Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro: “O Mistério das Rua das Andorinhas”;
- Grupo Mimos Brasil, do Rio de Janeiro: “Histórias pra Boi dormir (convidado)”;
- Grupo Afroreggae (Atual Contra Bando de Teatro), do Rio de Janeiro: “O Balaio da Vingança”;
- Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro: “Jubaia - O Recanto das Cores”;
- Grupo Espaço Mezcla, de Juiz de Fora-MG: “Meu Dia Perfeito” (convidado);
- Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro: “À Sua Imagem e Semelhança”;

Oficinas:

Visagismo, com André Vital; A Voz do Ator, com Ana Carolina Cravo; e Curta Metragem, com Ravi Arrabal.

Melhores espetáculos, indicados e premiados:

- “Entre Moinhos e gigantes... A vida e a morte de Dom Quixote de La Mancha!”, do Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito;
- “O Abajur Lilás”, do Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro;
- “Jubaia, O Recanto das Cores”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;
- “À sua imagem e semelhança”, do Grupo CTI – Comunidade Teatral de Independente, do Rio de Janeiro;
- “O vaqueiro que não sabia mentir”, do Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis;
- “O mistério da Rua das Andorinhas”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro.

Melhor Espetáculo segundo o juri do movimento, indicados e premiado:

“À sua imagem e semelhança”, do GrupoCTI – Comunidade Teatral de Independente, do Rio de Janeiro;
“O vaqueiro que não sabia mentir”, do Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis;
“O mistério da Rua das Andorinhas”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro.

Destaque de Direção, indicados e premiados:

Ribamar Ribeiro por “À sua imagem e semelhança”, do GrupoCTI – Comunidade Teatral de Independente, do Rio de Janeiro;

Mauro Marques, por “O Mistério das Rua das Andorinhas”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro;
Michelle Cabral, por “O Vaqueiro que não sabia mentir”, do Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis;
Raphael Moura, por “Abajur Lilás”, do Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro.

Destaque de Ator, indicados e premiados:

Juka Goulart em Por um último instante – SoMu D Riba – Rio Bonito

João , por “O Vaqueiro que não sabia mentir”, do Grupo Cutucurim – Angra dos Reis
Perceu Silva, por “A Casa dos Irmãos Tortos”, do Grupo Látex – Cachoeiras de Macacu

Destaque de atriz, indicados e premiados:

Talita Fusco, em “À sua imagem e semelhança”, do Grupo CTI, do Rio de Janeiro;

Flaviana Aires, por “O Vaqueiro que não sabia mentir”, do Grupo Cutucurim – Angra dos Reis
Linn Falcão, por “Abajur Lilás”, do Grupo Grutta Teatral – Rio de Janeiro

Destaque de Ator coadjuvante, indicados e premiados:

Victor Hugo, em Entre Moinhos e gigantes... A vida e a morte de Dom Quixote de La Mancha! – Lona na Lua – Rio Bonito

Guto Nascimento, em “Renove-se”, do Grupo Si-Fu-Xi-Pá – Rio de Janeiro
Paulo Ramos, em “O Mistério das Rua das Andorinhas”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro;

Destaque de Atriz coadjuvante, indicados e premiados:

Marília Nunes, em “O Vaqueiro que não sabia mentir”, do Grupo Cutucurim – Angra dos Reis;

Karen Costa, em “O Mistério das Rua das Andorinhas”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro;
Carolina Montez, em “O balaio da vingança”, do Grupo Afroreggae – Rio de Janeiro

Destaque de Iluminação,, indicados e premiados:

Bruno Henrique, por “À sua imagem e semelhança”, do Grupo CTI – Comunidade Teatral de Independente, do Rio de Janeiro;

Tiago da Silveira, por “Abajur Lilás”, do Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro.
Rodrigo Oliveira, por “O Mistério das Rua das Andorinhas”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro;

Destaque de Sonoplastia, indicados e premiados:

Ribamar Ribeiro por “À sua imagem e semelhança”, do GrupoCTI – Comunidade Teatral de Independente, do Rio de Janeiro;

Vilma Melo, por “EnCanta Gonzaguina: 20 anos de imortalidade do artista, do Grupo CACG, do Rio de Janeiro.

Destaque de Cenografia, indicados e premiados:

Débora Soares, por “Jubaia, O Recanto das Cores”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;
Pablito Torres, por “A casa dos irmãos tortos”, do Grupo Látex, de Cachoeiras de Macacu;
Luciano Araujo e Grupo Cutucurim, “O Vaqueiro que não sabia mentir”, de Angra dos Reis;

Destaque de Figurino, indicados e premiados:

Rodrigo Cohen, por “O Mistério das Rua das Andorinhas”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro;
Arielen Lefay e Juka Goulart, por “Por um instante”, do Grupo SoMu D Riba, de Rio Bonito;
Débora Soares, por “Jubaia, O Recanto das Cores”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Destaque de Maquiagem, indicados e premiados:

Getúlio Nascimento, por à sua imagem e semelhança – CTI – Comunidade Teatral de Independente – Rio de Janeiro
Ana Ariel Perrone e Fátima D’Ornelas, “por Entre Moinhos e gigantes... A vida e a morte de Dom Quixote de La Mancha!”, do Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito;
Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis, por “O Vaqueiro que não sabia mentir”;

Revelação Artística, indicados e premiados:

Linn Falcão
Bruno Henrique
Juka Goulart

Destaque de Autor do Movimento, indicados e premiados:

João Neves, Mário dos Anjos e Márcia Brasil por “O Vaqueiro que não sabia mentir”, do Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis;
Ribamar Ribeiro por “À sua imagem e semelhança”, do Grupo CTI – Comunidade Teatral de Independente, do Rio de Janeiro;
Juka Goulart, por “Por um instante”, do Grupo SoMu D Riba, de Rio Bonito;
Deborah Esteves, por “O Mistério da Rua das Andorinhas”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro;
Pablito Torres, por “A casa dos irmãos tortos”, do Grupo Látex, de Cachoeiras de Macacu.

Destaque de Música do Movimento, indicados e premiados:

Adren Alves, por “O Vaqueiro que não sabia mentir”, do Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis;
Leandro Muniz, por “O Mistério das Rua das Andorinhas”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro;
Leandro Bastos, Dei Ribas e Daniel Ferrão por “Jubaia, O Recanto das Cores”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro.

Destaque de Pesquisa Corporal, indicados e premiados:

Michelle Cabral, por “O Vaqueiro que não sabia mentir”, do Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis;
Ribamar Ribeiro por “À sua imagem e semelhança”, do Grupo CTI–Comunidade Teatral de Independente, do Rio de Janeiro;
Joseane Rodrigues, por “Jubaia, O Recanto das Cores”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Prêmio Especial do Júri.

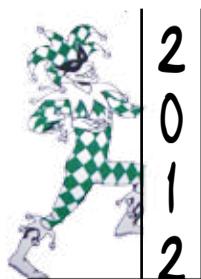
Bernadeth Biondi

Prêmio especial da diretoria executiva da fetaerj

Marcelo Basbus Mourão (foto), pela incansável militância pela FETAERJ, pela cultura patiense, pela SAAL e, principalmente, pela Aldeia de Arcozelo

Outra realização:

Mostra Novas Cenas, Grande Festival Martins Pena de Teatro Amador, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, em novembro;



XXXIV Festival Estadual de Teatro da Fetaerj

Prêmio Paschoalino 2012

Município: Paty do Alferes

Local: Aldeia de Arcozelo

Quando: 20 a 29 de julho

Comissão Julgadora: Daniel Terra e Fabricio Moser.

Grupos e Espetáculos participantes:

Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro: “À Sua Imagem e Semelhança” (convidado);

Grupo Látex, de Cachoeiras de Macacu: “O Caixeiro da Taverna”;

Grupo COMBI, do Rio de Janeiro: “O Judas em Sábado de Aleluia”;

Grupo SoMu D Riba, de Rio Bonito: “Não Existe Celebração sem velas e flores”;

Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro: “Ulisses, Cabeça de Vento”;

Grupo Língua de Trapo, de Petrópolis: “O Boi Bordado de Lua”;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: “Minha Alma é Nada Depois Dessa História” (convidado);

Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “O Bem Amado”;

Grupo DJOTA, de Maricá: “O Famigerado”;

Grupo Afroreggae (Atual Contra Bando de Teatro), do Rio de Janeiro: “Duas Navalhas Perdidas na Carne de uma Noite Suja”;

Grupo Cia CSM, do Rio de Janeiro: “O Morto do Encantado Morre e Pede Passagem”;

Grupo Teatro da Estrutura, do Rio de Janeiro: “Hoje tem Espetáculo” (convidado);

Grupo Gene Insanno, do Rio de Janeiro: “Corações Solitários”;

Grupo Trupe Andarilhos, de Cabo Frio: “Fabulamente”;

Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito: “Quem Casa Quer Casa”;

Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro: “O Mistério da Rua das Andorinhas” (convidado);

Grupo Atores do Carmo, de Carmo: “Os Ciúmes de um Pedestre”;
Grupo Além da Onda, de Rio das Ostras: “Alonso Quixano” (Don Quixote);
Alan Castilho, de Três Rios: “Hades” (performance, convidado);
Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro: “O Que Eu Fiz Para Merecer Isso?”;
Grupo Paiol Teatral, do Rio de Janeiro: “O Doente Imaginário”;
Grupo Trupe do Descoco, de Angra dos Reis: “Valentim” (convidado);
Grupo Cia Fios , de Nova Iguaçu: “O Juiz de Paz”;
Grupo Si-Fu-Xi-Pá, do Rio de Janeiro: “O Segredo de Sara ou Ninguém Aqui é Santo”;

Oficinas:

Teatro do Oprimido, com Flávio Sanctum; Voz Cantada para Teatro, com Getulio Nascimento.

Melhor Espetáculo, indicados e premiados:

“Duas Navalhas Perdidas na Carne de Uma Noite Suja”, do Grupo Afroreggae/Alemão, do Rio de Janeiro;
“Fabulamente”, do Grupo Trupe Andarilhos, de Cabo Frio;
“Quem casa quer casa”, do Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito;
“O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;
“O Juiz de Paz”, do Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu;
“O que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo Comunidade Teatral do Independente (CTI), Rio de Janeiro.

Melhor Espetáculo Segundo o Júri do Movimento, indicados e premiado:

“Fabulamente”, do Grupo Trupe Andarilhos, de Cabo Frio;
“O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;
“O Juiz de Paz”, do Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu;
“O que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo Comunidade Teatral do Independente (CTI), Rio de Janeiro.
“Quem casa quer casa”, do Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito;

Destaque de Direção, indicados e premiados:

Júlio Venâncio, por “O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;
Mauro Marques, por “Duas Navalhas Perdidas na Carne de Uma Noite Suja”, do Grupo Afroreggae/Alemão, do Rio de Janeiro;
Renato Neves, por “O Juiz de Paz”, do Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu;
Ribamar Ribeiro, por “O que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo Comunidade Teatral do Independente (CTI), Rio de Janeiro.

Destaque de Ator, indicados e premiado:

Alessandro Curty, em “Os Ciúmes de Um Pedestre”, do Grupo Atores do Carmo;
Diogo Nunes, em “Duas Navalhas Perdidas na Carne de Uma Noite Suja”, do Grupo Afroreggae/Alemão, do Rio de Janeiro;
Edilson Salles, por “O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;
Perceu Silva, em “O Caixaieiro da Taverna”, do Grupo LATEX, Cachoeiras de Macacu;

Destaque de Ator Coadjuvante, indicados e premiado:

Almir Rodrigues, em “O Juiz de Paz”, do Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu;

Lucas Madureira, em “Quem casa quer casa”, do Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito;

Matheus Hitachy, em “Duas Navalhas Perdidas na Carne de Uma Noite Suja”, do Grupo Afroreggae/Alemão, do Rio de Janeiro;

Victor Hugo, em “Quem casa quer casa”, do Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito;

Victor Tavares, em “O Que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Independente, do Rio de Janeiro.

Destaque de Atriz, indicados e premiado:

Fernanda Sabot, por “O Juiz de Paz”, do Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu;

Luane Flores, em “O Que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Independente, do Rio de Janeiro;

Malu Saldanha, em “O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;

Manuela de Lellis, em “Quem casa quer casa”, do Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito;

Nilda Andrade, em “Duas Navalhas Perdidas na Carne de Uma Noite Suja”, do Grupo Afroreggae/Alemão, do Rio de Janeiro.

Destaque de Atriz Coadjuvante, indicados e premiados:

Cristina Contarini, em “O Que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Irajá, do Rio de Janeiro;

Fernanda Sabot, em “O Que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Independente, do Rio de Janeiro;

Marina Carvalho, em “O Que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Independente, do Rio de Janeiro;

Natália Ramos, por “O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;

Renata Egger, em “Não existe Celebração sem Velas e Flores”, do Grupo SoMu D Riba, de Rio Bonito;

Suelem Santos, em “O Que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Irajá, do Rio de Janeiro;

Destaque de Iluminação, indicados e premiado:

Bruno Henrique Caverninha, por “O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;

Bruno Henrique Caverninha, por “O Que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Irajá, do Rio de Janeiro;

Mauro Marques, por “Duas Navalhas Perdidas na Carne de Uma Noite Suja”, do Grupo Afroreggae/Alemão, do Rio de Janeiro;

Pablo Rodrigues, por “O Boi Bordado de Lua”, do Grupo Lingua de Trapo, de Petrópolis;

Paullo Vieira, por “Juiz de Paz”, do Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu.

Destaque de Sonoplastia, indicados e premiado:

Banda Lona na Lua, por “Quem casa quer casa”, do Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito;

Daniel Ferrão, por “Ulisses, Cabeça de Vento”, do Grupo Loucadores, do Rio de Janeiro;

Getúlio Nascimento e Ribamar Ribeiro, por “O que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral de Independente, do Rio de Janeiro;

Pipoconildo, por “O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, Rio de Janeiro.

Destaque de Cenografia, indicados e premiado:

Alessandro Curty, por “Os Ciúmes de Um Pedestre”, do Grupo Atores do Carmo;

Língua de Trapo, por “O Boi Bordado de Lua”, do Grupo Língua de Trapo, de Petrópolis;

Malu Saldanha, por “O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;

Mauro Marques, por “Duas Navalhas Perdidas na Carne de Uma Noite Suja”, do Grupo Afroreggae/Alemão, do Rio de Janeiro;

Tiago Costa, por “O Juiz de Paz”, do Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu.

Destaque de Figurino, indicados e premiado:

Alessandro Curty, por “Os Ciúmes de Um Pedestre”, do Grupo Atores do Carmo;

Cris Silva, Gisele Flor e Nivea Nascimento, por “O que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI - Comunidade Teatral do Independente, do Rio de Janeiro;

Daniela Nery, por “O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;

Língua de Trapo, por “O Boi Bordado de Lua”, do Grupo Língua de Trapo, de Petrópolis;

Tiago Costa, por “O Juiz de Paz”, do Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu.

Destaque de Maquiagem, indicados e premiado:

Alessandro Curty, “Os Ciúmes de Um Pedestre”, com o Grupo Atores do Carmo;

Arielen Lefay, “ Não existe Celebração sem Velas e Flores”, com o Grupo SoMu D Riba, de Rio Bonito;

Getúlio Nascimento, “O que eu fiz pra merecer isso?”, com o Grupo CTI, Comunidade Teatral do Independente, do Rio de Janeiro;

Tiago Costa, “O Juiz de Paz”, com o Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu;

William Dayvs, “O Judas em Sábado de Aleluia”, com o Grupo COMBI Teatro;

Revelação Artística:

Tainá Lasmar, por “Fabulamente”, do Grupo Trupe Andarilhos, de Cabo Frio;

Destaque de Autor do Movimento, indicados e premiado:

A. S. Vieira, por “O Segredo de Sara ou Ninguém aqui é Santo”, da Cia. Teatral Si-Fu-Xi-Pá, do Rio de Janeiro;

Juka Goulart, “Não existe Celebração sem Velas e Flores”, do Grupo SoMu D Riba, de Rio Bonito;

Paulo Marcos de Carvalho, por “O Boi Bordado de Lua”, do Grupo Língua de Trapo, de “Petrópolis;

Ribamar Ribeiro, “O que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Independente, do Rio de Janeiro;

Destaque de Música do Movimento, indicados e premiado:

Álvaro Ferreira, Celso Rodrigues e Uellington Preto, “O Famigerado”, do Grupo DJOTA, de Maricá;

Daniel Ferrão, Dei Ribas, Fabiano Bernardelli e Leandro Bastos, por “Ulisses, Cabeça de Vento”, do Grupo Loucadores, do Rio de Janeiro;

Larrisa Moraes, Zeca Novais, Nathan Duarte e Raphaela Dias, por “Quem casa quer casa”, do Grupo Lona na Lua, de Rio Bonito;

Paulo Marcos de Carvalho, por “O Boi Bordado de Lua”, Língua de Trapo, de Petrópolis;

Destaque de Pesquisa Corporal, indicados e premiado:

Grupo COMBI Teatro, por “O Judas em Sábado de Aleluia”, do Grupo COMBI Teatro, do Rio de Janeiro;
Renato Neves, por “Juiz de Paz”, do Grupo Fios Cia Teatral, de Nova Iguaçu;
Ribamar Ribeiro, por “O que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Independente, do Rio de Janeiro;
Sara Cristina, por “O Boi Bordado de Lua”, do Grupo Língua de Trapo, de Petrópolis;

Prêmio Especial do Júri pela Pesquisa de Linguagem Cênica, indicados e premiado:

“**Corações Solitários**”, do Grupo Gene Insanno, do Rio de Janeiro;

“Fabulamente”, do Grupo Trupe Andarilhos, de Cabo Frio;

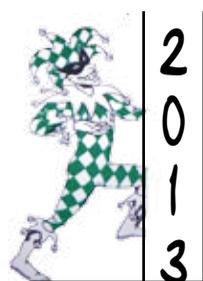
“Não existe Celebração sem Velas e Flores”, do Grupo SoMu D Riba, Rio Bonito;

“O que eu fiz pra merecer isso?”, do Grupo CTI, Comunidade Teatral do Independente, Rio de Janeiro;



Prêmio Especial da Diretoria Executiva:

Álvaro Ferreira, pela valiosa, incansável e incondicional contribuição ao Movimento da FETAERJ ao longo de sua história.



XXXV Festival Estadual de Teatro da Fetaerj

Prêmio Paschoalino 2013

Município: Rio das Ostras;

Local: Teatro Municipal;

Quando: 19 a 28 de julho;

Comissão Julgadora: Daniel Terra e Renato Machado

Grupos e Espetáculos participantes:

Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro “O Que Eu Fiz Para Merecer Isso?” (convidado);

Grupo Guapoz, do Rio de Janeiro “Cidade do Sorriso”;

Grupo Teatro de Frente, do Rio de Janeiro “Vínculo”;

Grupo Alfabeto em Cena, de Nova Friburgo “Viúva, porém Honesta”;

Grupo Cria (atual Cria - Expressões Humanas), de Rio das Ostras “A Farsa da Mulher Trancada” (convidado);

Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro “Que Fim Levou Rosalina - A História Oculta de Julieta e Romeu”;

Grupo Confraria Nau dos Loucos, de Nova Iguaçu “Toda Nudez Será Castigada”;

Grupo Os Autorais, do Rio de Janeiro “Cartas”;

Grupo Casa dos Azulejos, de São Pedro D'Aldeia “Como a Lua”;

Grupo Cia Fios, de Nova Iguaçu “O Juiz de Paz”; (convidado)

Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro “Vestido de Noiva”;

Grupo Cia CSM, do Rio de Janeiro “Os Amantes do Metrô”;

Grupo Interferência, de Rio Bonito “O Quarto de Bianca”;

Grupo Cordão Encarnado, do Rio de Janeiro “Coiteiros de Paixões”;
Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro “Quem tem farelos?”; (convidado)
Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro “O Beijo no Asfalto”;
Grupo em Grupo, de Nova Friburgo “O Santo Milagroso”;
Grupo Círculo Teatral, do Rio de Janeiro “Valsa nº 6”;
Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro “Casa Grande e Senzala - Manifesto Musical Brasileiro”
(convidado);

Os outros destaques foram para:

Destaque Direção:

Rafael Cal, por “O Quarto de Bianca”;

Destaque de ator:

Paulo César Perrut, por “Cartas”;

Destaque de ator coadjuvante:

Rafael Balthazar, por “O beijo no asfalto”;

Destaque de atriz:

Renata Egger, por “O quarto de Bianca”;

Destaque de atriz coadjuvante:

Jéssica Meireles, por “Toda nudez será castigada”;

Destaque de iluminação:

Tiago da Silveira, por “Cartas”;

Destaque de sonoplastia:

Marcos Covask, Paulo Vieira e Israel Castillo, por “Toda nudez será castigada”;

Destaque Cenografia:

Rafael Balthazar: “O beijo no asfalto”;

Destaque de figurino:

Ariellen Lefay, por “O quarto de Bianca”;

Revelação artística:

Suzan Carvalho - “Cartas”;

Destaque de autor do movimento:

Rafael Cal, por “O quarto de Bianca”;

Destaque de música do movimento:

Dalus Gonçalves, por “Coiteiros de paixões”;

Destaque de pesquisa corporal:

Andréa Azevedo, por “Vínculo”;

Prêmio Especial do Júri:

Composição da Palhaça Flora por Sarah Christina Carvalho”;

Oficinas:

Contação de Histórias (Sonia Corecha), Confeção de bonecos (Tania Arrabal), A Iluminação Narrativa - Paleta (Renato Machado), Introdução ao Estudo da Biomecânica (Fabricio Moser)

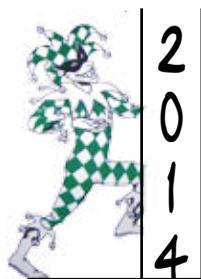
Prêmio Especial da Diretoria da FETAERJ:

Márcia Valéria (foto), pela dedicação ao movimento.



Outras realizações:

- 1) Projeto Novas Cenas: Mostra Nelson Rodrigues de Teatro Amador, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro, em abril.
- 2) VII Rola Teatro FETAERJ, com os melhores de 2012, no Teatro Municipal Ziembinski, em julho, no Rio de Janeiro;
- 3) VIII Rola Teatro FETAERJ, com o Grupo Os Ciclomáticos, no Teatro Municipal Ziembinski, em novembro, no Rio de Janeiro.



XXXVI Festival Estadual de Teatro

Prêmio Paschoalino 2014

Município: Paty do Alferes;

Local: Aldeia de Arcozelo;

Quando: de 25 de julho a 03 de agosto

Comissão Julgadora: Cláudio Camara Handrey e Léo Carnevale

Grupos e Espetáculos concorrentes e convidados:

Grupo Interferência, de Rio Bonito: “O Quarto de Bianca” (convidado);

Grupo Trupe do Descoco, de Angra dos Reis: “A Mulher”;

Grupo Quatro Manos, do Rio de Janeiro: “Acorda, Amor!”;

Grupo Cerne, de São João de Meriti: “Ainda Aqui”;

Grupo CATE, de Rio das Ostras: “Bento”;

Grupo Cria, de Rio das Ostras: “Brinquedos de Heloísa”;

Grupo Látex, de Cachoeiras de Macacu: “High Society”;

Grupo Língua de Trapo, de Petrópolis: “Ciúme”;

Grupo Corpus in Scena, de Rio das Ostras: “Decameron”;

Grupo Religare, do Rio de Janeiro: “Do Outro Lado de Woolf”;

Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro: “Furdunço na Roça”;

Grupo Amadores S.A., do Rio de Janeiro: “Kwagalana - Histórias de um Príncipe Negro”;

Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu: “Na Pancada do Ganzá”;

Grupo Contra Bando de Teatro, do Rio de Janeiro: “Nada me Aflige”;
Grupo Expressarte Verbalizando, de São Gonçalo: “Oliveiras”;
Grupo Cia CSM, do Rio de Janeiro: “O Pequeno Príncipe” (convidado);
Grupo Etapa, de Paty do Alferes: “Verão” (convidado);
Grupo Trupe Andarilhos, de Cabo Frio: “Cenas de Sangue num Bar da Avenida São João” (esquete, convidado);
Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro: “O Coma” (esquete, convidado);

Oficinas:

Direção Teatral, com Ribamar Ribeiro; Elaboração de Projetos, com Márcia Valéria; Workshop de Mímica, com Josué Soares.

Melhor Espetáculo, indicados e premiados:

“Acorda, Amor!”, do Grupo Quatro Manos, do Rio de Janeiro;
“Ainda Aqui”, do Grupo Cerne, de São João de Meriti;
“Brinquedos de Heloisa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;
“Nada me Aflige”, do Grupo Contra Bando de Teatro e Outras Patifarias, do Rio de Janeiro;
“Na Pancada do Ganzá”, do Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu;

Melhor Espetáculo Segundo o Júri do Movimento, indicados e premiado:

“Acorda, Amor!”, do Grupo Quatro Manos, do Rio de Janeiro;
“Ainda Aqui”, do Grupo Cerne, de São João de Meriti
“Bento”, do Grupo CATE, de Rio das Ostras;
“Brinquedos de Heloisa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;
“Furdunço na Roça”, do Grupo Cia do Risco, do Rio de Janeiro;

Destaque de Direção, indicados e premiado:

Claudia Bispo e Manuel Tomaz, por “Brinquedos de Heloisa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;
Mauro Marques, por “Nada me Aflige”, do Grupo Contra Bando de Teatro e Outras Patifarias, de Rio de Janeiro;
Marcos Covask, por “Na Pancada do Ganzá”, do Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu;
Vinicius Baião, por **“Ainda Aqui”**, do Grupo Cerne, de São João de Meriti;
Marcos Camelo, por “Acorda, Amor!”, do Grupo Quatro Manos, de Rio de Janeiro;

Destaque de Ator, indicados e premiado:

Beto Morzza, por **“Brinquedos de Heloisa”**, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;
Rodrigo Vilas Boas, por “Bento”, do Grupo CATE, de Rio das Ostras;
Higor Nery, por “Ainda Aqui”, do Grupo Cerne, de São João de Meriti;

Destaque de Ator Coadjuvante, indicados e premiado:

Leonardo Rodrigues, por “Furdunço na Roça”, do Grupo Cia do Risco, de Rio de Janeiro;
Madson Vilela, por **“Na Pancada do Ganzá”**, do Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu;
Erick Moraes, por “Na Pancada do Ganzá”, do Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu;

Destaque de Atriz, indicados e premiado:

Danielle Zamorano, por “Kwagalana, de Histórias de Um Príncipe Negro”, do Grupo Amadores S.A., de Rio de Janeiro;

Claudia Byspo, por “Brinquedos de Heloísa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;

Florência Santangelo, por “Acorda, Amor!”, do Grupo Quatro Manos, de Rio de Janeiro;

Destaque de Atriz Coadjuvante, indicados e premiado:

Mônia Zimmermam, por “Kwagalana, de Histórias de Um Príncipe Negro”, do Grupo Amadores S.A., de Rio de Janeiro;

Armindha Freire, por “Decameron, de A Comédia do Sexo”, do Grupo Corpus in Scena, de Rio das Ostras;

Aline Cruz, por “Do Outro Lado de Woolf”, do Grupo Religare, de Rio de Janeiro;

Destaque de Iluminação, indicados e premiado:

Pablo Rodrigues, por “Kwagalana, de Histórias de Um Príncipe Negro”, do Grupo Amadores S.A., de Rio de Janeiro;

Pablo Rodrigues, por “Ciúme”, do Grupo Língua de Trapo, de Petrópolis;

Paulo Denizot, por “Acorda, Amor!”, do Grupo Quatro Manos, de Rio de Janeiro;

Destaque de Sonoplastia, indicados e premiado:

Danielle Zamorano, por “Kwagalana, de Histórias de Um Príncipe Negro”, do Grupo Amadores S.A., de Rio de Janeiro;

Manuel Thomas, por “Brinquedos de Heloísa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;

Marloz de Paula Rosa e Leandro Simma, por “Ainda Aqui”, do Grupo Cerne, de São João de Meriti;

Destaque de Cenografia, indicados e premiado:

Lúcia Reis, por “Decameron, de A Comédia do Sexo”, do Grupo Corpus in Scena, de Rio das Ostras;

Marcos Covask e Glasse Machado, por “Na Pancada do Ganzá”, do Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu;

Leandro Fazzola, por “Ainda Aqui”, do Grupo Cerne, de São João de Meriti;

Destaque de Figurino, indicados e premiado:

Danielle Zamorano, por “Kwagalana, de Histórias de um Príncipe Negro”, do Grupo Amadores S.A., de Rio de Janeiro;

Marcos Covask e Glasse Machado, por “Na Pancada do Ganzá”, do Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu;

Florencia Santangelo, por “Acorda, Amor!”, do Grupo Quatro Manos, de Rio de Janeiro;

Destaque de Maquiagem, indicados e premiado:

Claudia Byspo, por “Brinquedos de Heloísa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;

Madson Vilella, por “Na pancada do Ganzá”, do Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu;

Cristina Marques, por “Nada me Aflige”, do Grupo Contra Bando de Teatro e Outras Patifarias, de Rio de Janeiro;

Revelação Artística, indicados e premiado:

Léo Nogueira, por “Brinquedos de Heloísa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;

Verônica Souza, por “Na pancada do Ganzá”, do Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu;
Michael Alves, pelo trabalho de Teatro-Dança do espetáculo “Oliveiras”, do Grupo Expressarte Verbalizando, de São Gonçalo;

Destaque de Autor do Movimento, indicados e premiado:

Danielle Zamorano, por “Kwagalana, de Histórias de Um Príncipe Negro”, do Gr Amadores S.A., de RJ;
Claudia Byspo e Marcelo Atahualpa, por “Brinquedos de Heloísa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;
Vinicius Baião, por “Ainda Aqui”, do Grupo Cerne, de São João de Meriti;
Marcos Camello e Florência Santangelo, por “Acorda, Amor!”, do Grupo Quatro Manos, de RJ;

Destaque de Música do Movimento, indicados e premiado:

Manoel Thomas, por “Brinquedos de Heloísa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;
Walbiana Coutinho, por “Na pancada do Ganzá”, do Grupo Laboratório Cultural, de Nova Iguaçu;
Vinicius Baião e Marloz de Paula Rosa, por “Ainda Aqui”, do Grupo Cerne, de São João de Meriti;

Destaque de Pesquisa Corporal, indicados e premiado:

Claudia Byspo, por “Brinquedos de Heloísa”, do Grupo Cria, de Rio das Ostras;
Madson Vilela e Marcos Covask, por “Na Pancada do Ganzá”, do Laboratório Cultural, de N. Iguaçu;
Rodrigo Maia Barbosa Lima, por “Acorda, Amor!”, do Grupo Quatro Manos, de Rio de Janeiro;

Prêmio Especial do Júri

Para a unidade de elenco do espetáculo "Nada me Affige"

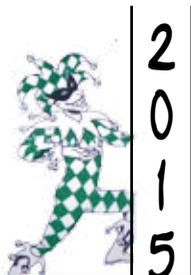
Prêmio Especial da Diretoria da FETAERJ
Sidney "Tarzan" Carneiro (foto), por todo esforço e
militância pelo teatro junto à FETAERJ



Outras realizações:

- 1) IX Rola Teatro Macaé, em parceria com a Fundação de Cultura de Macaé, em maio, no Teatro Municipal de Macaé.
- 2) Projeto Marechal em Cena, projeto de ocupação do Teatro Armando Gonzaga, contemplado pelo Edital de Ocupação 2013 da Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro;
- 3) IV Festival Em Cena Curta – Festival de Esquetes da FETAERJ, Teatro Armando Gonzaga, em maio, no Rio de Janeiro;
- 4) Projeto IN CENA – Mostra de Linguagens Cênicas de Rio das Ostras, em Parceria com a Fundação de Cultura de Rio das Ostras. Teatro Municipal de Rio das Ostras, em junho. Esse foi o primeiro edital de fomento da FETAERJ;
- 5) X Rola Teatro FETAERJ. Teatro Armando Gonzaga, em agosto, no Rio de Janeiro;
- 6) V Festival de Esquetes FETAERJ Em Cena Curta, em Parceria com a Fundação de Cultura de Macaé. Teatro Municipal de Macaé, em novembro.
- 7) I Concurso Nacional FETAERJ de Dramaturgia – Prêmio João Siqueira. Teatro Armando Gonzaga, em novembro, no Rio de Janeiro;
- 8) Projeto Novas Cenas: Mostra Jô Bilac de Teatro Amador, em parceria com a Secretaria de Estado de Cultura do Rio de Janeiro. Teatro Alcione Araújo, no mês de dezembro.

9) Ponto de Cultura FETAERJ Espaço Paschoal Carlos Magno. A FETAERJ recebeu a chancela de Ponto de Cultura, através do Edital Cultura Viva, promovido pelo Ministério da Cultura e a Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. O projeto do Ponto de Cultura foi elaborado por Jéssica Pereira e é realizado na Zona Norte do Rio. Através dele, a FETAERJ conquistou sua primeira sede cultural, com espaço para apresentações e oficinas.



• XXXVII Festival Estadual de Teatro

Prêmio Paschoalino 2015

Município: Rio Bonito

Local: Teatro Municipal

Quando: 24 de julho a 02 de agosto de 2015

Comissão julgadora: Alexandre Damascena e Robson Sanchez

Grupos e Espetáculos concorrentes e convidados:

Grupo Os Ciclomáticos DNA, do Rio de Janeiro: As Flores da Obsessão;

Grupo 7 Phocus, do Rio de Janeiro: O Auto da Camisinha;

Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro: Boca de Ouro;

Grupo Arroto Cênica, de Nova Iguaçu: Borra;

Grupo Arte em Cena, de Volta Redonda: Juízo Final;

Grupo Os Fabulosos, de Maricá: Os Fabulosos;

Grupo COMBI, do Rio de Janeiro: Ser ou... Não Sei;

Grupo Cia. Código, de Japeri: Naquele Instante;

Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro: O Matador de Santas;

Grupo Barquinho de Papel, do Rio de Janeiro: Urbi et Orbi - Vidas em Exposição;

Grupo Guapoz, do Rio de Janeiro: Mãos que Crescem;

Grupo Distúrbio Teatral, de Rio Bonito: Sapo Vira Rei Vira Macaco;

Grupo 2 Banquinhos, do Rio de Janeiro: Charlatões Mais Sinceros;

Grupo SoMu Di RiBa, de Rio Bonito: ... E Viveram Felizes Para Sempre;

Grupo Expressarte Verbalizando, de São Gonçalo: O Alienista

Grupo The Artistas, de Montanha (ES): Nem Tudo que parece é. (convidado).

Melhor espetáculo, indicados e premiados:

Borra, do grupo Arroto Cênico, de Nova Iguaçu.

Os Fabulosos, do grupo Os Fabulosos, de Maricá.

Ser ou... Não Sei!, do grupo COMBI, do Rio de Janeiro.

Naquele Instante, da Cia Código, de Japeri.

As Flores da Obsessão, do Os Ciclomáticos (Projeto DNA), do Rio de Janeiro.

O Matador de Santas, do grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro.

Melhor Espetáculo Segundo o Júri do Movimento, indicados e premiado:

Ser ou... Não Sei!, do grupo COMBI, do Rio de Janeiro;

Borra, do grupo Arroto Cênico, de Nova Iguaçu;

O Matador de Santas, do grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

O Auto da Camisinha, do Grupo 7 Phocus, do Rio de Janeiro;

Mãos que Crescem, do Grupo Guapoz, do Rio de Janeiro.

Destaque de Direção, indicados e premiado:

Bruno W. Medsta, por “Naquele Instante”, do Grupo Cia. Código, de Japeri;

Daniel Ferrão, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Julio Venâncio, por “Ser ou... Não Sei!”, Grupo COMBI, do Rio de Janeiro;

Marcos Covask, por “Borra”, do Grupo Arroto Cênico, de Nova Iguaçu;

Renato Neves e Ribamar Ribeiro, por “As Flores da Obsessão”, do Grupo Os Ciclomáticos DNA, do Rio de Janeiro.

Destaque de Ator, indicados e premiado:

Bruno W. Medsta, por “Naquele Instante”, do Grupo Cia. Código, de Japeri;

Jorge Braga Jr., por “Naquele Instante”, do Grupo Cia. Código, de Japeri;

Marcos Camelo, por “Os Fabulosos”, do grupo Os Fabulosos, de Maricá.

Rohan Baruck, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Destaque de Atriz, indicadas e premiada:

Ágatha Duarte, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Eliane Neres, por “Boca de Ouro”, do Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro;

Juliana França, por “Naquele Instante”, do Grupo Cia. Código, de Japeri;

Malu Saldanha, por “Ser ou... Não Sei!”, do Grupo COMBI, do Rio de Janeiro;

Thayane Abreu, por “As Flores da Obsessão”, do Grupo Os Ciclomáticos DNA, do Rio de Janeiro.

Destaque de Ator Coadjuvante, indicados e premiado:

César Tavares, por “Os Fabulosos”, do Grupo Os Fabulosos, de Maricá;

Daniel Veloz, por “Boca de Ouro”, do Grupo Grutta Teatral, do Rio de Janeiro;

Marlon Souza, por “Borra”, do Grupo Arroto Cênico, de Nova Iguaçu;

Destaque de Atriz Coadjuvante, indicadas e premiada:

Adelita Quintiliano, por “Auto da Camisinha”, do Grupo 7 Phocus, do Rio de Janeiro

Cecília Viegas, por “Os Fabulosos”, do Grupo Os Fabulosos, de Maricá;

Cíntia Travassos, por “As Flores da Obsessão”, do Grupo Os Ciclomáticos DNA, do Rio de Janeiro;

Débora Cruzy, por “Naquele Instante”, do Grupo Cia. Código, de Japeri;

Natália di Vaio, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Destaque de Pesquisa Corporal, indicados e premiado:

Fernanda Dias, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Junior Paixão, por “Mãos que Crescem”, Grupo Guapoz, do Rio de Janeiro;

Marcos Covask, por “Borra”, do Grupo Arroto Cênico, de Nova Iguaçu;

Renato Neves e Ribamar Ribeiro, por “As Flores da Obsessão”, do Grupo Os Ciclomáticos DNA, do Rio de Janeiro;

Destaque de Iluminação, indicados e premiado:

Bruno Henrique Caverninha, por “Borra”, do Grupo Arroto Cênico, de Nova Iguaçu;

Bruno Henrique Caverninha e Victor Tavares, por “Ser ou... Não Sei!”, do Grupo COMBI, do Rio de Janeiro;

Renan Oliveira, por “Mãos que Crescem”, do Grupo Guapoz, do Rio de Janeiro.

Destaque de Sonoplastia, indicados e premiado:

Grupo Arte em Cena, por “Juízo Final”, de Volta Redonda;

Marcos Covask, por “Borra”, do Grupo Arroto Cênico, de Nova Iguaçu;

Wendel Rodrigo, Daniel Ferrão e Marcio Fuentes, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Destaque de Cenografia, indicados e premiado:

Anderson Dias, por “Naquele Instante”, do Grupo Cia. Código, de Japeri;

Cachalote Mattos, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Julio Venâncio, Malu Saldanha e Almir Rodrigues, por “Ser ou... Não Sei!”, do Grupo COMBI, do Rio de Janeiro;

Marcos Covask, por “Borra”, do Grupo Arroto Cênico, de Nova Iguaçu;

Destaque de Revelação Artística:

Michael Alves, pela direção de “O Alienista”, do Grupo Expressarte Verbalizando, de São Gonçalo.

Destaque de Figurino, indicados e premiado:

André Vital, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Tiago Costa, por “Naquele Instante”, do Grupo Cia. Código, de Japeri;

Tiago Costa, por “Ser ou... Não Sei!”, do Grupo COMBI, do Rio de Janeiro;

Destaque de Maquiagem, indicados e premiado:

André Vital, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Daniela Nicácio, por “Mãos que Crescem”, do Grupo Guapoz, do Rio de Janeiro;

Giselle Flor, por “Auto da Camisinha”, do Grupo 7 Phocus, do Rio de Janeiro.

Destaque de Texto Oriundo do Movimento, indicados e premiado:

Malu Saldanha, por “Ser ou... Não Sei!”, do Grupo COMBI, do Rio de Janeiro;

Nei Rafael, por “Juízo Final”, do Grupo Arte em Cena, de Volta Redonda.

Destaque de Música Oriunda do Movimento, indicados e premiado:

Daniel Ferrão, por “O Matador de Santas”, do Grupo LoucAtores, do Rio de Janeiro;

Fernando Dias, por “Mãos que Crescem”, do Grupo Guapoz, do Rio de Janeiro;

Rodrigo Veras, por “Auto da Camisinha”, do Grupo 7 Phocus, do Rio de Janeiro.

Prêmio Especial do Júri

Para a investigação cênica do espetáculo “Naquele Instante”, do Grupo Cia. Código, de Japeri.

Prêmio Especial da Diretoria da FETAERJ

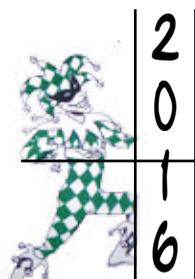
Para o Grupo SoMu D Riba, pela inestimável colaboração na realização do Prêmio Paschoalino 2015, em Rio Bonito

Outras realizações:

1) II Concurso Nacional FETAERJ de Dramaturgia – Prêmio João Siqueira, realizado no Ponto de Cultura FETAERJ Espaço Paschoal Carlos Magno.

• XXXVIII Festival Estadual de Teatro

Prêmio Paschoalino 2016



Município: Rio Bonito

Local: Pousada Relicário

Quando: 06 a 11 de setembro de 2016

Mostra não competitiva.

Grupos e Espetáculos participantes:

Grupo Guapoz, do Rio de Janeiro: Santuário da Alma;

Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: A Farra do Boi Bumbá;

Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro: O Noviço;

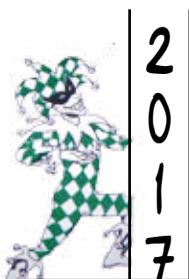
Grupo Raízes do Mundo, do Rio de Janeiro: Ella - A Sombra da Memória;
Grupo Latex, de Cachoeiras de Macacu: Dois Gumes;
Grupo Lacraia's Produções, de Maricá: Alma Cega;
Grupo SoMu Di RiBa, de Rio Bonito: A Mulher que tentou enganar a morte;
Grupo Expressarte Verbalizando, de São Gonçalo: Não me Espere;
Grupo Multiplicadores, de Engenheiro Paulo de Frontin: O Oráculo;
Grupo Cia Casa Verde, de Itaguaí: Torturas de Um Coração;
Grupo Operários da Arte, de Araruama: Lendo se vai ao Longe;
Grupo Expressarte Verbalizando, de São Gonçalo: Se Não For Por Amor;
Grupo Trupe Andarilhos, Cabo Frio: Tchekhov em Solo - Os Malefícios do Tabaco.

Outras realizações:

1) In Cena – Mostra de Linguagens Cênicas da FETAERJ no Rio de Janeiro, promovido à partir do edital de Fomento às Artes da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. Foram 6 grupos contemplados, que receberam aporte financeiro, oficinas de capacitação e monitoria para o aperfeiçoamento de seus trabalhos. A Mostra circulou pelo município do Rio, realizando apresentações no Teatro Municipal Ziembski, Lona Cultural João Bosco, Lona Cultural Terra e Arena Carioca Abelardo Barbosa.

2) Programação Rio 2016, através do edital Fomento Olímpico da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, promovendo apresentações gratuitas no Ponto de Cultura FETAERJ Espaço Paschoal Carlos Magno.

3) FETAERJ recebeu o Diploma Heloneida Studart de Cultura 2016, da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro.



• XXXIX Festival Estadual de Teatro

Prêmio Paschoalino 2017

Município: Maricá

Local: Cine Teatro Henfil

Quando: 21 a 30 de julho de 2017

Mostra não competitiva.

Grupos e Espetáculos Participantes:

Grupo Lacraia's Produções, de Maricá: Alma Cega;

Grupo Albatroz, de São Gonçalo: Notícias pelos Ares;

Grupo Cia Casa Verde, de Itaguaí: Lisbela e o Prisioneiro;

Grupo Arte em Cena, de Volta Redonda: Obediência Cega;

Grupo Será o Benedito?, do Rio de Janeiro: Dados Variáveis;

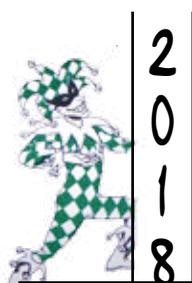
Grupo CTI - Comunidade Teatral Independente, do Rio de Janeiro: Averso;

Grupo Velhos Amigos, de Nova Iguaçu: Procura-se Velhos Palhaços;

Grupo Atores do Carmo, de Carmo: A Era do Rádio;
Grupo Quatro Manos, do Rio de Janeiro: Contos do Mar;
Grupo Os Ciclomáticos DNA, do Rio de Janeiro: Caio;
Grupo Djota, de Maricá: Morte e Vida Severina;
Grupo Mimos Brasil, do Rio de Janeiro: Circo Mimos;
Grupo Cia de Segunda, de Nova Iguaçu: Inquérito 5736 - Apenas uma parte da História;
Grupo Mimos Brasil, do Rio de Janeiro: Vida de Boneca;
Grupo Ávida Cia de Teatro, de São Gonçalo: Omi - do Leito ao Mar;
Grupo Os Ciclomáticos, do Rio de Janeiro: A Farra do Boi Bumbá;
Grupo Guapoz, do Rio de Janeiro: Felicidade;

Outras realizações:

- 1) Café em Cena, projeto de Residência Artística do Teatro Municipal Café Pequeno, equipamento da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro. O projeto, de Pablo Rodrigues e Jéssica Pereira, foi contemplado na concorrência pública para residências artísticas dos teatros da rede da Prefeitura do Rio de Janeiro.
- 2) Rola Teatro 40 anos FETAERJ – Rio de Janeiro
- 3) VI FETAERJ Em Cena Curta - Festival de Esquetes da FETAERJ
- 4) III Concurso Nacional FETAERJ de Dramaturgia - Prêmio João Siqueira.
- 5) Maricá em Cena - Projeto realizado em parceria com a Prefeitura de Maricá, através da Secretaria Municipal de Cultura, para programação da agenda cultural do município com espetáculos teatrais e oficinas gratuitas.



• **XXXIX Festival Estadual de Teatro**
Prêmio Paschoalino 2018

Município: Maricá

Local: Cine Teatro Henfil

Quando: 03 a 12 de agosto de 2018

Outras realizações:

- 1) Chacrinha em Cena, projeto de cogestão da Arena Carioca Abelardo Barbosa - Chacrinha, equipamento da Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro, localizado na Zona Oeste. O projeto de cogestão e programação artística foi elaborado por Pablo Rodrigues e Jéssica Pereira, e contemplado na concorrência pública para gestão das Arenas Cariocas da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Marcas desta nossa história



Amadores de todo o Estado têm mostra em Meriti

SEM nenhuma estréia profissional ou mesmo não empresarial anunciada para a próxima semana, as atenções concentram-se em torno da primeira Mostra do Teatro Amador do Estado do Rio de Janeiro, a ser inaugurada terça-feira, dia 19. Organizada pela dinâmica Feterj (Federação de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro, com colaborações da Funarte, do SNT, do Departamento de Cultura do Estado, da Funterj e do Sesc, a mostra será de acesso difícil para o público curioso, pois será realizada no Teatro do Sesc de São João de Meriti; mas esse local foi escolhido pela Feterj justamente para simbolizar a sua política de integração das atividades de teatro amador exercidas em todo o território flumi-

nense. E não há de lhe faltar público, pois o teatro de São João de Meriti, em poucos meses de atividade, já soube criar a sua própria platéia, numerosa e interessada.

Estão inscritos, na programação que se estenderá até 31 de julho, 17 espetáculos produzidos por grupos de diversas regiões do Grande Rio e de várias cidades do interior do Estado, além de sete espetáculos de teatro infantil. Os ingressos estão sendo vendidos a preços populares, e os associados do Sesc têm direito a 50% de desconto. De segunda a quinta os espetáculos começarão às 20h30m sexta e aos sábados haverá dois programas, às 18h30m e às 21h, e aos domingos será realizada sessão única, às 19h30m. A mostra é não competitiva e não

oferece prêmios de nenhuma espécie, mas cada espetáculo será objeto de um debate, com a participação de especialistas convidados.

A programação da próxima semana prevê para terça-feira Sonata em Dó para Três Executantes, de Marcello Moraes, com o Grupo Candelas, de Petrópolis; para quarta-feira, Transê, pelo Grupo GRUTEJ; para quinta-feira, Angelina Fiorenti, com o Grupo Teresópolis; para sexta-feira, Arrabal, Baal, Babilônia, pelo Grupo Baal, e Nós, ou Sem Pé Nem Cabeça Como Essa Coisa Chamada Vida, pelo Grupo Quebra Cabeça; para sábado, Vigília, pelo Grupo Buçaco no Pano, e Avatar, pelo Grupo Máscas da Paixão; e para domingo, Rádio em um Ato, pelo Grupo Candelabro. (Y. M.).

MOSTRA TEATRAL É SUSPensa EM VOLTA REDONDA

Uma simples pergunta — "Vocês estão vendendo esse jornal *Em Tempo*?" — suspendeu a 2a. Mostra de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro, que estava prevista para esta segunda quinzena de julho, em Volta Redonda.

A entidade promotora do encontro, a Federação de Teatro Independente do Rio de Janeiro, escolheu aquela cidade por considerá-la "aitamento regional".

Quinze minutos antes da estréia da primeira peça da mostra, *Maria e Seus Cinco Filhos*, o presidente da Fundação Educacional de Volta Redonda, José de Holanda Cordeiro, chamou os responsáveis para saber por que o jornal *Em Tempo* estava sendo vendido na entrada do teatro. O pessoal da Feterj, que não tinha com o problema, consentiu em suspender a venda, mas o Sr. Cordeiro exigiu mais: o recolhimento dos exemplares na platéia. Como não foi atendido — não havia como sair pela platéia reirando jornais de pessoas que haviam pago por eles — o espetáculo foi suspenso.

A Feterj, segundo seu diretor-presidente, Almerio Belém, propôs-se divulgar o teatro "não empresarial", destacar o interesse teatral da Capital para o interior. Sua primeira mostra, no ano passado, realizou-se em São João de Meriti,



onde se obtiveram excelentes resultados. Neste ano, após várias reuniões de assessorias, onde se tiraram os ramos de entusiasmo, aconteceu a Volta Redonda.

A reorganização e o início da Contenda do Teatro Amador — Contenda — e congrega grupos amadores do Estado do Rio de Janeiro, servindo de estímulo para grupos identicos de outros Estados, que começam a tomar suas decisões. "A gente procura desenvolver

uma democracia interna", disse Almerio Belém. "Nada de decisões tomadas de cima para baixo". O termo "não empresarial", ainda sujeito a interpretações, significa a ausência de produtor que explore o grupo, havendo em vez disso uma justa distribuição de renda, sem que a preocupação básica seja o lucro.

A mostra deste ano contou com verbas da Funterj e do SNT, com o apoio da Prefeitura de Volta Redonda e da Fundação Educacional de Volta Redonda. Porém, essa última promoveu o encontro, acertando os locais de espetáculos e os debates. No total, se apresentaram 13 grupos, em 19 dias, estando programados quatro debates, inclusive sobre a regulamentação da profissão do artista, o teatro independente a liberdade de expressão.

"Estava tudo certo, nenhum problema, tudo em cima, quando fomos chamados para uma conversa fora do saguão do teatro", contou Almerio Belém, secundado pelo seu primeiro secretário, Mário. O presidente do Fevre queria puxar a venda do *Em Tempo*, receber todos os exemplares vendidos, e acusar a Feterj de responsabilizar-se por qualquer ato extrateatral que se realizasse. "Tomo posse ramos que essa mostra vai tonar", disse o Sr. Cordeiro.

Mesmo assim, a decisão inicial de Almerio Belém era de suspender apenas o espetáculo daquela noite. Anunciou-se que haveria outro, que seria comunicado ao público com antecedência. "Mas com aquele estado de coisas, aquela ameaça, aquela repressão, não havia clima, e decidimos suspender toda a mostra", disse Mário. A mostra deveria realizar-se agora no Rio, talvez no Teatro Cláudio Becker ou na Casa do Estudante, até o final de agosto.

EM UM ATO

- Se Chovesse Vocês Estragavam Todos, cuja sessão noturna de hoje será em benefício do Sindicato dos Artistas e Técnicos, terá as suas apresentações vespertinas dos próximos dias 7 e 8 realizadas dentro do programa. O Professor Vai ao Teatro, do Departamento Educacional do JB. Após os espetáculos haverá debates.

- Dois Pontes, um show cheio de garra que Jonas Bloch e Tania Alves vinham apresentando com sucesso na Aliança Francesa de Ipanema para esta semana e volta na semana que vem, agora no Teatro Serrador e somente às segundas-feiras.

- Gianni Ratto, e Maria do Carmo A. Braga, Fernando Peixoto, Francisco Milani e Betty Caruso, Maria Helena Kuhner e Hersch Basbaum fundaram um grupo que não se limitará a fazer teatro, mas se preocupará essencialmente em "pensar o teatro feito

- A Federação de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro, sob a dinâmica direção de Almerio Belém, está organizando o 1º Encontro Estadual de Teatro Não Empresarial, a ser realizado de 12 a 15 de novembro em Niterói. A Feterj espera contar com a presença de representantes de todos os grupos não empresariais do Estado, inclusive daqueles não filiados à Federação. Na pauta: redefinição da filosofia de trabalho da Feterj; programação para o próximo ano; direitos autorais; censura; interiorização do movimento; política junto aos órgãos de cultura; programação de verbas e fontes de recursos; preços de ingressos; teatro popular; apresentação das contas da Diretoria; assuntos gerais. Inscrições até 5 de novembro, com Almerio Belém, Rua Dois de Dezembro, 58 apto. 604, Rio.

- As duas peças vencedoras do 1º Concurso de Peças Radiofônicas, cujos resultados foram divulgados há alguns meses, serão irradiadas pela Rádio de Colônia, Alemanha Ocidental,

SERVIÇO SOCIAL
DO COMÉRCIO
Centro de Atividades
Eduardo Luiz Gomes
Campos - RJ
APRESENTA
Projeto:
MUTIRÃO CULTURAL/87
Comp. Luiz Araújo
Fátima França
Grego Gomes e Cia.
Miguel de Vilas Boas e Brás
Glauc. de Saes Espinosa
e ANITA DO LAFRANCO
Direção: José Roberto Cidre de Campos
Fones: 3574, FETARJ
Após Cultural
MHC - Associação de
Teatro Amador do Rio de Janeiro
Mural: Rua 14 de Novembro, 100

XI Festival Estadual de Teatro Amador
São Paulo - Julho/88

Organizado pelo Conselho Estadual de Cultura - São Paulo
Patrocinado pelo Conselho Estadual de Cultura - São Paulo
Patrocinado pelo Conselho Estadual de Cultura - São Paulo

fetarj
FEDERAÇÃO ESTADUAL DE TEATRO AMADOR DO RIO DE JANEIRO

solicitamos divulgar

III CONGRESSO ESTADUAL DE TEATRO AMADOR DO RIO DE JANEIRO

15, 16, 17 e 18 de novembro/84

confenata (CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE TEATRO AMADOR)

FESTIVAL BRASILEIRO DE TEATRO AMADOR 1982

SÃO PAULO - CAPITAL
TEATRO TABO (Sede da Confenata)
3 a 11 de SETEMBRO

"In memoriam" de José Carlos Botto

PERIFERIA

Lena Frias

INTENAS de grupos teatrais realizam trabalhos de arte cênica junto às comunidades da classe média-baixa...

Para uns, o termo é pejorativo, e remete à ideia de marginalidade cultural. Outros indicam que não se trata do sentido geográfico de fora do Centro da cidade...

Grupo Tafelã, Grupo Solis, Vozes em Frente que Atira vem Gente, Grupo Angus, Debate, Candelabro, Paz Brasil, Loucas, etc.

A Pêrler congrega 63 desses grupos, embora sejam mais de 100. Há muitos que desenvolvem um excelente trabalho...

Em 1978 — continua — desenvolvemos uma espécie de Sela e Meio do pobre. Aos domingos, que é o meio dia livre do trabalhador...

Recentemente, grupos de periferia reuniram em Campo Grande Kennedy ganhara uma casa de espelhos. Só que a reivindicação de um médico teatro era muito eleitoral da Arena...

Para dar uma ideia da importância do teatro Rural dos Estudantes:



DO PAU-BRASIL AO NEIÇA



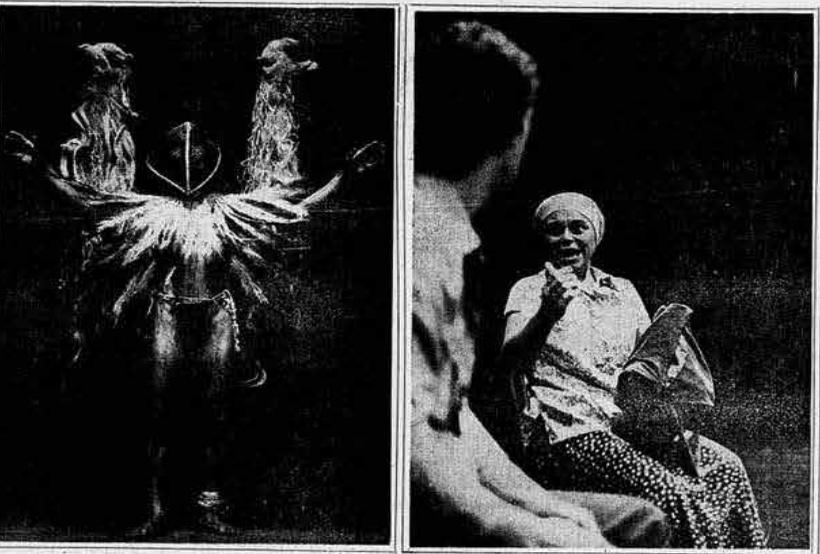
SECOIS E CANUDOS

DO PASTICHE À ESTÉTICA AMBULANTE. A BUSCA DO TEATRO POPULAR

Fora da área "empresarial" ou "institucional" (em que atua, soberano, o Palco sobre Rodas), existe no Rio um grande número de grupos amadores de teatro...

uma de duas direções: ou saem do subúrbio para as grandes praças, ou ficam nelas, tentando prosseguir um trabalho que atribui ao teatro uma função político-reivindicatória...

de espetáculo, voltados principalmente para a formulação de uma estética e uma dramaturgia próprias. Pelo número de pessoas envolvidas, pela efervescência dos debates, é de se esperar que surja desse movimento alguma contribuição para o esclarecimento do que seja um teatro popular.



MÃE DO MAR

MARIA E SEUS CINCO FILHOS

na época, participando de um Festival de Teatro Amador, no Recife, levantando todos os prêmios, com a peça 24 de Roda, de autoria da própria Lena Frias.

Jamais foram utilizados os camarins, nunca foram usados os laboratórios, salvo para avarias dramáticas: hoje transformados em grandes e perigosos pilões de águas fétidas, não se abriga um morador do bairro, que ali foi em busca de algum lazer.

com bastante mérito. Cito o João Siqueira, o José Maria Rodrigues, o Hector Orílio, entre outros.

— O Sr José Rui Medeiros, atual ocupante daquele Departamento, e o Sr Orlando Miranda, que continua à frente do SMT, têm feito declarações também bastante animadoras. O chamado Grupo Rio foi, durante muitos anos, relegado a secundaríssimo plano no que diz respeito à animação cultural.

— O teatro por de fora para dentro, do intelectual para o povo. Está trabalhando junto a instituições comunitárias como Igrejas, associações, federações e organizações de trabalhadores. Mas insisto no consenso de que o teatro dramático não nasce espontaneamente do povo.

— Carlos Alberto Bahia acha que "não dá para fazer uma definição de um ponto-de-vista puramente conceitual, do que seja um teatro de periferia, embora seja possível tentar delimitar linhas de trabalho para compor um quadro geral. A expressão vem de São Paulo, de 1970, 1971".

— O teatro por de fora para dentro, do intelectual para o povo. Está trabalhando junto a instituições comunitárias como Igrejas, associações, federações e organizações de trabalhadores. Mas insisto no consenso de que o teatro dramático não nasce espontaneamente do povo.

— Carlos Alberto Bahia lembra, então, "que esse assessoramento não significa, porém, uma imposição de texto ou alinhamento a partido político. De acordo com João Siqueira, que reflete a posição da Pêrler, trata-se de uma troca de informações

entre as comunidades e os artistas. O teatro amador ou teatro independente, como prefere a Pêrler, sejam qual forem as denominações, tem que se encaixar no programa cujos contornos são definidos por João Siqueira: "A lista do trabalhador da arte" — diretor, ator, escritor de texto, iluminador, cenógrafo, locutor, etc.

Para Glória Gilson, ex-integrante do bem-nomeado (junto à crítica) grupo Adribal Trouce e Trombone, em termos de movimento, o objetivo do teatro de periferia encontra-se com as intenções do CPC (Centro Popular de Cultura). O CPC ficava mais em centros universitários.

Para Heliana Guedes, do Grupo Tafelã, atuante na área de Campo Grande, porém, "teatro de periferia é o teatro que tem uma temática popular, onde não só o público como os realizadores do espetáculo fazem parte da realidade cênica. Apesar de não ser pouco organizado, sendo espaciais aqui e ali, pode vir a ser uma das alternativas pelo fato de haver uma exposição muito grande. Atualmente, nós aqui em campo grande, estamos tentando criar um espaço próprio de realização desse tipo de trabalho no Teatro 25 de Abril, no Campo Grande. Nesse teatro, o objetivo maior é criar um centro comunitário, ponto de encontro e convivência das mais variadas formas de expressão".

João Arnaldo Luiz Miranda, também do Grupo Tafelã, acha que "o trabalho de teatro de periferia, assim como qualquer expressão artística e cultural realizada nos bairros periféricos do Rio de Janeiro (peço desculpas ao rural de Santa Cruz, se eu me responsabilizo), tem marcado por algumas condições de natureza política. Denúncia que ele chama de "ilusão". Denúncia que ele chama de "ilusão". Denúncia que ele chama de "ilusão".

Meu testemunha em dois anos de trabalho com teatro de periferia pode bem relatar o que aos olhos é dado ver: os grupos de pessoas se encontram nos mirabolantes sobrados de serem astros de televisão, ou se posicionam nos armários de uma pseudo-esquerda-utílico-discursiva".

— Ao que Glória Gilson responde: "Esse teatro tem muito a ver com a direção e as características do movimento popular. A história do teatro não está isolada do movimento popular, de o momento popular, agora, tem a greve, possivelmente o teatro independente vai refletir a greve".

João Siqueira acrescenta subsídios históricos: "Aqui no Rio, os grupos amadores ligaram-se aos clubes, cidades do interior faziam uma repetição do que o teatro profissional apreciava. A partir de 1974, aconteceu uma coisa inédita: se no começo, 90% repetiam o que havia e teatro profissional, hoje não há tecnologia nenhuma, a partir de então teatros de periferia começaram a montar determinadas peças, porque os direitos autorais eram caros; contrastes cenográficos e diretores, porque faltava dinheiro começaram a aparecer linhas próprias de definição desse teatro. Ele já não era mais um teatro sem ideologia. Foi surgindo um teatro ambiente, com estética própria, cenários mais simples — embora seja qualquer perda de cristandade. Em cima das dificuldades, foi aparecendo uma estética ambiente, peças para montar em qualquer lugar. Em cima da dificuldade de adquirir textos de direitos caros, foi surgindo uma dramaturgia própria, todos podiam escrever textos, todos podiam discutir os textos".

— Almirão Bêlém, atual presidente da Federação dos Trabalhadores da Cultura opinou e de que todo esse movimento ainda está nas mãos de uma minoria. "Essa situação não é o que não existe, que se baseiam em modelos críticos europeus, parâmetros que não servem para a realidade brasileira. Essa confusão conceitual, mesmo tendo desaparecido. Alguns grupos se intitulam periferia porque são oriundos das áreas periféricas, outros porque identificam-se optaram por esse tipo de trabalho.

XII FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO AMADOR

1989, 22 À 30 DE JULHO
CAMPOS - RJ

No ano da graça de 1921, um Mecenas do Teatro criou o TRIANON. No ano da desgraça de 1975, com o apoio da Câmara Municipal e do Prefeito de então, o TRIANON, com seus 1.627 lugares, entre cadeiras da Geral, Galerias e Camarotes, foi demolido.

Era o Maior e o mais Belo Teatro do antigo Estado do Rio. Agora a Nova Prefeitura Municipal de Campos, através do seu Prefeito Anthony Garotinho Matheus, vai construir o Novo TRIANON, com projeto do Arquiteto Oscar Niemeyer.

Não será igual ao anterior, mas será o Melhor Espaço Cultural do interior Fluminense. O Cartaz mostra detalhe da estátua de Thelma, uma das Deusas do Teatro que, com Thalma, ficava à porta do TRIANON e hoje se encontra no jardim de uma residência. A ARTA e a FETARJ apoiam a luta pela reconstrução do TRIANON, que deve contar com 800 lugares para receber Profissionais e Amadores da Dança, da Ópera, da Música e, principalmente da Arte-Mãe, que é o TEATRO.



REALIZAÇÃO



fetarj

FEDERAÇÃO ESTADUAL
DE TEATRO AMADOR
DO RIO DE JANEIRO

PROMOCÃO

fetarj

FEDERAÇÃO ESTADUAL
DE TEATRO AMADOR
DO RIO DE JANEIRO

APÓIO



FUNDAÇÃO CULTURAL
DE CAMPOS

FUNDACEN

FUNDAÇÃO DE CULTURA E NÚCLEO DE ESTUDOS

minC

Ministério de Cultura

PREFEITURA
MUNICIPAL
DE CAMPOS



Principais cidades onde circula em bancas: Vassouras, Barra do Pirai, Paty do Alferes, Miguel Pereira, Mendes, Volta Redonda, Paulo de Frontin e Paracambi

Festival de Teatro reabre Aldeia após 15 anos



Aldeia do teatro amador

Reunidos na 13ª edição do Festival Estadual, em Arcozelo, grupos amadores disputam prêmios

Eva Spits

Difícil acreditar que se produza, além de homicídios e cinturões de pobreza, teatro, nos municípios do Rio de Janeiro, neles incluída a Baixada Fluminense. E que esse teatro seja levado a cabo por grupos que se organizam, ignorando a total carência de recursos e ainda conseguem manter uma surpreendente persistência. A prova mais concreta de que eles existem é o 13º Festival Estadual de Teatro Amador do Rio de Janeiro. Ele começou sábado e reanuncia, 30 anos depois, o velho projeto do Paschoal Carlos Magno (leia quadro; acontece na Aldeia do Arcozelo, em Paty do Alferes, próximo a Miguel Pereira. Lá se apresentam grupos como o Gatriv de Três Rios, com 21 anos de existência; o grupo Etapa, com 16 anos, que apresenta na proscênio o espetáculo *Pic-nic no Jamá*, de Fernando Arrabal, e quase uma dezena de outros desconhecidos do grande público, numa maratona que vai até a próximo sábado.

O casarão de 200 anos cobria o Festival de Teatro Amador do Rio



foros investiu cerca de Cr\$ 400.000,00 no festival e ofereceu alojamento e alimentação para cerca de 200 pessoas, incluindo elenco e técnicos. Todos os grupos que se apresentam seguem a tradição dos grupos contemporâneos de se instalar com nomes exdrúsculos. Há o Gatriv, da Ilha do Governador, o Infância de

mamulengos, de Paty; a Companhia Também Por Isso, de Nova Iguaçu. E ainda a Cuturquin, de Angra dos Reis; o Raiz da Liberdade da Cidade de Deus; o Teatro Embaixo do Poste, de São Gonçalo, o Grupo Sonho e Cor e Diga de Maricá; o Ocaso, de São João de Meriti; Cana Amarga, do Campos ou Gente É Pra Brilhar É

Não Para Morrer De Fome, de Campos. Alguns com mais de três anos de existência. O grande vencedor do festival do ano passado, que abocanhou cinco prêmios é o Nusteg, de São Gonçalo, que apresentou um monólogo baseado em um conto de Caio Fernando Abreu. *Os dragões não conhecem o paraiso.*

O Festival é promovido pela Federação Estadual de Teatro Amador do Rio de Janeiro e tem o apoio da Funari, a Secretaria Estadual de Cultura e a Secretaria Especial de Cultura da Presidência. Liberaram a Aldeia do Arcozelo, que pertencera a extinta Fundação, para o acontecimento.



Paschoal Carlos Magno reconstruiu a velha fazenda, transformando-a em centro cultural

A velha fazenda de café, erigida há dois séculos por escravos e transformada pelo embaixador Paschoal Carlos Magno na década de 60 na Aldeia do Arcozelo, com a única finalidade de servir à cultura, começa, só que parece, a cumprir o seu destino. Desde que foi inaugurada em 1965, o seu determinado idealizador encontrou obstáculos para o seu funcionamento e manutenção. Ele chegou a receber grupos jovens e a ministrar cursos e debates, mas as poucas verbas que pingavam impediram que Arcozelo se transformasse num centro irradiador de teatro para o país como Paschoal desejava. Isso fez com que ele se desiludisse e se sentisse frustrado até sua morte, em 1980. Em 15 anos de vida, Paschoal só conseguiu chegar perto do sonho em 1975, ao realizar em Arcozelo um festival brasileiro de teatro estudantil. Abandonada, a Aldeia já corria o risco de virar escombros,

Sonho resgatado

quando o extinto ministério da Cultura do governo Sarney, através da também extinta Fundação, iniciou todo o projeto de recuperação em 88.

Agora, ligeiramente reconstruída pela prefeitura de Paty do Alferes, que arrematou 30 homens para capilar a e pintá-la antes do Festival, a Aldeia volta a funcionar. Marcelo Basbus Mourão, 29 anos, chefe de gabinete do prefeito de Paty do Alferes e presidente da comissão organizadora do festival, garante que daqui para a frente Arcozelo será a sede oficial desse festival que já itinerou por quase todos os municípios do estado. O projeto pretende multiplicar a Aldeia com esse objetivo.

A Aldeia do Arcozelo, ex-propriedade da família do economista João Pinheiro Filho, doada por ele a Paschoal Carlos Magno, é uma obra grande, que

conserva a sua construção original em pau a pique, e tem 100 mil metros quadrados de alojamentos, teatros (dois — um de arena) e ainda museu, pátio, galeria, biblioteca, tudo devidamente nomeado com homenagem a figuras ilustres da arte brasileira. O patio da Aldeia, por exemplo, foi batizado de Patrícia Galvão (a Figueira). Há também, totalmente disponível, um piano de cauda novíssimo Yamaha, doado há tempos pela Caixa Econômica.

Os teatros são capitulos a parte. Um é o Renato Vianna com capacidade para 300 pessoas, que foi todo restaurado depois de ter desabado há dois anos. E o de arena, Itália Faustina, para mil pessoas, todo cercado de Arcozelo, com bancas de pedra. As montagens que serão apresentadas, garante Basbus, fazem jus "em criatividade e profissionalismo" a todo esse investimento. (E.S.)

Foto: Fernando Lutz / Produção Gráfica Estúdio 52. Apresentação de Comunicação Social e Imagem. Texto: Evelyn Faria / Foto: Evelyn Faria / Imagem. Texto: Evelyn Faria / Imagem.

ENTRE-RIOS JORNAL

Três Rios - RJ, de 22 a 31 de julho de 1994. **TABLÓIDE ESPECIAL** DESTINADO GRATUITO

FESTIVAL MULTIMÍDIA DA FETAERJ



**TEATRO CELSO PEÇANHA - TRÊS RIOS
DE 22 A 31 / JULHO / 1994**

O PASCHOALINO

INFORMATIVO DO XVIII FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO DA FETAERJ - FEDERAÇÃO DE TEATRO ASSOCIATIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
PATY DO ALFERES - DE 28 DE JULHO A 06 DE AGOSTO DE 1995

A FETAERJ - HISTÓRICO ALDEIA DE ARCOZELO

A FETAERJ - HISTÓRICO

A FETAERJ - Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro, foi fundada em 1977 com o objetivo principal de fomentar e apoiar a produção teatral dita "alternativa" no Estado. Naquela época, aglutinados através da campanha e favor de muitos amigos, geral e zumbeta, a luta contra a ditadura militar, tomou-se o mote principal da necessidade de criação de uma entidade que ocupasse o lugar do "Estado" C.P.C. da União Nacional dos Estudantes. Unida, foi na Casa de Estudantes Universitários (C.E.U.), na Av. Rui Barbosa, que foram articuladas as primeiras reuniões surgindo daí o nome de Federação de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro. Entretanto, a primeira diretoria, tendo como presidente Almirão Beldini, foram autorizados além de espetáculos de resistência, equipes de rua que eram apresentadas nos pontos políticos sempre com a atenção voltada para um teatro popular e engajado. Vários grupos e/ou artistas começaram a trabalhar no seu movimento. Grupos Dia e Dia, Ta na rua, Grupo Tal de Caxias, Tio de Nova Iguaçu, etc., assim como Uilide Guilhou, Inara Ferraz, João Siqueira, Amé Haddad, José Ferrary, Apolinário, José Carlos de Souza, José Maria Rodrigues e tantos outros participaram para o seu primeiro evento: I FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO, em Vila Ribundeia.

Vila Ribundeia, zona de Segurança Nacional, o destino era grande demais. Porém, a estrutura da Ditadura nos levou que ali naquele cidade, milhares de teatro, trouxeram os reflexos e apesar dos grupos passaram o cenário político que acontecia no mundo. A FETAERJ, com todos os grupos vão para Nova Iguaçu e lá o Festival aconteceu. Porém, já começando apresentando dificuldades várias atividades de sua postura de discutir e transformar a realidade de um teatro extremamente popular segue a FETAERJ, o seu destino, aglutinando novos grupos, sendo a diversidade de grupos que abandonou a atividade ou se integraram no teatro comercial ou a televisão.

A partir dos anos oitenta ocorre cultural e político da década de 80, a FETAERJ incrementa suas ações para o interior do Estado, mantendo a criação de unidades regionais e/ou municipais, destaca amigos participantes para capacitar e organizar grupos nos estados fluminenses e a Fundação, mantida pelo político da Confederação Nacional de Teatro Amador, torna-se independente do nome e assume a Federação Estadual de Teatro Associativo do Rio de Janeiro (FETAERJ).

Os anos da década de 80, são os passando a FETAERJ, orientaram incrementando suas políticas de intervenção, fomentando suas atividades e levando o deslocando suas para o interior do Estado e então, já por volta de 1987 em Nova Amarel, seu Festival de teatro especializado, onde os espetáculos passaram por longos períodos e são avaliados através o cenário por profissionais de teatro no sentido de uma maior qualidade artística, isso se refletiu as oficinas integradas dos espetáculos.

No início da década de 90, com o apoio técnico da Secretaria de Cultura, de Aldeia de ArcozeLO, a Federação já com o nome de FETAERJ - Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro, na oportunidade aconteceu em 85 (quarenta e cinco), em sua primeira edição, perfazendo 12 (doze) e dois municípios, grupos do interior, perfazendo 12 (doze) e dois municípios, sob o nome de FESTIVAL DE LINGUAGENS TEATRAIS em Aldeia de ArcozeLO (Paty do Alferes), denominado em o FESTIVAL DE TEATRO em cidade de interior.

No Congresso realizado já no final de 1988, a Federação, tendo em vista a importância de suas ações, a experiência dos grupos abrangendo localidades que por anos permaneceram com trabalho ativo e de qualidade em suas regi-

XVIII FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO

ALDEIA DE ARCOZELO - RJ
DE 28 DE JULHO A 6 DE AGOSTO
1995



REALIZAÇÃO

▼ Federação de Teatro Associativo do

Estado do Rio de Janeiro (FETAERJ)

▼ Prefeitura Municipal de Paty do Alferes

ões, porém sem perder de vista os grupos amadores, sempre como eixos de terminologias de generalidades e princípios e transformou-se em FEDERAÇÃO DE TEATRO ASSOCIATIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, já que as produções no seu todo não tem fins lucrativos e são concebidas na relação Empresa-Público-Comunidade.

A organização e a realização de Festivais durante tanto tempo, aglutinando grupos de diversas regiões inicialmente, sempre foi uma tarefa árdua para todos os dirigentes que de uma forma ou de outra mantiveram a Federação durante

tudo estes anos. E mesmo assim, sendo achamos que é possível, gostamos de fazer algo mais, sendo por exemplo incrementar o processo de vida para os produtores envolvidos nos Festivais. O PROJETO ROLA TEATRO que dependendo de uma infraestrutura própria, dará vida nova a diversos casos de espetáculos do interior do Estado, que ficam muitas vezes fechados em o mural de "caixa mágica de alta produção teatral comercial", além da troca de experiência dos grupos envolvidos com os seus espetáculos e oficinas para grupos ainda carentes das técnicas das artes teatrais.

ABERTURA DO FESTIVAL

A Abertura do Festival será realizada da seguinte forma:

- Apresentação de "OS MI-MOS" entregando a Chave da Aldeia ao Presidente da Federação
- Sátira dos Melhores Espetáculos dos últimos 5 anos
- Palavra das Autoridades
- Espetáculo : "QUERELAS, LIRAS E JAGUNÇOS"

MENSAGEM DA PREFEITURA

brigar o Festival Estadual de Teatro é um ato de apoio a Cultura. Pela quarta vez a Prefeitura Municipal de Paty do Alferes participa deste grande projeto que tem como objetivo o fazer teatral em todo o Estado do Rio de Janeiro.

Temos certeza de que todo trabalho empreendido para o apoio do Festival projetará o futuro do Teatro em todo o Estado levando os agentes da Cultura - os artistas de todas as artes - à peregrinação na tarefa de discutir e propor mudanças através da arte que atravessa os Tempos.

Aos artistas, patrocinadores, autoridades, técnicos e espectadores. Sejam bem-vindos a Paty do Alferes

Sejam bem-vindos a Aldeia de ArcozeLO, "o local de todas as artes e de todos"



XVI FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO DA FETAERJ

**DE 30/07 A 08/08
ALDEIA DE ARCOZELO
PATY DO ALFERES - RJ**

REALIZAÇÃO
FEDERAÇÃO DE TEATRO AMADOR
DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FETAERJ)
APOIO CULTURAL
PREFEITURA MUNICIPAL DE PATY DO ALFERES



FUNARJ



XVIII FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO

ALDEIA DE ARCOZELO - RJ
DE 28 DE JULHO A 6 DE AGOSTO
1995



ENVIE A SUA PROPOSTA ATÉ 28 DE ABRIL DE 1995
CAIXA POSTAL - 4065 - CEP:20010-000 - RJ

REALIZAÇÃO

- ▼ Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro (FETAERJ)
- ▼ Prefeitura Municipal de Paty do Alferes

APOIO CULTURAL

- ▼ Ministério da Cultura - FUNARTE
- ▼ Secretaria de Estado de Cultura e Esporte do Rio de Janeiro
- ▼ Azul Neon

O PASCHOALINO

INFORMATIVO DO XIX FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO ASSOCIATIVO - FETAERJ - Nº 03 - 1996

PRÊMIO PASCHOALINO

O destaque máximo do Festival

uma
ano
que "O
Paschoalino"?

Ha muito tempo que procurávamos um nome que simbolizasse de maneira concreta o nosso movimento para que criássemos um prêmio que, ligado à representatividade, transmitisse uma comunicação mais direta com a mídia, este nome já estava no nosso léxico, desde que começamos a utilizar a Aldeia de Arcozelo, seu cunhado vulgarramoso e fantástico papel que Paschoal Carlos Magno escreveu ao longo da carreira, dedicando particularmente ao incentivo cultural outro de jovens "Paschoalino" e como todos chamamos afetuosamente o mestre, nos vários municípios em que estava a frente, os seus formais o chamavam de "embaixador", mas preferimos pensar na sua esfera mais íntima, pois o mesmo também está ligado a um certo modo de nos descobrirem o monte Paschoal.

A falta de memória do nosso povo, foi outro fator que contribuiu para a homenagem, sendo vejamos, ainda outro dia mesmo entramos em contato com a Caravana Cultural, solicitando a sua participação na abertura deste mesmo Festival, na oportunidade costumamos que a presença do projeto seria importante, por sermos homenageados o "pai da ideia". De considerações do tal evento, foram uma desculpa qualquer para o não comparecimento, porém o mais grave o que resultaria em ofensas e sagazes frases: "descobrirmos o pai da ideia do nosso projeto, pois o tal foi concebido há seis anos pela coordenação do mesmo". Ora, que vergonha, um projeto com o patrocínio da Prefeitura e com o beneplácito de várias entidades culturais do Rio de Janeiro, a capital do colibri, não sabe em que época viviu, quem foi o ó que fez Paschoal Carlos Magno. Bem, nós sabemos e queremos deixar vivo a memória de quem não foi mais um oportunista, como muitos o são, mesmo travestidos em falsos miseráveis.



- Albi /
Sei que a
deixem a pete
Nos encor



FETAERJ

Conheça os
espetáculos
que concorrem
no Festival

Grupo fundador

PRÊMIO
PASCHOALINO
NA CABEÇA

XIX FESTIVAL DE TEATRO ASSOCIATIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES TEL (021) 268-0600

PREFEITURA MUNICIPAL DE PATY DO ALFERES **MCS** MINISTÉRIO DA CULTURA - FUNARTE **GEM** SECRETARIA DE ESTADO DO RIO DE JANEIRO

"Não podendo ser o grande
seja este trabalho de ação a

XX FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO



Programação

| | | | |
|--|--|--|--|
| Sexta (15/08) 20:00h Abertura Oficial 21:00h Casos de Um Cabo Que já se Foi... (Cabo Frio) Municipal | Sábado (16/08) 10:00h (*) Andar... Sem Parar... de Transformar... (Rio) Municipal 14:00h Contadores de Histórias (Rio) Pg. Deto Rocha 17:00h A Gula (Angé) Pg. J. Esperança 21:00h A Iha das Cabras (Rio) Municipal | Quarta (20/08) 10:00h (*) Quais São Seus Sonhos (Rio) Municipal 17:00h Corpora-O Castelo de Areia (Três Rios) Távrio 21:00h A Trilogia do Sexo (Pay de Alifons) Municipal | Quinta (21/08) 17:00h Palhaços (Macacé) Távrio 21:00h O Inspetor Geral (Pay de Alifons) Municipal 23:00h Do Bar (Rio) Bar do Hotel |
| Domingo (17/08) 10:00h (*) O Consertador de Brinquedos (Rio Bonito) Municipal 17:00h Trapaças do Advogado Pathelin (Rio) Pg. São Cristóvão 21:00h Sobôdo: Vamos Falar Francamente? (Rio) Municipal | Segunda (18/08) 10:00h (*) Joaquim Anda Pra Trás (Rio) Municipal 17:00h Dois Perdidos numa Noite Suja (Rio Bonito) Távrio 21:00h Entre Elas (Três Rios) Municipal | Sexta (22/08) 10:00h (*) Quem Conta e Canta Encanta (Cabo Frio) Municipal 17:00h O Corcunda e o Poeta (Cachoira de Macacé) Távrio 21:00h Morangos Molados Moidos e Triturados (3 Rios) Municipal | Sábado (23/08) 10:00h Divagações Amorosas (Rio) Municipal 17:00h 2 Atores Hermenêuticos numa peça Propedêutica (Rio) Távrio 21:00h Premiação do Paschoalino 97 Municipal |
| Terça (19/08) 10:00h (*) O Sonho Encantado (Rio) Municipal 17:00h El Corazon y Otros Frutos Amargos (Rio) Távrio 21:00h A Utopia de São Conselheiro (Rio) Municipal | | | |

(*) Espectáculos infanto-juvenis
- Os debates sobre as experiências acontecidas todos os dias na Casa de Cultura José de Dorne (Charmá) a partir do Domingo (17/08) às 14:00h e mais.
- O Vento (Cabo Frio) todos os dias à noite no Rio de Janeiro.
- Orelante (Cabo Frio) sábado 16/08 às 21:00h no Bar do Hotel Alifons



Realização:
Prefeitura Municipal de Cabo Frio
Secretaria de Cultura

Cabo Frio



15 a 23 de AGOSTO

APOIO:

FUNARTE - MING

Governo do Estado do Rio de Janeiro
Secretaria do Estado da Cultura e Esporte

TURISRIO - HOTEL MALIBU - RESTAURANTE DO ZÉ

XXI FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO



Inscrições
até 30 de abril de 1998

A FETAERJ - Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro, faz saber que realizará de 07 a 15 de agosto de 1998, na cidade de PATY DO ALFERES, o XXI Festival Estadual de Teatro do Rio de Janeiro. PRÊMIO PASCHOALINO 98.

1- DOS OBJETIVOS:

Intensificar o intercâmbio Teatral, aperfeiçoando o fazer teatral, troca de experiências e discussão das mais diversas linguagens cênicas.

2- DA INSCRIÇÃO:

O Festival terá a participação de grupos que se organizam de forma associativa ou cooperativadas, FILIADOS até a data do encerramento das inscrições.

2.1- Os Grupos interessados na participação do Festival deverão enviar suas inscrições para:

FETAERJ
CAIXA POSTAL 4065
CEP 20.010-000
RIO DE JANEIRO - RJ.

2.2- Documentação necessária:

- a) Três (03) cópias do Texto ou roteiro;
- b) Fita de Vídeo (OPCIONAL) gravada com câmara parada em foco aberto na área de encenação (sem edição);
- c) Cópia do comprovante de pagamento de mensalidade da Federação - abril de 1998.

2.3- Grupos NÃO FILIADOS a Federação e que desejam participar do Festival devem, além dos itens anteriores, fazer um depósito bancário no valor de R\$ 120,00 em favor da Fetaerj, banco Banerj Ag. 011, conta corrente número 0224914.

2.4- As inscrições para o Festival de Teatro deverão ser feitas impreterivelmente até o dia 30 de abril de 1998, valendo a data postal. As inscrições recebidas após esta data serão consideradas sem efeito.

A FETAERJ não faz distinção entre espetáculos de rua, de espaços fechados, bonecos, adulto ou infantil. Todos serão tratados sem discriminação ou preconceito, obedecendo apenas os critérios de qualidade na produção.

MAIORES INFORMAÇÕES
TEL (021) 268-0600
horário comercial.

Prêmio
PASCHOALINO
98



APOIO

Funarte
MinC.

Secretaria de Estado
de Cultura e Esporte
do Rio de Janeiro

S.A.A.L.
Associação dos Amigos de
Paty do Alferes

Pref. Municipal de
Paty do Alferes

PATY DO ALFERES - RJ

O PASCHOALINO

INFORMATIVO DO XXII FESTIVAL ESTADUAL DE TEATRO ASSOCIATIVO - FETAERJ - 1999



Nova Iguaçu abre suas portas para abraçar o XXII Festival Estadual de Teatro Associativo, realizado anualmente pela FETAERJ.

A cidade vai receber 24 espetáculos, entre convidados e concorrentes. Cada grupo vem para, muito mais que competir, aprender e trocar. São 10 dias de intenso convívio onde todos deixam um pouco daquilo que têm de melhor. E é assim que o nosso movimento caminha... e é assim que a cada ano a gente cresce!

O Troféu Paschoalino - criado em bronze e resina - pela escultora Marina Vergara - homenageia Paschoal Carlos Magnó, que dedicou sua vida e seus esforços ao teatro. O prêmio é oferecido aos 3 melhores espetáculos e a categorias individuais, como ator, atriz, diretor, sincronista, texto, iluminação, maquiagem, figurino e cenário.

Bem, chegamos aqui. Pretendemos fazer dessa cidade um grande palco, onde toda forma de arte possa libertar e florescer.

Evolui... para todos nós!



NOVA IGUAÇU VAI APLAUDIR DE PE'

22º FESTIVAL DE TEATRO ASSOCIATIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

6 a 15 AGOSTO

SESC - NOVA IGUAÇU

Apoio



O Santo e a Porca - uma das peças vencedora do último festival - abre o Prêmio Paschoalino 99
Página 1

A comunidade ganha oficinas
Página 4

Novidade: Sessão de vídeo traz lembranças de Marcio Machado e João Siqueira
Página 6

Fique por dentro: Cenografia, Corpo e Teatro Brasileiro são as oficinas destinadas aos artistas
Página 7

ESPETÁCULOS CONVIDADOS INVADEM O CENTRO DA CIDADE

PASCHOALINO

Olá companheiros,

Sentidos com a partida do companheiro, amigo e parceiro Marcio Gomes Machado, secretário da nossa Federação de Teatro e que muito contribuiu com sua dedicação para a organização do nosso movimento, a ele deixamos nossa eterna gratidão e pedimos que Deus o abençoe.

O Prêmio Paschoalino 1999 é a continuidade de um processo que o companheiro Marcio ajudou a construir e que nós, da diretoria, junto com todos os membros, iremos realizar.

As inscrições estão abertas e contamos com as produções para a realização do XXII Festival, que este ano será no SESC de Nova Iguaçu. Nosso alojamento será a nossa "mini aldeia", um espaço com quartos, banheiros, refeitório, auditório, sala para reunião, espaço verde, e um terraço onde faremos nosso ponto diário de encontros, além das dependências do SESC que estarão a nossa disposição. Na "Mini Aldeia" pretendemos estimular cursos, palestras e oficinas, além de uma programação bem gostosa.

Mais do que nunca a sua participação é prioridade.

*Evot Baco, e que Dionísio nos agrade a todos
José Soares*



FETAERJ

**Em tempos de crise
o melhor é não contrair dívidas
Mantenha-se em dia com a
FETAERJ.
Você só tem a ganhar!**

Você está recebendo juntamente com este informativo, a ficha de inscrição, contendo o edital do XXII Festival de Teatro de FETAERJ. Fique atento às datas:

XXII Festival 05 a 15/08
Inscrição até 10/05
Pré-Seleção 15/05 a 27/06

- ☛ Quem não perdeu um capítulo da série Chiquinha Gonzaga, pôde, além de acompanhar a história dessa brilhante mulher, também conferir a presença de Rô Sant' Anna (Oficina Simmons/Rio de Janeiro) na telinha.
- ☛ Os jovens atores filiados à FETAERJ estão cada vez mais buscando o aperfeiçoamento de sua profissão: Luciene Martes (Só-Arte/Volta Redonda), concluiu o curso do TABLADO. A galera de Cabo Frio fez a festa: César Valentim (Creche na Coxia) passou para a UNI-RIO, sua companheira de grupo Rita e Marcelo (Cla Artaud) passaram para o MARTINS PENA, onde também foram aprovados Valeria Bastos, (GATVC/Três Rios) e Douglas Jardim (Grupo de Risco/Rio de Janeiro).
- ☛ Roberto D' Paula (Oficina Simmons/Rio de Janeiro) recebeu o prêmio de Melhor Atriz, em recente festival no Rio de Janeiro, defendendo a sua BRUXINHA QUE ERA BOA.
- ☛ Marcia Valeria está em cartaz no TEATRO AMÉRICA (Tijuca, Rio de Janeiro) durante os meses de abril e maio. O espetáculo é Rendez-Vous, dirigido por Luiz Carlos Niño.
- ☛ Você sabia que o último sábado de março, dia 27, foi o DIA DO TEATRO? Pra você, que faz parte desse imenso espetáculo, a FETAERJ manda aquele abraço.

FETAERJ

TEL.: (021) 268-0600

Conta Corrente:

Banco Banerj Ag. 011/ conta 0224914
CAIXA POSTAL 4085 - CEP 20 010 - 000

Diretoria Executiva

Presidente: JOSUÉ TEIXEIRA SOARES
Vice Presidente: HENRIQUE PIMENTEL
Finanças: NEDES FILHO
Divulgação: MARCIA VALERIA
Programação: ROGÉRIO BRUM

**Aguarde em breve o primeiro encontro
de grupos do ano com mais novidades sobre o
Prêmio Paschoalino 99!**

O PASCHOALINO

Informativo do XXIII Festival Estadual de Teatro Associativo do Rio de Janeiro

Londrina abre o Festival da FETAERJ



Alunos do Curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Londrina - dirigidos por Paulo Braz - apresentam-se na abertura do Paschoalino 2000, na noite de sexta-feira, dia 21 - na Aldeia de Açozeiro.

UMA SIMPLES REALIDADE
Grupo Pemas de Pau

Espectáculo de Rua Conviteado

Uma cerimônia de casamento, com vestido de noiva, convidado bem trajado, que dança ao som de fango, música clássica e sons experimentais. A diferença é que os convidados estão todos de... pernas de pau!



O Futuro Encena

O Festival ganha um novo espaço: além dos teatros da Aldeia, este ano contaremos com o Centro Cultural de Paty do Alferes. O Centro vai abrigar espetáculos em seu teatro e em espaços alternativos, além de oficinas de teatro durante toda a semana

De 21 a 30 de julho acontece em Paty do Alferes o XXIII Festival da FETAERJ. Esta é a décima vez que a Aldeia de Paschoal Carlos Magno abre suas portas para a Federação

Cadu Fernandes
Mônica Alvarenga
Samuel Abrantes

professores de teatro nas áreas de interpretação, direção e indumentária vão avaliar os espetáculos do Paschoalino 2000.

Confira na programação

José Dias traz uma luz sobre cenografia.

Amir Haddad fala do seu trabalho com o grupo Tá na Rua e da importância de festivais para o desenvolvimento do teatro experimental.

Como se interpreta um texto que não foi escrito para teatro?

O professor e diretor Daniel Marques ensina!

O PASCHOALINO

Edital e Ficha
de Inscrição
nas próximas
páginas

Informativo do 24º Festival Estadual de Teatro Associativo do Rio de Janeiro - FETAERJ 2001 - nº 1

PRÊMIO PASCHOALINO 2001

FETAERJ e Fundação Rio das Ostras de Cultura Realizam Festival de Teatro

O Prêmio Paschoalino 2001, 24ª edição do Festival Estadual de Teatro Associativo, será realizado pela FETAERJ - Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro - e pela Fundação Rio das Ostras de Cultura de 20 a 28 de Julho de 2001, em Rio das Ostras. Além da Lona Teatral, que será instalada especialmente para o festival, haverá apresentações e oficinas em diversos pontos da cidade, mobilizando artistas e técnicos de todo o Estado. Serão apresentados aproximadamente 20 espetáculos, além de performances, shows, concursos, oficinas e desfiles.

Através do Festival desperta-se a formação de novos grupos e artistas. Pessoas dos mais diferentes setores da nossa sociedade organizam-se em grupos e têm no teatro a atividade transformadora pela qual se expressam e canalizam suas contribuições e suas comunidades.

Foi em função do movimento de teatro da FETAERJ que muitos municípios conseguiram mobilizar as forças políticas locais para a construção ou reforma de seu teatro como Cabo Frio, Paty do Alferes e Valença.

Grupos que nasceram na FETAERJ hoje conquistam prêmios em todo o circuito nacional, dominando uma importante fatia do mercado cultural que se destina ao teatro de pesquisa e experimentação.

As informações acerca da cultura teatral e o incentivo à produção cultural fazem deste movimento um dos mais atuantes e importantes para a cultura do nosso Estado.

FETAERJ - 24 anos de Sucesso

A FETAERJ - Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro - é uma instituição que atua há 24 anos na capital e, principalmente, no interior do estado fluminense.

Através de festivais, seminários, oficinas, intercâmbios teatrais, palestras, debates e cursos, a FETAERJ tem contribuído de forma ímpar para a descentralização do teatro, a capacitação de grupos, o aprimoramento das produções, e a criação de novos grupos.

O trabalho desenvolvido pela FETAERJ é de tal importância que conquistou, em dezembro de 2000, o prêmio Estímulo da Saúde - Governador de Ouro (conferido pelo Governador do Estado) pela Secretaria de Estado de Cultura e pelo Conselho Estadual de Cultura, pelos relevantes serviços prestados na categoria Artes Cênicas.

A FETAERJ tem em seu quadro de associados grupos de arte cênica com representação em várias cidades do Estado do Rio, distribuídos por 31 municípios abrangendo todas as Regiões do Estado.

A FETAERJ é hoje o movimento organizado e realizador de eventos que mo-

biliza as comunidades, instituições e as políticas culturais dos municípios do Estado.

Desde a sua fundação, a FETAERJ promove anualmente o Festival Estadual de Teatro, para onde se inclinam as melhores produções de grupo do Estado. A troca de informações, a realização de oficinas de capacitação teatral para os participantes e para a comunidade local, o pensar e discutir teatro, o desenvolvimento das produções artísticas dos grupos, foi o que tornou o Festival da FETAERJ o eixo aglutinador do movimento.

Além do Prêmio Paschoalino 2001 a FETAERJ apresenta em abril, na cidade de Rio de Janeiro, a FETAERJ EM 3 ATOS, que consiste de três pequenas festivais: **Cenas Mudas, Esquetes e Cenas Musicadas.**

Outro evento será o Dramaturgia Século XXI, ciclo de leituras da FETAERJ, no qual serão apresentados ao cenário estadual vários textos premiados de autoria da FETAERJ.

RIO DAS OSTRAS Roteiro Histórico-Cultural

CASA DE CULTURA

• Imóvel do final do século XVIII, construído para guardar redes, apetrechos de pescadores, peixes e depois pra depositar sal. Transformada em residência no início do século XX, tem estilo colonial rural com telhas de coral feitas nas coxas pelos escravos. O acervo no interior da casa é constituído de móveis de 1920. Neste espaço desenvolvem-se Oficinas de Arte, permanentes exposições e abriga o Centro de Memória Documental de Rio das Ostras.

Seg a sex - 9h às 18h

Sáb e dom - 14h às 18h

Rua Dr. Bento Costa Jr., 70 - Centro

CASA DA FARINHA

• Local de prática antiga da feitura da farinha de mandioca produzida pelos índios, escravos, colonos e primitivos moradores. A Casa da Farinha do Sea Tenda, para fabricação de farinha de mandioca artesanal e familiar. Conheça e prove este delicioso alimento, saindo do forno.

Sauro de Cantagalo

PIÇA DO ARTEFÃO

• Construída para sediar o artesanato local, 40 stands com trabalhos variados em tecido, prata, madeira, fibras e outros. Exposição diária a partir de 18h

Avenida Amazonas

BIBLIOTECA MUNICIPAL

• Fundada em 09 de abril de 1938, a Biblioteca Municipal de Rio das Ostras transformou-se no mais importante núcleo cultural do município. Contando com 12.000 títulos, a Biblioteca oferece a mais de 2.000 usuários um atendimento de qualidade inédito em Rio das Ostras, como consultas, pesquisas, empréstimos, etc.

Seg a sex - 9h às 18h

Sáb - 14h às 18h

Rua Rego Barros, 20 - Centro

CASA DA MÚSICA

GERALDO CABRERO

• Núcleo avançado da Escola de Música Villa Lobos com cursos profissionalizantes de música, situado em imóvel que faz parte da Memória de Rio das Ostras.

Rua Oscar Fonseca, 40 - Centro

ESCOLA MUNICIPAL DE DANÇA

HELENA NOGUEIRA

• Núcleo de formação clássica de dança.

Rua Oscar Fonseca, 40 - Centro

CENTRO FERROVIÁRIO

DE CULTURA DE ROCHA LEÃO

• Centro Ferroviário de Cultura, na antiga Estação Ferroviária de Rocha Leão, erguida pela mão de obra dos escravos com paredes de blocos de pedra bruta, ligados por uma mistura de barro e estume de boi, com teto de telhas francesas de Marsailhe no ano 1877. Abriga o Museu Ferroviário com exposição de objetos e histórico da Estrada de Ferro Leopoldina Railway.

Seg a sex - 9h às 18h

Sáb e dom - 9h às 13h

SÍTIO ARQUEOLÓGICO

SABADELA DA TARDADA

• Sitado no quintal da Casa da Cultura de Rio das Ostras, onde estão expostas ostras gigantes, conchas, pedras que caracterizam estrutura de abrigo. Urninas de machado de pedras, restos de esqueletos fragmentados.

Seg a sex - 9h às 18h

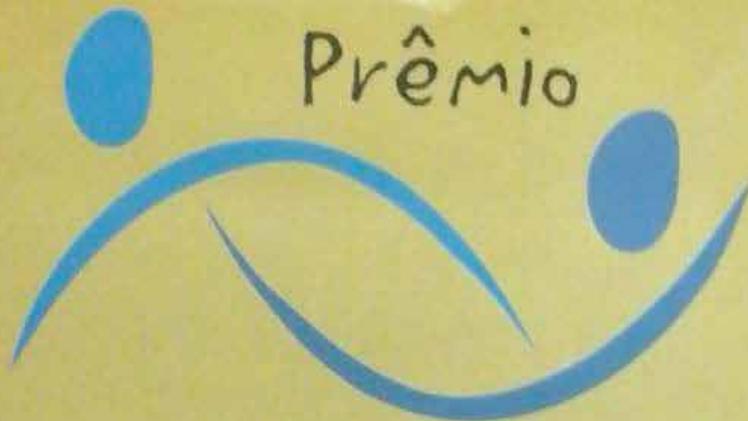
Sáb e dom - 14h às 18h

Rua Dr. Bento Costa Jr., 70 - Centro

Rio das Ostras

FELIZ

a cada ato.



Prêmio

Paschoalino
2001



20 A 28 DE JULHO
RIO DAS OSTRAS

Teatro - Oficinas - Mostras

Realização:



Parceria cultural:



PASCHOALINO 2002

FEATERJ - FEDERAÇÃO DE TEATRO ASSOCIATIVO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Prêmio Paschoalino 2002

25º Festival Estadual de Teatro da FETAERJ

19 a 27 de julho em Paty do Alferes

REALIZAÇÃO



Jubileu de Prata

PARCERIAS CULTURAIS



26° Festival
Estadual de
TEATRO
da FETAERJ



P
Prêmio
Paschoalini 2003

SESC de Nova Iguaçu
05 a 13 de setembro de 2003

Espectáculos às 10h e às 20h • Oficinas Gratuitas • Debates • Palestras

Realização



SESC
RIO DE JANEIRO

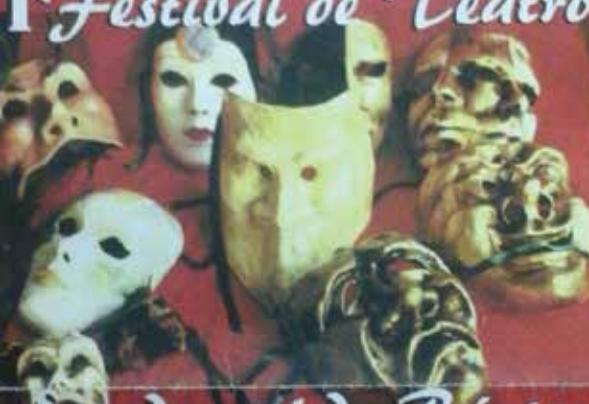
Parceria Cultural



Apoio



I Festival de Teatro



Estudantil de Búzios

De 11 a 29 de agosto de 2003
Casa de Cultura de Búzios

REALIZAÇÃO:  PATROCÍNIO: 

III MOSTRA FETAERJ de TEATRO em BÚZIOS



De 04 a 08 de novembro 2003
Casa de Cultura de Búzios

28 de agosto a 04 de setembro

14 espetáculos disputam o Festival Estadual

Todos os espetáculos concorrentes são diariamente discutidos pela comissão julgadora, formada por Ana Kfourl, Jane Estele e José Dias, e pelos representantes dos grupos, que durante o festival migram para Angra. Os debates ocorrem de 8:30 às 10:30 no teatro São José, no espaço FITA, no Galpão Santa Luiza.

As apresentações serão às 11 horas e às 21 horas no Teatro Municipal.

Os Três Melhores Espetáculos apresentam-se posteriormente na 4ª Mostra FETAERJ de Teatro Estudantil de Búzios e têm temporariamente em 2005 no Teatro Municipal Falabella (Rio de Janeiro).

No dia 04 de setembro, às 21 horas, haverá o Encerramento do Festival, com a Cerimônia de Premiação.

A programação dos espetáculos foi feita após o processo de pré-seleção no qual três jurados - Anja Bittercourt/Marizinho Telles/André Sanches viajaram por todo o estado, assistindo, avaliando e classificando entre os inscritos os 14 espetáculos que concorrerão ao Prêmio Paschoalino 2004.

Os Ingressos dos espetáculos concorrentes são 1 litro de leite longa vida, que serão doados às Instituições de caridade de Angra dos Reis. A troca deverá ser feita com 40 minutos de antecedência.



Troféu Paschoalino

| | |
|---|---|
| 28 de agosto - sábado - 11 h Teatro Municipal Classificação: 12 anos | Sangue de Bode num Diá Susstança Bussstura Companhia das Artes (Rio de Janeiro) |
| 28 de agosto - sábado - 20 h 30 min Casa de Cultura Classificação: 18 anos | Homens - Gene Insanno Companhia do Teatro (Araruama) |
| 29 de agosto - domingo - 11 h Teatro Municipal Classificação: 16 anos | Eduardo e Mônica Troupe "XIS" (Rio Bonito) |
| 29 de agosto - domingo - 21 h Teatro Municipal Classificação: livre | O Santo e a Porca Farsa Cena Companhia Teatral (Rio de Janeiro) |
| 30 de agosto - segunda - 11 h Teatro Municipal Classificação: livre | É isso aí, Irajá! Galpão das Artes Cia de Teatro (Rio de Janeiro) |
| 30 de agosto - segunda - 21 h Teatro Municipal Classificação: 16 anos | Allice Troupe do Covil Imaginário (Petrópolis) |
| 31 de agosto - terça - 11 h Teatro Municipal Classificação: livre | Dona Dengosa Cia. Municipal de teatro de Cachoeiras de Macacu |
| 31 de agosto - terça - 21 h Teatro Municipal Classificação: livre | Caravans dos Sonhos Arte em Cena (Volta Redonda) |
| 01 de setembro - quarta - 11 h Teatro Municipal Classificação: 12 anos | Feliz Aniversário Casarão Companhia de Teatro (Rio de Janeiro) |
| 01 de setembro - quarta - 21 h Teatro Municipal Classificação: 12 anos | Filhos da Trupe NEP (Rio de Janeiro) |
| 02 de setembro - quinta - 11 h Teatro Municipal Classificação: livre | Gepeto Conta Pinóquio Grupo Creche na Coxia (Cabo Frio) |
| 02 de setembro - quinta - 21 h Teatro Municipal Classificação: 12 anos | A Revolução dos Beatos Grupo Varal (Rio de Janeiro) |
| 03 de setembro - sexta - 11 h Teatro Municipal Classificação: livre | Carlitos Companhia Teatral Jovens Atores de Bressi (Rio de Janeiro) |
| 03 de setembro - sexta - 21 h Teatro Municipal Classificação: livre | Coisas do Gênero Centro de Teatro do Oprimido - CTO-Rio (Rio de Janeiro) |

OBs.: ingresso será 1 litro de leite Longa Vida trocados com no máximo 40 minutos de antecedência na bilheteria do Teatro

Acesse a programação completa em www.fita.art.br

FESTA INTERNACIONAL DE TEATRO DE ANGRA

espetáculos * oficinas * palestras * contação de histórias * debates



prêmio PASCHOALINO

28º
festival
estadual de
TEATRO
da FETAERJ

dia 14, sexta às 20 horas
ABERTURA OFICIAL
ESPETÁCULO É Isso Aí, Irajá (Galpão das Artes)
um dos vencedores do 27º Prêmio Paschoalino

dia 22, sábado às 20 horas
CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO
Aldeia de Arcozelo - T. Itália Fausta

14 a 22 de abril de 2006
Paty do Alferes - Aldeia de Arcozelo

Realização FETAERJ, Prefeitura de Paty do Alferes e FUNARTE



espetáculos * oficinas * palestras * contação de histórias * debates



festival
estadual de
teatro
da
fearj

PRÊMIO
PASCHOARINO

20 a 29 de julho de 2007 Aldeia de Arcozelo - Paty do Alferes/RJ
Realização FEATERJ, Prefeitura de Paty do Alferes e FUNARTE



espetáculos • oficinas • debates • palestras • prêmios

PROPAGANDA VISUAL - MARCOA VILGIBRA



PRÊMIO
PASCHOALINO
Festival Estadual de Teatro da FETAERJ

25 de julho a 02 de agosto de 2008
Aldéia de Arcozelo - Paty do Alferes/RJ



Realização

FETAERJ - Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro
Prefeitura Municipal de Paty do Alferes

Mostra de Teatro

em Búzios

Informativo da Mostra de Teatro em Búzios - 30 de novembro a 09 de dezembro - FETAERJ 2011

Búzios abre as portas para o teatro da FETAERJ

De 30 de novembro a 09 de dezembro. Animação de Búzios por teatro teatro.

Promovida pela PREFEITURA MUNICIPAL DE ANIMAÇÃO DE BÚZIOS e pela FUNDAÇÃO CULTURAL DE BÚZIOS, a FETAERJ - Federação Estadual de Teatro Amador das Unidades do Rio de Janeiro - realiza a Mostra de Teatro trazendo espetáculos, oficinas e palestras.

OFICINAS DE TEATRO ANUNCIAM A MOSTRA

Os artistas Josué Soares, Marcia Valeria, Rodrigo Portella, Flávia Papp e André Vital desenvolveram aulas de técnicas teatrais de Corpo, Mímica, Voz, Interpretação e Maquiagem com a comunidade de Búzios.

TROQUE COMIDA POR TEATRO

Espectáculos para todas as idades durante 10 dias. Para participar basta trocar 1 kg de alimento não perecível pelo ingresso. As trocas serão realizadas diariamente na Casa de Cultura Azul e Branco com 1 hora de antecedência e cada apresentação. Crianças uniformizadas não precisam doar alimentos.

ANIMAÇÃO DE BÚZIOS INAUGURA CASA DE CULTURA

A antiga Casa Azul e Branco inaugura-se no novo espaço cultural da cidade. Sábados e Minuta de Teatro apresenta 20 espetáculos para festejar sua inauguração. Criado como espaço privilegiado servirá a diversos públicos através como espaço de encontro e de desenvolvimento cultural.

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BÚZIOS

A Fundação Cultural de Búzios tem como objetivo criar, consolidar e identificar a identidade cultural da cidade e transformar Búzios num pólo de criação, criação e divulgação de manifestações artísticas. Para atingir isto se considera fundamental respeitar e promover a memória cultural local, fomentar o acesso de toda sociedade a manifestações culturais e de criar, estruturar e administrar espaços culturais que além de apoiar todas essas atividades, criá-las e vocacionar a cidade em neste área.

Cine Bardot se transforma em palco de palestras e aulas demonstrativas de Teatro

Grupo de Animação de Búzios apresenta *Um Novo Tempo*, em nome da natureza

Mostra apresenta Os Três Melhores Espectáculos do 30º Festival Estadual de Teatro da FETAERJ







Programação Visual - MARCIA VALERIA

TEATRO MUNICIPAL DE ARARUAMA

| | |
|-----------------------|--|
| 04 / mar quí / 20h | Virgínia <i>Teatro de Frente / 16 ANOS</i> |
| 05 / mar sex / 20h | Homem Nenhum <i>Luminous / 16 ANOS</i> |
| 06 / mar sáb / 16h | O Fim da Picada (Infantil) <i>COMBI Teatro / LIVRE - INFANTIL</i> |
| 06 / mar sáb / 20h | Presente dos Deuses - Uma História da Índia - <i>Travessia Teatro / 16 ANOS</i> |
| 07 / mar dom / 16h | Antes que o Galo Cante (Infantil) <i>Os Ciclomáticos / LIVRE - INFANTIL</i> |
| 07 / mar dom / 20h | Sobre Mentiras e Segredos <i>Os Ciclomáticos / 16 ANOS</i> |

05 / mar, sex, de 13h às 16h - OFICINA DE ILUMINAÇÃO



Prêmio

33º Festival de TEATRO da FETAERJ

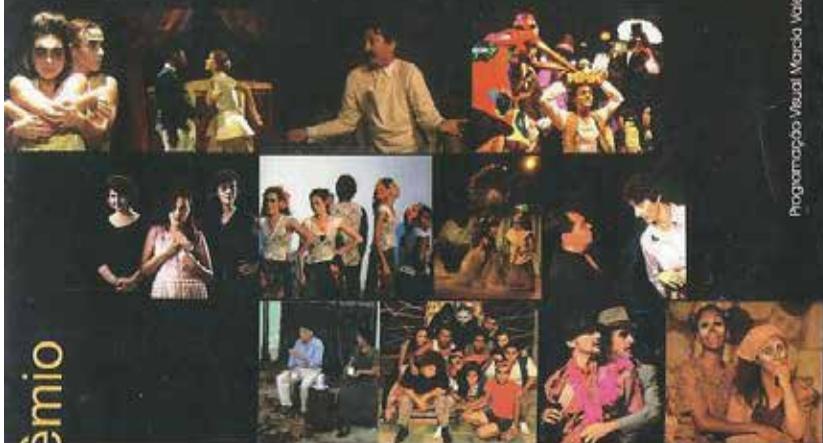
PASCHOALNO

2011

22 a 31 de julho
Aldeia de Arcozelo
Paty do Alferes - RJ



34º Festival de
TEATRO
da FETAERJ



Programação Visual: Marcia Valsella

Prêmio

PASCHOALINO

2012



20 a 29 de julho
Aldeia de Arcozelo
Paty do Alferes - RJ



Prêmio

PASCHOALINO

2013

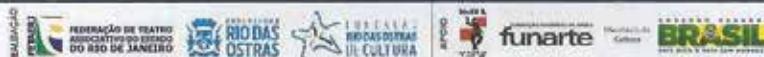


35° Festival de
TEATRO
da FETAERJ
Rio das Ostras - RJ



19 a 28 de julho

Programação Visual: Mariana Vedeia





36º Festival de **TEATRO** da FETAERJ

Prêmio **PASCHOALINO** 2014

25 / 07 a 03 / 08
Aldeia de Arcozelo
Paty do Alferes - RJ

REALIZAÇÃO: FETAERJ, Prefeitura Municipal de Paty do Alferes, Prefeitura Municipal de Arcozelo, Prefeitura Municipal de São João de Onofre, Prefeitura Municipal de São Pedro da Aldeia, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Alto, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Paraíso, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Sul, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Tietê, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Valente, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Vento, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Verde, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Branco, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Amarelo, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Vermelho, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Roxo, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Azul, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Preto, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Branco, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Amarelo, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Vermelho, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Roxo, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Azul, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Preto.

APOIO: SAAL, Associação Cultural de Paty do Alferes, Associação Cultural de Arcozelo, Associação Cultural de São João de Onofre, Associação Cultural de São Pedro da Aldeia, Associação Cultural de São Sebastião do Alto, Associação Cultural de São Sebastião do Paraíso, Associação Cultural de São Sebastião do Sul, Associação Cultural de São Sebastião do Tietê, Associação Cultural de São Sebastião do Valente, Associação Cultural de São Sebastião do Vento, Associação Cultural de São Sebastião do Verde, Associação Cultural de São Sebastião do Branco, Associação Cultural de São Sebastião do Amarelo, Associação Cultural de São Sebastião do Vermelho, Associação Cultural de São Sebastião do Roxo, Associação Cultural de São Sebastião do Azul, Associação Cultural de São Sebastião do Preto.

COORDENADOR GERAL: FUNARTE

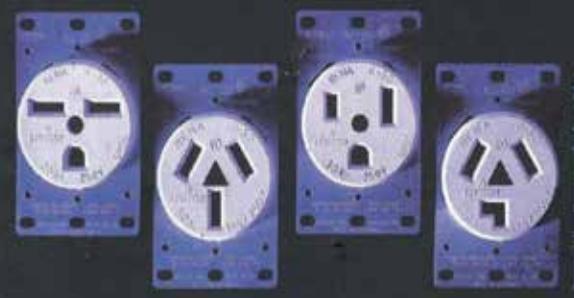
Rio das Ostras
in-Cena
MOSTRA DE LINGUAGENS CÊNICAS



31/05 A 07/06
Teatro Popular de Rio das Ostras
Concha Acústica

www.fetaerj.com

Mostra Rio das Ostras
in-CENA
Mostra de Linguagens Cênicas



31 de maio a 07 de junho / 2014
Teatro Popular de Rio das Ostras
Concha Acústica

www.fetaerj.com

REALIZAÇÃO: FETAERJ, Prefeitura Municipal de Rio das Ostras, Prefeitura Municipal de São João de Onofre, Prefeitura Municipal de São Pedro da Aldeia, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Alto, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Paraíso, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Sul, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Tietê, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Valente, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Vento, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Verde, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Branco, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Amarelo, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Vermelho, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Roxo, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Azul, Prefeitura Municipal de São Sebastião do Preto.

APOIO: SAAL, Associação Cultural de Rio das Ostras, Associação Cultural de São João de Onofre, Associação Cultural de São Pedro da Aldeia, Associação Cultural de São Sebastião do Alto, Associação Cultural de São Sebastião do Paraíso, Associação Cultural de São Sebastião do Sul, Associação Cultural de São Sebastião do Tietê, Associação Cultural de São Sebastião do Valente, Associação Cultural de São Sebastião do Vento, Associação Cultural de São Sebastião do Verde, Associação Cultural de São Sebastião do Branco, Associação Cultural de São Sebastião do Amarelo, Associação Cultural de São Sebastião do Vermelho, Associação Cultural de São Sebastião do Roxo, Associação Cultural de São Sebastião do Azul, Associação Cultural de São Sebastião do Preto.

COORDENADOR GERAL: FUNARTE



4º FETAERJ EM CENA CURTA

FESTIVAL DE



01 a 11 de maio de 2014 Qui a dom - 19h

Senhas com 1 hora de antecedência, sujeito à lotação

www.fetaerj.com

Teatro Armando Gonzaga
Marechal Hermes
Rio de Janeiro, RJ

Realização



Apoio Cultural



Patrocínio



SECRETARIA DE CULTURA

FUNARJ



ROLA TEATRO 2014

FETAERJ / MACAÉ

23 a 31 de maio



ROBERTO ZUCCO 16

23/05 - sex - 20h
EMART



POR GENTILEZA L

24/05 - sáb - 17h
Mimos Brasil



VESTIDO DE NOIVA 14

24/05 - sáb - 20h
Grutta Teatral



JUIZ DE PAZ NA ROÇA 12

25/05 - dom - 20h
Fios



O VAQUEIRO QUE NÃO SABIA MENTIR L

26/05 - seg - 20h
Cutucurim



O PIOLHO, A CAOLHA, A MORTE E AS 4 IRMÃS QUE NÃO DEVERIAM FALAR L

27/05 - ter - 20h
Cutucurim



O QUARTO DE BIANCA 14

28/05 - qua - 20h
InterferênCIA



MINHA ALMA É NADA DEPOIS DESSA HISTÓRIA 14

29/05 - qui - 20h
Os Ciclomáticos Cia. de Teatro



O JUDAS EM SÁBADO DE ALELUIA 11

30/05 - sex - 20h
COMBI Teatro



CIDADE DO SORRISO L

30/05 - sáb - 17h
Guapoz



O BEIJO NO ASFALTO 16

30/05 - sáb - 20h
CTI - Com. Teatral de Irajá

programação visual MARCIA VALERIA



INTEIRA
R\$ 10,00

MEIA ENTRADA
R\$ 5,00

www.fetaerj.com

REALIZAÇÃO



APOIO




PATROCÍNIO



SOMANDO FORÇAS



SECRETARIA DE CULTURA

Governo do Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Cultura e Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro apresentam



18 a 21 de dezembro
Apresentações às 15h e 18h30

Teatro Alcione Araújo
Biblioteca Parque Estadual
Av. Presidente Vargas, 1261 – Centro, Rio de Janeiro

Grupos de diversos municípios
do estado do Rio de Janeiro

Conheça a programação em
www.cultura.rj.gov.br/apresentacao-projeto/novas-cenas

 Curta a página no facebook
e acompanhe as atualizações

Conheça a classificação etária na programação

Entrada franca

Realização



SOMANDO FORÇAS

Apóio Institucional



Secretaria de Cultura

FUNARJ

Centro Biblioteca Parque



CURSOS ESPETÁCULOS OFICINAS PALESTRAS SEMINÁRIOS

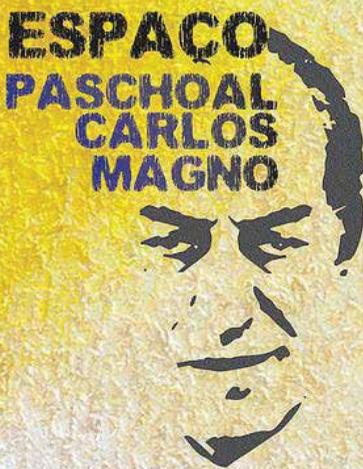
2º CONCURSO NACIONAL
FETAERJ
DE DRAMATURGIA
PRÊMIO JOÃO SIQUEIRA

www.fetaerj.com



BRASIL
RIO
Carrioca
de Pontos de Cultura
SECRETARIA DE CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL
Ministério da Cultura
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

ESPACO
PASCHOAL
CARLOS
MAGNO



Ponto de Cultura FETAERJ - www.fetaerj.com

BRASIL
RIO
Carrioca
de Pontos de Cultura
SECRETARIA DE CIDADANIA E DA DIVERSIDADE CULTURAL
Ministério da Cultura
BRASIL
PÁTRIA EDUCADORA

INSCRIÇÕES ATÉ 03/07

www.fetaerj.com

37º Festival de
TEATRO
da FETAERJ

Prêmio

PASCHOALNO



2015

25/07 a 02/08
Rio Bonito - RJ

REALIZAÇÃO



PREFEITURA
RIO BONITO
CONSTRUINDO UMA CIDADE MELHOR



Disse me disse: a história contada por quem viveu



“Nosso ofício, falo de teatro, não nos deixa provas. A posteridade não nos conhecerá. Quando um ator para o ato teatral, nada fica. A não ser a memória de quem o viu. E mesmo essa memória tem vida curta.”

Fernanda Montenegro

ABÍLIO DA SILVA HENRIQUES

Sou iluminador e sou funcionário da Fundação Nacional de Artes (Funarte), como profissional de artes cênicas de nível superior.

Eu comecei a trabalhar com iluminação nos idos de 1968, o ano que comecei em Portugal no teatro de revista. Sou português naturalizado brasileiro. Foi daí que comecei a iluminar, porque naquela época não havia iluminador, quem iluminava era o cenógrafo ou o coreógrafo ou qualquer outro que estivesse disponível. Vim para o Brasil definitivamente em 1980 e conheci a Fetaerj em 1983, bem antes do primeiro festival na Aldeia de Arcozelo, que foi em 1990. E antes disso, eu já havia voltado a trabalhar com teatro, através do Orlando Miranda que era presidente do Inacen (Instituto Nacional de Artes Cênicas), que me ofereceu um trabalho como técnico de teatro, no Teatro Rival, e depois dando consultoria, não só na área de iluminação, mas também de arquitetura cênica etc.

Neste primeiro festival aqui tinha um interventor – a gente nunca esquece porque ele ficava ali sentado no cadeirão, parecendo o rei da babilônia... Era o Aldofrizis de Paula, acho que era esse o nome dele... nessa altura eu já conhecia muita gente, como o Álvaro (...) inclusive, o José Facury, que também trabalhava na Fundação. O festival passou a acontecer todos os anos e eu vinha pra cá prestar assessoria, ajudar, enfim...

Em 1990 fizemos um pequeno ajuste para que o festival fosse realizado aqui, mas no ano seguinte já fizemos a instalação elétrica definitiva do teatro, que é a que temos hoje... Não havia as instalações eletrônicas que têm aqui hoje, mas a elétrica ainda é a mesma. Na época, as condições da aldeia eram muito melhores e por aqui circulava muito mais gente, tinha sempre entre duzentas e duzentas e cinquenta pessoas circulando por aqui. Mas era outra realidade, os apartamentos podiam ser usados, o albergue estava em boas condições... Ou seja, dava pra alojar todo mundo, nos finais de semana, ficavam todos cheios.

No que diz respeito à iluminação, muita gente aprendeu muita coisa aqui nos festivais. Você tem hoje aí o Marcos ... (?) que ganhou vários prêmios, Pablo Rodrigues, o atual presidente, aprendeu muita coisa aqui com a gente e hoje tá fazendo luz pelo Brasil inteiro. No início quem montava a luz dos espetáculos eram os técnicos da Funarte, depois o pessoal foi pegando o jeito, aprendendo e hoje esses técnicos apenas supervisionam o equipamento. Muitos, inclusive, começaram com iluminação e depois passaram para a direção de espetáculos, como o Rogério Brum, de Maricá, e o Rodrigo Portela, de Três Rios e tantos outros.

Um caso:

Eu era casado com minha primeira mulher, por ocasião do segundo ano de festival aqui na Aldeia, e a Margarete, minha atual esposa, começou a namorar com um rapaz, o Ricardo, que veio da Funabem como monitor de dois garotos que estavam

fazendo um curso de iluminação e cenotécnica. Depois eles casaram e tiveram uma filha. Não sei se você sabe, mas aqui tem uma coisa chamada “correio do amor”, durante os festivais. Bem, naquele ano de 1991, chegou na minha porta, um bilhete dizendo: - Estou apaixonada por você... E mais algumas coisas... Pensei logo: - Me dei bem!!! Casado, safado e sem-vergonha que eu era... E, além do mais, eu achava ela bem interessante, mas aí o Ricardo jogou um balde de água fria: - Olha, eu acho que se enganaram de apartamento, esse bilhete é pra mim e não pra você. E eu retruquei, mas não era mesmo pra mim, era pra ele, é claro, tanto que mais tarde eles casaram. O tempo passou, eu fiquei viúvo e ela se separou uns sete ou oito anos depois. Enfim, o fato é que hoje os bilhetes passaram a ser pra mim e estamos casados há dez anos.

ÁLVARO FERREIRA, arte-educador, tenho um grupo de teatro em Maricá, há 30 anos, chamado DJOTA teatro e artes.

Nesses 30 anos, a gente já formou muitas pessoas que ficaram e depois foram embora, fundaram outros grupos, como Perceu Silva, como Rogério Brum, uma série de pessoas que começaram com a gente e depois foram viver a vida teatral deles. Formamos alguns técnicos, como o Orlando, Celso, Andersom Rato, e alguns outros que hoje são técnicos formados pelo grupo.

Em 1977, conheci um rapaz chamado Ademar Padron Nunes e ele ficou encarregado, junto com João Siqueira, de fazer uma assembleia em Niterói, que já não era mais capital do estado, e aí eles resolveram fazer lá uma reunião, para interiorizar o movimento da Federação, que chamava Fetierj, Federação Independente de Teatro, que depois passou a ser Fetarj, e depois passou a ser Fetaerj. Foi assim que conheci o movimento.

Já havia o festival no formato de uma mostra que, em 1977 aconteceu em São João de Meriti, no Sesc, e lá eu assisti um espetáculo dirigido por Roberto Costa que depois veio a ser diretor da Federação. Na época os espetáculos já eram de muita qualidade, mas não tinham o dinheiro que tinham as companhias profissionais, então os cenários eram menos elaborados, assim como o figurino, mas eram espetáculos de muita qualidade autoral e muito bem dirigidos.

Quanto à dramaturgia, na década de setenta, para fugir da censura, começou a existir uma coisa chamada criação coletiva, ou seja, os textos eram criados coletivamente, e essa criação coletiva deu bons frutos, alguns textos eram criados pelos atores e depois o diretor do espetáculo redigia este texto e este texto ficava... Nestas mostras, que duraram até 1984, os espetáculos tinham, prioritariamente, dramaturgia própria, e havia muita discussão, muita troca, o que fazia com que o movimento crescesse a cada ano.

A Fetaerj não só me deu um posicionamento político muito legal, como me deu um posicionamento e crescimento artísticos muito legais, e também uma noção

administrativa, porque eu registrei o meu grupo, tirando nosso CGC por causa da Fetaerj.

AGA

Fui batizado em 1986 porque em 1977 participei daquele movimento todo da Federação, mas em 1979 eu me afastei, por questões de trabalho, e só retornei em 1986. Voltei neste festival que aconteceu em Campos, que é a minha terra, fui nascido e malcriado em Campos. Quando voltei, com texto próprio, nos apresentamos lá e lá fui batizado.

Um caso:

Mamiorca foi um negócio interessantíssimo. Ela era um homossexual, muito gorda, que tinha a mania de ser... Tudo dela era muito certo, muito certo, muito certo, e se dizia muito espiritualizada e coisa e tal. Durante dois anos, cada vez que se falava em AGA ela recebia um santo, bastava gritar “salve AGA”, que ela recebia uma entidade. Bom, como eu sou espírita, viravam pra mim e diziam assim: - Álvaro, você resolve isso... E eu respondia: - Como eu vou resolver? Isso é piti do veado! Né santo não, é piti. Bom, daí resolveram dar um corretivo nele. Aconteceu numa vez em que alguém falou no AGA e ele recebeu um santo. Foi pra fila pra ser batizado, porque até então ele não tinha sido batizado em AGA, e ainda por cima resolveu furar a fila para o batismo, assim mesmo com o “santo”... Aí as pessoas foram e disseram assim: - Olha, se por acaso você acha que vai furar a fila, você tira esse exu que tá em cima de você porque o AGA não tem nada a ver com isso. E nós o levamos lá fora, e ele não queria ir embora: queria charuto, queria isso, queria aquilo... Ô santo difícil! O jeito foi pegar um balde de água e jogar em cima dele, nesse frio maravilhoso aqui de Paty. Ele tomou um susto e nós falamos: - Ué, você não estava com santo? E ele: - Não, é que essa energia de AGA me faz receber as minhas entidades... - Mas todas as entidades de uma vez? Perguntamos. - Há dois anos que você recebe entidade cada vez que se fala a palavra AGA. Bom, ele nunca mais apareceu por aqui, levou literalmente, um balde de água fria.

Tem outro: Teve um camarada, uma vez que disse que tinha 30 anos de misticismo e que ia desbaratar tudo isso (o AGA), que nem vela ia segurar porque sei-la-que não permitia que ele segurasse vela... Em determinado momento ele entrou pra ser batizado. Quando terminou o batismo ele virou e disse assim: - Nunca, em toda a minha vida, eu tive um momento tão religiosamente importante pra mim. Foi outro que nunca mais apareceu.

O AGA é um ritual particular nosso, que não tem nada demais. Quando o AGA está entre nós só acontecem coisas boas.

ARMANDO CARLOS MAGNO

Isso aqui era um hotel, há muitos anos. Eu que descobri esta aldeia por acaso. Eu tinha uma propriedade em Avelar e estava em Miguel Pereira. Nesta noite eu dormi aqui e falei com tio Paschoal. Ele veio aqui e descia por estas alamedas dizendo: - Meu Deus! E criou a fundação João Pinheiro Filho, mas chamava de Aldeia. Ela surgiu antes, há quase 50 anos, em 1975. Aí o Paschoal ficou entusiasmado, reformou, fez aquele anfiteatro (das árvores), aí pensou num festival de teatro, trouxe os amigos, as autoridades... Vendeu o casarão de Santa Tereza para investir aqui... Este casarão hoje se chama Casa Paschoal Carlos Magno. Aquela casa era a residência dele e eu passei minha adolescência lá, fui criado pelo Paschoal, sou seu sobrinho, minha mãe era irmã dele, ela está ali, naquela estátua lá na entrada. Ali ele lançou vários atores que hoje são profissionais, como Othon Bastos, Tereza Rachel, Agildo Ribeiro, Glauce Rocha, tanto que ele fez aquela praça em frente à casa que se chama Praça Glauce Rocha. Paschoal e todos nós adorávamos a Glauce Rocha.

Bom, aí ele veio aqui e começou a pensar nisso aqui como um grande centro cultural, com uma escola de balé... O refeitório ele reformou com recursos próprios. Vendeu tudo para injetar dinheiro aqui. Ele queria que aquele sonho se tornasse realidade e tornou-se realidade por algum tempo na vida dele. Quando ele faleceu, eu assumi a direção por uns três ou quatro anos, mas depois a Funarte abraçou, mas o Josué Soares me disse uma coisa que eu achei interessantíssimo – porque eu sou advogado, mas não milito. Ele disse que talvez haja uma legislação, que o Marcelo Mourão tá vendo, que responsabilize o Poder Público por deixar essa obra no estado em que se encontra. Essa obra, aquele muro que está destruído ali na porta, foi capa do New York Times. Essa Aldeia teve uma repercussão internacional, fato inédito do Brasil. Ou seja, isso aqui foi uma obra de caráter internacional, mas foi diluindo, diluindo, diluindo, até chegar onde você está vendo...

Nós temos sorte ainda hoje de termos um administrador como Aluísio, porque nem administrador tinha aqui. Se não fosse isso, sei lá como estaríamos, quem sabe até com uma porção de gente morando aqui.

Isso aqui já teve um apogeu, uma realidade maravilhosa, que só tem sobrevivido por causa da atividade de vocês (Fetaerj). Me pergunto como é que vocês conseguem manter esse festival com todas essas dificuldades que a gente vê a olho nu. O que é interessante no teatro é que a gente acaba aprendendo tudo. Eu estudei teatro na Europa, com Paschoal, e lá a filosofia não é essa, cada um tem uma função definida. Mas quando chegamos lá, vimos que a gente já sabia de tudo o que eles estavam nos ensinando. Não tinha mais nada o que aprender lá. Eu também já fiz teatro... Fui casado com a Bibi Ferreira, com quem tenho uma filha, que também é atriz. Logo, isso aqui também é a minha vida.

Um caso:

O Paschoal fazia parte de uma comissão julgadora de uma peça de teatro infantil,

aqui mesmo no teatro. Então teve uma apresentação em que um dos personagens falava umas coisas tipo: “tem o peru grande”, mas era um peru mesmo, a ave. E ele não entendeu e achou que era uma imoralidade. Todo mundo riu, mas ele ficou achando que era imoral.

BERNADETE DE ANDRADE BIONDE

Há muitos anos, em Lídice (distrito do município de Rio Claro), eu trabalhava como professora e dirigia um grupo de teatro local, quando recebemos um convite para participarmos do festival em Volta Redonda, em 1980. Eu levei o grupo da escola e lá fomos muito bem recebidos. Depois eu não tive mais condições de trazer grupos porque o prefeito não tinha condições de nos ajudar nem com uma condução. Em Volta Redonda eu já havia pago tudo com recursos meus mesmo, depois eu não pude mais. Mas todos os anos eu recebia o convite para ir e comecei a frequentar, sozinha mesmo, direto sem perder nenhum ano.

O AGA começou como uma brincadeira e era muito engraçado, não foi inventado por mim, mas por um grupo que apareceu em Três Rios, no festival de 1984. Eu também fui batizada em Três Rios. Entrei na fila do batismo e quando cheguei lá tinha uma moça com um pano preto na cabeça e uma vela na mão e então eu saí correndo de medo... Voltava pra fila, mas sempre que chegava a minha vez eu desistia com medo... Aquela vela, não sei... E a pessoa vestida de preto, não sei... Eu ficava com muito medo... Católica como eu sou, achei logo que era macumba. Mas aconteceu que não tinha mais ninguém na fila e só restava eu e tive que ir. No ano seguinte o festival foi no Rio, na Uerj, esse grupo não foi mais, e o pessoal falou “vamos fazer, vamos inventar, vamos fazer” e eu disse “vamos”. Tomei a frente do AGA, mas a gente usou um lençol ao invés do pano preto, um tambor e foi muito engraçado. Alguém chegou e disse que no andar de baixo do alojamento onde nos hospedamos e onde fizemos o AGA tinha um asilo ou coisa assim e que estávamos fazendo muito barulho. É claro que maneiramos... No outro ano, tomei a frente de novo e todos os anos a gente continuou fazendo e melhoramos a cerimônia. Hoje tem sempre uma comissão para preparar o AGA.

Tem coisas que a gente não pode falar sobre a cerimônia, mas digo que é muito bom. Todo mundo sai de lá diferente de como entrou. Cada ano que passa eu vejo que o pessoal fica mais eufórico para esperar o AGA, que este ano completou seu trigésimo aniversário.

O festival tem sido muito importante, mas não só pelo AGA, é claro, os espetáculos têm melhorado muito ao longo desses trinta anos que eu frequento. Antes era tudo muito mais simples, os grupos vinham mais humildes e hoje a gente vê peças muito melhores, grupos mais bem preparados.

Um caso:

Em Barra Mansa, nós ficamos numa escola e no entorno havia prédios de família. A

gente tava começando o AGA e o AGA é barulhento, faz um barulhão medonho né? Todo mundo cantando. E começa muito tarde. Os vizinhos implicaram e quando eu estava já bem concentrada no meu canto alguém chegou agitado gritando: - A polícia está aí! A polícia está aí! Eu pulei de onde estava e me escondi, mas a diretoria da Fetaerj teve que ir lá na delegacia explicar. Só que daí acabou, não teve mais o AGA naquele festival. Você imagina o povo todo na fila com a vela na mão esperando pelo batismo em AGA e as pessoas nas janelas do prédio olhando... Chamaram a polícia... Eu fiquei nervosa, mas ficou tudo bem. No outro dia apareceu o prefeito – fizeram queixa até para o prefeito -, ele veio e disse: - Olha, pode deixar, está tudo bem, vocês podem continuar. Mas daí já tinha passado e não teve mais naquele ano.

Outro caso:

Ainda em Barra Mansa teve um caso inusitado. Uma atriz foi ao cabeleireiro e não deixaram ela entrar, disseram que ela era travesti, mas ela nem era, e mesmo se fosse, né... Não deixaram ela fazer a mão. Ela desapareceu do movimento, uma pena.

JOSÉ FACURY

Professor, autor e diretor teatral

Não poderíamos falar sobre o movimento de teatro considerado amador, associativo, independente, alternativo - ou qualquer nome que se queira dar - sem falarmos da figura de Paschoal Carlos Magno, carioca, nascido em 1906, diplomata, animador cultural, produtor, crítico, autor e diretor. Uma personalidade fundamental na dinamização e renovação da cena brasileira, lutador incontestemente pela criação ou dinamização de espaços onde eles pudessem dar vazão às ânsias de criar e aprender através do teatro.

Sua última realização inicia-se em 1965 quando ele inaugura, na Região Serrana do Estado do Rio de Janeiro, numa antiga fazenda de café em Paty do Alferes, um local que se pretendia de repouso para artistas e intelectuais, além de um centro de treinamento para as diferentes áreas da arte. Mas a volumosa obra, incluindo a restauração da casa grande, a construção do anfiteatro Itália Fausta e do teatro Renato Viana, o refeitório, o museu, os alojamentos e as suítes, consomem o resto da sua fortuna e o obriga a vender o seu casarão em Santa Teresa para pagar as dívidas. Ainda assim, o dinheiro revela-se insuficiente, e Pascoal, sem apoio, ameaça publicamente tocar fogo na fazenda.

Este personagem, figura ímpar da cena nacional, Paschoal Carlos Magno, teve várias mortes à sua própria em 1980: uma segunda quando vários estudiosos paulistas e cariocas, ao resgatarem e escreverem seus estudos sobre os movimentos teatrais brasileiros, omitem o seu nome, como se ele tivesse sido uma figura nefasta ao movimento profissional e amador do teatro. Olhavam-no mais como protetor das “estrelas”. Porém, o seu poder de visão e mobilização era bem mais amplo,

muito além dos preconceitos partidários. Ninguém conta, por exemplo, que nas décadas de cinquenta e sessenta o Paschoal Carlos Magno viajava pelo Brasil todo, reunindo-se com jovens iniciantes na prática teatral, sempre motivando a atividade. Se na década de chumbo a ditadura lhe fazia “vista grossa”, não era porque ele comungava com eles, e sim porque ele estava além das suas estreitezas. Estava além das esquerdas e das direitas. Por estar a favor da arte, respeitavam-no!

No que pese a ausência dessa referência, avizinha-se uma terceira morte quando essa mesma intelectualidade teatral paulista, que hoje se encontra encastelada no poder da República, também não toma as providências cabíveis para reparar a destruição que acontece paulatinamente na Aldeia de Arcozelo.

Um fato ficou marcado na minha memória. Estávamos eu e mais alguns outros jovens rolando um baseado na quebrada do rio, que até hoje atravessa a Aldeia, quando fomos flagrados pelo mestre Paschoal que, além da reprimenda em alto e bom som, nos colocou como responsável pela sobrevivência do espaço no futuro. Foi exatamente essa referência que me fez vinte anos depois, já como diretor da Federação de Teatro do Estado do Rio de Janeiro, fazer de tudo para ocuparmos a Aldeia de Arcozelo, com o nosso festival, em homenagem perene. Quando presidente da entidade (1994-1997) sugeri ao Congresso da mesma, darmos um nome ao nosso prêmio, sendo criado assim, o Prêmio Paschoalino, troféu esculpido em bronze pela escultora Marina Vergara.

Federações

A proximidade do movimento amador com as suas comunidades fez crescer a necessidades de criar as federações de teatro estaduais que associavam os grupos teatrais. Com isso, organizavam encontros, seminários, congressos, espetáculos sobre os temas mais agudos como greves, ocupações de terras, desemprego, violência urbana, contra a censura, consciência ambiental, luta a favor da anistia, regionalização dos meios de comunicação de massa, tortura, racismo e, sobretudo, os conflitos político-filosóficos como direitos humanos e a luta por uma sociedade justa e igualitária.

Aqui no Rio, o teor das discussões consistia primordialmente em assumir ou não a terminologia do nome “amador”, já que o sistema só compartimentava a atividade em profissionais e amadores. Todos concordavam que, em ninguém podendo viver exclusivamente do teatro, a opção da terminologia era restrita. Então optamos pelo vago, mas achando-o próprio para os dias de autoritarismo e cerceamento que se vivia, denominando a entidade de Federação de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro (FETIERJ), achando que seríamos independentes, tanto das amarras institucionais como das linguagens existentes. Ledo engano! Exatamente quando se ampliavam as ações institucionais oficiais para apoio público à produção, queríamos ser independentes.

Fui presidente da entidade, de 1995 a 1998, e na minha gestão procurei aprimorar

a qualificação dos monitores/jurados e incrementar o Projeto Rio Rola Teatro, com os melhores espetáculos circulando por várias cidades do interior, onde havia grupos afiliados, promovendo oficinas da montagem dos seus espetáculos e outras especificidades, a partir da demanda dos grupos das cidades visitadas. Como prêmio, ainda tive a honra de inaugurar o Teatro Municipal Iná Azevedo Mureb, de Cabo Frio e o Trianon, de Campos.

Em plena metade da segunda dezena do terceiro milênio, pode ser que não precisemos mais de uma entidade de artistas, principalmente uma que aglomere grupos teatrais que, por si só, já se constituem uma entidade orgânica em debates intermináveis para elaborar um espetáculo e pelas diversas opções jurídicas representativas que as instituições públicas oferecem para quem quer exercer a prática. Pode ser que não precisemos dela... Porém, com toda essa nossa história de uma resistência incomum, ocupando e abrindo espaços e se enveredando pelo interior com eventos e capacitações, é necessário que continuemos, mesmo entendendo aquilo que nos incomodava em um passado recente, quando colegas que alçaram grandes sucessos a viam como um degrau abandonado e menosprezado na carreira ascendente das suas vidas. Mas para não levar em conta estes menosprezos, nos eleva a certeza que agora, reconhecida e premiada como Ponto de Cultura Estadual, suas novas lideranças possam dar continuidade naquilo que a FETAERJ e o seu PRÊMIO PASCOHALINO tem sido nesse tempo todo.

E o seu futuro? Logicamente, incerto, misterioso e muito cheio de conflitos, que são o próprio eixo condutor e alimentador do nosso teatro. É certo, entretanto, que esse novo investimento estatal fará a entidade ousar ainda mais, unindo conservadores e progressistas no mesmo sonho lúdico de onde eclode as diversas linguagens que realimentam continuamente essa arte.

JOSUÉ SOARES

Ator, diretor, produtor, mímico

Eu já era artista, fazia televisão no Rio, tinha meu grupo, Os Mimos, a gente viajava muito, a gente tinha uma vida intensa. Os Mimos era um grupo que atuava muito bem, por ser um dos únicos grupos de mímica, a gente era solicitado para tudo, não tinha muitos grupos de mímicos no Rio de Janeiro, então, tudo a gente tava envolvido. O Facury, que é meu amigo há muito tempo, sempre ficava atrás de mim: “você tem que ir lá, você tem que ser jurado da federação, você tem uma contribuição a dar etc.”, mas nunca que acontecia. Em 95, numa das nossas políticas internas do grupo, de expansão de mercado, com objetivo de conquistar um mercado maior, porque a gente trabalhava muito fora do Rio, a gente viajava muito, mas no Estado do Rio a gente não trabalhava tanto, e numa de querer diminuir as viagens para fora do estado, a gente resolveu investir em conhecer como é que era o movimento de teatro no Estado do Rio, pra que a gente pudesse ficar mais em casa. De certa forma, havia certa exaustão, de pega avião, viaja, vai e volta não-sei-quê... Isso em 94/95.

Em 1995, numa reunião da federação, que aconteceu na casa do “Ta na Rua”, lá na Lapa, para a qual eu havia sido convidado pelo Facury, acabei me envolvendo. Não sei ouvir e não me envolver... Foi mais ou menos isso. Gostei muito da reunião, a gente conheceu o Estado inteiro, porque haviam vários representantes, naquela época, a federação tinha uma força muito maior no interior do estado. De Araruama eu conheci a querida Suzana Pequeno. Era uma reunião pré-festival da Fetaerj que naquele ano ia acontecer na Aldeia de Arcozelo. Daí eu fui convidado para fazer a comissão de pré-seleção e topei. Era uma oportunidade que eu tinha de dentro da política do grupo Os Mimos de conhecer os municípios. Eu confesso que fiquei encantado e apaixonado pelo movimento, porque eu fui conhecer os grupos de teatro nas bases, dentro dos seus municípios, do jeito que eles trabalhavam, com todas as dificuldades e com todas os seus prós e contras.

Comecei a conhecer a realidade de um teatro que era também a da minha origem lá na Bahia, que era o teatro de grupo, o teatro de comunidade, o teatro dentro das igrejas, que era a forma que a gente tinha de estar reunido com as pessoas, aprendendo e fazendo teatro. A pré-seleção tinha um detalhe que era muito legal porque a comissão de pré-seleção opinava sobre os trabalhos que a gente assistia lá, ainda em fase de pré-seleção. Eu, que gosto de falar, gosto de teatro, acabei criando uma relação super bacana. A relação foi tão boa que eu fui convidado neste mesmo festival que eu fiz a pré-seleção para ser jurado, junto com Maria Pompeu, Martingil e mais uma menina aqui de Paty do Alferes. Neste ano, a gente denominou o festival como “o festival da paixão”, porque foi exatamente isso: uma paixão imensa, contagiante de todo o movimento. Depois deste festival eu me envolvi totalmente com o movimento, participando das reuniões da diretoria.

Eu costumo dizer que agora é que eu sou grupo, porque desde que entrei na Fetaerj eu nunca participei como grupo. Já cheguei como jurado, depois como diretor e em seguida presidente. Acho que porque eu trazia uma série de novas informações sobre produção, administração etc., das quais a federação estava carente. A gente (Os Mimos) até apresentava, era carro-chefe, tinha que chegar com arte... Eu dei oficina de mímica em 95, causou um grande frisson, com a questão do corpo, do gesto. A partir deste festival, de 95, os grupos passaram a ter um olhar diferenciado para a questão do corpo dentro dos espetáculos.

Tem uma renovação muito grande em relação aos grupos que vêm aos festivais. Os mais persistentes, que vêm sempre, acabam se aprimorando mais, alguns já nem vêm mais como competidores, mas como convidados. Os grupos do interior não são alcançados pelas políticas culturais do Estado, então, a Fetaerj é para eles o canal de aprimoramento, de crescimento artístico, de aquisição de conhecimento e de trocas. A partir daí muitas pessoas saíram do interior e foram buscar os cursos superiores de teatro no Rio. Hoje a gente tem o Rodrigo Portela concorrendo ao Prêmio Shell de teatro e que é cria da casa.

Fiquei como “aspone” da diretoria durante alguns anos, contribuindo como eu

podia. Nessa época, por exemplo, a gente conseguiu a logomarca que usamos até hoje e que nos foi dada como contrapartida pela Elipse Design, porque até então, ela era desenhada a mão. Então, chegou o momento em que eu pretendi a presidência, para poder efetivar as mudanças que eu acreditava que eram possíveis e necessárias, diante da nova realidade, principalmente tecnológica. Antigamente, era preciso vinte ou trinta pessoas nos bastidores da produção, aí eu dizia: “vamos colocar um computador, vamos sistematizar isso e vamos reduzir para cinco pessoas e liberar mais pessoas para fazer as oficinas”. Para mim era mais importante as pessoas fazendo teatro do que discutindo parte operacional, “onde é que tá o colchão?”... essas coisas.

Isso aconteceu quando a gente assumiu a diretoria em 1998, a gente comprou o primeiro computador da federação e no ano seguinte a gente já tinha uma equipe reduzida para cinco ou seis pessoas e muito mais gente em oficinas. Uma outra coisa que a gente teve o cuidado de implementar foi o fato da gente dar uma profissionalizada na forma de fazer o festival. Antes a Federação chegava no município e o município te dava comida, dava uns colchonetes, fornecia o teatro, uma escola pra dormir e a Fetaerj vinha e fazia o festival. Eu digo: “não, vamos mudar um pouco”. Primeiro, eu acho que quando a gente viaja com um espetáculo – e eu já era um profissional viajando -, não costumo chegar num lugar para dormir numa escola, eu preciso de uma hospedagem que me dê tranquilidade, alimentação, que me dê um bom descanso, para que o meu público veja o meu melhor possível. Isso a gente trouxe para a Federação, em 1999 nós já fizemos o Festival em Nova Iguaçu com hospedagem, com banheiro; em 2000, nós fizemos aqui na Aldeia e em 2001 fizemos o primeiro festival – já mais ousado ainda, porque havia uma política de centralização da Federação em municípios que tinham teatro e nós revertemos isso, alternando com os que não tinham – em Rio das Ostras, onde montamos a lona. Lá não havia teatro, mas havia um querer do município e a nossa política naquele momento era a de descentralização, porque ficava sempre concentrado em alguns poucos municípios. Com esse Festival começamos a mostrar que era possível a Fetaerj estar em outros lugares, montando lona. O legado é que hoje Rio das Ostras tem uma concha acústica e também um teatro municipal. E ainda fundou uma escola de teatro lá.

A diretoria sempre discutiu muito sobre a questão do fortalecimento do movimento no interior do Estado e a nossa posição era que isso só aconteceria através dos grupos. Mas a maioria dos grupos era fraca politicamente dentro de seus municípios, não têm voz nem são respeitados pelo poder público local. Então começamos uma ação de nos reunirmos com os grupos lá em seus municípios, procurando saber o que acontecia em cada um deles. Fizemos muitas viagens pelo interior para isso e vimos resultados, porque a partir daí, houve uma abertura dos municípios para a federação e de crescimento dos grupos. Esse foi o caso, por exemplo, de Nova Iguaçu, com o pessoal do Encontrarte, que hoje é o maior movimento de teatro da baixada, e que este grupo sentava aqui com a gente para conversar sobre como desenvolver uma política lá dentro que desse voz a eles. A gente orientou no que pôde, foi pra dentro

do município, sentou na mesa com o poder público.

Cabo Frio foi outro exemplo de força da federação, quando o prefeito de lá resolveu demolir o teatro e nós fomos, o presidente Facury e eu, junto com os grupos locais, em todas as rádios denunciar e conseguimos criar um ti-ti-ti tão grande na cidade que gerou uma comoção tamanha que o prefeito desistiu de demolir, terminou a obra e inauguramos o teatro com o festival da Fetaerj em 1997.

Um caso:

A gente tem a festa de AGA, que é a noite do batismo e a gente tem alguns nomes como Daniel Herz, Antonio Pedro, Antonio Grassi e muitos outros que foram batizados. Quando chega a noite da festa todo mundo faz questão de estar no festival, seja para batizar ou para ser batizado, e numa dessas festas aqui na Aldeia, acho que foi em 2002 - que antigamente não tinha vizinhança e ficávamos com som alto até de manhã, mas de uns tempos pra cá casas foram construídas no entorno -, naquele morro que tem ali na frente, lá em cima do estava sendo construída uma igreja de testemunhas de Jeová e lá de cima, olhando pra cá, você pode ver a Aldeia inteira, você vê a planta baixa da Aldeia com tudo o que está acontecendo aqui dentro. Escureceu, a gente não sabia o que estava acontecendo lá em cima, o ritual aqui começou com a procissão e nessa procissão, a gente tinha gente fazendo pirofagia, soltando fogo, tinha gente malabares, tinha pessoas dando saltos, cantos, tambores e tudo o que tem na festa de Baco, festa do teatro. Acabou a festa umas quatro da manhã, fui pro quarto dormir, quando é uma cinco horas o segurança bate na porta e me chama: - Seu Josué, o senhor precisa vir aqui que tá acontecendo um problema sério pra ser resolvido, uma coisa muito séria, o senhor fica um pouco atrás de mim porque os caras estão exaltados!! Eu saí do quarto, botei um casaco e fui lá em cima. Quando cheguei, tinham três caras, dois deles quicando, tenso: “A gente tá aqui porque isso que vocês fizeram não pode ser feito, a gente quer saber do que se trata, porque nós somos da Igreja e tínhamos um culto de evangelização à noite inteira e nós tivemos que parar porque vocês começaram esse ritual satânico aqui dentro e todo mundo viu os demônios voando, os dragões voando largando labaredas de fogo!!!!” – Eu não sabia se eu ria ... Mas levando aquela conversa, tentando explicar pra eles o que era o ritual, mas ao mesmo tempo eu ficava pensando que se todos saíram da Igreja e formaram uma grande roda, durante toda a festa que rolou na noite anterior eles ficaram reunidos exorcizando a gente lá de cima. Ainda bem que não conseguiram e a festa de Baco vai continuar. Se olharmos lá pra cima agora, a gente vê que a Igreja não foi construída.

JUKA GOULART

Ator diretor, cenógrafo, dramaturgo, figurinista, faço de tudo um pouco, sou diretor do Grupo de Teatro SoMu D Riba, que é o grupo da Sociedade Musical e Dramática Riobonitense. Estou há mais ou menos 18 anos à frente do grupo, que tecnicamente é mais antigo do Brasil porque ele foi fundado junto com a sociedade em 1905, apesar de várias lacunas no tempo. Na Federação estamos desde 1997, e foi assim:

Na época, eu estava passando na biblioteca de Rio Bonito e tinha um cartaz falando sobre o festival, que era o vigésimo festival da Fetaerj, que ia acontecer em Cabo Frio. A gente se inscreveu e nem foi uma experiência muito boa – na época nem era eu que dirigia – porque o nosso diretor não foi e a gente não conseguiu se apresentar, enfim, foi um inferno. Mas eu resolvi ficar até o final do Festival e aproveitar até o fim. Foi paixão à primeira vista: uma quantidade enorme de espetáculos que eu assisti e de oficinas que eu participei. A partir daí, nestes quase 18 anos de Fetaerj eu nunca deixei de participar de nenhum.

Já existiam, em 1997, grandes trabalhos, é inegável. Espetáculos fantásticos que me marcaram a vida, e eu só tinha 17 ou 18 anos na ocasião. Aliás, posso dizer que em todos estes anos, em geral, os trabalhos apresentados sempre foram de excelente qualidade, é claro que um ano ou outro, um ou outro espetáculo deixa a desejar, mas em geral a qualidade dos espetáculos e das oficinas sempre foi muito boa. Inclusive trabalhos inovadores, que lançaram estilos, como os do Rodrigo Portela, por exemplo, que abriu novos caminhos estilísticos que foram seguidos por muitos.

Uma história engraçada? Ah, não posso contar não... Porque não são engraçadas, são picantes demais. Meu quarto era conhecido como o quarto do pecado, entendeu? (risos) Tinha uma plaquinha na porta dizendo isso: QUARTO DO PECADO. E tinham aqueles símbolos de masculino e feminino com várias associações: marculino marculino; feminino feminino; masculino feminino; masculino masculino feminino... E por aí vai. Tudo misturado.

Junto comigo entraram alguns grupos, como Os Ciclomáticos, que na época tinha outro nome, e outros, mas o legal é ver a evolução de todos, acompanhar este crescimento, ano a ano, há dezoito anos. É bem legal conseguir identificar as “assinaturas” dos grupos, conquistas de estilo que fazem com que hoje a gente veja um espetáculo e identifique o grupo.

A Fetaerj é um amparo, sempre que precisei ela esteve junto, até em coisas burocráticas, esclarecer dúvidas em editais, jurídicas, contábeis, enfim, ela está sempre pronta pra dar uma consultoria.

Meu batismo foi em 1997 mesmo e foi uma coisa espetacular. Até aquele ano eu fazia teatro porque achava legal fazer teatro, eu era muito novo, descompromissado. E naquele ano, até pelo fato de não ter apresentado o espetáculo, eu estava muito angustiado. É chato você querer participar de alguma coisa e se sentir impedido. Eu podia estar naquele palco, naquele ano, mas não rolou e eu estava muito mal. Então eu lembro que quando eu fui batizado, não fazia a menor ideia do que era, nunca tinha ouvido falar daquilo na minha vida... Bom, foi uma procissão super bacana pela ruas de Cabo Frio e quando finalmente eu fui batizado eu fiquei maravilhado. Modificou completamente meu pensamento em relação ao teatro. Eu saí do batismo compromissado com o teatro: eu quero isso para a minha vida. Minha vida é o teatro. E isso ficou muito claro a partir do batismo.

Não dá pra falar muito do batismo, só quem passa por ele vai entender o que é. Mas é uma coisa fantástica. E hoje eu tenho uma participação mais intensa no ritual, sou um sacerdote de Aga, desde 2001, em Rio das Ostras, faço toda a oralização, a iniciação dos novos. E isso também foi outra coisa importante pra mim.

Uma história? Deixa eu tentar lembrar...

MARCELO MOURÃO

Sou ator e diretor de teatro, mas sou advogado também. Tenho o grupo Etapa, que é tradicional aqui em Paty do Alferes e está fazendo quarenta anos de atividades, com muita dificuldade. A gente não tinha, por exemplo, acesso à Aldeia. A gente fazia teatro no salão da Matriz. A Aldeia era uma coisa bem hermética, ninguém tinha acesso à Aldeia, na verdade. Hoje eu entendo que o Paschoal queria protegê-la, exatamente para não haver uma influência danosa, uma contaminação. Inclusive teve um festival nacional aqui, em 1972, que nós pulamos o muro, eu e uma galera, inclusive meu amigo, Eurico Junior, que hoje é deputado federal e foi o primeiro prefeito de Paty. A gente pulou, Paschoal estava assistindo ao espetáculo “O anel das sete maravilhas”, de um grupo do Norte, o pessoal começou a falar e Paschoal levantou e mandou parar o espetáculo... Nesse nível. Eu tenho a lembrança dele aqui, exatamente nesta varanda, de uma vez que eu vim fazer alguma coisa na Aldeia rapidamente e voltei, porque a gente não tinha mesmo acesso à Aldeia.

A Fetaerj eu conheci em 1987 quando participei do nosso primeiro festival. Nós tínhamos a prática normal das nossas temporadas e tal, e calhou que neste ano meu pai havia sofrido um enfarte. Eu estava no hospital com ele, com meus familiares, num momento traumático, quando olhei para o chão e vi um jornal anunciando que a Fetaerj, nem era Fetaerj ainda, faria um festival em Barra Mansa. Nós estávamos em cartaz em Paty com “O Homem Elefante”, de Bernard Pomerance, e eu falei, vou me inscrever. Fiz isso e conhecemos o pessoal quando eles vieram fazer a pré-seleção para o festival. Fomos aprovados e seguimos para Barra Mansa, no teatro do Sesc.

Paty do Alferes estava nesta ocasião cuidando de sua emancipação, que aconteceu em 6 de setembro de 1987, quando a cidade disse sim para a emancipação. Em dezembro a lei foi sancionada, no ano seguinte teve a eleição e em 89 aconteceu a implantação do município. O Eurico Junior foi o primeiro prefeito e era meu amigo há quase quarenta anos. Eu já era advogado e ele acabou me convidando para ser chefe de gabinete. Eu aceitei depois de relutar um pouco. Novamente estávamos classificados para o festival da Fetaerj, desta vez em Campos, e precisávamos de apoio. Fui onde? Na nova prefeitura pedir o apoio ao Eurico, que nos cedeu transporte e estrutura. Neste festival de Campos, minha cabeça já começou a pirar em relação ao festival na Aldeia e quando voltei de lá fui direto na prefeitura e perguntei: - A proposta ainda está de pé? Em primeiro de setembro de 1989 eu

já estava na prefeitura de Paty, como chefe de gabinete, e em 1990 a gente fez o convite para a Fetaerj realizar o festival aqui na Aldeia, que tinha acabado de ser reformada. Foi o primeiro festival de teatro na Aldeia depois do Festival Nacional Estudantil, de Paschoal, em 1972.

Eu tenho acompanhado o festival durante todos estes anos e tenho visto o seguinte: o festival em si se apresenta como uma vitrine para você poder mostrar os trabalhos. Há aqueles grupos que trazem sempre um trabalho para mostrar, inclusive havia um movimento fortíssimo em Três Rios, que é importante registrar, com o Grupo de Amadores Teatrais Viriato Corrêa (GATVC), Rodrigo Portela etc. Eles nos traziam sempre grandes espetáculos, mas depois aquilo foi esfriando. Tivemos grandes momentos, mas o festival, numa certa hora, começou a ter uma visão, na minha opinião, uma tendência muito experimentalista, muito vanguarda, muito contemporânea demais no sentido de que todos estavam experimentando tudo. Teve um espetáculo que eu me lembro, que era do Jorge Vale, uma pessoa de muito ímpeto, que começava o espetáculo ali e depois ia pra debaixo do Pátio Patrícia Galvão e acabava no teatro. No teatro você tinha uma passarela de acetato no meio da plateia e numa cena eles jogavam macarrão, carne, quebravam ovos e coisa e tal. Eu me perguntava: “como assim”? Bem, verdade é que a partir daí a Fetaerj começou a se preocupar com essa evolução e criou a oficina integrada, porque antes eram só os espetáculos e pronto. E eram mais, pra você ter uma ideia, se hoje temos de manhã, à tarde e à noite, antes havia também o horário de meia-noite, com público lotando o teatro. Com a oficina integrada acontece a avaliação pública dos espetáculos pelo júri, mas com a participação de todos. Esse foi um momento importante.

As oficinas de uma forma geral começaram em 1993, com ênfase em iluminação, que era a área de maior carência entre os espetáculos, mas a integrada aconteceu pela primeira vez em 1994 ou 1995. Essas oficinas que acontecem paralelamente ao festival são também uma grande contribuição da Fetaerj à formação dos grupos.

Um caso:

Tá vendo aquela estátua de pedra sabão bem ali? É a Nossa Senhora. Você pode observar que ali tem um pino... Pois ali neste pino tinha um passarinho preso de pedra sabão. Num belo dia, eu chego para o festival e quando estou chegando aqui pertinho dela, tinha um integrante que eu não me lembro de onde ele era, mas lembro que era magrinho e estava com o passarinho na mão e estava lixando a pedra sabão, ou seja, lixando a estátua...

Outro caso:

Um fato pitoresco é o sinal de celular próximo ao busto de Paschoal. Todos os celulares funcionam naquele local. Outro é este busto de Paschoal olhando para o de Rosa Carlos Magno, sua irmã. Eles viviam implicando um com o outro quando em vida. Então, o Comandante Martinho Cardoso de Carvalho, que foi o responsável pela reforma da Aldeia resolveu colocar assim, um de frente para o outro.

MÁRCIA VALÉRIA

Atriz, figurinista

Muito diferente da história de Josué, que chega como um profissional, eu cheguei em 1987, quando a Federação estava fazendo dez anos, e ainda não estava implantada em Arcozelo, então tinha que estar sempre buscando um município para realizar. E no ano em que Valença – eu sou de lá – estava montando um espetáculo dirigido pelo João Mendonça, começando a formar um grupo chamado “Arte-Ofício de Valença”, ele ficou sabendo do Festival e foi no Sesc, de Barra Mansa, onde o Festival foi realizado e falou “vamos levar o grupo, pra ver o que vai dar”.

Então neste ano, eu fui para o meu primeiro festival, com 16 anos, num grupo completamente amador. O diretor era um profissional, mas o grupo não tinha nenhuma referência de teatro, nem ver teatro o grupo não via, quando muito, quando alguma companhia de Valença ia se apresentar em clube a gente assistia, mas em teatro mesmo, caixa preta, refletor etc, a gente não sabia absolutamente nada, ou seja, foi ali o nosso primeiro contato com teatro. Daquele grupo permaneceram duas pessoas: eu e Dona Nely, que acompanhou todos estes anos, desde 1987. Ela continuou vindo, formou três novos grupos em Valença, porque o Arte-Ofício chegou um momento que teve que ser desfeito, estas coisas que acontecem num grupo de teatro, e ela tanto resistiu e persistiu, que acabou recebendo um prêmio da Federação, há cerca de cinco ou seis anos, que é o prêmio da diretoria pelo mérito do trabalho e da contribuição dentro da instituição. Ela está há alguns anos sem vir, idosa e adoentada, mas sempre teve um amor muito grande pela Fetaerj.

E aí, neste meu ingresso na Federação, nós chegamos e ficamos numa escola. Havíamos recebido uma cartinha dizendo que a gente tinha que levar os talheres para o evento. A gente achou aquilo super pitoresco, porque levar o colchonete a gente achava normal, o cobertor também, mas levar o talher era muito pitoresco pra gente. Nossa paixão pelo teatro, no entanto, é avassaladora, ela é muito maior do que qualquer relação de talher, cobertor, de comida etc. O que importava era ir, fazer e ver. A gente viu muita coisa! Em Barra Mansa, como até hoje, não é possível que todas as pessoas do grupo fiquem todos os dias do festival, não temos esta estrutura, mas nosso grupo deu um jeito e ficou no apartamento de uma pessoa que conhecemos lá mesmo durante o festival, e pudemos participar de tudo e assistir a tudo. Foi um engrandecimento para o nosso grupo, que acabou ganhando alguns prêmios naquele ano.

A partir dali, fui para o Rio e ingressei em outra companhia de teatro, a Quantum, com Rodrigo Portela. Nesta companhia aprendi coisa pra caramba, ganhamos muitos prêmios aqui no festival. Rodrigo também fez escola aqui no festival, ditou uma estética durante alguns anos: ele vinha com um espetáculo, apresentava a peça dele, e no ano seguinte vinham quatro ou cinco grupos meio que reproduzindo aquela linguagem que ele colocou. Hoje a gente tem coisa semelhante com o Ribamar, que tem um trabalho de direção que dita alguns caminhos que acabam sendo seguidos no ano seguinte.

A Cia Quantum não conseguiu sobreviver no Rio de Janeiro, porque todos os seus integrantes vinham do interior: eu de Valença, uma galera de Três Rios, outros de Paraíba do Sul, um de Jaboatão dos Guararapes, outro de São Gonçalo, todos se unindo buscando uma forma de fazer teatro na capital. Por um tempo deu certo, mas quando as necessidades financeiras foram apertando, a coisa foi esmorecendo. Rodrigo voltou para o interior, tem uma companhia forte em Três Rios, a Cia Cortejo, Armando Babaioff foi para a TV, e os outros estão por aí fazendo teatro.

Na presidência da Federação, uma coisa diferente que a gente pode dizer que fez, foi em Búzios, quando a gente foi convidado pelo secretário de Cultura de lá pra fazer um trabalho, ele queria fazer um festival de teatro, mas nem tinha muita verba, nem sabia como implementar. Quando ele recorreu ao Estado, que também muitas vezes não sabe o que fazer, eles disseram: - Ah, é política cultural do interior? Procura a Fetaerj. Foi o que eles fizeram, mas não dá pra fazer um festival, tem que ter uma continuidade, tem que desenvolver. Então a gente propôs um festival estudantil, pra começar a mexer com a galera toda das escolas, mas não fazer tipo cada um monta o seu e vamos lá. Não, a gente colocou um monitor em cada escola, no caso foram Ribamar e Josué, que foram a todas as escolas inscritas, trabalharam com os professores e com os alunos. E, se antigamente todo mundo primava apenas pela estética do espetáculo, cuidando do figurino, por exemplo, a partir dali, levamos uma preocupação com a dramaturgia e com a atuação dos alunos, projeção de voz, trabalho de corpo etc. Coisa que não se tem obrigação de trabalhar em escola, mas que enriquece muito quando trabalhado em escola. E trazíamos os jurados de fora, ou seja, aquele trabalho era comentado por profissionais. Foi um trabalho tão bacana e que envolveu tanta gente, que mesmo quando mudou o prefeito não tivemos como parar, ou seja, o projeto continuou por quatro anos ainda. Fazíamos uma Mostra Profissional de Teatro, o Festival Estudantil e as oficinas de aperfeiçoamento. Depois deste trabalho realizado, a Fetaerj recebe do município o troféu Mandacaru, um reconhecimento pelos quatro anos de desenvolvimento das artes cênicas em Búzios.

MARCONDES MESQUEU

Ator, diretor, autor, poeta e jornalista. Em teatro, tenho a honra de sempre dizer que me formei na Escola de Teatro Martins Pena no início dos anos 70, e em jornalismo, na ECO/UFRJ.

Eu não conhecia a FETAERJ, sou personagem dessa história. No final dos anos 60 a ATA (Associação de Teatro Amador) presidida pelo Campos já não atendia as expectativas de um grupo de atores e atrizes, que resolveram não depender exclusivamente do “teatrão” (como o teatro profissional era denominado) mas também não se entendiam amadores.

Vivíamos um momento de resistência cultural e artística. O golpe de 64 dava medo. As vezes sentíamos medo de nós mesmos. Discutíamos a arte teatral estética e

economicamente. A produção também era objeto de questionamento. A FETAERJ é a evolução de um momento muito rico no que toca a produção artística. Quando nos separamos definitivamente da ATA, alugamos uma sala no prédio do Amarelinho, na Cinelândia. Ali eram traçadas as diretrizes da categoria e se resolviam as questões burocráticas dos coletivos de artistas. Tínhamos uma personalidade jurídica que era emprestada para os sócios que precisavam. Primávamos pelo teatro associativo. Não apoiávamos aqueles que pregavam o associativo, mas praticavam o empresarial. Exploração de mão de obra, nem pensar. Procurávamos ter uma capilaridade no Estado, mas isso sempre foi difícil devido às distâncias. Até Caxias e Nova Iguaçu íamos bem, mas para ir aos outros municípios as coisas ficavam onerosas.

Nos denominávamos alternativos, independentes, marginais... Íamos para as reuniões da classe e brigávamos por aquilo que entendíamos ser nosso. Tínhamos no diretor Almério Belém, um representante nosso dentro do Serviço Nacional de Teatro. Em quantidade de espetáculos espalhados pela cidade, disputávamos com o teatro profissional. Concorríamos e ocupávamos os mesmos teatros públicos que os profissionais ocupavam. Por mais de um a vez estive no Teatro Glauce Rocha, no Dulcina, no Monteiro Lobato, no Cacilda Becker etc.

Na década de 70, determinamos que não faríamos festivais competitivos. Não queríamos competir com nós mesmo. Conseguimos. Foi uma vitória ver um seguimento do teatro entendendo que a disputa separa. Com isso ficávamos à vontade para, nos festivais, discutir estética e figurino. Naquela ocasião, até a réplica de personagens americanos no teatro pra criança era questionado. Pode ser que haja alguém que considere exagero, mas em que pese a censura federal, éramos unidos. História vivida se relata e se reflete.

PABLITO

Sou ator, diretor, dramaturgo, enfim, pretensioso... Sou de Cachoeira de Macacu, tenho 46 anos, 33 em atividade teatral, comecei a fazer teatro em escola através de um projeto chamado Manoel Bandeira: a hora e a vez do artista jovem. Esse projeto já não existe mais, mas ele ajudou a iniciar muita gente no universo artístico, em particular no universo teatral. E foi, a partir deste projeto que a gente acabou conhecendo a Fetaerj.

Eu estudava num colégio chamado Maria Zulmira Torres, em 1984, que montou a sua releitura de Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto, e inscreveu no festival da antiga Fetaerj, nem era Fetaerj ainda. Nós fomos ao município de Três Rios apresentar este espetáculo e foi aí que eu tive contato pela primeira vez com a Federação de Teatro.

Nesta ocasião, meu pai morreu e eu me afastei, não do teatro em si, mas da Fetaerj, cujo contato eu retornei em 1991. De lá pra cá, a gente vem acompanhando todos os

festivais, que na verdade são uma escola pra gente, porque eu acho que em particular para as pessoas que vivem em municípios como o meu – Cachoeira de Macacu – que apesar de estar muito próxima da capital, ainda é muito afastado culturalmente, nós não temos acesso a teatro, a cinema, a galerias, enfim.. O universo artístico lá é feito por iniciativa de algumas pessoas isoladamente, e só agora é que começa a se vislumbrar a criação de uma secretaria de cultura, agora é que o município começa a discutir plano de cultura, enfim. Desta forma a Federação acaba servindo de aporte pra gente, porque pelo menos uma vez por ano, durante dez dias, a gente tem oportunidade de congregação com os diversos grupos que estão aqui presentes, com “gentes” das mais diversas realidades... Aqui vem ou já veio gente de boa parte dos municípios do Rio de Janeiro, e a gente tem oportunidade de trocar experiências, de fazer as oficinas que são oferecidas, de assistir espetáculos e discutir estes espetáculos dentro das oficinas integradas, que é um ponto importantíssimo para o crescimento dos grupos.

De 1984, quando eu conheci a Fetaerj até hoje, a evolução dos grupos é nítida, e eu atribuo isso às administrações. Naquela ocasião e até o início dos anos 2000, os grupos eram mais fidelizados a Fetaerj, quando a gente vinha, encontrava todos os anos os mesmo grupos participando com seus espetáculos. Depois disso começou a mudar um pouco e, embora alguns grupos se mantenham fidelizados à instituição, a gente percebe que a cada ano, grupos novos vão chegando, vão se agregando e alguns dos grupos, destes mais antigos, acabam deixando de participar do movimento, ou se afastam ou deixam de existir sabe-se lá por quais circunstâncias, e há uma rotatividade um pouco maior de grupo. Em certo ponto é benéfico e em certo ponto não. Essa coisa de ter a fidelização dos grupos faz com que a instituição tenha mais união, mas, por outro lado, esse rompimento, causado por esta rotatividade, também não é ruim, porque você acaba conhecendo novas pessoas, estreitando relações e recebendo novas energias.

O Jonny?

O rapaz teve um surto psicótico durante o festival, ele achou que isso aqui era um filme e que eu era o diretor dele. Então ele passou de certa forma a atacar as outras pessoas e só obedecer a aquilo que eu falava para ele fazer, e isso culminou numa cena aqui neste corredor de pedra. Eu estava dormindo, deviam ser seis ou sete horas da manhã, ele com uma garrafa quebrada na mão, vestido como se fosse um cigano, sapateando com as garrafas na mão, e as pessoas tentando acalmá-lo e ele gritando com as pessoas que não viessem... Daí, correram até o alojamento onde eu estava me chamando para tentar apaziguar a situação, porque já tinham ocorrido outras situações onde eu chegava e falava e ele obedecia. Então, quando eu cheguei no final do corredor e observei, eu fiquei meio sem ação porque era mais grave do que todos os outros acontecimentos. Ele estava com um estilhaço de garrafa na mão ameaçando as pessoas. A primeira coisa que me veio à cabeça foi já que ele está associando isso a um filme, eu vou gritar corta. E aí eu dei o berro dali, gritei bem alto: - Corta!!! Aí ele soltou a garrafa, e de lá mesmo ele virou pra mim e perguntou: - Tá errada a cena? Não é isso não? Aí eu falei: - Não, não é nada disso,

a cena não é essa, a cena é a da ambulância! - A ambulância já estava parada ali na frente e as pessoas estavam tentando converncê-lo a entrar na ambulância, foi por isso que ele pegara a garrafa e estava ameaçando as pessoas. Mas quando eu falei que era a cena da ambulância, ele se desarmou e veio até mim, eu o conduzi até a ambulância e o Vantuil entrou na ambulância com ele e foram embora. Dez minutos depois, a ambulância retorna, com ele aos gritos lá dentro, querendo saber qual era a continuidade da cena quando ele chegasse ao hospital. Eu nunca mais tive contato com o Jonny, sei que ele era de Valença, de um grupo que nem está mais na Federação, que era o TEV – Teatro Experimental de Valença.

São tantas as histórias na Fetaerj que a gente acaba se perdendo, mas teve um ano, talvez 1997, que tinha um circo acampado neste campo de futebol que tem ali atrás do casarão e as pessoas do circo começaram a se relacionar conosco aqui, eles faziam o espetáculo deles lá e quando acabava vinham pra cá, passavam o dia aqui com a gente. E no dia do Aga, todos do circo participaram, mas um rapaz especificamente me convidou pra ser padrinho dele. Eu fui conduzindo ele até o Aga e quando ele chegou diante do Aga, ele, com os olhos muito cheios d'água, pediu uma perna de pau de alumínio: “pra eu poder fazer um número mais bonito no meu circo”. Isso nos comoveu de uma maneira tão grande que a gente se mobilizou, levantamos um dinheiro e compramos não só a perna de pau, mas figurinos novos para os artistas do circo. Na verdade, o José Carlos, que foi presidente da Federação e faleceu há dois anos atrás, foi quem agiu e ele mesmo fez a perna de pau para o rapaz. Aquele circo emocionou a todos nós porque eles eram uma família, muito pobrezinhos e que faziam aquele espetáculo naquela tendinha, com muito amor, numas de perpetuar mesmo a arte circense.

Eu fui batizado em 1984. O momento da iniciação é um momento muito ímpar porque existe toda uma magia por trás deste evento, existe uma expectativa. Se não me fala a memória o Aga surgiu naquele ano mesmo. E desde o início ele gerou um prazer, uma honra e um orgulho de ser iniciado neste movimento. Quando eu me vi diante do Aga, eu tinha 16 anos e havia começado aos 12, meio que passou pela minha cabeça toda aquela trajetória, pequena ainda, mas muito significativa para mim: um garoto de 16 anos, que sai de uma cidade do interior e cai dentro de um evento com o título de Festival Estadual de Teatro. Isso tem um valor muito grande, uma dimensão maior ainda devido à idade que eu tinha. Quando eu me vi diante do Aga, eu desabei: chorava e ria ao mesmo tempo, totalmente entregue à emoção. Hoje eu tenho 46 e continuo vindo.

PABLITO e PERSEU

Perseu: no meu depoimento eu esqueci de falar uma coisa importante. Foi na Fetaerj que eu encontrei um dos meus melhores amigos que é esse cara que está aqui. Mas o que eu quero destacar são as mudanças que acontecem nas pessoas. Comigo, quando eu vim pra cá eu era muito preconceituoso, de todas as formas mesmo, mas

essa convivência com pessoas diferentes nos transforma, e eu aprendi a respeitar e a conviver com o diferente. Um aprendizado fundamental na minha vida. mas eu vou deixar o Pablito contar como foi que ficamos amigos. Conta esta história aí, Pablito.

Pablito: Foi no festival de 1994, não foi? Nós ficamos hospedados no mesmo quarto, eu, Perseu, Rato e Renato, que era do meu grupo, mas Perseu era do DJ. A gente já tinha se visto em outros festivais, mas neste, por estarmos hospedados no mesmo quarto, a gente começou a se aproximar mais. E, assim, Perseu é um sacana de carteirinha que adora aprontar pra todo mundo. Daí, no penúltimo dia do festival, as roupas limpas já muito escarsas dentro da mochila, tudo sujo, eu tirei minha última camisa limpa estendi sobre a cama e entrei no banheiro pra tomar banho. Quando eu saí do banheiro a camisa estava podre de desodorante vagabundo. Eles pegaram um vidro de desodorante vagabundo e espremeram em cima da camisa... Aquilo tava de um jeito que se passasse perto de uma pessoa essa pessoa corria. Daí eu “briguei” pra ver se eles levavam a sério, mas eu estava brincando: falei que ia ter forra, que ia ter troco, que eu não dava esse tipo de liberdade pra eles, que eles tinham passado dos limites, enfim... Bati a porta do quarto e saí. Quinze minutos depois eu voltei e Perseu estava sozinho na cama, quando me viu entrar no quarto ele deitou e começou a gemer baixinho, bem baixinho, aquela coisa muito sutil, né? E eu perguntei se ele estava sentindo alguma coisa. Ele me disse que estava com uma dor de cabeça que estava quase explodindo. Fiquei na minha, saí do quarto, fui na farmácia, comprei um remedinho, voltei, botei o remedinho num copinho destes de cafezinho, dois comprimidinhos, levei água e dei a ele: - Toma, cara, bebe aí que você vai melhorar. Ele ainda questionou: - Mas, dois? E eu respondi que era infantil, que eu só tinha achado o infantil. Ele tomou os dois, virou pro lado e continuou a gemedeira. Eu dei do lado, ele virou pra mim e disse: - Cara, posso te confessar uma coisa? Eu não tô com dor de cabeça nenhuma, eu só fiz isso pra você voltar a falar comigo. Daí eu respondi: - Não tem problema porque o que eu te dei também não foi comprimido para dor de cabeça, foi laxante. A partir daí começou nossa amizade.

Perseu: Tem mais uma coisa, esse cara é o rei da paródia, todo ano tem um concurso de paródia aqui no festival e ele sempre ganha. Canta uma aí.

Pablito: Tem uma que eu me lembro, venceu um ano, que homenageia os bibas, aliás, as paródias são sempre homenageando a classe biba... É assim: “Viado, tire a mão de mim, eu não pertencço a você/ não é me aquengando assim que você vai me fazer/eu posso estar sozinho/mas inda prefiro xotacu/viado dá um tempinho/vê se larga o meu piru/será que isso é maldição?/será que eu vou sobreviver?/será que vou comer o Perseu?/será que Perseu vai me comer?”

PABLO RODRIGUES

Iluminador, produtor cultural

Eu estava na Marinha ainda, mas participava do Grupo Gene Insano, em Araruama, quando fomos classificados para o festival da Fetaerj. Nossa, ficamos maravilhados! Isso foi em 2000, eu era moleque ainda, tinha 22 anos, e sequer sabia direito o que eu queria fazer da vida. Lembro até hoje, eu era ator ainda e cheguei aqui... Eu gostava alguma coisa de luz, mas só gostava. A peça era “Descaminhos Adolescentes”, da Anília Franciska, e eu tinha vindo pra fazer a luz. Ora, eu não sabia nada de luz ainda... Eu sentei ali naquele teatro, o Renato Viana, e vi uma cena de um espetáculo, chamado “Álbum de Família”, de Nelson Rodrigues. Tinha uma luz que batia numa bacia e refletia na cena, e eu falei: - Caralho!!! É isso o que eu quero fazer da vida. Naquele momento eu decidi o que eu queria fazer na vida. Foi uma cena tão bonita, um luz tão incrível que me fez decidir. Daí eu entrei no teatro e comecei a perguntar como é que faz, como é que não faz, e comecei a aprender com o pessoa daqui, da Fetaerj, a fazer luz, neste festival. No ano seguinte, a mesma coisa, e no outro ano, a mesma coisa, e eu passei a viver de fazer luz, minha profissão é iluminador. E foi aqui dentro da Fetaerj que isso aconteceu.

Meu batizado foi em 2000 também, e mudou totalmente minha visão sobre o que é o fazer teatral, o ofício de transformar... O teatro pra mim é uma ferramenta de transformação, que transforma tanto quem está fazendo quanto quem está assistindo. Então, foram as duas coisas, aquele luz na bacia e o batizado em Aga que transformaram a minha vida. Já voltei pro Rio querendo sair da Marinha e fazer teatro, aliás, só fazer teatro. Deixou de ser um eu gosto de fazer, para ser um eu quero fazer.

Fiquei uns cinco ou seis anos fazendo teatro acompanhando a Fetaerj, e desde 2006 na diretoria de eventos. A federação estava meio desarticulada, éramos 13 grupos no total, mas estava tudo meio capenga, a gente tinha passado por uns problemas. Em 2008, Josué deixa o cargo de presidente e não tinha ninguém para assumir. A gente reúne a diretoria, mas ninguém queria ser presidente, ninguém queria. A Fetaerj estava devendo impostos e ninguém queria.

Eu pensei, então, eu já tinha a minha empresa que eu mesmo administrava e a Fetaerj tinha que ser administrada naquele momento de crise como uma empresa também. Aí eu me ofereci para ser o presidente, mas ninguém aceitou na hora, ficaram assombrados, afinal, eu era um menino... rs. Mas acabei assumindo o cargo.

Quando eu entrei, isso aqui era tão mágico, que eu tenho medo de estar confundindo as minhas lembranças com as minhas imaginações. Lembro que o pessoal discutia na oficina integrada e eu olhava aquelas pessoas falando com tanta propriedade que eu ficava assim: - quem? onde? por que? Tudo era lindo! Fiquei realmente encantado. Hoje os espetáculos são mais profissionais, a galera daquela época se aperfeiçoou. A visão da Federação em relação aos grupos também mudou. Antes

de 2004, por exemplo, os grupos não recebiam ajuda de custo, isso começou com o Josué, que queria dar algum suporte pros grupos e é o que eu tento fazer todos os anos, procurando cada vez melhorar mais essa ajuda.

Hoje nós somos aproximadamente 80 grupos filiados e além da preocupação com a formação continuada, com as oficinas que oferecemos todos os anos, a Fetaerj é um movimento político, que abrange a metade dos municípios do Estado do Rio de Janeiro, agregando e dando sustentação a estes grupos. Hoje, por exemplo, não há nenhuma instituição, seja pública ou privada, a nível de teatro, que tenha o alcance que a Federação tem dentro do Estado. Tanto que somos procurados sempre que o Estado precisa fazer algo em relação aos grupos do interior. Frequentemente fazemos a interlocução.

Dentro da Fetaerj tem os grupos registrados e os informais, aquele lá da “tia vovó”, então quando estes precisam receber um patrocínio, por exemplo, normalmente não conseguiriam, pois não têm registros fiscais, nestes casos, a Federação intermedeia, repassando o recurso para o grupo. Além desta representação administrativa, a Fetaerj dá um suporte político, que é muito importante, principalmente nos municípios do interior.

O livro

A Fetaerj é uma instituição de 37 anos, que até aqui não teve ainda um registro documental histórico que faça chegar às gerações futuras o trabalho que temos feito ao longo destes anos. Nós temos muitos registros orais, muitas histórias passadas dos mais velhos aos mais novos, mas que, assim como toda oralidade, acabam se perdendo ou recriadas no imaginário coletivo desse povo criativo que é a gente de teatro. Enfim, não tínhamos até agora nenhum registro físico. Mesmo os materiais administrativos, que acabam contando um tanto desta história, estavam cada parte numa parte do Estado, guardada pelos diretores, presidentes, secretários, grupos, mas tudo fragmentado. Agora resgatamos todo este material, ou a maior parte dele, estamos arquivando e vamos guardá-lo na sede da Fetaerj, que hoje é um ponto de cultura, no bairro de Higienópolis, na capital carioca.

Este livro será distribuído principalmente para os novos que chegam à Fetaerj a cada ano, para que possam conhecer a nossa história e um pouco da história dos que já passaram por aqui. Mas também irá para as bibliotecas municipais, das escolas, dos grupos, para que todos tenham acesso a esta parte da história do teatro no Estado do Rio de Janeiro.

PERSEU

Pertenso ao Latex, que é Laboratório de Artes e Teatro Experimental, de Cachoeira de Macacu, mas parte dos integrantes é de Maricá. Então, a gente atua nas duas cidades. Este ano, nós apresentamos um texto de Pablito Torres, de Cachoeira de

Macacu, que é Latex também: Hight Society, que se apresentou domingo.

Cachoeira de Macacu tem um Centro Cultural, com espaço de 80 lugares, onde acontecem as apresentações teatrais, e é administrado pela prefeitura, mas o grupo atuante mesmo em Cachoeira de Macacu é o Latex, tem alguns outros, que são de ex-alunos do Latex. Em Maricá tem mais, além do Latex, tem o DJ, do Álvaro, e tem a Praça do Ceu: Centro de Artes e Esforços Unificados, do qual eu fui coordenador um período, que é um projeto do Governo Federal, com contrapartida do município, que não é um teatro, mas é um cine-teatro equipado com iluminação, com setenta lugares onde a gente pode fazer algumas coisas.

Conheci a Fetaerj eu ainda era criança, foi em 84, eu devia ter uns 14 ou 15 anos, mas eu não tinha participado de nada ainda. Eu era do DJ e o grupo estava fazendo um trabalho em Maricá e eu estava sempre junto com eles, mas eu não vim na primeira vez que o DJ veio, mas um ou dois anos depois eu comecei a frequentar. Em 1987, eu me integrei, num Rola-teatro que aconteceu em Maricá. Ali eu conheci a Márcia Valéria e várias pessoas da Federação. A partir daí eu comecei a frequentar os festivais. O primeiro que eu participei foi em São Fidélis, em 1988, com o espetáculo “A Orquestra de Senhoritas”.

Os eventos da Fetaerj não são só festivais, junto com eles acontecem as trocas de experiências, então acontecem cursos, oficinas, debates, as conversas de bar, onde a gente tá vendo e comentando o espetáculo do outro e o outro está fazendo o mesmo com o seu. Essa troca faz com que a gente cresça com o espetáculo, faz com que a gente aprenda formas diferentes de fazer teatro e tudo isso a gente leva pro nosso município, pra dentro da companhia, do grupo. E lá a gente começa a formar outras pessoas a passar essas experiências e isso só nos fortalece. Ou seja, a Fetaerj vem a fortalecer os grupos dentro de cada município.

Quando eu comecei na Fetaerj eu a via como uma festa, uma grande brincadeira, mas eu era adolescente e essa era a minha visão daquela época, hoje eu vejo como uma fábrica de felicidade. Eu me transformei graças a Fetaerj, a estas informações dentro dos festivais, as pessoas que a gente conhece. Eu me transformei numa pessoa feliz, numa pessoa capaz, me interessei em estudar, ler, conhecer. Formei uma família, minha mulher veio por causa do teatro, meus três filhos quase que nasceram aqui em Arcozelo.

Eu fui batizado em 1988, sem saber o que era, o que me esperava, nem o que eu ia ver. E quando eu conheci todo o processo e conheci Aga, aquilo teve um valor tão grande, foi uma emoção tão grande, porque se fazer teatro já é bom, fazer teatro e conhecer Aga, que é a essência do teatro, é a maior emoção da terra. É até difícil explicar porque eu fico tomado pela emoção, mas pra mim Aga é...

Não me lembro a data, mas foi em mil novecentos e alguma coisa. Veio pra cá um camarada que eu acho que era de Valença, veio com a Dona Nely, que é uma senhora

que acompanha há muito tempo o Festival. Ele ficou alojado num destes quartos e, de repente, ele vendo todo este mistério e fantasia que é o festival, ele achou que era um cigano. E começou a interpretar este personagem aqui dentro. Começou a agir dentro da concepção dele do que era um cigano, e disse que estava fazendo um filme. Começou a pular as janelas abertas. A Márcia Valéria, ou o Facury, estava ali com as crianças e de repente o cara pula e começa a dizer um texto, bater perna e tal, e gritar, depois saía correndo e voltava e perguntava: - Eu fui bem? Você acha que eu fui bem na minha interpretação? E começou a surtar aqui dentro. Jonny era o nome dele. E as situações começaram a aumentar, a aumentar, a aumentar e as pessoas começaram a ficar preocupadas aqui. Aí o Pablito veio conversar com ele, que começou a chamar o Pablito de diretor. Era “meu diretor” pra lá; “meu diretor” pra cá, até que o Pablito assumiu o papel de diretor do filme do cara e falou pra ele o seguinte: - Olha, Jonny, agora a cena vai ser num hospital, você vai numa ambulância, vai tomar uma medicação e vai pro hospital pra ser medicado, tudo bem? E ele embarcou na onda do Pablito. Chegou a ambulância aqui dentro da Aldeia pra tirar o sujeito, deu um remédio para ele se acalmar e ele inda disse assim pro Pablito: - Meu diretor, vou fazer da melhor forma possível, que eu quero ganhar este prêmio de melhor ator.

O Pablito pode contar melhor esta história. Parece que ele tomava um remédio e parou por conta própria, enfim... Ali tinha um casarão com uma varanda, ele pulou na varanda onde estava a galera, com uma faca na boca, e apavorou o pessoal, ficou todo mundo entrincheirado gritando por socorro. Nestas horas, quem salvava era Pablito que chegava e gritava: - Corta, Jonny, corta! Aí ele parava.

RENATO NEVES

Sou ator, eventualmente diretor, mas dentro da nossa companhia, Os Ciclomáticos, sou sonoplasta, pesquisador. Sou administrador de empresas, publicitário, jornalista, com algumas especializações na área de Educação. Há alguns anos atrás descobri que estava ficando velho demais para ser um burocrata, apesar de que minha carreira paralela nunca me atrapalhou com o teatro, nunca.

Na diretoria da Fetaerj já estou há bastante tempo, entra chapa, sai chapa e todo mundo me coloca na chapa, nem sei por quê... Minha única condição sempre foi a de que podem me colocar em qualquer cargo numa chapa, menos o de presidente. Não quero ser presidente, nem ser tesoureiro. Até porque eu não tenho tempo. Minha companhia, graças a Deus, ocupa muito meu tempo, nós viajamos muito, pelo Brasil e para outros países.

Cheguei à Federação em 1997. A nossa então diretora, quando a nossa companhia surgiu, tinha uma amiga de faculdade que era da Federação e falou que tinha uma festival assim, assim, assado. Nesse ano aconteceu em Cabo Frio e ela nos inscreveu. Não era um espetáculo infantil, mas colocaram como se fosse, e ainda pegamos duas mil crianças no teatro municipal de Cabo Frio. E foi um escândalo porque o

espetáculo tinha palavrões, falávamos das modalidades de sexo, enfim, mil putarias. E ainda tinha um grupo de crianças da APAE, assim, logo nas primeiras filas da plateia. Uma polêmica, aliás, uma discussão do cacete entre o grupo e a pessoa da diretoria na época, mas a culpa não era nossa, eles colocaram como se fosse infantil e não era, mas enfim... Essa foi nossa estreia na Fetaerj. Nos apresentamos e, no dia seguinte, o grupo foi todo embora e eu não sei por que quis ficar, não conhecia ninguém. Isso foi numa quarta-feira e na sexta foi o batizado, o dia de Aga. E aquilo mudou a minha vida.

Posso dizer que aquela sexta-feira definiu meus passos de lá até o que eu sou hoje. Naquele momento eu vivi um extase teatral, e eu pensei: Não sei se vou viver disso, mas vou viver com isso até o fim dos meus dias. Isso foi determinante na carreira, hoje Os Ciclomáticos tem 18 anos de existência. Hoje ainda temos três dos fundadores: eu, Carla Meireles e André Vital. Logo depois da fundação, uns dois anos depois, entrou o Ribamar, que está conosco até hoje.

Em 1997, eu não tinha a menor noção do que era a Fetaerj, pra mim era um festival comum, uma festa, essa coisa que fica muito na cabeça de quem é jovem e está chegando. E me assustou muito a visão profissional da coisa, quase de um fanatismo religioso. Quando eu via as discussões em torno das técnicas e atuações, eu pensava: - Nossa, eu nunca pensei que o teatro fosse uma coisa tão séria... Porque eu tinha uma carreira burocrática, me formei muito cedo, aos 23 anos eu tinha três graduações. Mas quando eu voltei daquele festival em casa, eu virei pro meu pai e disse: - Papai, vou fazer teatro, vou largar tudo... Ficou um ano sem falar comigo... Nunca me apoiou, no máximo aceitava.

Naquele momento eu fiquei muito impressionado, porque tinha uma questão política muito forte dentro da Federação, entendeu... Eu posso dizer que quase que o artístico era menos importante do que a política, não sei se eu estou exagerando ou se foi uma visão superlativa que eu tive na época.

Na diretoria eu estou desde 2000, quando faleceu um diretor, o Marcio Machado, mímico, parceiro do Josué Soares, que faleceu às vésperas do festival de 2000. Era meu terceiro festival e entrei para cumprir um restinho de mandato, como diretor de divulgação. No ano seguinte já integrei uma chapa, desta vez como secretário, acho que porque sou muito metódico, organizado, e faço toda a parte chata que ninguém quer ou sabe fazer, como as planilhas, etc. Desde então, entra diretoria e sai diretoria e eu estou sempre por aqui. Agora, já há uns três mandatos sou eleito vice-presidente...rs...

A Fetaerj é um apoio na formação dos artistas e técnicos, você veja aí o nosso presidente atual o Pablo, que veio pra cá muito jovem, aprendiz de iluminador e hoje é um produtor cultural, iluminador requisitadíssimo, que vive deste trabalho e praticamente se formou aqui, ou a partir daqui. Como ele, posso citar mais uns sete ou oito iluminadores que começaram, aqui como apoio: Poliana Pinheiro, Ederson

Rato, Tiago da Silveira, Vitor Tavares, Juliana Portuga, Bruno Henrique Caveras e por aí vai.

Em outras áreas temos aí o Ribamar, que engatinhou artisticamente na Fetaerj e hoje é um diretor renomado, entre muitos outros. Continua acontecendo, todos os anos, chegando jovens para os dez dias do Festival que, sob todos os aspectos, desde as discussões políticas, passando pelos debates, pelas oficinas formativas, pela diversidade e pluralidade de linguagens que são apresentadas no festival, abre uma perspectiva, um cenário que você não consegue imaginar que é real: - Gente, eu não sabia que a Fetaerj era isso tudo... Ela te mostra uma pluralidade de atividade que te encanta e que te faz tomar decisões sérias na sua vida.

Cada vez mais, a Fetaerj tem buscado promover outras atividades além do grande evento que é o Paschoalino. Temos o Rola-teatro, que leva os espetáculos vencedores do festival para os municípios do Estado, este ano aconteceu em Macaé, os seminários e outras coisas. Hoje, a Federação é um ponto de cultura, no Rio de Janeiro e tem feito oficinas sistematicamente lá, em Higienópolis. Lá também é um espaço, que é aberto não só aos associados.

RIBAMAR RIBEIRO

Ator, diretor de teatro, dramaturgo, sonoplasta

Toda a minha história com teatro na verdade começa... comecei a fazer teatro muito novinho, 8 anos de idade. Meu sonho era ser ou arquinista ou maquinista de trem, e aí resolvi ser artista. Meu pai dizia sempre assim: meu filho, você pode ser o que você quiser, mas aprende o ofício do comércio... Ele tinha uma lojinha no Jacarezinho, que vendia de tudo: roupa, carne seca, vendia tudo.

Lá, meu pai me ensinou essa coisa do comércio e tal e disse: no dia em que essa coisa do teatro não der certo, você vem cá pra loja, enfim, meu pai faleceu no lugar onde eu ganhei meu primeiro prêmio como diretor, em 2001, em Rio das Ostras, meu pai morreu naquela estrada que leva a Rio das Ostras.

Depois estudei no Tablado e fui da última turma da Maria Clara Machado, minha mestra. Logo depois fui estudar no Senac onde tinha um curso de ator profissional, passei no teste e comecei a estudar lá. Lá foi também onde tive o meu primeiro contato, em 1998, com a Fetaerj, ao mesmo tempo eu já tinha entrado para a faculdade, a Uerj, onde eu comecei a fazer Ciências Sociais, mas não terminei até hoje, porque o teatro tomou a minha vida de uma maneira...

No Senac eu conheci Lia Solemberg que tinha um grupo de teatro nos finais de semana e eu fui lá conhecer o grupo, assisti um ensaio da Antígona e acabei envolvido na operação do som do espetáculo, que ainda era com fitas cassetes. Mas ela estava montando também uma versão do Pequeno Príncipe e me chamou pra

fazer um operário. Claro que eu aceitei. O espetáculo estava inscrito para o Festival da Fetaerj, mas uma semana antes dos jurados da pré-seleção assistirem a peça, o ator que fazia o Pequeno Príncipe surtou e abandonou o papel e a Lia me ligou e perguntou se eu topava o desafio. Ora, eu achei o máximo! Isso foi em 1998, eu tinha uns 18 anos. Bem, passamos e eu vim aqui na Aldeia apresentar. No dia da oficina integrada eu não pude estar presente, mas soube depois que me arrasaram: - Cadê aquele menino retardado que fez o pequeno príncipe? Aqui não está bom! Ainda bem que eu não estava lá, acho que me pouparam disso... rs.

No ano seguinte, em 1999, a Lia deixa o grupo em função de outros trabalhos e a gente começa a nossa caminhada com as nossas próprias pernas e a gente trouxe um espetáculo pra Fetaerj, o Sonho de uma noite de velório, de Odir Ramos da Costa. Não recebemos nenhuma premiação mas acho que as pessoas já começaram a perceber a diferença, e a partir daí a gente cria a Cia Ciclomáticos, que traz trabalhos que repercutem.

Em 2001, eu começo a me tornar o diretor da Cia. Na Fetaerj o festival aconteceu em Rio das Ostras, com muita gente boa participando. Era um festival muito grande, espetáculos competitivos, mostra paralela, convidados, enfim, um grande festival. Eu estava concorrendo pela primeira vez como diretor e concorria com uma galera muito forte, entre eles o Rodrigo Portela. O nosso foi o último espetáculo a se apresentar, na sexta-feira à noite, e a nossa oficina integrada aconteceu no sábado. As pessoas não me conheciam muito bem ainda. Os jurados falaram, e depois disseram que queriam fazer pergunta para o diretor e se dirigiram ao Renato Neves, daí ele respondeu que não era o diretor e apontou pra mim. Eu era um garoto, de 21 anos... Um dos jurados olha pra mim e se espanta: - Esse menino dirigiu aquilo?

Bom, eu ganhei. O espetáculo ganhou como um dos melhores e eu levei o prêmio de melhor diretor. Na época tinha um prêmio revelação e eu achei que ia levar este por causa da oficina integrada que foi bacana, mas acabei levando o de direção mesmo. Ali começa um novo momento pra mim, as pessoas começam a me ver como um diretor realmente, acho que atingi ali uma maioria teatral. E tudo fruto do que eu aprendi aqui porque a minha escola foi mesmo a Fetaerj. Depois ganhei vários prêmios: como sonoplasta, ator, diretor, dramaturgo, enfim... Só não ganhei de melhor atriz porque não dá, né...

Hoje eu tenho 35 anos, dou aula no Senac de Irajá e trago meus alunos para os festivais da Fetaerj, onde eles também já ganharam prêmio. Isso também foi um crescimento, que resultou num movimento, junto com o Renato Neves, chamado Comunidade Teatral de Irajá.

Se hoje Os Ciclomáticos tem mais de 200 prêmios e viaja o Brasil todo apresentando seu trabalho, devemos muito aos festivais da Fetaerj e a muitos outros, como o de Dramaturgia, de Araruama (Editora Cartaz-Cartolina) que nos permitiu testar textos que depois viraram espetáculos premiados, como A Corrente de Eléia.

Estou diretor artístico da Fetaerj e sempre disposto a contribuir positivamente com esse movimento que é a Fetaerj. Este ano, por exemplo, não trouxe nenhum espetáculo, mas estrou oferecendo uma oficina de direção. Tenho o pensamento de retornar pelo menos um pouco do que recebi daqui da Fetaerj.

Batismo:

Fui batizado em 1998, meu padrinho foi o Renato Neves, e foi uma das coisas mais mágicas que eu tive na vida. Aga é uma das coisas mais emocionantes, eu me lembro de mim abrindo o olho assim e vendo aquilo... E o meu pedido para Aga: - Eu quero viver de teatro!!!! E acabou se tornando realidade. O teatro foi um presente de Aga na minha vida. Lembro do olhar de Aga, do brilho daquele olhar.

Em 1999, a gente estava com um espetáculo e aí a gente estava com dificuldade de conseguir o transporte pra trazer o cenário, que é bem sólido: são três caixões. Encontramos um amigo que tinha uma van e se ofereceu pra trazer, meio relutante (3 caixões???), mas trouxe. Só que os caixões não couberam na van e ele teve que amarra-los em cima do carro pra levar para Nova Iguaçu. Claro que fomos parados e aí o policial perguntou: O que é isso? São três caixões? E a gente explicando que eram cenográficos e o policial ainda insiste: - Mas tem gente aí dentro??? Olha, a gente se acabando de rir por dentro, porque tínhamos que mostrar seriedade. Sorte que a gente tinha uma filipeta do festival e mostramos pra ele: - Olha, hoje eu vou liberar, mas normalmente eu não posso liberar caixão. Daí não teve jeito e a gente caiu na gargalhada mesmo.

SIDNEY CARNEIRO - TARZAN

Diretor teatral, dramaturgo, iluminador e ator

Companhia teatral trupe do Covil Imaginário – Petrópolis

Até hoje, o nosso espaço que é o Covil Imaginário, a gente tem a iluminação toda artesanal, com spots de latas que a gente fazia no final da década de 70, que era o recurso da época, que as pessoas tinham condições de fazer. O pessoal viu, gostou e pediu para eu ensinar e eu saí dando oficinas de iluminação com latas em todos os lugares, fui até Rondônia.

Conheci a Fetaerj logo no início. Logo que ela foi fundada, em 1977. Não participei da fundação, mas eu já fazia teatro na época. Eles foram a Petrópolis, inclusive o Roberto Costa que foi da primeira diretoria, fazer uma reunião com o movimento de teatro de lá – fizeram isso no estado todo. Foi aí que conheci e daí em diante passei a participar dos festivais, das reuniões, de tudo, fui diretor inclusive, em 1983, fui secretário geral.

Em 1978 teve uma mostra que deveria ter sido realizada em Volta Redonda, mas por problemas com a censura, que era um negócio muito forte na época, ela foi realizada no Rio de Janeiro, no antigo prédio da UNE, que na época estava sendo

ocupado pela Unirio. Nós íamos apresentar um espetáculo lá em Volta redonda, mas acabamos nem indo, fomos para o Rio de Janeiro direto, porque lá havia sido cancelado por intervenção da polícia.

Os festivais, na época aconteciam em formato de mostra não competitiva, mas a Fetierj representava duas categorias básicas de teatro: os que a gente chamava de alternativos, que eram aqueles que não eram nem profissionais nem amadores, que estavam buscando seu caminho de outra maneira, mas não se encaixavam nestas categorias, faziam um sistema de produção em cooperativa; e tinham os amadores mesmo, aquele pessoal vinculado às escolas, e aqueles grupos provisórios. Mas a partir de 1981, não lembro exatamente o ano, houve uma divisão dentro da Fetierj, e a partir de 82 ficou claro e definido o objetivo da federação, que passou a se chamar Fetarj, representando o teatro amador. A partir deste ano foi realizado o primeiro festival neste formato que a gente tem hoje. Esse festival aconteceu em Campo Grande, no Rio de Janeiro. De lá pra cá ele passou a ser competitivo, a partir de 1983.

No início o festival tinha uma coisa interessante, porque tinha assim vinte grupos participando e o júri era um de cada grupo. Era obrigado a ter um representante no júri e o pessoal discutia tudo e votava, então, cada representante dava o seu voto em ordem de preferência, quais os espetáculos que queriam que vencesse e pelo voto dos grupos a gente escolhia os cinco primeiros mas em ordem de classificação, ou seja, do primeiro ao quinto colocado. A partir de 1987 é que isso mudou e passou-se a escolher os três melhores, para romper essa história de competição, e de lá pra cá tem sido assim.

As oficinas não eram oferecidas nos festivais, mas haviam algumas sim, em outras atividades. Desde que a gente começou o festival neste formato, a partir de 1982, que as oficinas acontecem dentro do evento.

A iluminação nem se compara ao que é hoje, porque o teatro brasileiro foi muito carente. Agora a gente tem mais facilidade de importação, têm produtos a nossa disposição, ou seja, a coisa mudou bastante. Mas até a década de 80 era muito fraco, porque os teatros não tinham condições. Por exemplo, em 1985, foi feito num espaço da UERJ que não era bem um teatro, era um auditório, e a gente teve que alugar um equipamento para colocar e era um equipamento precário, como era a realidade do Brasil, o refletor que se usava aqui, até nas grandes produções teatrais, era um refletor que hoje ninguém usa mais, que era o GCB, era o mais moderno que tinha no mercado. Pouquíssimos teatros do Rio e São Paulo tinham equipamentos mais sofisticados. Essa era a regra geral. A gente adaptava os locais para fazer o festival, em 88 foi em São Fidélis, numa escola e também não tinha nada lá, a gente teve que alugar todo o equipamento, levar até lá e instalar. A realidade dos grupos era muito mais precária ainda, a maioria nem fazia iluminação, nem sabia usar, daí o sucesso das oficinas de latas. O pessoal via a partir daí a possibilidade de trazer esses elementos para a cena.

Eu fiz uma oficina em 1987, de improviso, ela não estava programada, mas tinha muita gente lá e eu acabei fazendo uma demonstração de como eu fazia o spot-lata e o pessoal de Maricá, do Álvaro Ferreira, na época todo mundo garoto, gostou, aprendeu e anotou tudo e levou a ideia para Maricá. Chegando lá, os garotos - dentre eles o Rogério Brum, que posteriormente acabou indo trabalhar com iluminação - danaram a catar lata pelas redondezas e fizeram para eles. Envolvidos com essa nova luz eles resolveram criar um teatro no pátio do colégio, que era um barato era chamado de Teatro Pátio, tudo feito com lona preta, as cortinas, tudo coisa barata, reciclada, latas e o teatro era desmontável, era uma coisa incrível. Um dia, nós chegamos lá para uma reunião e vimos o pátio vazio. Entramos para nos reunir numa sala da escola e quando retornamos ao pátio, uns quarenta minutos depois, estava tudo montado. Tinha um teatro montado no pátio. Esses meninos depois fizeram um trabalho em Valença. Levaram a ideia do spot-lata para Valença onde foi montado no teatro Rosinha de Valença, que era o teatro da prefeitura na época e depois passou a ser usado por figuras mais conhecidas, mas começou com um evento da Fetaerj.

A Fetaerj surgiu num momento político muito sério, durante a ditadura militar e o teatro foi uma das trincheiras, de resistência do povo brasileiro através da intelectualidade, dos artistas. O pessoal se reunia em entidades para fazer valer a sua expressão política. Quando ocorreu a chamada abertura, o movimento deu uma esvaziada, porque os partidos políticos começaram a se reorganizar e as pessoas foram atuar no “lugar correto”, que eram os partidos, e isso deu uma esvaziada a nível de conscientização política e ficou pra gente discutir a questão artística, que também não deixa de ser política e que é uma briga constante, mas a gente não tinha mais aquele vigor, aquela politização, aquela preparação ideológica que movimentava as nossas entidades não só no Rio, mas no Brasil todo, e que às vezes até atrapalhava um pouco, porque apareciam pessoas que queriam fazer apenas militância política dentro da entidade que cuidava de arte.

A abertura política foi um divisor de águas para a Fetaerj, que passa a ter momentos de altos e baixos porque dependia de pessoas que estavam nesse movimento de idas e vindas. Nós tivemos que aprender a lidar com as novas realidades, com as novas demandas da cultura, lidar com as leis que neste país são desastrosas, que são perniciosas e eu diria até criminosas, porque não se privilegia cultura coisa nenhuma, mas apenas a prática cultural, a cultura de resultados. Essa lei de incentivos privilegia os grandes grupos, enquanto que os amadores, como o GATVIC de Três Rios – amador por opção – não tem apoio nenhum e em contrapartida tem um movimento cultural incrível, não só para Três Rios, como para todo o Estado do Rio de Janeiro. A Fetaerj teve que aprender a lidar com essa realidade, com essa cultura de resultados, para sobreviver e com ela os grupos federados.

A gente viveu épocas bem distintas. A dependência do Ministério da Cultura que tinha um órgão para cuidar de teatro, que distribuía verba e essa verba era discriminada, verba para o teatro profissional e verba para o teatro amador, bem

distintas. Nesse cenário, os grupos se definiam como amadores, porque podiam assim buscar sua verba própria e sobreviver. Se misturasse tudo, pra nós nada sobraria. Com essas mudanças, as entidades também se perderam nas suas perspectivas, no seu foco e passaram a ter uma indefinição de quem representar. Por isso que houve um esvaziamento de uma forma geral. Com a Fetaerj não, a Fetaerj sobreviveu, primeiro por estar no Rio de Janeiro que é um pólo cultural, depois porque as pessoas conseguiram se adaptar àquela nova realidade.

Um caso:

Minha filha, a Antígona, esteve no palco, em Barra Mansa, na barriga da mãe, em 87. Em 88, ela foi com a gente pro festival de São Fidélis e ela andou no dia do espetáculo. Nós estávamos no palco, montando o cenário, e de repente ela saiu andando. Nesse festival, aconteceu uma coisa fantástica também. O teatro não tinha equipamento de luz. Eu cheguei e fomos, eu e a galera toda, montar a luz. E fiquei quase que o festival inteiro fazendo luz pra todo mundo. No dia do meu espetáculo, o meu iluminador faltou. E daí juntaram cinco pessoas de grupos diferentes, num mutirão, com muita e boa vontade, todo mundo para me ajudar. Uns pintavam adereços do nosso cenário, outros ficavam com a Antígona pra mãe poder subir no palco, então este foi um momento muito mágico, muito importante, porque era um festival competitivo, em que todo mundo estava concorrendo entre si, mas a solidariedade falou mais alto e transcendeu a competição.

AGA

O AGA é um momento mágico, é a coisa mais importante da Federação, porque surgiu em Três Rios, em 1984, e num primeiro momento ele é só uma manifestação artística, mas vai se transformando num grande ritual e hoje o AGA não é aquilo que se espera dele, a cerimônia é realmente o grande momento do ator e que a maioria das pessoas que passam por este momento não descobre. Depois de um mês é que começa a perceber que a vivência que a gente faz aqui – aquele espetáculo belíssimo – é um ritual de iniciação. Várias pessoas já deram este depoimento, que o AGA é uma coisa que transforma, e que foi construída coletivamente, no imaginário deste povo que tá aqui. Trinta anos de AGA e ele é uma criação coletiva, várias pessoas deram sua contribuição para que se tornasse este ritual que é hoje.

A vivência que eu pude experimentar através do AGA é que é fundamental a gente conhecer a partir de uma vivência a origem e o sentido do teatro. Pra mim é a coisa mais importante e é o diferencial do festival da Fetaerj para todos os outros. Uma iniciação mística e um segredo para quem a vivencia. Quem quiser saber, quem quiser conhecer, tem que se iniciar, porque o segredo é mantido mesmo. É muito mais sério do que parece, porque mudou a vida de muita gente.

Cena cronológica:
a história Ata a Ata



1977

- 15 de janeiro: um grupo de artistas reunidos em assembleia e instruídos pela Confenata, funda a Federação de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro, a Fetierj, sendo eleita a seguinte diretoria:

PRESIDENTE: ALMÉRIO RIBEIRO BELÉM

Vice-presidente: Ademar Padron Nunes

1ª secretário: Mário Gonçalves

2º secretário: Claricio dos Santos Filho

1º tesoureiro: Rubens José Carneiro da Silva

2º tesoureiro: Joil Maia Baptista (*até junho/77*) depois Álvaro Marins Almeida (*informação da ata da reunião do dia 18/06/77*)

Conselho Fiscal: (*efetivo*) Roberto Costa Teixeira, Marisa Calheiros Alvarenga, Antônia Jane Thomé. (*suplentes*) Silvio Campanha, Maria Isabel Nascimento Amaral e Marcondes Manchester Mesqueu.

- Originalmente, os Poderes da federação eram: Assembleia Geral, Conselho Fiscal e Diretoria;
- Ajuda na promoção do I Encontro Estadual de Teatro não-Empresarial, no Museu da Cidade, em Niterói.

1978

- A Mostra que seria realizada em Volta redonda foi interrompida por receio da direção de que houvesse algum contratempo ou violência contra os participantes por parte dos mecanismos de repressão, já que o presidente Almério Belém recusou-se a atender a exigência de que fossem recolhidos os exemplares distribuídos do jornal Em Tempo, tipo como subversivo pela Ditadura Militar. O Festival acabou acontecendo no Rio de Janeiro, alguns dias depois, com grande repercussão.
- Assembleia Geral, em 15 de janeiro, aprova mudanças estatutárias, a respeito da frequência de realizações das Assembleias ordinárias, que passam a ser quatro por ano, uma a cada trimestre;

1979

- Participa do Seminário Nacional de Artes Cênicas, na Aldeia de Arcozelo, em Paty do Alferes, de onde é tirado um documento chamado: Carta de Arcozelo;
- Assembleia Geral, em 15 de janeiro, muda o estatuto e elege nova diretoria para o biênio 79/80:

PRESIDENTE: JOÃO REINALDO DE SIQUEIRA (GRUPO DIA A DIA)

Vice-presidente: Carlos Alberto dos Santos (Grupo Preto no Branco)

1º secretário: Valéria Félix Gomes (Grupo Solus)

2º secretário: Gilda Guilhom (Grupo Quem fez Ú?).

1º tesoureiro: Irene Leonore Goldschmidt (Grupo Dia a Dia)

2º tesoureiro: João Apolônio Neto (Grupo Candelabro)

Diretor de Divulgação: HERNES CAVALCANTE CARNEIRO (Grupo Grite)
Representante na CONFENATA: ROBERTO COSTA TEIXEIRA (Grupo Augustus)
Conselho fiscal: titulares: CARLOS ROBERTO SANTOS (Grupo Beco); PETER ZIMMERMAN – (Grupo Em Cena Ação); CARLOS ALBERTO BOZAN DE MELLO (Gruposição); Suplentes: CELSO DE SOUZA BAQUIN (Grupo Na Corda Bamba); ÁLVARO MARINS DE ALMEIDA (Grupo Candelabro); OTINIEL F. DA SILVA JÚNIOR (Grupo Vamos em frente que atrás vem gente).

- Até o ano anterior, a Diretoria Executiva era composta por presidente, vice-presidente, 1º e 2º secretários e 1º e 2º tesoureiros.

1981

- Acontece o II Encontro de Teatro não-Empresarial, no Rio de Janeiro;
- Assembleia Geral em 11 de janeiro, promove mudanças estatutárias;
- **PRESIDENTE: MARCO ANTONIO PINHEIRO DOS SANTOS – 81/82**
(Informação obtida na Ata da Assembléia realizada em 9 e 10/10/82)

1982

- Primeiro Congresso Estadual de Teatro Amador, realizado em caráter de Assembleia Geral, no bairro Campo Grande, no Rio de Janeiro, onde há alteração do nome da instituição para Federação de Teatro Amador do Rio de Janeiro, com a sigla FETARJ, e uma reforma geral no Estatuto, que mapeou o estado em regiões visando a criação de associações regionais com, no mínimo, três grupos. Tanto as associações quanto os grupos que estiverem ligados a instituições públicas ou privadas poderiam obter filiação provisória ou permanente;
- Os Poderes da Fetaerj passam a ser, nesta ordem: o Congresso (que acontecerá ordinariamente nos meses de novembro, por convocação do Conselho Superior, ou extraordinariamente em qualquer tempo), o Conselho Superior e a Diretoria Executiva;
- O novo Estatuto também institui dez assessorias, e deixa margem para a criação de outras que se façam necessárias;
- Os cargos da Diretoria executiva também foram alterados no primeiro Congresso, ficando da seguinte forma: Presidente, Vice-presidente, Secretário Geral, Diretor de Finanças, Diretor Cultural, Diretor de Programação e Diretor de Divulgação. Ficou assim composta para o biênio 82/84:

PRESIDENTE: ROBERTO COSTA TEIXEIRA (GRUPO AUGUS)

Vice- presidente: Marco Antonio P. dos Santos (Grupo Pé no Chão)

Secretária geral: Ana Maria de Freitas (Grupo Pé no Chão)

Diretora de Fin. e Programação: Kátia da Luz Almeida (Grupo Augustus)

Direção Cultural: Angelo José Ignácio (Grupo Cdor Manuel Sendas)

Diretor de Programação: José do Carmo Alves (Grupo Sol Nascente)

Diretor de Divulgação: Maria de Fátima C. da Silva (Grupo Baluarte)

- Apoio à criação de algumas associações regionais;
- Participação no III Congresso Brasileiro de Teatro Amador, em Sergipe;
- Participação da FETARJ no Festival Brasileiro de Teatro Amador, em São Paulo, promovido pela Confenata;

1983

- II Congresso Estadual de Teatro Amador, em Campos, de 11 a 14 de novembro. A diretoria continua basicamente a mesma, mas com algumas mudanças de cargos:

PRESIDENTE: ROBERTO COSTA TEIXEIRA (GRUPO AUGUS)

Vice-presidente: Marco Antonio Pinheiro dos Santos (Grupo Pé no Chão)

Secretária geral: Ana Maria de Freitas (Grupo Pé no Chão), substituída em novembro por Sidney Carneiro (Grupo Corpo-Petrópolis)

Diretora de finanças: Kátia da Luz Almeida e Programação: (Grupo Augus) substituída em agosto por Joel São Tiago dos Santos, (Grupo Tese -SESC-Três Rios)

Direção Cultural: Angelo José Ignácio (Grupo Comendador Manuel Sendas)

Diretor de Programação: José do Carmo Alves (Grupo Sol Nascente) substituído em setembro por Félix da Silva Carneiro

Diretor de Divulgação: Maria de Fátima Coutinho da Silva (Grupo Baluarte)

- Os festivais passam a ser numerados, o deste ano passa a ser o sexto. Muda também a forma de premiação, sendo selecionados os quatro primeiros colocados;

1984

- III Congresso Estadual de Teatro Amador, de 15 a 18 de outubro, em Nova Iguaçu, com a presença do presidente da Confenata, Stanley Whibbe, e de um representante do Instituto Nacional de Artes Cênicas (Inacen). Foram propostas mudanças no Estatuto, dando mais poder ao Conselho Superior que poderia, a partir daí, modificar o Estatuto “com convocação para tal fim, até a data que anteceder a instalação do IV Congresso Estadual de Teatro Amador” (art.52, alínea a), e houve eleição de uma diretoria provisória, que atuaria até julho de 1985, uma vez que Roberto Costa, tendo assumido um cargo na Prefeitura do Rio, disponibilizara seu cargo de presidente:

PRESIDENTE: LAILA LANIA GAMA

Vice.. (cargo vago)

Secretária geral: Abigail Moreira

Diretor de finanças: Nelson Gomes

Diretor cultural: José de Ribamar dos Santos

Diretor de programação: Otair Lopes da Silva

Diretor de divulgação: Cristina Lucia Silva dos Santos

- Introdução do Ritual do AGA ao movimento;
- Apoia a ATACAR no II Festival Carioca de Teatro Amador;
- Participa do II Seminário Nacional de Artes Cênicas, no Rio de Janeiro;
- Participa do IV Congresso Brasileiro de Teatro Amador;

1985

- IV Congresso Estadual de Teatro Amador, no Rio de Janeiro (UERJ), no mês de julho, durante o festival, com mudança no Estatuto e eleição da nova diretoria para 85/86);

PRESIDENTE: FÉLIX DA SILVA CARNEIRO

Vice-presidente: Elbe Lima de Holanda

Secretária Geral: Angela Ribas

Diretor de Finanças: Bernadette de Andrade Biondi

Dir. Programação: Edith Santos

Diretor Cultural: Antonio Manuel Lima de Holanda

Diretor de Divulgação: Peter Fredy Kuffer

Diretor Artístico: Paulo Roberto Alves da Silva. *(não encontramos este estatuto, mas supomos que o cargo de Diretor Artístico tenha sido incluído à Diretoria Executiva neste ano)*

- Mudança no Estatuto da entidade determina que os Congressos, em caráter ordinário se realizem sempre no mês de julho, juntamente com os festivais, e em caráter extraordinário em qualquer época do ano;
- Em 5 de janeiro, em reunião ordinária do Conselho Superior, foi aprovada a implantação da Carteira de Identidade do Amador, com validade anual e anuidade de Cr\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros), que seriam divididos meio a meio entre a associação arredadora e a Fetarj;
- Em 7 de dezembro de 1985, em reunião extraordinária do Conselho Superior, o presidente Felix da Silva Carneiro é substituído por **EDITH SANTOS**, por ter abandonado o cargo, faltando às assembleias e ao Congresso. Edith fica no cargo até a eleição de uma nova diretoria, no ano seguinte, com a seguinte diretoria:

PRESIDENTE: EDITH SANTOS;

Vice-presidente: Elbe Lima de Holanda

Secretária Geral: Angela Ribas;

Diretor de Finanças: Bernadete Andrade Biondi;

Diretor Cultura: Andreia Virgínia;

Diretor de Programação: Maria Helena Gomes

Diretor de Divulgação: Peter Fredy Kuffer

(Neste registro já não existe mais o cargo de Diretor Artístico)

- Apoio à criação das associações regionais: ATA-Lagos e ABTA;
- Participa do IV Encontro Região Sudeste, promovido pela Confenata, na Casa do Paschoal Carlos Magno, em Santa Tereza, no Rio de Janeiro;
- Participação no III Seminário Nacional de Artes Cênicas;
- Participação no IV Congresso Brasileiro de Teatro Amador.

1986

- V Congresso Estadual de Teatro Amador, em Campos, durante o festival, com a eleição de nova diretoria depois da renúncia da anterior:

PRESIDENTE: ALVANIR FERREIRA AVELINO (GRUPO SESC CAMPOS)

Vice- presidente: José Facury (Grupo Ziembisk)

Secretária geral: Maria Helena Gomes (Grupo Cena 7 – Campos e Arta)

Diretora de Fnanças: Ângela Ribas (Gupo Pé no Chão)

Diretor de Programação: Carlos Henrique Pimentel (Grupo Gatig)

Diretora Cultural: Bernadete Biondi (Grupo Fênix de Lídice)

Diretor de Divulgação: Antonio R. Cavalcante (Grupo Cena 7)

Representante da FETARJ junto à regional sudeste: Sidney Carneiro (Grupo Corpo de Theatro Experimental)

- Encontramos registros que indicam que neste ano houve mudança no estatuto, mas não podemos afirmar quais teriam sido estas mudanças;
- Participa do Congresso Brasileiro de Teatro Amador, promovido pela Confenata, em Mariana, MG.

1987

- VI Congresso Estadual de Teatro Amador, em Barra Mansa, durante o festival;
- A diretoria continua com modificação em dois cargos: o de Diretor de Divulgação e o de Secretário Geral. No primeiro, Antonio Roberto foi substituído por Álvaro Ferreira que, posteriormente, foi substituído por Sônia Maria Gonçalves Coelho; no segundo, Marcelo Basbus Mourão substituiu Maria Helena Gomes.
- O presidente Avelino Ferreira faz duras críticas ao Governo do Estado do Rio de Janeiro e ao Banerj (antigo Banco do estado do Rio de Janeiro, vendido para o Itau) que, pela primeira vez, não apoiaram o evento;
- Comemoração dos 10 anos da Federação;
- Mudança na forma da premiação do festival, com seleção dos três melhores espetáculos, sem ordenação;
- Grupos recebem ajuda de custo (Cz\$ 1.000,00) para o transporte;
- Instauração das oficinas integradas;
- Criação do Projeto Rola Teatro;
- Apoio ao Projeto Mutirão Cultural, em todo o Estado do Rio de Janeiro.
- O Presidente Avelino Ferreira vai a Brasília participar de Ato Público pelo fim da Censura;
- A Fetarj passa a ter um representante no Conselho Superior da Confenata;

1988

- VII Congresso Estadual de Teatro Amador, em São Fidelis, durante o festival, com mudanças no Estatuto. Neste Congresso houve a apresentação de uma proposta, aparentemente aprovada, de realização dos festivais somente a cada dois anos. Foi instituída também uma mensalidade paga pelos grupos para a Fetarj, no valor de meia OTN, que na época valia em torno de Cz\$120,00 (cento e vinte cruzados). Os novos grupos, para se filiarem teriam que pagar uma taxa inicial de seis OTNs;
- Diretoria permanece, mas com mudanças em alguns cargos:

PRESIDENTE: ALVANIR FERREIRA AVELINO

Vice-presidente: Luis Augusto da Rocha Dias substitui José Facury;

Diretor Secretário: Sônia Maria Gonçalves Coelho substitui Marcelo Basbus Mourão;

Diretora Tesoureira: Maria Helena Gomes

Diretora de Divulgação: Marcia Machado substitui Sônia Maria Gonçalves Coelho Marcia Machado;

- Para os cargos de Secretário Geral e de Diretor de Divulgação foram eleitos na reunião extraordinária do dia 27/12/88 segundo Ata desta reunião, e referendados no Congresso seguinte.
- Apoio aos projetos Rio Baixo, de Petrópolis e Senzala, de Campos;

1989

- VIII Congresso Estadual de Teatro Amador, em Campos, durante o festival, onde foi revista e rejeitada a proposta de transformar o festival em bienal;
- No Estatuto com data deste ano já conta a retirada do art.52, alínea a, devolvendo ao Congresso o poder único de mudar os regimentos da federação;
- No Estatuto, também modificado este ano, consta como Órgãos Dirigentes da Fetarj (*antes eram Poderes*), o Congresso, o Conselho Superior, o Conselho Fiscal (*incluído este ano*) e a Diretoria Executiva;
- Somente as associações podem se filiar a Fetaerj em caráter definitivo; grupos apenas de forma provisória;
- As assessorias são extintas do Estatuto e passam a ser criadas e extintas a critério da Diretoria Executiva;
- O primeiro Conselho Fiscal foi composto por Álvaro Jorge Coutinho Ferreira, Cláudio Espínola Costa e Carlos Eduardo Martins (*mandato tampão*);
- Participação no Congresso Brasileiro de Teatro Amador, em Campo Grande (MS);
- Avelino envia correspondência a todos os filiados expondo a realidade financeira da Fetaerj, que acumula dívidas depois da realização do festival, ao mesmo tempo em que critica os órgãos que prometeram mas não disponibilizaram verbas para o evento;

1990

- IX Congresso Estadual de Teatro Amador, em Paty do Alferes, durante o festival, que tinha como pauta a eleição da nova diretoria, porém a presidente da mesa não referendou a chapa apresentada, por não estarem presentes três membros dessa chapa nas plenárias. Colocada em votação, a chapa foi rejeitada e a plenária propôs uma eleição para diretoria provisória aprovada por unanimidade:

PRESIDENTE: ALVARO JORGE COUTINHO FERREIRA

Vice: Laila Lania da Gama Trubusi

Secretaria: Silvana Lima

Diretor de finanças: Sidney da Silva Carneiro

Divulgação: Wantuil Costa Silva

- X Congresso Estadual de Teatro Amador, em **caráter extraordinário** (*primeiro Congresso em caráter extraordinário*), dias 26, 27 e 28 de outubro, na Aldeia de Arcozelo, em Paty do Alferes, com eleição da nova diretoria:

PRESIDENTE: ALVARO JORGE COUTINHO FERREIRA

Vice: Raimudo Dartagnan Holanda Duarte

Secretario Geral: Randal Farah de Oliveira Leão (até junho/91)

Diretor de Finanças: Maria Carlota Ferreira

Diretor de Programação: José Facury Heluy

Diretor de Divulgação: Waldecyr Pires Rosas

- Nesse Congresso, o nome da federação foi mudado para Federação de Teatro Amador do Estado do Rio de Janeiro (FETAERJ)
- O Estatuto passa a prever maior rigidez no controle financeiro da entidade;
- Há uma inversão na ordem dos Poderes da Fetaerj (*voltaram a ser chamados "Poderes"*) passando a Diretoria Executiva a ter maior poder do que o Conselho Fiscal, e o Conselho Superior é extinto, surgindo o Conselho Deliberativo. Fica assim:
Congresso;
Conselho Deliberativo;
Diretoria Executiva; e
Conselho Fiscal.
- Instituídas duas assessorias: a jurídica e a contábil, podendo a Diretoria Executiva criar e extinguir outras a seu critério; e mais um cargo na Diretoria Executiva, o de Diretor de Programação;
- Acontece o primeiro festival na Aldeia de Arcozelo, recentemente reformada;
- Participa do Congresso Nacional e Festival Brasileiro de Teatro Amador, promovido pela Confenata;

1991

- XI Congresso Estadual de Teatro Amador, em Paty do Alferes, durante o festival;
- Renúncia de Álvaro Coutinho. Nova diretoria após renúncia, eleita em reunião ordinária da diretoria, realizada em 06 de novembro, encaminhada e homologada pelo Conselho Deliberativo, em reunião extraordinária, marcada nesta reunião, para 23 de novembro:

PRESIDENTE: DARTAGNAN HOLANDA DUARTE (GATEP)

Vice: Luiz Augusto da Rocha Dias (GATVC)

Diretor secretário: Joilson Bessa (Gente é pra brilhar...)

Diretor de Finanças Carlota (Gatep)

Dir. Programação: Facury

Dir. Divulgação: Waldecyr Rosas (Gatig)

- Seminário de Teatro Infantil, realizado durante o festival, na Aldeia de Arcozelo, em Paty do Alferes;
- I Seminário de Teatro Amador, em novembro, no Teatro da Quinta.

1992

XII Congresso Estadual de Teatro Amador, em Cabo Frio, durante o festival, com eleição de diretoria :

PRESIDENTE: JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA E SILVA

Vice Presidente: Luís Augusto da Rocha Dias

Secretário: Carlos Henrique Pimentel Luiz

Diretor de Finanças: Agnaldo Rodrigues Correa

Diretor de Programação: Waldecyr Rosas

Diretor de Divulgação: Álvaro Jorge Coutinho Ferreira

- XIII Congresso Estadual de Teatro Amador, em **caráter extraordinário**, dias 12 e 13 de novembro, em São Gonçalo;

1993

- *Não há registros sobre realização de Congresso neste ano;*
- Instituída a pré-seleção para os festivais. Uma equipe de três jurados ia nas cidades para uma apresentação do espetáculo candidato. Apenas os escolhidos participavam do festival. A primeira equipe foi formada por:
 - Marco Antônio Armada Fernandes;
 - José Carlos de Almeida e Silva;
 - Angela Ribas.
- Realização do I Seminário de teatro Amador da Fetaerj, dia 14 de novembro, em Maricá;

- Participa da I Conferência Nacional de Cultura, dias 3 a 5 de novembro, em Brasília;
- Neste ano, foram punidos os seguintes membros, por mau comportamento durante o festival: Carlos Augusto, do Grupo Começando Agora; Márcia Lima, do Grupo Cutucurim, de Angra dos Reis; e Jones Ribeiro, do Grupo TEV, de Valença (*vejam a história do Jones contada por Dablito, nos depoimentos, e a correspondência trocada entre os grupos punidos e a Fetaerj, no final deste capítulo*).

1994

- XIV (*registros de atas com numeração repetida*) Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Três Rios, durante o festival, com eleição de diretoria para o biênio 94/96:

PRESIDENTE: JOSÉ FACURY

Vice: Laila Laina Trabulsi

Secretário: Narciso Telles

Dir. Finanças: Manoel Alves

Dir. Programação: Jorge Luiz do Valle

Dir. Divulgação: Dartagnan de Hollanda Duarte

(cada diretor possui uma assessoria)

- Neste Congresso decidiram também suspender o Conselho Deliberativo por um ano, até julho de 95, afim de elaborar um novo estatuto.
- Participação no Forum Regional de Cultura;
- II Reunião com representantes dos grupos filiados, decide por nova mudança no nome da instituição, desta vez para **Federação de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro**, mudando a sigla para Fetaerj, assumindo finalmente uma identidade mais próxima da realidade dos grupos filiados;
- XV (*deveria ser contado como XVI*) Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, em **caráter extraordinário**, em dezembro, quando foram realizadas novas mudanças no Estatuto, entre elas a instituição de uma mensalidade no valor de 10% do salário mínimo vigente.

1995

- XVI Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival;
- Criação da logomarca da Federação, pela empresa Elipse Design;
- Há dentro do movimento uma intensa discussão sobre a realização ou não da pré-seleção dos espetáculos por comissão, tendo em vista a dificuldade de se formar equipe de avaliação que vá aos municípios concorrentes para esta finalidade. Alguns defendem a ideia da pré-seleção ser feita via fita de vídeo enviada previamente à Fetaerj;
- Através da Lei nº 2468, de 28 de novembro de 1995, o Governador Marcelo Alencar declara a Fetaerj de Utilidade Pública Estadual;

1996

- XVII Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival, com eleição da diretoria para o biênio 96/98:

PRESIDENTE: JOSÉ FACURY HELUY

Vice presidente: Josué Soares

Secretário Geral: Márcio Machado

Diretora de Finanças: Laila Lania

Diretor de Programação: Marcos Billé

Diretor de Divulgação: Eduardo Carneiro

1997

- Comemoração dos 20 anos da Federação;
- *Não há registros sobre realização de Congresso neste ano;*

1998

- XVIII Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival, com eleição da diretoria 98/2000:

PRESIDENTE: JOSUÉ TEIXEIRA SOARES

Vice-Presidente: Carlos Henrique Pimentel

Secretário Geral: Márcio Gomes Machado

Diretor de Finanças: Nedes da Silva Filho

Diretora de Divulgação: Márcia Valéria Souza da Silva

Diretor de Programação: Rogério de Azevedo Brum

1999

XIX Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Nova Iguaçu, durante o festival (*por dedução, a partir da numeração de 1998 e 2000, mas sem registro*);

2000

- Abertura do XX Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival (*este Congresso, ao que parece indicado nos registros, esteve aberto - sessão permanente - durante todo o ano, tendo sido encerrado somente no ano seguinte, em Rio das Ostras*);
- XXI Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Maricá, em **caráter extraordinário**, no mês de novembro, em que fica decidido que a diretoria mantém-se até o ano seguinte. Há também mudanças no Estatuto, entre elas, a supressão do Conselho Deliberativo. Assim, os Poderes da Fetaerj passam a ser, nesta ordem: O Congresso, a Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal.
- Realização do Seminário O Futuro em Cena, no auditório da Prefeitura Municipal de Maricá;

- O Conselho Fiscal informa não ter recebido Prestação de Contas da diretoria desde sua posse, o que gera um mal estar entre o Conselho e a Diretoria Executiva. O impasse dura o ano inteiro. Próximo à realização da conclusão do XX Congresso, a Diretoria Executiva envia a prestação de contas que, entretanto, é tratada pelo Conselho Fiscal como inconsistente;
- Em fevereiro: Seminário Futuro Em Cena, em Maricá;
- Em março: Apoio ao Manifesta - Dia Internacional do Teatro e do Circo – Teatro Carlos Gomes / Rio de Janeiro;
- Conclusão do XX Congresso Estadual de Teatro Associativo (*que estava aberto em caráter permanente*), Rio das Ostras, com a eleição da diretoria para o biênio 2001/2003, durante o festival:

PRESIDENTE: JOSUÉ SOARES

Vice-presidente: Márcia Valéria

Secretária Geral: Renato Neves

Diretor de Finanças e Patrimônio: Nedes Filho

Diretor de Divulgação: Luciane Martes

Diretor de Programação: Rogério Brum

Conselho Fiscal (*reeleito neste Congresso*)

ATAÍDE CÉSAR CÂNDIDO TOLEDO;

José Carlos de Almeida e Silva;

José Facury Helluy;

Laila Lania da Gama Trabulsi;

Marcelo Basbus Mourão.

- O Conselho Fiscal, na pessoa de seu presidente Ataíde Toledo, faz uso da palavra na plenária do Congresso para declarar não haver nada que desabone a conduta fiscal da Diretoria Executiva ao ponto de impedir que seus membros se candidatem à reeleição (*o que aconteceu, com excessão do Diretor de Finanças Carlos Henrique Pimentel*). Solicita, entretanto, que a prestação seja refeita, inclusive os balancetes individuais mensais, “com os devidos acertos e adequações administrativas”;
- Outra importante ocorrência neste Congresso foi a aprovação da Resolução nº 01 da Diretoria Executiva, que concede remuneração de até 20% sobre o montante arrecadado na forma de patrocínios etc, para o arrecadador, seja ele membro ou não da Diretoria;
- Registrada em Ata está, ainda, a declaração de voto da Presidente da Mesa do XX Congresso, Laila Lania, que acusa a Diretoria Executiva de estar agindo de forma a centralizar o poder, inibindo, com a “não realização ou a desorganização na realização dos congressos” o surgimento de novas lideranças;
- XXII Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Maricá, em **caráter extraordinário**, em 24 de novembro, convocado pelo Conselho Fiscal. Neste Congresso é eleita uma comissão fiscal para analisar os documentos apresentados pela Diretoria Executiva a título de prestação de contas. Esta comissão fica encarregada de emitir uma parecer em até 15 dias, mas só o faz em 8 de janeiro do ano seguinte;

2002

- Em 8 de janeiro deste ano, a comissão fiscal composta por Andréa Gomes, Ataíde Toledo, José Facury, Laila Lania e Washington Izaias, emite parecer considerando “inadequados os aspectos formais da Prestação de Contas, evidenciando fragilidades de gestão na Fetaerj, as quais tendem a se alastrar no tempo e exigem URGENTE e SEVERA correção (...)”, e se declara “impedida de emitir parecer sobre a lisura da gestão” e “sobre a qualidade da gestão administrativa”;
- XXIII Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival. Na pauta, novamente a prestação de contas e, pela primeira vez é mencionada a necessidade de se fazer um levantamento histórico da entidade;
- O presidente Josué Soares e a vice Márcia Valéria esclarecem mais uma vez a dificuldade em superar o assunto da prestação de contas, atribuindo-a à falta de documentação, inclusive daqueles que haviam sido entregues à comissão fiscal eleita no XXII Congresso e que não haviam ainda sido devolvidos à Diretoria;
- Márcia Valéria acusa a Comissão de ter sido agressiva em suas abordagens, e denuncia que seus membros foram até os fornecedores solicitando informações sobre preços, colocando em dúvida a idoneidade da Diretoria e da Federação, asseverando que a não devolução dos documentos enviados prejudicou o acerto solicitado no parecer;
- O desconforto com a história da prestação de contas estava tão grande, que o presidente da Mesa do Congresso, Álvaro Jorge Coutinho Ferreira, chamou a Comissão de covarde, devido à sua ausência no Congresso e propôs a desfiliação dos grupos correspondentes, proposta não acatada;
- Em 27 de julho, quatro membros do Conselho Fiscal (*José Facury foi o único que permaneceu no cargo*) pedem demissão em carta conjunta, alegando que a inoperância do Conselho se deve ao fato de não terem recebido os documentos em tempo em nenhum dos mandatos do presidente Josué Soares e, ainda, que ao receberem, durante o XXII Congresso, no ano anterior, emitiram parecer que foi totalmente ignorado;

2003

- XXIV Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Maricá, em **caráter extraordinário**, dias 5 e 6 de abril;
- Pela documentação encontrada, aparentemente este Congresso foi convocado apenas para a prestação de contas, e esta realizada pelos congressistas, que foram instruídos, por convocatória, a levarem cada um uma calculadora e cópias da legislação da Federação;
- XXV Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Nova Iguaçu, durante o festival, com eleição de nova diretoria para o biênio 2003/2005:

PRESIDENTE: MÁRCIA VALÉRIA SOUZA DA SILVA
Vice-Presidente: Álvaro Jorge Coutinho Ferreira

Diretor de Finanças: Lucimar Brito de Sena
Secretário Geral: José Renato Neves da Silva
Diretora de Programação: Iara Souza Lima
Diretor de Divulgação: Alexandre Corecha Rocha

- Novamente a apresentação da prestação de contas pela Diretoria Executiva não agradou e, apesar das justificativas apresentadas pelo Diretor de Finanças Nedes Filho, ela foi alertada sobre a reincidência;
- Foi dado novo prazo para a entrega dos documentos comprobatórios da prestação de contas, bem como de extratos bancários do período;
- O Congresso elegeu ainda o novo Conselho Fiscal que ficou assim composto por:

Márcio Joaquim Guedes;
Josué Soares;
José Facury Heluy;
Fábio de Freitas;
Perseu Silva; e
Pablito Torres

2004

- *Não há registros sobre realização de Congresso neste ano;*

2005

- XXVI Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Araruama, dias 24 e 25 de setembro, em **caráter extraordinário**;
- Apesar de expirado o mandato da Diretoria, este Congresso decide mantê-la até o XXVIII Congresso, quando haverá nova eleição;
- XXVII Congresso Estadual de Teatro Associativo, no Teatro Vila Lobos, no Rio de Janeiro, em **caráter extraordinário**, dia 18 de dezembro, com eleição de nova diretoria:

PRESIDENTE: JOSUÉ TEIXEIRA SOARES

Vice-presidente: José Renato Neves da Silva

Diretor de Finanças: Lucimar Brito de Sena

Secretário Geral: Carla Meirelles de Souza

Diretor de Programação: Pablo Marino Rodrigues

Diretor de Divulgação: Alexandre Corecha Rocha

2006

- XXVIII Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival;
- A principal decisão deste Congresso foi a intenção de transformar a Aldeia

de Arcozelo, em Paty do Alferes, em sede permanente do Festival de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro (*o que, entretanto, até a realização deste estudo histórico, em 2015, não havia acontecido*);

- Em novembro: Encontro Estadual de Teatro, em Paty do Alferes, na Aldeia de Arcozelo;
- Em maio: Parceria na realização do Fórum "Universidade, Cultura e Turismo" da FAA - Fundação André Arcoverde, em Valença.

2007

XXIX Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival (*sem outros registros*).

- Fim da Confenata, que atualmente existe apenas no papel, mas que neste ano foi executivamente substituída pela Confederação Brasileira de Teatro, CBT, que representa os grupos, associações e federações de teatro brasileiro, inclusive a Fetaerj.

2008

XXX Congresso Estadual de Teatro Associativo (*sem outros registros*), em **caráter extraordinário**;

XXXI Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival, com eleição da diretoria para o biênio 2008/2010:

PRESIDENTE: PABLO MARINO RODRIGUES

Vice-Presidente: José Renato Neves da Silva

Diretor de Finanças e Patrimônio: Rafael Vieira da Cal

Secretário Geral: Tiago da Costa Souza

Diretor de Programação: Marcelo Basbus Mourão

Diretor de Divulgação: Júlio César Rodrigues Venâncio

2009

- *Não há registros sobre realização de Congresso neste ano;*

2010

XXXII Congresso Estadual de Teatro Associativo, no Niño das Artes, no Rio de Janeiro, no mês de fevereiro, com eleição da diretoria:

PRESIDENTE – PABLO MARINO RODRIGUES

Vice Presidente – José Renato Neves da Silva

Secretário Geral – Ribamar Arruda Ribeiro

Diretor de Finanças e Patrimônio - Tiago da Costa Souza

Diretor de Programação – Marcelo Basbus Mourão

Diretor de Divulgação – Júlio César Rodrigues Venâncio

2011

- XXXIV Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival;
- O mandato da Diretoria Executiva fica estendido até agosto do ano seguinte;

2012

- XXXV Congresso Estadual de Teatro Associativo, em **caráter extraordinário**, com mudanças no Estatuto, no Niño das Artes, no Rio de Janeiro, dia 1 de abril;
- Entre as mudanças estatutárias está a inclusão do cargo de Diretor de Comunicação na Diretoria Executiva, além da separação das Diretorias de Patrimônio e Finanças, que passam a ser duas: Diretoria de Patrimônio e Memória e Diretoria de Finanças;
- Com a inclusão da Diretoria de Comunicação, fica instituída a comunicação eletrônica, estreitando a relação entre os grupos federados e os Poderes da Fetaerj;
- Outra mudança representativa retorna o direito de voz e voto aos grupos durante o Congresso, direito este que havia sido restrito às associações regionais no Estatuto aprovado em 2000;
- A ordinariedade do Congresso passa a ter relação não com um determinado mês, mas com a concomitância com o Festival, em qualquer data que este seja realizado;
- Os mandatos da Diretoria Executiva e do Conselho Fiscal passam a ser de três anos;
- XXXVI Congresso Estadual de Teatro Associativo, em Paty do Alferes, durante o festival;
- XXXVII Congresso Estadual de Teatro Associativo, em **caráter extraordinário**, no Niño das Artes, no Rio de Janeiro, dia 28 de outubro, com eleição de diretoria

2013

- O festival de Teatro volta a ser realizado na Aldeia de Arcozelo, após sete anos;
- XXXVIII Congresso Estadual de Teatro Associativo, durante o festival;

2014

- XXXIX Congresso de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro;

2015

- XXXX Congresso de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro, em caráter extraordinário, realizado no Ponto de Cultura FETAERJ Espaço Paschoal Carlos Magno, com eleição de nova diretoria para o mandato 2015/2018:

PRESIDENTE – PABLO MARINO RODRIGUES

Vice-Presidente: José Renato Neves da Silva

Secretário Geral: Ribamar Arruda Ribeiro

Diretor de Finanças: Alexandre Corecha Rocha

Diretor de Patrimônio e Memória: Álvaro Jorge Coutinho Ferreira

Diretor de Programação: Perceu Pereira da Silva

Diretor de Divulgação: Tiago da Costa Souza

Diretor de Comunicação: Jéssica Pereira Sérgio

- XXXXI Congresso de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro, durante o festival.

O Congresso decidiu que o Prêmio Paschoalino deixaria de ser um festival competitivo a partir do ano seguinte.

2016

- XXXXII Congresso de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro, durante o festival.

2017

- XXXXIII Congresso de Teatro Associativo do Estado do Rio de Janeiro, durante o festival.

O Congresso decidiu que o Prêmio Paschoalino voltaria a ser um festival competitivo a partir da edição de 2018.

Personagens desta nossa história





No decorrer deste trabalho mencionamos algumas pessoas que talvez não sejam conhecidas de todos os leitores. Por isso, insisti nesta parte, para que um pequeno registro fosse feito e guardado na memória dos fetarjinos.

São personagens diretamente ligados ao teatro, como os nossos presidentes, e alguns nem tanto assim, mas que fizeram - ou fazem ainda - parte da nossa história política, e assim sendo, têm uma certa “culpa” por estarmos hoje aqui nas páginas deste livro.



ALMÉRIO BELÉM

Grupo “Os Atores”. Fundador e primeiro **Presidente** da Federação de Teatro Independente do Rio de Janeiro (Fetierj) de 1977/79.

JOÃO SIQUEIRA

Grupo Dia a Dia. **Presidente** da Federação (Fetierj) em 1979.

MARCO A PINHEIRO DOS SANTOS

Grupo Pé no Chão. **Presidente** da Federação (Fetierj) 80/81

ROBERTO COSTA TEIXEIRA

Grupo Solus e Grupo Augus. **Presidente** da Federação (Fetarj) 82/83

LAILA LANIA

Grupo Desafio. **Presidente** da Federação, em mandato provisório de 11/84 a 07/85.

FÉLIX DA SILVA CARNEIRO

Grupo de Campos e da ARTA. **Presidente** da Federação (Fetarj) 7/85 a 04/86

EDITH PEREIRA DOS SANTOS

Grupo Olha nós Aí – Rio. **Presidente** da Federação (Fetarj) – abril a agosto/86

AVELINO FERREIRA

Grupo Sesc de Campos e da ARTA. **Presidente** da Federação (Fetarj) 08/86 a 08/90

ÁLVARO FERREIRA

Grupo DJOTA, de Maricá. **Presidente** da Federação (Fetarj) 90/91

RAIMUNDO DARIAGNAN H. DUARTE

Grupo GATEP, do Rio. **Presidente** da Federação (Fetarj) 92/93

JOSÉ CARLOS DE ALMEIDA E SILVA

Grupo DJOTA, de Maricá. **Presidente** da Federação (Fetarj) 1994

JOSÉ FACURY

Grupo Creche na Coxia, de Cabo Frio. **Presidente** da Federação (Fetarj) 95/98

JOSUÉ SOARES

Grupo Mimos, do Rio. **Presidente** da Federação (Fetarj) 99/2002 e 2005/2007

MÁRCIA VALÉRIA

Grupo Arte e Ofício, de Valença; Grupo Quantum, do Rio; Grupo Mimos, do Rio. **Presidente** da Federação (Fetarj) 2003/2004

PABLO RODRIGUES

Cia. Teatro de Frente. **Presidente** da Federação (Fetarj) – 2008/2018

Outras personagens:

ADEMAR PADRON NUNES

Conhecido como “Dema”, era tido como “um ser político por opção”, e contribuiu muito para a organização dos que trabalhavam em teatro, não só na cidade de Niterói, como no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil. Organizava encontros, assembléias, e foi uma presença fundamental na criação de entidades como ATACEN (Associação de Trabalhadores em Artes Cênicas de Niterói), FETIERJ (Federação de Teatro Independente do Estado do Rio de Janeiro) e CONFENATA (Confederação Nacional de Teatro Amador);

ADERBAL JUNIOR

Ator, diretor de teatro e apresentador de televisão, foi o criador do Grêmio Dramático Brasileiro, em 1973. Ficou muito conhecido, entre outros trabalhos, pela direção do monólogo Apareceu a Margarida, de Roberto Athayde, com Marília Pêra;

AMIR HADDAD

Diretor e produtor cultural, um dos fundadores do Teatro Oficina, e precursor do teatro de rua no Rio de Janeiro;

AUGUSTO BOAL

Diretor de teatro, dramaturgo e ensaísta brasileiro. Fundador do Teatro do Oprimido. Em 1971, Boal é preso e torturado. Exilado, mora fora do país até retornar definitivamente ao Brasil em 1986, criando então o CTO – Centro de Teatro do Oprimido. Augusto Boal morreu em 2009, aos 78 anos;

BERNADETE BIONDI

Membro do Grupo Fênix de Lídice, de Rio Claro. Uma das pessoas mais importantes do Festival Estadual da Featerj e também para o início do movimento teatral de Angra dos Reis;

CARLOS MIRANDA

Ator do Pará, premiado como melhor ator no I e II Festival Nacional de Teatro de Estudantes (Paschoal Carlos Magno) - 1958 (Recife) e 1959 (São Paulo). Braço direito de Orlando Miranda no SNT na década de 70 e Presidente do INACEN na década de 80;

ELBE DE HOLLANDA

Teatróloga, pintora, desenhista, poeta, atriz, cantora, dançarina, diretora, compositora. Fundadora do Gatig (Grupo de Artes e Teatro da Ilha do Governador). Conhecida na Ilha e no Rio como "Tia Elbe" sinônimo de arte e cultura;

ERNESTO BECKMANN GEISEL

Político e militar brasileiro, tendo sido 29º Presidente do Brasil (4º no regime militar brasileiro) de 1974 a 1979;

GIANFRANCESCO GUARNIERI

Foi um importante ator, diretor e dramaturgo. Líder estudantil começou a fazer teatro amador com Oduvaldo Vianna Filho (Vianninha). Foi um dos fundadores do Teatro Paulista do Estudante. Seu primeiro texto, como autor, foi Eles não usam black tie. Atuou em teatro, cinema e televisão. Morre em 2006, na cidade de São Paulo;

JOSÉ SARNEY

Político, foi governador do Maranhão, Senador e o 31º presidente do Brasil (1985-1990), tomando posse no lugar de Tancredo Neves, de quem era vice;

JOTA DANDELO

Diretor, ator, dramaturgo e gestor cultural. É reconhecido como renovador do teatro de Belo Horizonte, sobretudo a partir do fim da década de 1950, quando participa da fundação do Teatro Experimental. No período da ditadura militar no Brasil, escreve textos e dirige espetáculos que fazem oposição a esse regime. Desde 1982, ocupa cargos públicos em órgãos ligados à cultura, no Estado de Minas Gerais;

JUSCELINO KUBITSCHKE

Presidência da República entre 1956 e 1961. Patrocinador dos I e II Festivais Nacionais de Teatro de Estudantes de Paschoal.

LUIZ MENDONÇA

Ator, diretor e produtor cultural, criador do Grupo Chegança, juntamente com Carlos Veresa, José Wilker e Camila Amado. Na década de 1970, fez grande sucesso com teatro popular. Entre os espetáculos de maior destaque estão: "O Bom Burguês", de Pedro Porfírio, o musical "Rio de Cabo a Rabo", de Gugu Olimecha, e "O Último dos Nukupyrus", de Gugu Olimecha e Ziraldo;

MANUEL FIEL FILHO

Operário metalúrgico brasileiro morto durante o regime militar no Brasil, em São Paulo, no dia 17 de janeiro de 1976;

MARIA HELENA KÜHNER

É autora e pesquisadora. Pesquisa linguagem e comunicação popular no teatro. Autora de diversos textos para teatro, diretora teatral. Ao longo dos anos atuou em diferentes órgãos de cultura como Conselho Estadual de Cultura do RJ, SNT, TV Educativa, entre outros;

ORLANDO MIRANDA

Orlando Miranda de Carvalho, produtor teatral, dono do Teatro Princesa Isabel no Rio. Nas décadas de 70 e início de 80, foi diretor/presidente do antigo Serviço Nacional de Teatro atual Funarte;

PASCHOAL CARLOS MAGNO

Ator, poeta, teatrólogo e diplomata brasileiro. Criador do Teatro do Estudante do Brasil (TEB), do Teatro Duse e da Aldeia de Arcozelo. Organizador do Festival Nacional de Teatro de Estudantes e da Caravana da Cultura;

PERNAMBUCO DE OLIVEIRA

Cenógrafo, figurinista, diretor teatral e dramaturgo. Fundador do Teatro de Arena e um dos criadores do Teatro Princesa Isabel. Responsável por reformas em vários teatros

no Brasil. Chefe do depto de cenografia do Conservatório de Teatro, diretor-geral e decano da Escola de Teatro da Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara (Fefieg), hoje UNIRIO;

PLÍNIO MARCOS

Dramaturgo e escritor, construiu carreira sólida no jornalismo, passando por diversos jornais e revistas como repórter e até editorialista. É autor, entre outras das peças: “Dois perdidos numa noite suja”; “Navalha na carne” e “MADAME BLAVATSKY”;

RUTH ESCOBAR

É uma atriz e produtora cultural luso-brasileira. Em 64 inaugura o Teatro Ruth Escobar, São Paulo. A partir de 1974 produz periodicamente em São Paulo os Festivais Internacionais de Teatro 1,2 e 3, e de 1994 a 1999, o Festival Internacional de Artes Cênicas;

SYLVIA ORTHOF

Dramaturga, atriz e mímica, dedica-se ao trabalho infantil. Entre as muitas peças de teatro, destacam-se Eu chovo, tu choves, ele chove e “Quem roubou meu futuro”. Em 1989, criou, na cidade de Petrópolis-RJ, a Cia. Teatro Livro Aberto, onde dirigiu oito de seus textos. A Cia. Teatro Livro Aberto mantém suas atividades até os dias de hoje encenando os textos de Sylvia Orthof pelo Brasil sob a direção de Fernando Vianna. Atualmente seu repertório é composto por 7 espetáculos: “O Cavalo Transparente”, “A Viagem de Um Barquinho”, “Se as Coisas Fossem Mães”, “Ponto de Tecer Poesia”, “Ervilina e o Príncês”, “Zé Vagão da Roda Fina e Sua Mãe Leopoldina” e “Lustrosa, Cantora Misteriosa”;

TANCREDO NEVES

Último presidente eleito por eleições indiretas, mas que não chegou a tomar posse. Em 1984, aceitou a proposta de se candidatar à Presidência da República e em 15 de janeiro de 1985 foi eleito presidente do Brasil pelo voto indireto de um colégio eleitoral por uma larga diferença. No entanto, adoeceu gravemente em 14 de março do mesmo ano, véspera da posse. Em 21 de abril, morreu de infecção generalizada. Tancredo é considerado um dos mais importantes políticos brasileiros do século XX;

ULISSES GUIMARÃES

Político e advogado brasileiro e opositor à ditadura militar. Foi presidente da Câmara durante a Assembleia Nacional Constituinte

no ano de 1988. Morreu em um acidente aéreo de helicóptero no litoral ao largo de Angra dos Reis, sul do estado do Rio de Janeiro, seu corpo nunca foi encontrado;

VIANNINHA

Filho de Oduvaldo Vianna, que também marcou época no teatro brasileiro, Vianninha estreou no teatro em 1955, como ator, na peça "Rua da igreja", com o grupo do Teatro Paulista do Estudante. Com espírito polêmico e sempre muito combativo, Vianna fez parte do Teatro de Arena e estreou como autor em 1959, ao escrever "Chapetuba Futebol Clube". Muito conhecido por ter criado o seriado de enorme sucesso na televisão brasileira “A Grande Família”;

VLADIMIR HERZOG

Jornalista, militante do Partido Comunista Brasileiro, torturado até a morte pelo regime militar brasileiro, nas instalações do DOI-CODI, no quartel-general do II Exército, em São Paulo, após ter se apresentado ao órgão para "prestar esclarecimentos" sobre suas "ligações e atividades criminosas”;

YAN MICHALSKI

Teatrólogo, crítico teatral e ensaísta polaco-brasileiro. Formado em direção teatral na Fundação Brasileira de Teatro(FBT). Entre 1963 e 1982 crítico teatral do Jornal do Brasil. Em 1982 funda a Casa de Arte das Laranjeiras (CAL), coordenando a escola de formação de atores, função que exerce até 1990, ano de sua morte.

ZIEMBINSKI

Chamado carinhosamente de Zimba, é considerado um dos fundadores do moderno teatro brasileiro por sua encenação inovadora do texto Vestido de Noiva, em 1943 do dramaturgo Nelson Rodrigues. Com esta montagem e por seu processo de ensaio, introduz-se a noção de diretor no teatro brasileiro, aquele que cria uma encenação, quase como um pintor da cena, substituindo a de ensaiador, aquele que se preocupava apenas em distribuir papéis e ordenar a movimentação em cena;

ZUZU ANGEL

Estilista de moda, mãe de Stuart Angel, militante, assassinado pelo governo da ditadura militar. Sua busca pelas explicações, pelos culpados e pelo corpo do filho só terminou com sua morte, ocorrida em 1976, num acidente de carro, à saída do Túnel Dois Irmãos, Rio de Janeiro, hoje batizado com seu nome.



Presidentes:

Almério Belem

João Siqueira

Marcos A Pinheiro dos Santos

Roberto Costa Teixeira

Laila Lania

Félix da Silva Carneiro

Edith Pereira dos Santos

Avelino Ferreira

Álvaro Ferreira

Raimundo Dartagnan H. Duarte

José Carlos de Almeida e Silva

José Facury

Josué Soares

Márcia Valéria

Pablo Rodrigues, atual presidente



DE PASCHOAL AO PASCHOALINO

